

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**ALESSANDRA TROIAN**

**PERCEPÇÕES E PROJETOS DE JOVENS RURAIS PRODUTORES DE TABACO  
DE ARROIO DO TIGRE/RS**

**Porto Alegre  
2014**

**ALESSANDRA TROIAN**

**PERCEPÇÕES E PROJETOS DE JOVENS RURAIS PRODUTORES DE TABACO  
DE ARROIO DO TIGRE/RS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Kessler Dal Soglio.

Série PGDR - Tese N° 72  
Porto Alegre

2014

### CIP - Catalogação na Publicação

Troian, Alessandra  
PERCEPÇÕES E PROJETOS DE JOVENS RURAIS PRODUTORES  
DE TABACO DE ARROIO DO TIGRE/RS / Alessandra  
Troian. -- 2014.  
291 f.

Orientador: Fábio Kessler Dal Soglio.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural,  
Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Jovens. 2. Rural. 3. Projetos. 4. Percepções.  
5. Desenvolvimento Rural. I. Kessler Dal Soglio,  
Fábio, orient. II. Título.

**ALESSANDRA TROIAN**

**PERCEPÇÕES E PROJETOS DE JOVENS RURAIS PRODUTORES DE TABACO  
DE ARROIO DO TIGRE/RS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial de obtenção do título de Doutor em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, sete de março de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Fábio Kessler Dal Solgio (Orientador)  
UFRGS-PGDR

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Elisa Guaraná de Castro  
UFRRJ- CPDA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosani Marisa Spanevello  
UFSM - Departamento de Zootecnia e Ciências Biológicas

---

Dr. Décio Cotrim  
Emater/Ascar

---

Prof. Dr. Ivaldo Gehlen  
UFRGS-PGS - PGDR

Dedico a minha mãe,  
A mais corajosa das mulheres, a mais doce das mães. Aquela que um dia foi jovem e fez do  
meio rural sua opção (ou falta de) de vida.

## AGRADECIMENTOS

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) por me receberem, pelo respeito com que sempre fui tratada, pela confiança e, acima de tudo, pelo conhecimento despertado e gerado durante estes quatro anos de convivência. Agradeço em especial as funcionárias Marilene Santos, Marlene Gomes Sirio e Eliane Sanguiné, pela presteza, agilidade e simpatia com que sempre desenvolveram as tarefas solicitadas por mim.

A Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio financeiro, pois sem a bolsa de doutoramento não seria possível concluir esta importante etapa da minha formação profissional.

A minha mãe por todos os valores e ensinamentos repassados. Sou grata pela parceria, pela amizade e pelos cuidados dedicados a mim. Obrigada por fazer parte da minha vida e acreditar que um dia este sonho de ser doutora poderia se tornar realidade.

Ao meu irmão que por algum tempo esteve distante, mas ao voltar a fazer parte da minha vida teve participação muito especial na construção deste trabalho e também na minha renovação pessoal. Obrigada por auxiliar na elaboração dos gráficos e tabelas e também por fazer parte da minha vida.

Ao Fábio Dal Soglio, meu orientador, por aceitar o desafio de trabalhar com a temática que propus, pelas conversas e aprendizados construídos no decorrer do doutorado, mas principalmente pela forma com que me tratou quando tive problemas pessoais e de saúde. Tuas palavras e a tua forma de ver a vida me acolheram e me ajudaram muito. Muito obrigada.

Ao professor e amigo Marcelo Leandro Eichler pela parceria construída no decorrer da minha vida acadêmica, pois foram muitos os conhecimentos que desenvolvi e aperfeiçoei contigo.

A coordenação, professores, tutores e alunos do curso de graduação à distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Planejamento e Gestão em Desenvolvimento Rural (PLAGEDER). Agradeço a oportunidade de atuar em diversas disciplinas, muitos foram os aprendizados e as afeições estabelecidas no decorrer deste período. Agradeço em especial ao Diego Teixeira de Oliveira, aluno do curso, professor no projeto de Erradicação do Trabalho Infantil em Arroio do Tigre, pela parceria, pelas discussões e pelo auxílio em parte da minha pesquisa de campo.

A Universidade Federal do Pampa (Unipama), campus Itaqui, pela oportunidade de aprimorar a experiência docente como professora substitua. Por flexibilizar os horários e me permitir desenvolver uma etapa da pesquisa de campo. Também pelos laços de amizade proporcionados.

Aos colegas da turma 2010, sobretudo as amigas e companheiras, Ana Luísa Soares de Sousa, Simone Bochi Dorneles, Angela Klein e Maristela Scarabelot. Obrigada por dividirem comigo momentos de reflexão e também de boas gargalhadas. A Angela, em especial, por todas as vezes que discutimos textos, autores e também pela sua contribuição na correção ortográfica desta tese.

A amiga Alessandra Matte pelo carinho, pelas palavras de apoio, por me proporcionar os abraços mais apertados e sinceros que já recebi, e também por deixar a minha tese de acordo com as normas da ABNT.

A Sibebe, colega, que se tornou uma grande amiga, fazendo parte de todo o processo de doutoramento, auxiliando inclusive com dicas e sugestões.

A Rosane Fernandes Rehermann (*in memoriam*), minha querida amiga, que sempre acreditou em mim, na minha capacidade, até quando nem eu mesma acreditava que poderia. Jamais te esquecerei.

Aos jovens que mesmo timidamente me receberam, dedicaram o seu tempo, tão preciso nesta fase da vida, para participar da minha pesquisa. Da mesma forma agradeço a atenção dos agricultores, agentes de desenvolvimento e líderes locais.

Ao presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arroio do Tigre, Alceu Mergel pelo interesse na pesquisa, a disponibilidade em me receber, as coronas para o interior do município e as diversas e relevantes informações prestadas.

A coordenação e agentes de Ater do Movimento de Pequenos Agricultores, a confiança, pelas informações e as dicas, as caronas e também as indicações e contato realizados com alguns jovens rurais entrevistados.

Ao presidente e vice-presidente da AJURATI, Carlos Joceli da Silva e Denilson Papis, por disponibilizar dados, pelas conversas e informações, por organizar a dinâmica grupal participativa e pela empolgação e o acolhimento a mim e a temática de pesquisa que venho desenvolvendo.

A direção e as professoras da Escola Estadual de Ensino Médio de Arroio do Tigre (EEMAT), sobretudo a professora Lenise Schneider.

A Danieli Ciente, extensionista da Emater de Arroio do Tigre pelas informações dadas.

## RESUMO

Embora a juventude possua papel fundamental no processo de desenvolvimento rural, sua posição é subalterna, deixando de receber o devido reconhecimento. Neste sentido, estudar as percepções e os projetos dos jovens, filhos de produtores rurais, é pertinente, em especial aqueles inseridos no cultivo de tabaco, uma vez que esta produção agrícola está presente em diversos municípios do estado do Rio Grande do Sul e em muitos destes, com significativa relevância econômica. Neste sentido, o presente estudo busca responder a seguinte questão: Como os jovens percebem o cultivo de tabaco e de que forma eles tem projetado suas vidas no meio rural? O recorte empírico limita-se ao município de Arroio do Tigre, no Vale do Rio Pardo, estado do Rio Grande do Sul, em função da importância que o cultivo de tabaco representa para economia local. O objetivo principal do estudo é investigar as percepções dos jovens acerca do cultivo de tabaco, buscando analisar a relação desta atividade com os seus projetos de vida no meio rural, e os objetivos específicos são: a) identificar quem são os atores, na arena de Arroio do Tigre, que participam do debate em relação à juventude rural, produção de tabaco e à diversificação produtiva; b) caracterizar os jovens, a partir do perfil social e econômico; c) analisar as percepções dos jovens acerca do cultivo de tabaco; d) desvelar os principais projetos dos jovens e verificar a influência das relações sociais locais na sua constituição; e, e) identificar as principais políticas públicas dirigidas aos jovens e averiguar a contribuição delas às percepções e projetos. Tendo em vista a heterogeneidade do meio rural e a capacidade de agência dos jovens, o aporte teórico-analítico utilizado no estudo foi à perspectiva orientada ao ator (POA), que surgiu na década de 1970, criticando as perspectivas estruturalistas e a falta de reconhecimento do papel dos atores sociais. A pesquisa utilizou metodologia qualitativa, a partir de algumas técnicas etnográficas. As técnicas escolhidas para a coleta e obtenção de dados foram: estudo documental, bibliográfico e coleta de dados primários e secundários. Realizou-se uma dinâmica grupal com 14 jovens rurais e 18 entrevistas com jovens, filhos de produtores de tabaco que estão projetando as suas vidas no meio rural. Também se realizou 14 entrevistas e conversas informais com agentes de desenvolvimento e líderes locais. Fez-se ainda o uso da observação participantes sendo as informações anotadas num caderno de campo. Como principais resultados visualizaram-se que as problemáticas do universo jovens são pouco discutidas na arena local, o cultivo de tabaco não é predominante nos projetos de vida dos jovens e percebe-se a falta de ações e políticas específicas para os jovens rurais seja na esfera municipal, estadual e federal.

**Palavras-chave:** Juventude. Expectativas. Percepções. Planejamento de Vida. Rural.



## ABSTRACT

Beside that the youth has vital role in shaping the rural development, their importance is neglected and lacks due recognition. Consequently, studying the perceptions and projects related to youth, rural farmer's children, particularly those who are tobacco producers. This agricultural activity is present in several municipalities in the state of Rio Grande do Sul and has a key important in rural economic. In this background, this study focus to address the following questions; how youth relies on the tobacco cultivation and how it had shaped their life style in rural areas? The study was carried out in the municipality of Arroio do Tigre, in the Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul. Keeping in view the importance of the tobacco cultivation to the local economy, the main objective of the study was to investigate the youth perceptions about tobacco farming and to monitor the relationship of this farming activity to frame their life standards in rural areas. The specific objectives include: a) to investigate who are the key stakeholder in the arena Arroio do Tigre, participating in debate focusing on rural youth and tobacco production and it's production diversification; b) to characterize the youth from the social and economic point of view; c) to analyze the perceptions of youth about tobacco farming; d) to explore the principal projects of the youth and verify the influence of local social relations on its formation and e) to analyze the major public policies addressing the youth issues and to monitor its importance to fulfill their expectations and goals. Keeping in view the heterogeneity of rural areas and the capacity of the youth agency, the theoretical-analytical approach was used in the study and was oriented to the actor (POA), which emerged in the 1970s perspective, criticizing the structuralism perspective and neglecting the role of social stakeholders. The research used qualitative methodology beside from some ethnographic techniques. To acquire and collect data the techniques include, documentary study, bibliography, and collection of primary and secondary data. We made a dynamic group by choosing 14 young rural representatives, 18 interviews with rural youth and children of tobacco growers who are sustaining their lives in rural areas. We also conducted 14 interviews and informal discussions with development agents and local leadership, yet we also used the information which was recorded from public participation during field visits. The results suggested that the youth problems are seldom discussed at the local scale, the tobacco cultivation did not uplifted the rural life standards and do not fulfill the rural youth ambitions. Our findings further highlighted that there were no specific actions plans and policies are set for improvement of rural youth on the municipality, state and national scale.

**Key words:** Youth. Expectations. Perceptions. Life Planning. Rural Population.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Município de Arroio do Tigre (RS) e suas microrregiões.....	82
Figura 2 - PSF no interior do município. ....	85
Figura 3 - Jovens prestigiando a 30ª Olimpíada Rural de Arroio do Tigre.....	87
Figura 4 - Dinâmica grupal .....	90
Figura 5 - Arena que discute a juventude rural, a produção de tabaco e a diversificação produtiva em Arroio do Tigre/RS. ....	103
Figura 6 – Local e jovens participantes do projeto ARISE.....	107
Figura 7- Placa identificativa da sede da AJURATI.....	109
Figura 8 - Sede do STR e do carro utilizado para fazer as visitas aos produtores.....	112
Figura 9- Sede do MPA em Arroio do Tigre/RS.....	115
Figura 10- Igreja católica e igreja evangélica, ambas na Vila Progresso.....	138
Figura 11 - À esquerda propriedade na microrregião I (Linha Taquaral) e a direita propriedade na microrregião III (Linha Coloninha).....	141
Figura 12 - Linha Paleta, pertencente à microrregião II. ....	142
Figura 13 - Propriedade diversificada (plantação de nogueiras)e propriedade com monocultivo de tabaco.....	143
Figura 14 - Propriedade na Linha Barrinha: a proximidade entre a horta e os canteiros de tabaco. ....	144
Figura 15 - Foto de um casal de jovens rurais esperando o primeiro filho. ....	158
Figura 16- Foto de um jovem entrevistado e sua irmã.....	160
Figura 17- Pai e filho, ambos com pouca idade evidenciando a sucessão tardia. ....	164
Figura 18- Presença de motos no meio rural local.....	170
Figura 19- Jovens rurais jogando e presenciando a 30ª Olimpíada Rural.....	184
Figura 20 - Jovens fumantes nas 30ª Olimpíadas. ....	187
Figura 21- Plantação de tabaco.....	195
Figura 22- À esquerda galpão para a cura de tabaco tipo Burley e a direita uma estufa para a secagem do Virgínia.....	195

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade e número de jovens entrevistados em Arroio do Tigre/RS. ....	134
Gráfico 2 - Escolaridade dos jovens entrevistados em Arroio do Tigre/RS. ....	135
Gráfico 3 - Estado civil dos jovens. ....	136
Gráfico 4 - Origem étnica dos jovens entrevistados. ....	137
Gráfico 5 - Área de terra pertencente às famílias dos entrevistados em Arroio do Tigre/RS. ....	139
Gráfico 6 - Formas de associações e cooperação entre os agricultores de Arroio do Tigre/RS. .....	144
Gráfico 7 - Variação na produção de fumo nos últimos cinco anos. ....	197

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Fumageiras atuantes em Arroio do Tigre/RS. ....	106
Quadro 2 – Principais resultados da dinâmica grupal. ....	132
Quadro 3 - Principais motivos para permanecer e sair do meio rural. ....	176
Quadro 4 - Síntese dos projetos dos jovens entrevistados ....	239

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição da população de Arroio do Tigre, localizadas na zona urbana ou rural, por cor ou raça – 2010.....	80
Tabela 2 - Estrutura Fundiária do município de Arroio do Tigre/RS. ....	84
Tabela 3 - Comunidades rurais e número de jovens entrevistados em cada microrregião. ....	94
Tabela 4 - Caracterização dos jovens.....	124
Tabela 5 - Comparativo da escolaridade dos jovens e seus pais. ....	136
Tabela 6- Número de membros da família entre os jovens de Arroio do Tigre/RS. ....	138
Tabela 7- Total de tabaco produzido na safra 2011-2012.....	196

## LISTA DE SIGLAS

AFUBRA	– Associação de Fumicultores do Brasil
AJURATI	– Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre
APPA	– Associação de Pequenos Produtores de Arroio do Tigre
ARISE	– Alcançando a Redução do Trabalho Infantil pelo Suporte à Educação
ATER	– Assistência Técnica e Extensão Rural
BAT	– <i>British American Tobacco</i>
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
CONDEPA	– Conselho Municipal de Política Agrícola
CQCT	– Convenção Quadro para Controle do Tabaco
DAP	– Declaração de Aptidão ao Pronaf
EEMAT	– Escola Estadual de Ensino Médio de Arroio do Tigre
EMATER	– Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FEE	– Fundação de Economia e Estatística
FETAG	– Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul
HIV	– Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	– Índice de Desenvolvimento Humano
IDESE	– Índice Desenvolvimento Socioeconômico
INCA	– Instituto Nacional do Câncer
MAPA	– Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
MDA	– Ministério do Desenvolvimento Agrário
MPA	– Movimento dos Pequenos Agricultores
OIJ	– Organização Ibero-Americana da Juventude
OIT	– Organização Internacional do Trabalho
OMS	– Organização Mundial da Saúde
ONG	– Organização não governamental
PAA	– Programa de Aquisição do Governo
PNAE	– Programa Nacional de Merenda Escola
PNATER	– Política Nacional de Assistência Técnica e
PNCF	– Programa Nacional de Crédito Fundiário
POA	– Perspectiva Orientada ao Ator
PRONAF	– Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PSF	– Programa Saúde da Família
STR	– Sindicato dos Trabalhadores Rurais
UFRGS	– Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	– Organização das Nações Unidas para a Educação, à Ciência e a Cultura
UNIPAMPA	– Universidade Federal do Pampa

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
1.1 TRAJETÓRIA PESSOAL E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO.....	22
1.2 OBJETIVOS .....	26
<b>1.2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>26</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>26</b>
1.3 O CULTIVO DE TABACO: DO SURGIMENTO AOS DEBATES ATUAIS .....	27
1.4 DIVERSIFICAÇÃO PRODUTIVA: A PROPOSTA DA CONVENÇÃO QUADRO PARA CONTROLE DO TABACO .....	33
<b>1.4.1 A Convenção Quadro para Controle de Tabaco e o fomento a diversificação de cultivos.....</b>	<b>39</b>
<b>2 JOVENS, PROJETOS E PERCEPÇÕES: CONSTRUINDO ALICERCES TEÓRICOS A PARTIR DA PERSPECTIVA ORIENTADO AO ATOR .....</b>	<b>45</b>
2.1 SER JOVEM: PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS JOVENS .....	45
<b>2.1.1 Breves considerações acerca da definição de juventude .....</b>	<b>49</b>
<b>2.1.2 Juventude na agricultura familiar: permanência ou evasão? .....</b>	<b>53</b>
2.2 PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR: NOVOS OLHARES EM ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO RURAL .....	61
<b>2.2.1 Principais conceitos, noções e ideias da Perspectiva Orientada ao Ator .....</b>	<b>66</b>
2.3 A DISCUSSÃO ACERCA DOS PROJETOS COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES: DA PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR A RESULTADOS DE ESTUDOS COM JOVENS .....	71
<b>3 O PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>77</b>
3.1 UNIVERSO EMPÍRICO: DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE ARROIO DO TIGRE .....	79
3.2 ESTUDO DOCUMENTAL, BIBLIOGRÁFICO E COLETA DE DADOS SECUNDÁRIOS .....	88
3.3 DINÂMICA GRUPAL.....	89
3.4 PESQUISA DE CAMPO: ENTREVISTAS E CONVERSAS INFORMAIS .....	91
3.5 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....	95
3.6 CADERNO DE CAMPO .....	97

3.7 ANÁLISE .....	98
<b>4 OS JOVENS RURAIS DE ARROIO DO TIGRE: ANÁLISE DE SUAS PERCEPÇÕES E PROJETOS.....</b>	<b>101</b>
4.1 A JUVENTUDE RURAL E A PRODUÇÃO DE TABACO EM ARROIO DO TIGRE ANALISADA A PARTIR DA ARENA SOCIAL EXISTENTE NO MUNICÍPIO .....	101
<b>4.1.1 Arena: principais discursos e interfaces .....</b>	<b>122</b>
4.2 A REALIDADE DOS JOVENS RURAIS: RESULTADOS DA DINÂMICA GRUPAL .....	124
<b>4.2.1 Projetos em curto prazo (2 a 3 anos) .....</b>	<b>125</b>
<b>4.2.2 Projetos em médio prazo (4 a 8 anos) .....</b>	<b>126</b>
<b>4.2.3 Projetos em longo prazo (mais de 10 anos).....</b>	<b>129</b>
4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS ENTREVISTADOS .....	134
<b>4.3.1 Ser jovem rural.....</b>	<b>146</b>
<b>4.3.2 Sucessão, permanência e reprodução dos jovens rurais .....</b>	<b>157</b>
<b>4.3.3 Fatores para querer ou não ser agricultor .....</b>	<b>166</b>
<b>4.3.4 Sociabilidade: atividades de lazer e diversão .....</b>	<b>183</b>
<b>4.3.5 Percepções acerca do universo jovem.....</b>	<b>186</b>
4.4 JOVENS RURAIS E O CULTIVO DE TABACO .....	194
<b>4.4.1 Motivações para desenvolver o cultivo de tabaco .....</b>	<b>199</b>
<b>4.4.2 Jovens rurais e tabaco .....</b>	<b>202</b>
<b>4.4.3 Principais cultivos desenvolvidos entre as famílias de jovens entrevistados .....</b>	<b>205</b>
<b>5 POLÍTICAS PÚBLICAS E JOVENS RURAIS: PROJETOS E PERCEPÇÕES.....</b>	<b>215</b>
5.1 POLÍTICAS PÚBLICAS CONHECIDAS E ACESSADAS ENTRE OS JOVENS .....	215
<b>5.1.1 Políticas de diversificação de cultivos .....</b>	<b>221</b>
<b>5.1.2 Políticas que auxiliam a permanência no meio rural .....</b>	<b>227</b>
5.2 PROJETOS DE VIDA COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES .....	232
<b>5.2.1 Ações desenvolvidas para a concretização dos projetos de vida.....</b>	<b>243</b>
<b>5.2.2 Chances de realização dos projetos de vida.....</b>	<b>246</b>
<b>5.2.3 Fatores que impedem a realização dos projetos.....</b>	<b>248</b>
<b>5.2.4 Projetos alternativos.....</b>	<b>250</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>253</b>



<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>260</b>
<b>APÊNDICE A - Roteiro de Entrevistas Jovens .....</b>	<b>279</b>
<b>APÊNDICE B - Roteiro de Entrevistas Agentes de Desenvolvimento e Líderes Locais.....</b>	<b>282</b>
<b>APÊNDICE C - Apresentação da Proposta de Pesquisa e Termo de Livre Consentimento.....</b>	<b>283</b>
<b>APÊNDICE D - Grupos de Jovens Que Compõe a AJURATI.....</b>	<b>285</b>
<b>ANEXO A - Programação XXX Olimpíada Rural de Arroio do Tigre .....</b>	<b>288</b>
<b>ANEXO B - Folder ARISE .....</b>	<b>290</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A juventude rural é uma categoria subalterna na sociedade atual, por ser percebida como em estado de formação, uma categoria intermediária entre a infância e a vida adulta. Neste sentido, percebe-se que, apesar dos jovens serem atores imprescindíveis no processo de desenvolvimento rural, eles não tem recebido a devida atenção, tanto por parte dos pais, dos governantes, tão pouco das ações de desenvolvimento estabelecidas. A fase que a juventude exprime é marcada por uma série de mudanças e isso tem gerado transformações significativas que merecem ser entendidas.

Estudar os jovens rurais é pertinente tendo em vista seu papel de agente de mudanças, mais ainda por eles serem vistos como em formação, não recebem o reconhecimento necessário para que tal transformação ocorra. Além dessas questões, entende-se que a juventude tem algo a dizer sobre o que é ser jovem no mundo atual e quais são os problemas específicos que eles enfrentam, em especial nas regiões produtoras de tabaco que possui uma série de implicações sociais, ambientais, inclusive econômicas.

Embora a juventude tenha sido objeto de diversos estudos acadêmicos, principalmente no meio urbano, que analisam a violência e as manifestações esportivas e culturais, entre outros aspectos, ainda há lacunas no conhecimento entre eles, em especial ao se tratar de jovens rurais. Existem estudos que buscam compreender o processo de sucessão entre agricultores familiares (SPANEVELLO, 2008; ABRAMOVAY et al., 1998), a situação dos jovens na agricultura familiar (WEISHEIMER, 2009), os fatores que influenciam na intenção do jovem rural de permanecer ou não na unidade de produção (SILVESTRO et al., 2001; MELLO et al., 2003). Porém consideram-se pertinentes e necessários estudos que apresentem as percepções dos jovens rurais, dando voz para que eles possam se expressar e demonstrar as suas demandas e anseios. Sobretudo que considere a diversidade e as diferenças existentes dentro da própria juventude.

A diversidade está relacionada com as instituições, a cultura, a história, as oportunidades e as restrições geográficas e ecológicas gerando assim, diferentes percepções acerca de determinada realidade. Dessa forma, torna-se pertinente abordar as percepções dos jovens, bem como, analisar seus projetos de vida entendida como campo

de possibilidades (VELHO, 2004). Ressalva-se que no contexto brasileiro existem atualmente mais de 34 milhões de jovens na faixa etária dos 15 aos 24 anos, representando 26,9% da população total (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2010). No entanto, embora represente boa parte da população brasileira, no quadro das políticas públicas, eles são praticamente invisíveis. Conforme relatório do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) (BRASIL, 2011), os/as jovens no Brasil são agentes sociais ainda com diversas necessidades e demandas singulares a serem atendidas tanto no meio urbano como no rural, como por exemplo, no acesso a educação de qualidade e na inserção mercado de trabalho.

Quando se fala, ou mesmo ao se pensar em juventude, é preciso ter clareza que existem diferentes maneiras de ser jovem, mostrando-se que juventude é uma categoria social representada por uma enorme heterogeneidade entre os diferentes modos de ser jovem. Isso porque, existe uma diversidade de contextos sociais que influenciam direta ou indiretamente na formação e percepção de mundo desses sujeitos. Além do mais, existem diversas abordagens para a definição do termo jovem que variam desde abordagens cronológicas, em que a juventude é demarca pela faixa etária, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, até a abordagem geracional que consiste na ideia de situação social, estabelecendo um paralelo com a circunstância de classe.

A juventude é considerada como em uma fase destacada, estando em um momento de transição, uma vez que se encontra em um período da vida caracterizado por significativas mudanças. Por isso, a juventude é considerada uma etapa da vida imprecisa na qual não se é criança, ao mesmo tempo em que também não se é reconhecido como adulto. Além disso, de acordo com Castro (2009), o termo jovem vem associado aos substantivos e adjetivos como: “vanguarda”, “transformadora”, “questionadora”. Mas jovem, também é adjetivado como: “em formação”, “inexperiente”, “comportamento desviante”, evidenciando que, ao mesmo tempo em que os jovens são agentes de transformação eles precisam ser formados, tutelados para encontrar e assumir o seu papel social (CASTRO, 2009).

Neste sentido, assinalam-se as divergências existentes no âmbito das relações familiares evidenciadas através do conflito entre o desejo de autonomia do jovem e a insistência paterna em mantê-lo dependente. No meio rural, esta constatação é ainda mais facilmente verificável em função da acentuada relação de paternalidade - o que supõe que geralmente o homem assume o papel de chefe do grupo doméstico e da

gestão do estabelecimento - e o poder de decisão que se concentra na figura paterna. O fato dos jovens rurais serem menos autônomos e possuírem espaços menores na tomada de decisão, juntamente com o fato do acesso à educação e atividades de lazer e entretenimento serem mais restritos que no meio urbano, tornam-se motivos para que eles decidam deixar o meio rural em busca de novos horizontes pessoais e profissionais.

De acordo com o relatório temático sobre a juventude rural do MDA (BRASIL, 2011), uma política que vise o desenvolvimento rural no Brasil precisa considerar a participação dos jovens, pois, mesmo a juventude representando um terço da população que vive no meio rural, ela permanece com dificuldade de acesso a terra e aos demais meios de produção, bem como aos serviços de saúde, educação, cultura e lazer. Essa situação estimula o êxodo rural, especialmente da população jovem feminina, causando, sobretudo, duas consequências: a descontinuidade na sucessão da agricultura familiar e o envelhecimento da população rural. Por estes motivos, considera-se o jovem como sujeito social estratégico na construção do projeto de desenvolvimento sustentável do país (BRASIL, 2011, p.9; SPANEVELLO, 2008).

Na agricultura familiar, caracterizada como uma “[...] unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família.” (LAMARCHE, 1993, p. 15). De maneira geral, os jovens aparecem inseridos no processo produtivo desde muito cedo. Mesmo que na condição de aprendiz do pai, se menino, ou da mãe, no caso das filhas mulheres, as crianças e jovens acompanham os pais nas atividades desenvolvidas. Este trabalho é denominado de ajuda e é percebido como uma forma de transferência de conhecimentos, uma espécie de aprendizado que é passado de pai para filho.

Na produção do tabaco os jovens auxiliam os pais e familiares nas tarefas desenvolvidas pelo fato de o cultivo ser altamente demandante de mão de obra. Conforme Mascarenhas (2006), no passado, durante a introdução do tabaco nas propriedades rurais, as crianças não necessitavam se mudar para completar seus estudos. Os parentes podiam contar com a presença e com a ajuda dos jovens nas propriedades e as famílias tinham apoio das fumageiras, que ofereciam vantagens e baixos riscos financeiros a quem se envolvesse com a produção de tabaco, viabilizando o “progresso” no meio rural.

No entanto, atualmente, frente às percepções de esgotamento do ciclo de prosperidade relativo à produção do tabaco, as crianças são estimuladas pela família a completarem seus estudos e, eventualmente, migrarem para a cidade, caso estejam

preparadas para o mercado de trabalho. Estudar tornou-se uma estratégia para se alcançar posições sociais mais elevadas, garantindo ao mesmo tempo em que a criança não se torne um marginal, tão pouco um produtor de tabaco (MASCARENHAS, 2006).

Para além dessas questões, no ano de 2008 o Governo Federal, juntamente com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) assinou um decreto considerando o cultivo do tabaco como uma das piores formas de trabalho infantil por apresentar riscos à saúde das crianças (BRASIL, 2008). Nas regiões produtoras de tabaco, o decreto apresenta-se como um impacto negativo, uma vez que não se visualiza o trabalho das crianças como trabalho infantil e sim como uma ajuda na qual, de forma pedagógica, os conhecimentos são passados de pai para filho.

O cultivo apresenta uma série de externalidades negativas, pois na cadeia produtiva do tabaco utilizam-se diversos tipos de agrotóxicos, que expõem os agricultores e seus familiares a riscos e danos a saúde, provocando contaminações em mananciais aquíferos e reduzindo a vida microbiana dos solos. Além disso, no aspecto social, a produção de tabaco deixa os agricultores dependentes das empresas integradoras. Estas e outras problemáticas serão mais desenvolvidas no item 1.3 O cultivo de tabaco: do surgimento aos debates atuais.

Todavia, a produção de tabaco permanece atuante em diversos municípios do estado do Rio Grande do Sul e em muitos destes, com significativa relevância econômica. O Rio Grande do Sul é o estado que apresenta maior produção de fumo em folha. Sua produção era de 278.928 toneladas, na média entre 1998 e 2000, passou para 320.034 toneladas, na média, de 2001 a 2003 e contabiliza 462.014 toneladas, na média, entre 2004 a 2006, o que representa 51,12% da produção nacional. A região do Vale do Rio Pardo é a maior produtora do Estado, com 181.109 toneladas, 39,2% da produção gaúcha (RIO GRANDE DO SUL, 2011). Porém, no ano de 2005, o Governo Federal tornou-se signatário da Convenção Quadro para Controle do Tabaco (CQCT) e, a partir das medidas presentes no acordo internacional, visualiza-se a possível redução no mercado consumidor de tabaco. Neste sentido, objetivando evitar que os produtores sejam prejudicados, foram lançados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário programas de auxílio aos produtores para diversificar a produção, isto é, as famílias que demonstrarem interesse em mudar de atividade produtiva, passam a receber apoio governamental.

Além destas questões, ressalva-se o fato de, no contexto atual os jovens terem ao seu alcance uma gama de novos conhecimentos, por meio da educação, das tecnologias

de informação como a internet, pela interiorização das universidades, pela capacitação profissional, por viverem em um momento no qual o rural não é apenas sinônimo de produção agrícola. Dentro dessa conjuntura, passam a ser vislumbrados como sujeitos que “[...] possuem conhecimentos e capacidade suficiente para se constituírem no principal motor de desenvolvimento rural.” (DURSTON, 1994, p.15).

Partindo dessas premissas e considerando que a juventude, no atual contexto, representa uma estratégia de reprodução da agricultura familiar, sendo reconhecida como potência de transformação social, como força motriz para a construção de uma nova sociedade, visto que, é através do jovem que se conseguirá atender as demandas de melhores condições de vida da população rural. O presente estudo tem como questão orientadora a seguinte pergunta: como os jovens percebem o cultivo de tabaco e de que forma eles têm projetado suas vidas no meio rural? Estudam-se os jovens rurais filhos de produtores de tabaco, porque se deseja saber quais são as suas percepções e os seus projetos, a fim de entender como se estabelece a dinâmica do desenvolvimento rural em áreas com predominância do cultivo de tabaco.

Conhecendo a amplitude do tema, em especial, a conceituação que se pode dar ao termo juventude, optou-se por estudar os jovens- agricultores familiares-, filhos de produtores de tabaco, que pretendem permanecer no meio rural. Reconhece-se a complexidade da temática e a existência do êxodo rural, sabendo-se ainda que muitos jovens saem do meio rural em busca de melhores condições de vida, de emprego e de educação, mas acreditando na importância da permanência do jovem na dinâmica do desenvolvimento rural optou-se por investigar este grupo.

No entanto, como sugere Brumer (2006), considera-se necessário saber mais sobre as motivações que fazem com que os jovens desejem ficar no meio rural. Por isso, este estudo focará nos jovens que estão permanecendo (ou pretendem permanecer) no meio rural, procurando entender as suas percepções em relação ao cultivo de tabaco e de que forma eles tem projetado suas vidas.

Destarte, privilegiar a fala dos jovens e conhecer o universo que permeia suas relações constituem processos imprescindíveis na compreensão das percepções. Por essa razão, será analisado o universo simbólico através da fala, das expressões e do comportamento dos jovens, pois, se entende que as experiências dos jovens rurais são distintas e múltiplas, a partir da “luta” diária e dos projetos elaborados coletivamente no âmbito familiar, no espaço escolar, nas relações na comunidade, dentro do grupo de jovens, enfim, entre os diferentes domínios em que os jovens locais estão inseridos.

Neste sentido, e pela abrangência da questão norteadora, pretende-se dar conta de questionamentos secundários, porém não menos importantes, como: as influências familiares (questão de gênero, hierarquia, incentivos aos estudos a novas atividades geradoras de renda, entre outras), na forma como os jovens percebem o cultivo de tabaco; a influência destas variáveis na decisão em o que e de que forma produzir; o grau de autonomia presente nas famílias que têm suas propriedades diversificadas e naquelas que possuem o monocultivo do tabaco; as contribuições das políticas e programas públicos nas percepções e ações dos jovens, entre outros.

Entendendo que o meio rural é heterogêneo e que os jovens possuem capacidade de agência, o aporte teórico-analítico utilizado no estudo é a perspectiva orientada ao ator (POA) desenvolvida principalmente por Norman Long e Jan Douwe Van Der Ploeg na escola de Sociologia Rural da Universidade de Wageningen, na Holanda.

Buscando responder ao problema de pesquisa, o campo empírico se deu no município de Arroio do Tigre que se localiza na microrregião Centro Serra - região política administrativa do COREDE Vale do Rio Pardo, no estado do Rio Grande do Sul. O cultivo do tabaco é a atividade agrícola mais importante desenvolvida nesse município, causando forte dependência. De acordo com a Fundação de Economia e Estatística (FEE) (2011), Arroio do Tigre está entre os dez maiores produtores de tabaco do Brasil<sup>1</sup>, sendo que, no ano de 2008, o tabaco representou 28,66% do total da área plantada no município. Esta produção gerou aproximadamente 68% do valor da produção agrícola municipal (R\$ 76.833,00) (FEE, 2011).

A partir da breve introdução, para melhor entendimento do porque estudar as percepções e os projetos de jovens rurais filhos de produtores de tabaco, o item a seguir apresentará a trajetória pessoal da autora e as justificativas do estudo.

## 1.1 TRAJETÓRIA PESSOAL E JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

O tabaco, considerado um assunto polêmico por se tratar de um cultivar que cria uma série de externalidades negativas, é a temática que venho estudando desde a minha graduação. O assunto interessa-me por possuir origens na agricultura familiar e ter laços

---

<sup>1</sup> De acordo com dados do IBGE (2010), o município de Arroio do Tigre situa-se em sétimo lugar no país com 7.250 hectares destinados ao cultivo de tabaco.

estreitos com alguns produtores de tabaco no município de Arvorezinha (RS), local onde realizei as pesquisas empíricas para o meu trabalho de conclusão de curso (2006) e para a minha dissertação de mestrado (2010).

Durante a graduação na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, desenvolvi alguns estudos sobre a questão do tabaco, dentre eles destaco o trabalho de conclusão de curso, e em especial, um artigo extraído deste e publicado por Troian e Eichler (2009).

Depois de formada, no ano de 2007, trabalhei no “Programa de Apoio à Diversificação Produtiva como Alternativa à Produção Fumageira”, financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, atuando na região Centro Serra do estado do Rio Grande do Sul. As atividades desenvolvidas no programa em nível da cooperação do Ministério do Desenvolvimento Agrário com o Projeto Esperança/Co-esperança foram: realização de oficinas, palestras e encontros participativos, elaboração de um diagnóstico para identificar a situação das famílias produtoras de tabaco na região Centro Serra do estado e realização de visitas técnicas as propriedades rurais na área da gestão rural e tratos agronômicos.

No ano seguinte, em 2008, iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria e dei continuidade ao estudo das percepções de agricultores do município de Arvorezinha (RS) acerca dos aspectos ambientais, sociais e econômicos do cultivo do tabaco.

O interesse em estudar os jovens inseridos no cultivo do tabaco emerge a partir de dois momentos, um vindo a reforçar o outro. O desejo de estudar os jovens é constatado pela primeira vez no segundo semestre de 2008, enquanto desenvolvia a coleta de dados empíricos para um trabalho disciplinar - Estratégias e Experiências em Desenvolvimento Rural. O estudo tinha por objetivo analisar a rotina dos jovens e os motivos que desencadeava na saída ou permanência do meio rural. Para isso conviveu-se por quatro dias com famílias residentes nas comunidades rurais de Doutor Pedro e Mirim, no interior do município de Santa Rosa (RS). Após este estudo<sup>2</sup>, muitas indagações começaram a emergir em minhas reflexões, sempre procurando estabelecer uma relação entre a realidade e as problemáticas dos jovens rurais do município de

---

<sup>2</sup> O estudo resultou em uma publicação - TROIAN, A., DALCIN, D., OLIVEIRA, S.V. TROIAN, A. Jovens e a tomada de decisão entre sair e permanecer no meio rural: um estudo de caso. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, Viçosa, v.1, n.2, p. 349- 374, jul./dez. de 2011.



Santa Rosa, num contexto da produção de soja e da bovinocultura de leite com a realidade dos jovens que cultivam tabaco.

O segundo momento, onde a aspiração em pesquisar jovens na tese de doutorado fica mais evidente foi no decorrer das pesquisas empíricas realizadas para a dissertação de mestrado (primeiro semestre de 2009). Ao realizar as anotações no caderno de campo, no momento de fazer a análise dos resultados e mesmo em momentos informais pensando na pesquisa, percebia que os jovens não participavam das conversas e entrevistas, dessa forma, suas percepções não eram expressas<sup>3</sup>.

O presente estudo vem a contribuir academicamente no debate acerca do desenvolvimento rural no momento em que se reconhece a pouca (SPANVELLO, 2008; CASTRO, 2009; CARNEIRO, 2005) ou quase inexistente literatura apresentando as perspectivas e estratégias do jovem como ator central no processo de desenvolvimento, tão poucos estudos que levem em consideração os seus projetos como campo de possibilidades.

Neste sentido, o estudo justifica-se em função da necessidade de dados qualitativos que evidenciem as percepções, anseios, motivações e limitações enfrentadas pelos jovens, em especial filhos de agricultores familiares que desenvolvem o cultivo de tabaco. Embora se tenha o conhecimento da existência de diversos estudos contendo dados (hectares plantados, número de famílias envolvidas, renda gerada, tipo de contratos utilizados, ente outros) sobre o cultivo, estudos que apresentem dados qualitativos que levem em consideração as percepções e a capacidade de agencia dos atores sociais ainda são incipientes.

Estudar os jovens, suas percepções, projetos e perspectivas futuras, justifica-se na medida em que este é um grupo que pode contribuir com a transformação do seu meio, agindo diretamente em ações capazes de modificar o seu cotidiano (OLIVEIRA et al., 2007). Acredita-se na capacidade de transformação, na capacidade de agencia e no desejo de mudança que os jovens possuem, podendo tornar-se atores centrais no processo de desenvolvimento rural. Sobretudo, em um cenário como do cultivo do tabaco, que tem desencadeado uma série de medidas, debates e políticas públicas, a partir do acordo da Convenção Quadro para Controle de Tabaco, por exemplo, que entre outras coisas, visa à diversificação produtiva.

---

<sup>3</sup> Esta constatação é visível por se tratar da agricultura familiar e a tradição paterna estar muito presente.

A pesquisa justifica-se ainda por contribuir com os debates acadêmicos sobre a temática do desenvolvimento rural e políticas públicas, e ainda, mais especificamente, sobre os programas de diversificação produtiva em áreas com cultivo de tabaco. Pesquisas deste cunho podem colaborar para a formulação e aplicação de políticas públicas de desenvolvimento rural, sobretudo, direcionadas para os jovens rurais. Uma vez que os jovens são responsáveis - depositários da crença - pelas mudanças ocorridas, em especial numa conjuntura em que está se revendo o modelo de desenvolvimento e os padrões de agricultura e a discussão e a necessidade de sustentabilidade, autonomia, segurança e soberania alimentar estão ganhando espaço.

O ferramental teórico e analítico utilizado pode vir a contribuir em estudos posteriores em espaços não localizados (que não se limitem ao município de Arroio do Tigre) e não necessariamente tendo a produção de tabaco como “pano de fundo”. Isso ocorre porque se entende o processo de modernização da agricultura como mais amplo e que as questões analisadas neste estudo como inerentes a outras regiões e outros sistemas de produção (como por exemplo, a produção de leite, suínos e frangos integrados) presentes no meio rural brasileiro<sup>4</sup>.

Estudar as percepções e os projetos dos jovens, filhos de produtores de tabaco, em Arroio do Tigre, justifica-se pelo fato do município ser altamente dependente do cultivo de tabaco, como pode ser observado na descrição e caracterização do município no item 3.1, terceiro capítulo.

Outro fator considerado relevante na definição do local de estudo foi pela presença da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre (AJURATI). A AJURATI existe desde meados da década de 1980 e por meio de atividades esportivas busca manter os jovens no meio rural local. Além de ter participado de uma pesquisa encomendada pela *Winrock* Internacional. Os objetivos da pesquisa eram: a) examinar as informações históricas e contextuais que influenciam as condições em que se dá a produção de tabaco em Arroio do Tigre; b) conhecer a forma como se dá a divisão do trabalho nas unidades familiares produtoras de tabaco; c) entender as percepções de produtores, menores de 18 anos e líderes locais sobre a produção de tabaco e de outras atividades agrícolas e pecuárias, e sobre o envolvimento de todos os membros da família nessas atividades e d) buscar formas de apreender alternativas e soluções que

---

<sup>4</sup>Sublinha-se a relevância e o fomento da diversificação em cultivos de tabaco devido o cultivo gerar um produto final, cigarro, e ele ser responsável por uma série de doenças, vindo a se tornar uma construção social (SPINK et al., 2009) de um problema de saúde pública.

possam contribuir para a diminuição do envolvimento de menores de 18 anos nas atividades produtivas relacionadas ao tabaco. A pesquisa ocorreu entre os meses de maio e setembro de 2011 e possibilitou-me uma maior aproximação com a região, despertando o interesse em pesquisas futuras.

Destarte, a trajetória pessoal e profissional que apresento, juntamente com as constatações da necessidade de estudos qualitativos que consideram as percepções e os projetos de jovens rurais, em especial dos filhos de produtores de tabaco, frente à importância do cultivo para determinadas regiões do estado e a discussão mundial acerca da diversificação, conduz-me a realizar esta pesquisa. Para tanto, a seguir apresento os objetivos da pesquisa.

## 1.2 OBJETIVOS

Neste item apresentam-se os objetivos do estudo. Inicia-se com o objetivo geral e em seguida exibem-se os objetivos específicos.

### **1.2.1 Objetivo Geral:**

Investigar as percepções dos jovens acerca do cultivo de tabaco e analisar a relação desta atividade com os seus projetos de vida no meio rural.

### **1.2.2 Objetivos Específicos:**

- a) Identificar os atores de Arroio do Tigre, que participam do debate em relação à juventude rural, à produção de tabaco e à diversificação produtiva.
- b) Caracterizar os jovens produtores de tabaco.
- c) Analisar as percepções dos jovens acerca do cultivo de tabaco.

- d) Desvelar os principais projetos dos jovens e verificar a influência das relações sociais locais na sua constituição.
- e) Identificar as principais políticas públicas dirigidas aos jovens e averiguar a contribuição delas às percepções e projetos.

### 1.3 O CULTIVO DE TABACO: DO SURGIMENTO AOS DEBATES ATUAIS

Apesar do hábito de fumar ser antigo, não existem estudos que indiquem o período exato e os motivos que levaram as pessoas a começarem a fumar. Sabe-se que há mais de quatro mil anos, o cultivo e o uso do tabaco já eram desenvolvidos pelos povos Maias na região da América do Norte e América Central. A partir de então, outros povos indígenas da América aprenderam a cultivar a planta e elaborar o produto para utilizá-lo em cerimoniais religiosos. Para os índios, o uso do tabaco era algo de grande valor cerimonial; eles acreditavam que a inalação da fumaça aproximava-os dos deuses (BIOLCHI, 2005; BIOLCHI et al., 2003; BONATO, 2007).

De acordo com Biolchi (2005), os missionários e colonizadores levaram as primeiras sementes de tabaco para a Europa e seu cultivo inicial era feito por curiosidade. Em meados do século XVI, o embaixador francês de Lisboa, Jean Nicot, iniciou o cultivo da planta para consumo. Acreditando que a inalação da fumaça do tabaco tivesse efeitos medicinais, passou-se a crer que o tabaco pudesse curar todas as formas de doença, denominando a planta de “nicotina”, em sua homenagem.

Do sagrado hábito de fumar dos indígenas ao medicinal de Nicot, o tabaco passou a ser considerado hábito de prazer e, embora de alto custo, seu consumo espalhou-se rapidamente (BIOLCHI, 2005; BONATO, 2007). Segundo Biolchi (2005), as primeiras lavouras de tabaco formadas pelos colonos surgiram da necessidade de garantir o consumo próprio e, à medida que o mercado foi se formando, colonos portugueses iniciaram o cultivo visando o abastecimento do mercado europeu. Salienta-se que a produção de tabaco, desde o início, era plantada por colonos em áreas reduzidas, diferentemente da cana-de-açúcar e do café.

Conforme Bonato (2007), o monopólio português do tabaco foi estabelecido em 1674 e a produção brasileira passou a ter três destinos principais. O produto considerado de primeira e segunda qualidade era exportado para Lisboa e a maior parte (cerca de

60%) era comercializada entre países europeus. Outra parte, considerado tabaco de terceira qualidade, servia de moeda para o comércio de escravos com a África além de ser utilizada para consumo local.

Atualmente, a indústria do tabaco organiza-se mundialmente sob a forma de oligopólio e as atividades de produção e comercialização de tabaco e seus derivados se estendem por mais de 50 países. São poucas e grandes empresas transnacionais que organizam todo o complexo agroindustrial do produto, que é composto basicamente pela produção, processamento, beneficiamento e comercialização do tabaco em folha e de seus produtos derivados (TROIAN, 2010).

O Brasil mantém a liderança mundial nas exportações de fumo em folha desde 1993, exportando aproximadamente 85% da produção. A qualidade do tabaco brasileiro, a possibilidade de produção com baixos custos e a capacidade de abastecimento do mercado externo são fatores que têm garantido a expansão das exportações brasileiras (BIOLCHI, 2005; BONATO, 2007).

A participação crescente dos países em desenvolvimento na produção mundial do tabaco é explicada por diversos fatores. Em primeiro lugar, os custos de produção, nos países em desenvolvimento, são mais baixos do que nos países desenvolvidos. Em segundo, o hábito de fumar vem declinando nos países desenvolvidos, enquanto a demanda por tabaco nos países em desenvolvimento tem aumentado. Em terceiro lugar, como parte de uma tendência global mais ampla durante a década de 1990, as empresas multinacionais do tabaco estabeleceram presença crescente nos países em desenvolvimento e estimularam a sua expansão para abastecer as novas plantas industriais. Por fim, em muitos países em desenvolvimento, o tabaco ainda é considerado um cultivo rentável, especialmente, quando comparado com outras atividades tradicionais de alimentos, como a produção de milho ou feijão (BANCO MUNDIAL, 1999, p.61).

Conforme Biolchi (2005), a produção de tabaco, na região Sul, concentra mais de 96% da produção brasileira; o restante é produzido nos estados da Bahia e Alagoas, na região Nordeste. O tabaco está presente em 682 municípios, sendo o estado do Rio Grande do Sul o maior produtor (51% do total, com 299 municípios), seguido de Santa Catarina (34%, com 236 municípios) e do Paraná (15%, com 147 municípios).

No Sul do Brasil o tabaco é desenvolvido em sistema de integração entre indústrias e fumicultores. O sistema teve início em 1918, em Santa Cruz do Sul e foi criado pela *British American Tobacco* (BAT - acionária da Souza Cruz). Para Boeira e

Johns (2007), em grande medida, o sucesso econômico-financeiro das empresas fumageiras deve-se ao sistema de integração. No sistema de integração, a indústria fornece os fertilizantes, as sementes, financiamentos para a construção de estufas, entre outros equipamentos e técnicas necessárias para o desenvolvimento do tabaco, o que acaba reduzindo a autônoma dos agricultores. Além disso, a assistência técnica é oferecida pelas empresas em troca da venda integral da produção com exclusividade.

Os produtores de tabaco se comprometem moralmente e por meio de contratos, sendo esta uma forma encontrada pelas indústrias para manterem o controle produtivo em suas mãos desde o início do cultivo e não apenas no momento da venda final (BOEIRA, 2002). Porém, de acordo com Paulilo (1987) e Pincelli (2005), a produção de tabaco integrado à agroindústria é uma opção racional dos agricultores visando manterem-se na produção e garantir o sustento da família. Embora a renda gerada seja aparente, pois a produção apenas é lucrativa porque não se considera o valor da mão de obra.

A produção de tabaco, de maneira geral, é realizada em baixa escala de produção por demandar muita mão de obra. O tamanho médio das propriedades produtoras de tabaco no Brasil é 16 hectares. Dentre os produtores, 24,5% (cerca de 47.000 famílias) não possuem terra e trabalham em terras arrendadas de outros ou em parcerias e 35% dos produtores de tabaco, no sul do Brasil, dispõem de propriedades que variam entre um a dez hectares<sup>5</sup>. Dentre os proprietários, apenas 1% possuem mais do que 50 hectares. As plantações de tabaco ocupam 16,6% da área média das propriedades rurais, embora representem 68% da receita do estabelecimento (ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES DO BRASIL - AFUBRA, 2011).

Conforme Biolchi et al., (2003), em média, são 3,4 integrantes em cada família que desenvolvem as atividades do cultivo, equivalendo a mais de 520 mil postos de trabalho, principalmente nos períodos de plantio, colheita, classificação e cura do

---

<sup>5</sup> Neste sentido, ressalta-se a importância das políticas de crédito fundiário. Sabe-se que historicamente o processo de desenvolvimento do Brasil foi excludente. Atualmente, uma maneira de reestruturar o espaço rural ocorre por meio da Política Nacional de Crédito Fundiário (PNCF). A PNCF é um programa complementar aos demais programas de reforma agrária e acesso a terra. O programa possui três linhas de crédito - Combate à Pobreza Rural (CPR), Consolidação da Agricultura Familiar (CAF) e Nossa Primeira Terra (NPT). Os usuários do programa são trabalhadores rurais sem terra, pequenos produtores rurais e minifundiários. Além da terra, o programa possibilita a construção das instalações básicas para a casa, como luz, água e esgoto e investimentos produtivos, como a preparação do solo, compra de implementos, acompanhamento técnico e uma série de equipamentos necessários para o agricultor se desenvolver de forma independente e autônoma. (BRASIL, 2011).

tabaco. A fumicultura também é responsável pela geração de 40 mil empregos temporários, cuja contratação ocorre de forma mais intensa durante a fase de colheita.

Atualmente, o tabaco é a principal planta não alimentícia cultivada em todos os continentes, com produção anual em torno de seis milhões de toneladas (FERRARI, 2003, p.30). Acredita-se que a renda é o motivo principal para que se desenvolva o cultivo de tabaco. No entanto, embora o tabaco seja considerado rentável quando comparado a outras atividades produtivas, conforme o Boletim Especial do DESER cerca de 60 mil famílias de produtores de tabaco têm renda baixíssima por não possuírem terra, por falta de assistência técnica, entre outros agravantes. O mesmo estudo evidencia a relação existente entre produtores de tabaco e os beneficiários do programa Bolsa Família<sup>6</sup> (CADEIA..., 2009).

Neste sentido, sublinha-se que a produção de tabaco, ao mesmo tempo em que é a principal economia dos municípios produtores, não resulta em desenvolvimento, pois a maior parte desses municípios situa-se na porção de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de seus estados (PERONDI et al., 2008). A representação de tabaco como uma atividade agrícola rentável é herança dos antepassados (RUDNICKI, 2008) e isso é evidenciado por Silva (2002).

Nenhuma cultura ou criação é capaz de, na prática, proporcionar o rendimento monetário conseguido pela fumicultura. Essa pode ser a principal razão, aliada à certeza de venda, e logo à consequente frequência de transações, para que os agricultores decidam se manter produzindo, apesar dos riscos à saúde, a submissão à coordenação do capital internacional e ao esforço produtivo necessário ao longo de todo o ano (SILVA, 2002, p. 153).

Destarte, pode-se inferir que o meio rural encontra-se apático e passivo diante o peso do padrão imposto pelo sistema de cultivo do tabaco (ETGES, 2001)<sup>7</sup>. A autora ressalta o fato de o agricultor receber o modelo de produção pronto, que não requer sua participação e que, muitas vezes, não considera as especificidades (aspectos ambientais, sociais e econômicas) de cada região.

Além disso, visualiza-se na cadeia produtiva do tabaco uma série de externalidades causadas tanto no âmbito de propriedade, quanto para os consumidores dos produtos finais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os produtos

---

<sup>6</sup> Programa de Transferência de Renda do Governo Federal.

<sup>7</sup> A afirmação da autora é no contexto da região do Vale do Rio Pardo/ RS, região onde o município em estudo - Arroio do Tigre- está inserido.

derivados de tabaco matam cerca de 200 mil brasileiros a cada ano<sup>8</sup> e 200 mil hectares de matas e florestas são destruídos no mundo para dar lugar a plantações de tabaco, além das árvores nativas que são cortadas para a cura da folha (TROIAN et al., 2010).

A produção de tabaco utiliza diversos agrotóxicos, deixando o agricultor e sua família expostos aos riscos praticamente durante todo o ano (ALMEIDA, 2005). Ademais, alguns problemas ambientais são verificados, como: envenenamento em mananciais, redução da vida microbiana, danos na bioestrutura do solo, assim como a contaminação em mananciais aquíferos, devido às práticas de manejo e às técnicas inapropriadas desse padrão convencional predominante (LIMA et al., 2005; SEQUINATTO, 2007). Segundo Sequinato (2007), as áreas onde o tabaco é produzido, em sua maioria, são regiões com solos pedogeneticamente jovens, rasos e restritivos ao uso, com cultivos anuais, o que acarreta em problemas de erosão, da manutenção, da capacidade produtiva e de armazenamento da água.

A produção de tabaco é um dos sistemas de produção de suma importância na economia brasileira com “bons” reflexos na esfera social, pela arrecadação de grandes somas em tributos, por isso existe a dificuldade, e/ou a falta de interesse dos órgãos públicos em extingui-lo. Porém, por meio de pesquisas realizadas entre os produtores de tabaco, verificam-se conflitos entre agricultores e fumageiras. Estudos realizados no entorno de Santa Cruz do Sul (RS), mostram que 74,7% dos produtores têm vontade de deixar de cultivar o tabaco, mas sentem falta de um apoio mais concreto para que esse desejo se realize (ETGES et al., 2002).

Nesta discussão, emerge a Convenção Quadro para Controle de Tabaco. Ela pauta-se na elevação da qualidade de vida das pessoas e, embora tenha seu foco no controle do tabagismo, a convenção traz uma série de medidas com vistas à diversificação produtiva, incentivando os agricultores que tiverem interesse de introduzir novos cultivos em suas áreas, reduzindo ou eliminando o tabaco.

A Convenção Quadro para Controle de Tabaco é o primeiro tratado internacional de saúde pública, negociado por 192 países sob os auspícios da Organização Mundial da Saúde (OMS). A adesão do Brasil ao tratado foi ratificada pelo Congresso Nacional em 2005 (SOGOCIO, 2008). A convenção quadro articula um conjunto de ações baseadas em evidências para responder à globalização da epidemia do tabagismo. Com o objetivo

---

<sup>8</sup> Sobre os custos que as doenças tabaco-relacionadas causam ao estado ver: PINTO, M., UGÁ, M, L, D. Os custos das doenças tabaco-relacionadas para o Sistema Único de Saúde. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.26, n. 6, p. 1234- 1245, jun. 2010.



de proteger as gerações presentes e futuras das consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas geradas pelo consumo e pela exposição à fumaça do tabaco, as ações dos governos incluem restrições ao fumo em locais públicos, restrições à propaganda, redução dos subsídios e aumento de impostos e campanhas de conscientização (TROIAN et al., 2011).

Aliada à problemática dos riscos causados à saúde dos fumantes, a produção de tabaco merece especial atenção no Brasil, em função do país ser o segundo produtor mundial de fumo em folha e um dos quatro maiores produtores de tabaco, ocupando a primeira posição de exportador de folhas no *ranking* mundial. O argumento de que o segmento econômico da fumicultura vem sendo prejudicado tem sido utilizado para pressionar o governo brasileiro a reverter ou suavizar suas ações para atender às propostas do acordo (TROIAN et al., 2011).

Contudo, a partir da ratificação, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) criou políticas públicas e programas direcionados especificamente para agricultores familiares fumicultores. Um exemplo é o Programa de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco, que é um programa de ação conjunta de seis ministérios: MDA, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), Ministério da Saúde (MS), Ministério da Casa Civil, Ministério das Relações Institucionais e Ministério da Fazenda, sob coordenação da secretaria da agricultura familiar – MDA. O programa busca articular políticas públicas para a agricultura familiar para subsidiar a diversificação da produção em áreas produtoras de tabaco, a fim de atingir as metas propostas pelo acordo internacional (CQCT/OMS).

O programa de diversificação é uma das ações implementadas pelo Governo Federal desde 2005, visando alternativas produtivas e geradoras de renda, com foco na qualidade de vida e na sustentabilidade econômica, social, ambiental e cultural entre as famílias produtoras de tabaco. Segundo Lima et al., (2005), as linhas do programa são: financiamentos, acesso à pesquisa e tecnologia, assistência técnica, agroindustrialização dos produtos, cooperativismo e associativismo e garantia de comercialização.

De acordo com Fernandes (2010) e Troian (2010), em estudos realizados no município de Sobradinho/RS, no do Vale do Rio Pardo, e em Arvorezinha/RS, no Vale do Taquari, respectivamente, apesar do Brasil ser signatário da CQCT, as políticas públicas de diversificação produtiva ainda são incipientes, sendo pouco discutidas e implementadas pelos agricultores. Fernandes (2010) salienta ainda que o fato de existirem políticas públicas, programas e projetos federais de fomento a diversificação

de cultivos em áreas onde o tabaco é produzido não garante que os agricultores venham a adotá-las.

Ainda, Rudnicki (2008), em estudos realizados nos municípios de Rio Pardo e de Santa Cruz do Sul, evidencia que o projeto de vida das famílias produtoras de tabaco consiste em deixar de desenvolver o cultivo, ou pelo menos diminuir a área plantada e aumentar a diversificação na propriedade, visando à produção para o autoconsumo. Deste modo, Mascarenhas (2006) explana que ser agricultor familiar hoje, em especial cultivador de tabaco, é ser visto como uma carreira de dependência e exploração, portanto, não possui a atração que possuía no passado, como no período em que as fumageiras chegaram e se instalaram.

#### 1.4 DIVERSIFICAÇÃO PRODUTIVA: A PROPOSTA DA CONVENÇÃO QUADRO PARA CONTROLE DO TABACO

Ploeg et al., (2000) procuram construir um paradigma para a análise do desenvolvimento rural centrado na noção de sustentabilidade e conhecimento local. Para tanto, neste item, procura-se fazer o cruzamento da perspectiva orientada ao ator com o debate da sustentabilidade, autonomia e a diversificação de cultivos e dos meios de vida propostos, de alguma maneira, no acordo internacional da Convenção Quadro para Controle do Tabaco.

Segundo Ploeg (2008), existem três tipos de agricultura - camponesa, empresarial e capitalista - que embora sejam diferentes, são inter-relacionadas. A agricultura camponesa baseia-se no uso sustentado dos recursos naturais, na defesa e no melhoramento das condições de vida dos camponeses. A mão de obra, a propriedade da terra e os meios de produção são familiares. A produção é orientada ao mercado, mas também para a reprodução da unidade agrícola e da família.

Por outro lado, a agricultura empresarial é essencialmente baseada em capital financeiro e industrial, a expansão se dá basicamente por meio da produção em escala. A produção é altamente especializada orientada para o mercado, enquanto que a agricultura capitalista caracteriza-se pela produção em escala, englobando uma rede de empresas agrícolas de grande mobilidade, e utiliza mão de obra essencialmente baseada em trabalhadores assalariados. A produção é voltada para a maximização dos lucros.

Durante várias décadas, a agricultura empresarial representou a superioridade econômica, porém visualiza-se que não existe uma única forma de produzir renda razoável e perspectivas promissoras para o futuro. A agricultura empresarial combina a produção em escala com níveis de intensidade elevados, enquanto que a agricultura camponesa procura utilizar os recursos internos da forma mais eficiente possível, gerando a coprodução<sup>9</sup>. O modo empresarial de fazer agricultura muitas vezes cria suas próprias armadilhas, como por exemplo, as desvantagens competitivas (PLOEG, 2008).

Conforme Ploeg (2009), a distinção entre o padrão camponês e os padrões empresarial e capitalista de produção é essencial para a compreensão das dinâmicas do desenvolvimento rural. Para tanto, o autor apresenta seis características que diferenciam os padrões supracitados de fazer agricultura. A primeira, é que enquanto os empresários e capitalistas geram crescimento em suas unidades de produção, eles geram estagnação ou decréscimo do volume total de valor agregado no plano local e regional, o modo camponês gera progresso que é revertido também para a comunidade e região.

A segunda característica que distingue a agricultura camponesa é que a base dos recursos disponível para cada unidade de produção e consumo é limitada e está sob crescente pressão, decorrente dos mecanismos internos como o tamanho da área, o volume de recursos, entre outros. A terceira característica refere-se à composição dos recursos, a força de trabalho é sempre relativamente abundante, enquanto que os meios de trabalho são relativamente escassos.

A quarta característica refere-se a que a base dos recursos não pode ser separada em categorias de elementos opostos e contraditórios, como por exemplo, trabalho *versus* capital, ou trabalho manual *versus* atividade intelectual, pois os recursos materiais e sociais disponíveis se articulam numa unidade orgânica que pertence e é controlada pelos envolvidos diretamente no processo de trabalho. A quinta característica diz respeito à centralidade do trabalho, a produtividade e o progresso futuro da unidade produtiva camponesa dependem da quantidade e da qualidade da força de trabalho. E em sexto lugar, Ploeg (2009) menciona que se deve fazer referência à especificidade das relações estabelecidas entre a unidade de produção camponesa e os mercados. “A agricultura camponesa está tipicamente enraizada em (e ao mesmo tempo envolve) uma

---

<sup>9</sup> A coprodução é a chave para a internalização de recursos e, portanto, para a autonomia, ela é um dos elementos definidores do campesinato e diz respeito à interação e transformação entre o homem e a natureza (PLOEG, 2008).

reprodução relativamente autônoma e historicamente garantida [...]” (PLOEG, 2009, p.22).

O modo camponês de fazer agricultura é o modo de produção que mais se aproxima da autonomia, pois, segundo Ploeg (2008), a característica fundamental da condição camponesa é a luta pela autonomia opondo-se à dependência, à marginalização e à privação. Essa condição objetiva a criação e o desenvolvimento de uma base de recursos autocontrolada e auto gerenciada, permitindo formas de coprodução entre homem e natureza, interagindo com o mercado e permitindo a sobrevivência e perspectivas do futuro.

A agricultura camponesa é fundamentalmente baseada em um fluxo relativamente autônomo de recursos produzidos e reproduzidos na unidade agrícola. Apenas uma parte do que é produzido é vendido e a outra parte é reutilizada na própria unidade agrícola (consumo intermediário). A parcela produzida e reutilizada não está apenas relacionada com o consumo familiar, mas com o funcionamento da unidade agrícola como um todo. A autonomia visa reduzir a dependência, ela se opõe ao modelo de exploração e submissão, uma vez que a autonomia consiste na liberdade para agir (PLOEG, 2008).

A autonomia pode ser utilizada como um instrumento para adquirir e aumentar ativos<sup>10</sup>, como por exemplo, a geração de renda pode ser investida na educação dos filhos ou na melhoria no capital físico da propriedade. No contexto da agricultura familiar, a autonomia das famílias e das propriedades rurais pode ser entendida como a liberdade que o agricultor e o grupo familiar possuem para tomar decisões, ou seja, a independência administrativa que eles têm, como por exemplo, a capacidade de decidir o que plantar, onde plantar, para quem e quando vender, entre outros.

Ploeg (2008) vê o acesso a terra como indicador essencial de autonomia, mas este não é o único fator que deve ser considerado, pois o controle sobre outros meios econômicos e sobre os canais de comercialização são tão importantes quanto à propriedade da terra na autonomia das famílias rurais. Destarte, segundo o autor, a

---

<sup>10</sup>De acordo com Ellis (2000), os ativos podem ser tangíveis e intangíveis. Os ativos tangíveis se concebem através do capital natural, representado pela terra fértil, fontes de água, recursos biológicos, entre outros que garantem a sobrevivência humana. Capital humano refere-se às relações existentes no interior da família, ou seja, à capacidade de trabalho, representado pela disponibilidade de mão de obra, investimento em educação e treinamento, experiência, conhecimento, força. O capital físico inclui o capital que é criado por processos de produção econômica, como por exemplo, canais de irrigação, máquinas, equipamentos, estradas. Como ativo do capital financeiro destaca-se as diversas linhas de financiamentos, acesso a crédito, dinheiro. Por fim, o capital social é representado por meio das relações de proximidade e confiança, relações de parentesco, associações, entre outras.

menor subordinação e dependência dos agricultores aos mercados ocasionam o aumento da autonomia e melhorias nas condições de vida dos agricultores.

Assim, a capacidade da agricultura camponesa na construção de novos mercados permite que os atores diferenciem seus produtos e agreguem valor à sua produção, sendo esta uma importante característica da autonomia desenvolvida pelas unidades familiares através da verticalização da produção. Como maneira de se inserir no mercado, sistemas alternativos de comercialização são criados, em que cada vez mais os produtos que forem associados à tradição, à natureza, ao artesanal e ao local ganham espaço. Esses novos mercados constituem-se, muitas vezes, em mercados locais de proximidade e neles estão presentes novos padrões de qualidade que podem estar associado ao artesanal, ao familiar e a valores ambientais (WESZ JUNIOR, 2008).

Estudos têm evidenciado que, quando os agricultores diversificam suas atividades, eles reduzem os riscos de perdas. Na agricultura familiar ou camponesa, a diversificação torna-se uma alternativa consistente para garantir maior autonomia e espaço de agenciar frente às contingências de contextos socioeconômicos adversos. A diversificação vai contra a centralidade da especialização tanto nos roteiros empresariais como nas teorias de modernização (PLOEG, 2008). Ela pode representar a fase inicial do processo de recampesinização.

Para Gazolla e Schneider (2007), a autonomia do agricultor familiar é constituída pela dupla lógica produtivo-reprodutiva relacionada com o autoconsumo e com o grupo doméstico. Para os autores, a produção para o autoconsumo<sup>11</sup> gera a autonomia por manter a unidade produtiva, fazendo com que o grupo familiar dependa cada vez menos das condições externas à propriedade para se reproduzir, pois, o autoconsumo proporciona a diversificação das estratégias de vivência das famílias.

Ainda segundo os mesmos autores (GAZOLA; SCHNEIDER, 2007), é por meio da produção para autoconsumo que o agricultor familiar não depende, totalmente, do ambiente social e econômico em que está inserido e, principalmente, não depende das constantes flutuações das condições de troca no mercado.

No entanto, as mudanças tecnológicas ocorridas no campo, após a modernização conservadora<sup>12</sup> trouxeram para o meio rural brasileiro o monocultivo e a especialização,

---

<sup>11</sup> A produção para o autoconsumo compreende todo o tipo de produtos, bens, ferramentas de trabalho ou outros, gerados no interior da unidade familiar e utilizados pelos seus membros para suprir as suas necessidades e reduzir a dependência (GAZOLLA, 2004).

<sup>12</sup> A modernização conservadora é um termo utilizado para evidenciar o processo de modernização da agricultura brasileira iniciada na década de 1950 em que mudou a base técnica da agricultura, do

subordinado não só os grandes proprietários, mas também a agricultura familiar. Nas últimas décadas, em especial na década de 1960 e 1970, a busca pela produtividade e aumento dos lucros fomentou o modelo de desenvolvimento baseado em uma agricultura fundamentada na Revolução Verde<sup>13</sup>.

O modelo implementado a partir da Revolução Verde foi altamente dependente de pacotes tecnológicos, concretizado por meio da mecanização, irrigação, fertilização do solo e uso de agroquímicos para controle de “pragas e plantas invasoras”. Juntamente com seus pacotes tecnológicos, o novo modelo agrícola trouxe consigo uma série de impactos ambientais, sociais e econômicos, integrando agricultura a indústria subordinando os agricultores, ampliando a desigualdade social entre regiões, produtos e agricultores.

O processo de industrialização introduz fortes pressões sobre sistemas locais e regionais de produção de alimentos, levando à marginalização e a novos padrões de dependência. Segundo Ploeg (2008), a industrialização da agricultura desencadeia uma crescente desconexão entre a produção e o consumo de alimentos e as particularidades do tempo e do espaço, uma vez que os espaços de produção e de consumo e sua inter-relação deixam de ter importância.

Para Ploeg (2008), a integração da agricultura à indústria gerou a desconexão entre a produção e o consumo no tempo, caracterizada pelo maior intervalo entre a finalização do produto e sua chegada ao consumidor e, no espaço, em função da globalização dos mercados; a desconexão entre produto agrícola e alimento, no qual o produto agrícola é desintegrado e tem seus constituintes recombinados segundo os objetivos da indústria alimentar; a desconexão entre produção agrícola e os agroecossistemas, através da crescente artificialização dos sistemas produtivos permitindo a expansão dos cultivos agrícolas para diferentes agroecossistemas, fazendo com que cada vez menos a produção agrícola sofra com os limitantes naturais. Além disso, verifica-se que esta transformação acarretou no rompimento dos agricultores em relação a sua autonomia (NAVARRO, 2001).

Conforme Ploeg (2009), o mercado agrícola e alimentar liberalizado tornou-se uma arena onde diferentes grupos do agronegócio passaram a disputar posição

---

“tradicional” para o “moderno” sem alterar a estrutura fundiária do país, a qual se caracteriza pela concentração de terra.

<sup>13</sup>A Revolução Verde pode ser caracterizada como um paradigma tecnológico derivado da evolução dos conhecimentos da química e da biologia, que definiram uma trajetória tecnológica baseada no uso intensivo de insumos químicos (fertilizantes e pesticidas) (ALBERGONI; PELAEZ, 2007).

hegemônica. O crédito disponibilizado de forma facilitada e ilimitada contribuiu para a formação de impérios alimentares, os quais controlam amplos segmentos da produção, processamento, distribuição e consumo globais de alimentos e dos demais produtos agrícolas.

A industrialização da agricultura é um processo que tem em vista os modos empresarial e capitalista de produção agrícola. No modelo moderno de produção, as características clássicas da fazenda familiar, como a autonomia, a autossuficiência e o ciclo demográfico, não são mais considerados relevantes. A industrialização implica na desconexão (separação) da agricultura com a natureza e com as localidades, pois fatores naturais têm sido substituídos por fatores artificiais representados na forma de equipamentos tecnológicos e insumos industrializados, tornando a produção agrícola dependente do capital industrial e financeiro (PLOEG, 2009).

Segundo Carmo (1998), o padrão tecnológico promove a separação sociedade-natureza, coloca o sujeito desta relação fora da natureza em processo de dominação dela, dominação esta que se torna pano de fundo para a dominação do homem pelo homem, na qual a ciência, frutos de tal relação, legitima a prática. Porém, conforme Picolotto e Piccin (2008), enquanto que a ciência convencional olha a natureza como se estivesse fora dela, os camponeses tendem a considerar-se parte da natureza.

Em decorrência da visão de agricultura gerada pela ciência convencional, a partir da década de 1980, mais fortemente a partir dos anos 90, começa a ser evidenciada a crise do modelo desenvolvimentista de produção. Percebe-se a degradação ambiental, a redução no número de empregos agrícolas, o êxodo rural, o endividamento dos agricultores e a margem de lucro cada vez menor. Para Souza Santos (2002), o paradigma dominante apresenta fortes indícios de crise, por conta de uma série e emergente pluralidade de condições sociais e teóricas que o questionam.

Entre os estudiosos da sustentabilidade contemporânea, o consenso é que o padrão dominante de desenvolvimento é insustentável, havendo a necessidade de interação entre o crescimento econômico com a justiça social e a coerência ecológica (MOURA et al., 2004). Neste sentido, de acordo com Caporal e Costabeber (2002), a sustentabilidade está constantemente baseada em uma organização social que tenha preocupação e orientação na proteção dos recursos naturais, e que busque, no passar do tempo, à ampliação da harmonia da relação sociedade-natureza.

Para Almeida (1997), o desenvolvimento sustentável busca inventar um novo modo de desenvolvimento e agricultura que seja socialmente justa, economicamente

viável, ecologicamente sustentável e culturalmente aceita, resgatando técnicas, valores e tradições. A “nova” forma de pensar o desenvolvimento rural e a agricultura deve ocorrer de forma endógena, por meio do fortalecimento dos mecanismos de resistência ao discurso hegemônico da modernização (MOREIRA; CARMO, 2004).

Para isso, é necessário que os agricultores adotem práticas menos agressivas ao ambiente e que se tornem menos dependentes das grandes agroindústrias, das oscilações do mercado e das intempéries climáticas. Desse modo, a diversificação tanto de cultivos, quanto de modos de vida, passa a ser vista como uma alternativa ao modelo predominante de se fazer agricultura, pois as unidades agrícolas diversificadas implicam em novos níveis de competitividade e maior autonomia.

Conforme Ploeg (2008), países como o Brasil deverão encarar a precisão de assegurar as necessidades nutricionais da própria população, ao invés de dedicar grande parte de suas terras agrícolas para a produção de exportações, como o tabaco, por exemplo, que além de não ser alimento gera uma série de impactos negativos ao ambiente e as famílias de produtores. O autor salienta também que se deve fomentar modos de produção mais próximos do modelo camponês de agricultura.

Cabe lembrar que a agricultura camponesa não entrará automaticamente, um fator decisivo seria a atitude dos jovens com a pretensão de valorizar as especificidades do local enquanto constroem novas bases de recursos que permitam a autonomia e a sustentabilidade. Porém, compete saber se as percepções e os projetos dos jovens rurais vão nessa direção. Para tanto, no item a seguir discute-se acerca das medidas da Convenção Quadro para Controle de Tabaco para proporcionar formas de agricultura mais sustentáveis fomentando a diversificação das áreas com cultivo de tabaco.

#### **1.4.1 A Convenção Quadro para Controle de Tabaco e o fomento a diversificação de cultivos**

Na discussão da Convenção Quadro para Controle de Tabaco está implícita a sustentabilidade, uma vez que a convenção visa à elevação da qualidade de vida das pessoas, articulando um conjunto de ações para responder a epidemia do tabagismo. O acordo internacional é decorrente do aumento do consumo e da produção mundial de cigarros e de outros produtos oriundos do tabaco, particularmente nos países em



desenvolvimento, bem como devido ao ônus que se atribui às famílias, aos pobres e aos sistemas nacionais de saúde.

No entanto, apesar da Convenção Quadro para Controle de Tabaco ter o foco nas medidas que tratam especificamente do consumo e venda de cigarros, o acordo preocupa-se com os efeitos que a redução do consumo de cigarro pode desencadear para o produtor de tabaco. Por isso, a ratificação do Brasil ao acordo da Convenção Quadro para Controle de Tabaco ocorreu somente após a introdução de artigos no corpo do texto, apresentando algumas medidas com vistas à diversificação produtiva, incentivando os agricultores que desejam introduzir novos cultivos em suas áreas reduzindo ou eliminando o cultivo de tabaco. Além da problemática e dos riscos causado a saúde dos fumantes, a fumicultura é um aspecto que deve ser considerado devido ao fato do Brasil ser um importante produtor mundial de tabaco.

De acordo com Silva e Ferreira (2006), os artigos 4, 17 e 26 da CQCT estabelecem, de certa maneira, proteção aos trabalhadores e produtores de tabaco. Além destes artigos, lembra-se a existência do artigo 18, pois nele está a preocupação com o ambiente. A inclusão destes artigos ao texto da Convenção Quadro para Controle de Tabaco foi muito significativa tendo em vista que diversas famílias necessitam de políticas públicas que os auxiliem na substituição do tabaco por outros cultivos.

Em linhas gerais, o artigo 4 trata dos princípios norteadores e, dentre eles, cita-se a preocupação com a assistência técnica e financeira para auxiliar a transição econômica dos produtores agrícolas e trabalhadores, cujo meio de vida seja afetado em decorrência do projeto de controle do tabaco. O artigo 17 estabelece o apoio às alternativas economicamente viáveis; à proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas envolvidas no cultivo do tabaco está presente no artigo 18; e o artigo 26 aborda a questão dos recursos financeiros, visando o fortalecimento de programas multisetoriais integrais de controle de tabaco.

Juntamente com a ratificação da Convenção Quadro para Controle do Tabaco foi anunciado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário a criação do “Programa de Apoio à Diversificação Produtiva nas Áreas Cultivadas com Fumo”. O objetivo do programa é preparar as famílias fumicultoras para enfrentar a tendência de redução do consumo de tabaco, e dessa forma, da produção, visando garantir a possibilidade de diversificação. Deste modo, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, apesar da convenção quadro, no Brasil, objetivar controlar a epidemia do tabagismo, existe uma preocupação com os milhares de produtores de tabaco.

[...] por um lado, podemos celebrar o poder da CQCT de mobilizar o controle do tabagismo globalmente, por outro, temos o compromisso de apoiar os agricultores plantadores de fumo na implementação de ações que gerem renda e dêem maior qualidade de vida às suas famílias, adultos, jovens e crianças. Não queremos o infortúnio dessas pessoas, vítimas da falta de oportunidades e das estratégias da indústria do tabaco. Afinal, o desejo de justiça social é o espírito que leva a todos a apoiar a CQCT e promover modos saudáveis de produção é também promover justiça social. (INSTITUTO NACIONAL DO CANCER - INCA, 2007, p.1-5).

Segundo a coordenadora<sup>14</sup> do projeto de alternativas ao cultivo de tabaco é necessário, em médio e longo prazo, construir uma matriz produtiva de diversificação, que contemple a segurança alimentar e nutricional das famílias, a autonomia social, a diversidade de cultivos e a sustentabilidade dos sistemas com qualidade de vida (INCA, 2011).

Sabe-se que o cultivo de tabaco concorre com a produção de alimentos. Assim, apesar de ser comum a diversidade de culturas na agricultura familiar produtora de tabaco, Schneider (2010, p. 8-9) lembra que, pela excessiva exigência de mão de obra do tabaco, há uma tendência de abandono dos cultivos alimentares em favor da atividade que gera recursos monetários para a propriedade. Neste sentido, Lecours (2011a, p.30) relata casos em que as melhores áreas de terras foram destinadas ao tabaco e as demais culturas alimentares foram abandonadas.

Além disso, destacam-se os argumentos negativos de ordem ambiental, associados às consequências do cultivo de tabaco, a saber: degradação dos solos, a derrubada de mata nativa para a cura das folhas de tabaco, problemas de saúde detectados em produtores de tabaco, como a doença do tabaco verde, por exemplo, utilização de agrotóxicos, trabalho infantil, entre outros.

Na produção de tabaco é possível a visualização da degradação dos recursos locais, pois o cultivo possui grande potencial poluidor devido muitas propriedades rurais localizarem-se em solos marginais, declivosos e com problemas de manutenção da capacidade produtiva (RHEINHEIMER et al., 2003). Além disso, conforme Sequinatto (2007), o cultivo do tabaco é responsável pela degradação do ecossistema natural, devido o uso intensivo do solo.

Os problemas de erosão, de manutenção da capacidade produtiva e de armazenamento da água nesses solos marginais, são bastante comuns (TROIAN, 2010), assim como a prática de desflorestamento e a contaminação de mananciais aquíferos,

---

<sup>14</sup> Adriana Gregolin.

devido às práticas de manejo e às técnicas inapropriadas do padrão convencional predominante no cultivo de tabaco (LIMA et al., 2005). Segundo Lecours (2011b, p.29), no Brasil, estudos têm identificado clorofórmio excessivo, fósforo e resíduos de agrotóxicos nos cursos de água adjacentes às comunidades agrícolas de tabaco.

Salienta-se a existência do trabalho infantil no cultivo de tabaco, o qual precariza a infância e compromete a formação da criança (CADONÁ, 2001). Diversas são as críticas neste sentido, pois as crianças desde muito jovens ajudam no desenvolvimento das tarefas do cultivo. O trabalho infantil na produção de tabaco, “[...] é bastante combatido, por utilizar grandes quantidades de agrotóxicos e poder causar danos à saúde das crianças [...]” (OIT, 2004, p.42).<sup>15</sup>

Finalmente, cabe destacar os problemas de saúde relacionados ao trabalho no cultivo do tabaco. Um dos principais problemas de saúde relacionado à fumicultura é a doença do tabaco verde, definida pelo envenenamento com a nicotina absorvida pela pele no contato com as folhas, principalmente durante o cultivo e a colheita<sup>16</sup>. Seus principais sintomas são: fraqueza, dor de cabeça, náuseas, vômitos e tonturas, podendo ocasionar também cólicas abdominais, dificuldade respiratória, temperatura anormal, palidez, diarreia, calafrios, flutuações de pressão arterial e da frequência cardíaca, aumento de transpiração e salivação (LECOURS, 2011a; LECOURS, 2011b).

Percebe-se que o cultivo de tabaco apresenta uma série de implicações, a partir das quais a CQCT propõe e oferece mecanismos para que os produtores diversifiquem suas propriedades e fiquem menos dependentes deste cultivo. No entanto, o fato do monocultivo de tabaco ser um importante produto brasileiro de exportação que contribui economicamente para o país gerar divisas, podendo ser utilizado para comprar outros

---

<sup>15</sup>Schneider (2005) elaborou uma crítica ao relatório da OIT (2004), no sentido de relativizar o impacto dos dados apresentados. O autor parte do argumento de que as crianças trabalhavam para a própria família. Sem fazer apologia ao trabalho infantil, Schneider (2005) argumentou que políticas para combater ou eliminar o trabalho infantil precisam modificar as condições materiais e produtivas em que as crianças se encontram, alterando valores que fazem parte da racionalidade da agricultura familiar. Além disso, o sentido pedagógico e de sucessão da família, em relação ao trabalho das crianças, precisará ser alterado; por fim, a erradicação do trabalho infantil acarretará também numa transformação no processo de socialização das crianças, já que as tarefas são estratificadas em idade e sexo, o que expressa, mais do que uma divisão econômica do trabalho, uma divisão social. Em função disso, o autor preferiu atribuir ao trabalho infantil um caráter de ajuda, pois se destina a auxiliar ou complementar as tarefas e atividades que são executadas no interior do estabelecimento (BRUMER, et al., 2011).

<sup>16</sup> Pesquisa realizada pela Secretaria de Vigilância Sanitária em Saúde do Ministério da Saúde em Candelária-RS, divulgada pelo Deser (2009, p. 6), aponta que o índice de nicotina no sangue de agricultores não fumantes no período de colheita do tabaco varia do dobro até 16 vezes mais que um fumante comum.

bens estrangeiros, dificulta o processo de políticas públicas efetivas que incentivem a substituição e a diversificação de cultivos.

Embora se tenha o conhecimento de que junto com o tabaco brasileiro se exportam diversos recursos naturais e a autonomia de aproximadamente 200 mil famílias, as quais são dependentes dos pacotes tecnológicos fornecidos pelas empresas integradoras, ainda são incipientes as ações que visa a sua substituição.

Para exemplificar a dependência do produtor, na última safra (2010/2011), uma crise atacou o setor fumageiro, os estoques mundiais estavam cheios, e por essa razão, houve uma grande sobra de tabaco no Brasil (INCA, 2011). A crise afetou diretamente os produtores de tabaco no país, que sofreram com a baixa comercialização e a redução no preço do produto. Essa situação, juntamente com as demais problemáticas desencadeadas pela produção e consumo de tabaco, evidencia a necessidade de políticas públicas que auxiliem os agricultores a diversificarem seus cultivos tornando-os menos dependentes do tabaco, mais autônomos e sustentáveis.

[...] o debate sobre a diversificação produtiva na agricultura familiar, vem ganhando força, seja pela sua importância como efetiva protagonista de um desenvolvimento mais justo e sustentável, seja pela necessidade de criação de novas formas de obtenção de renda com a provável redução, a médio prazo, do número de produtores de fumo (DESER, 2009, p. 5).

Neste sentido, percebe-se que a CQCT possui interfaces com a discussão realizada por Ploeg (2008; 2009) e Ploeg et al., (2000), em relação à autonomia e à sustentabilidade presentes nos diferentes tipos de agricultura. Embora não se visualize no acordo internacional nenhuma ação específica para os jovens, nem na manutenção deles no meio rural, acredita-se que o conjunto de medidas e programas de fomento à diversificação pode vir a ser um aliado para os jovens que percebem o cultivo de tabaco negativamente e buscam por alternativas.

Após a introdução geral da temática, da construção do problema, da apresentação da trajetória pessoal, da justificativa, dos objetivos do presente estudo e da breve apresentação acerca das principais especificidades do cultivo de tabaco e da proposta da diversificação produtiva presente no acordo da Convenção Quadro para Controle de Tabaco, apresenta-se a estrutura da presente tese de doutoramento.

A tese segue organizada em seis capítulos a contar com este primeiro capítulo introdutório. O segundo capítulo é composto pela fundamentação teórica. Inicialmente fazem-se considerações sobre a definição de juventude e algumas implicações dos

jovens no cenário da agricultura familiar. A seguir apresenta-se o debate em torno da perspectiva orientada ao ator como um “novo” ferramental teórico-analítico para estudos relacionados ao desenvolvimento rural, ele baseia-se na discussão acerca de estudos sobre projetos de jovens rurais.

O terceiro capítulo é formado pelo percurso metodológico, que se subdivide nos itens: delimitação e caracterização do espaço empírico, dinâmica grupal, análise documental, bibliográfica e coleta de dados secundários, entrevistas e conversas informais, observação participante, caderno de campo e análise e interpretação dos dados.

No quarto e no quinto capítulos são apresentados e discutidos os principais resultados encontrados. Sendo que no quarto capítulo apresenta-se a arena que discute a juventude rural, o cultivo de tabaco e a diversificação de cultivos, caracteriza-se o perfil socioeconômico dos jovens rurais e analisa-se as percepções acerca do cultivo de tabaco. Enquanto que o quinto capítulo identifica as políticas públicas conhecidas e acessadas pelos jovens rurais e discute as percepções e os projetos de vida dos mesmos. Por fim, no sexto capítulo tecem-se algumas conclusões e considerações finais.

## 2 JOVENS, PROJETOS E PERCEPÇÕES: CONSTRUINDO ALICERCES TEÓRICOS A PARTIR DA PERSPECTIVA ORIENTADO AO ATOR

A escolha do referencial teórico deu-se pela necessidade de explicar as motivações, interesses, aflições e percepções, embora singulares, mas fundamentais na contextualização da discussão no tempo e espaço em que elas emergem. A abordagem dos atores possibilita que se tenha um foco nas ações e explicações para respostas diferentes em contextos estruturais similares. Para tanto, se busca “seguir os atores”, ou seja, acompanhar suas ações, suas práticas e deixá-los se expressarem. Segundo Callon<sup>17</sup> (1986) *apud* Guivant (1997, p.436), seguindo os atores, “[...] pode-se analisar como eles constroem seus mundos, na medida, que forjam vínculos com outros, ‘colonizando’ o mundo dos outros, processo oriundo das diversas redes de relações sociais [...]”.

A perspectiva orientada aos atores é utilizada no presente estudo no intuito de “[...] dar a palavra aos que tinham sido até o presente marginalizados e ignorados dos processos de desenvolvimento rural [...]” (GUIVANT, 1997, p.441). Acredita-se na relevância desta abordagem teórica pelos novos métodos de investigação, analisando o ponto de vista dos atores sociais, sem perder de vista o papel das instituições e das relações de poder, além da perspectiva centrada nos atores ser frequentemente utilizada em estudos sobre desenvolvimento rural e pobreza.

### 2.1 SER JOVEM: PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELOS JOVENS

Ao falar de juventude não significa que estamos tratando de um grupo homogêneo, pois existem diferentes modos de ser jovem, fazendo com que a juventude mostre-se plural e heterogênea, tratando-se, dessa forma, de juventudes. Conforme Pais (1990),

---

<sup>17</sup> CALLON, M. Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and fishermen os St. Brieuc Bay. In: LAW, J. ed. **Power, action, belief: a new sociology of knowledge?** Londres: Routledge, 1986.

[...] quando falamos de jovens das classes médias e das classes operárias, de jovens rurais e urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, de jovens solteiros ou casados, estamos a falar de juventudes em sentido completamente diferente do da juventude enquanto referida a uma fase de vida (PAIS, 1990, p.149).

Segundo este mesmo autor, a juventude pode ser considerada homogênea e heterogênea. Homogênea se considerarmos a geração de jovens em relação a outras gerações e heterogênea se a geração de jovens for analisada como um conjunto social com características que diferenciam os jovens uns dos outros.

De acordo com Gomes (2001), múltiplas são as juventudes numa sociedade heterogênea, marcada pela discriminação, pelas desigualdades econômicas e sociais e pela existência de sistemas culturais hierárquicos e diversificados, pois, a juventude é ao mesmo tempo uma condição social e uma representação.

Para Dayrell (2003), a juventude é uma categoria socialmente destacada, uma fase de transição, de mudanças. A juventude é vista como um “vir a ser”, sendo uma passagem para a vida adulta, por isso, é uma fase que se relaciona com o passado, fase da infância, ao mesmo tempo em que se conecta com o futuro, a vida adulta. A juventude pode ser entendida como um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de alguma maneira, ao longo da vida.

Ainda segundo o mesmo autor, a juventude constitui-se num momento determinado, porém, ela não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. A cultura juvenil é entendida como um novo padrão de comportamento, de estilo e de valores. É a fase de mudanças corporais, necessidade de identidade, o momento de encontrar um lugar na família e na sociedade. E isso pode gerar uma crise na autoestima.

Conforme Abramo (1994), por meio do arcabouço teórico da sociologia funcionalista, a partir do século XX, a juventude passa a ser pensada como um processo de desenvolvimento social e pessoal de capacidades e ajustes aos papéis de adulto. Em decorrência disso, passa a ganhar espaço maior nos estudos acadêmicos e nos debates de maneira geral.

Historicamente, a juventude esteve associada a uma fase da vida marcada pela instabilidade, sendo conhecida com uma fase conflituosa e de vulnerabilidade. Analisando os problemas sociais dos jovens na América Latina, Kliksberg (2006) destaca que milhões de jovens estão fora do mercado de trabalho e do sistema escolar. A

exclusão social, juntamente com a desarticulação familiar, coloca a juventude numa situação que o autor chama de "jovens encurralados". Isso pode favorecer sua inserção no mundo das gangues e da criminalidade e transformá-los em vítimas favoráveis para as máfias da droga.

Neste sentido, conforme Amaral (2011), estudos e pesquisas desenvolvidos no Brasil têm evidenciado que os jovens apresentam-se envolvidos em situações de violência, sendo os mais atingidos pelo desemprego no país, com envolvimento em casos de narcotráfico e outros casos de criminalidade, representando 30% dos presidiários com idade entre 18 e 24 anos. Associado as problemáticas elencadas pelo autor, lembra-se ainda o consumo de bebidas alcoólicas e tabaco e a gravidez na adolescência, e também as infecções pelo vírus humano da imunodeficiência (HIV), sendo todas, mais fortemente presentes na juventude.

Ainda segundo Amaral (2011), os jovens estão entre as principais vítimas do desenvolvimento econômico e social atual, o que é explicitado por Pais (1990), para quem, a juventude como problema social é responsável pelos problemas de inserção profissional, de drogas, de delinquência, com a escola, com os pais, entre outros.

Em relação ao comportamento dos jovens, Viera (2004) acredita que diversos fatores são capazes de influenciar nos comportamentos juvenis, sendo eles fatores de natureza individual, tais como a depressão e o estresse; fatores socioculturais, como a família, a escola, o grupo de amigos e as atividades desenvolvidas no tempo livre. Além disso, os meios de comunicação, sobretudo a televisão e a publicidade, contribuem para criar referências de identidade para os jovens (SARTI, 1999), em especial em tempos em que as mães saem para trabalhar fora de casa.

Em relação às problemáticas do universo jovem, a situação do jovem rural é ainda pior, pois as taxas de pobreza rural da América Latina superam amplamente as da urbana. Os jovens rurais começam a trabalhar antes que os jovens urbanos e isso repercute nas suas possibilidades educacionais, os níveis de evasão e repetência escolar são mais altos e a escolaridade média é reduzida. A situação gera uma contínua expulsão dos jovens para as cidades, onde sua inserção é muito difícil por causa da sua escassa bagagem educacional e porque suas experiências são muito diferentes das competências exigidas nos mercados de trabalho urbanos (KLIKSBURG, 2006).

No entanto, para que os jovens permaneçam no meio rural, é necessário oferecer condições para que eles desejem ficar. É necessária educação de qualidade voltada à realidade rural, da mesma forma que se devem oportunizar condições de acesso a lazer,



cultura, trabalho, geração de renda para que os jovens tenham condições de realizar a opção de dar continuidade ou adquirir a sua propriedade no meio rural.

Para Silva (2007), é preciso afastar a ideia de que quem fica no meio rural são as pessoas que não estudaram e que não tiveram sucesso em trilhar outro caminho. Porém, não são poucas as dificuldades enfrentadas pelos jovens rurais que se assentam, em primeiro lugar, na falta de um modelo agrícola voltado para os pequenos agricultores de um modo geral, como o agricultor familiar e o assentado de reforma agrária. Segundo a autora, o modelo econômico vigente tem deixado o agricultor cada vez mais pobre e a diminuição da renda faz com que grande parte da população do campo abandone a área rural, dirigindo-se aos centros urbanos. A juventude sofre profundamente as consequências desse modelo perverso, contando com possibilidades mínimas na área da educação e da ocupação produtiva, carecendo também de alternativas em equipamentos de lazer, cultura e saúde (SILVA, 2007).

Ao mesmo tempo em que o jovem é percebido com um problema social, ele é idealizado, imitado e invejado. Segundo Weisheimer (2009), nas décadas de 1960 e 1970, os jovens ganham destaque pelo seu papel contestador, por meio do *Rock Roll*, liberação sexual, movimento estudantil, luta por direitos civis e em prol da paz. A juventude criticou a ordem social estabelecida e estes “movimentos” caracterizam a juventude como uma categoria com comportamentos “desviantes” capaz de realizar transformações (mudanças) sociais.

Conforme Amaral (2011), nas últimas décadas a mídia, juntamente com o mercado de consumo, elegeu o jovem como símbolo de vitalidade, beleza e realizações infinitas. Diante disso, suas roupas, hábitos, costumes, enfim o estilo de vida dos jovens começa a ser adotado numa perspectiva de juventude eterna. Atualmente, ser jovem tornou-se prestigioso, tanto que está ocorrendo um processo de juvenização da cultura e a juventude passa a ser idealizada. Associado a estes fatores é importante mencionar que a etapa juvenil prolongou-se, pois as pessoas demoram mais tempo para se considerarem adultas em função das responsabilidades que esta fase da vida exprime.

A partir desta rápida revisão pode-se visualizar que os jovens manifestam a sua condição juvenil em um verdadeiro paradoxo ao traduzirem os problemas/emblemas sociais ao mesmo tempo em que são modelos culturais que representam as sociedades contemporâneas (AMARAL, 2011).

Para tanto, neste item, embora brevemente, buscou-se apresentar as principais problemáticas do universo jovem e evidenciar a dubiedade que esta fase da vida

exprime, pois, ao mesmo tempo em que os jovens são vistos como problemas para a sociedade, por meio do desemprego, dos conflitos familiares, do uso de drogas, entre outros, eles são símbolos de vitalidade e esperança futura. Isso, de certa forma, pode ser percebido no universo dos jovens rurais, pois as mudanças no modo de produção, em novos investimentos e até mesmo na diversificação produtiva são coisas que os pais muitas vezes já não têm mais interesse em realizar, deixando a responsabilidade para o jovem e seus anseios inovadores.

Dando continuidade a discussão acerca da juventude, o item a seguir trata brevemente da definição do termo. Afinal, o que se entende por jovens? Quem pode ser considerado jovem? Que critérios utilizam-se para identificar a juventude?

### **2.1.1 Breves considerações acerca da definição de juventude**

Um dos principais desafios colocados aos pesquisadores que estudam processos sociais protagonizados pelos jovens é a definição conceitual e analítica do objeto de pesquisa (WEISHEIMER, 2009). Não existe apenas um conceito sobre juventude, as diferentes maneiras de olhar a juventude correspondem a diferentes perspectivas.

Conforme Weisheimer (2005) existem cinco principais abordagens utilizadas nas definições conceituais sobre a juventude: faixa etária; ciclo de vida; geração; cultura ou modo de vida e representação social. O autor salienta que entre os pesquisadores do tema, alguns enfatizam uma dessas abordagens, outros fazem diferentes combinações e há ainda pesquisador que não estabelece nenhuma definição de juventude, tratando-a como se o termo fosse auto explicativo. Baseando-se em Weisheimer (2005), abaixo se apresenta cada uma das abordagens supracitadas.

A juventude como uma faixa etária é utilizada em algumas pesquisas que ancoram sua definição utilizando como critérios a idade dos pesquisados. Para isso, os pesquisadores geralmente apoiam-se em indicadores demográficos, critérios normativos ou padrões estabelecidos pelos organismos internacionais.

De acordo com Abramovay et al., (1998), no Quênia, a partir dos oito anos de idade já são considerados jovens, em Botswana, a idade vai de dez a 22 anos e na Colômbia entre 16 e 28 anos. Segundo as Nações Unidas, a juventude compreende o

período entre 15 e 24 anos, embora a Comissão Econômica para a América do Sul e Caribe (CEPAL) avance até 29 anos quando se trata de jovens rurais.

O Brasil segue o padrão de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), considerando jovens as pessoas que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos. Estes exemplos servem para evidenciar a existência de diversos critérios cronológicos para delimitar ou caracterizar a juventude. Apesar de se mostrarem convenientes para experimentos, a delimitação de idade cronológica para a definição de juventude apresenta-se deficiente. Conforme Weisheimer (2009), a definição de juventude por faixas etárias é arbitrária e por isso não dá conta das diferenças entre idade biológica e idade social.

A abordagem como período de transição ou ciclo de vida define a juventude como período de transição. O termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade e o estabelecimento do término da juventude varia segundo critérios e pontos de vista adotados para determinar se as pessoas são jovens. A ideia de transição é inerente à vida e por si só não diz muita coisa, porém, é relevante destacar que a transição juvenil se caracteriza como processo de socialização e atribuições de papéis específicos. A ideia central é de que a juventude é um estágio no qual acontece a entrada na vida social plena e que, como situação de passagem, compõe uma condição de relatividade: de direitos e deveres, responsabilidades e independência mais amplas do que as das crianças e não tão completas quanto às dos adultos. A perspectiva assume importância na medida em que foi assumida pela Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) a partir da Conferência Internacional sobre Juventude, realizada em Grenoble (1964) (WEISHEIMER, 2005).

O enfoque nas gerações baseia-se principalmente em Karl Mannheim. Segundo o autor, o conceito de geração emerge por meio da ideia de situação no processo social, estabelecendo um paralelo com a circunstância de classe. O conceito de geração corresponde à similaridade de situação num mesmo tempo histórico. Assim, todos os membros de um grupo etário têm uma situação comum perante as dimensões históricas do processo social (MANNHEIM, 1968<sup>18</sup> *apud* WEISHEIMER, 2005). Nesta perspectiva tem-se a ideia de que os jovens são inerentemente contestadores, ou, de que

---

<sup>18</sup>Mannheim, K. **O problema da juventude na sociedade moderna**. Sociologia da Juventude I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 69-94.

essa rebeldia é necessariamente transitória, como a juventude. Da mesma forma que, a juventude passa a ser vista a partir de seus potenciais de mudança, pela sua capacidade criadora e inventiva (WEISHEIMER, 2005).

A juventude, para a perspectiva juventude como cultura ou modo de vida, é vista como uma expressão da cultura de massas. A abordagem argumenta que a juventude se define por critérios culturais destacando-se uma cultura jovem e à importância de espaços de sociabilidade juvenis na constituição de suas identidades. A mídia aparece como o principal componente na construção do entendimento do que seja juventude. A cultura juvenil emerge ligada à sociedade de consumo, suas características incluem vestimentas, acessórios, linguagem, entre outros. Em relação aos jovens rurais, a abordagem questiona a existência de uma juventude no campo ou se tão logo as crianças adquirissem força física seriam imediatamente incorporados como adultos no trabalho agrícola. No entanto, atualmente até nas regiões mais isoladas os meios de comunicação promovem a disseminação da cultura urbana, além do desenvolvimento do capitalismo do campo, a modernização e os processos de industrialização difusa, que fazem do rural não apenas produtor agrícola, contribuíram para a diluição de fronteiras entre o urbano e o rural.

Por fim, na perspectiva da juventude como representação social e auto representação, o termo juventude designa um conjunto de relações sociais específicas, vividas por elementos classificados como jovens em uma dada sociedade. Mais do que uma faixa etária, a perspectiva fala em condição juvenil que aparece como uma posição hierárquica social fundada em representações sociais, ou seja, na busca de responder os significados atribuídos que define quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural. As representações sociais remetem a ideia de que a juventude é um processo transitório que marca a passagem de uma condição social da dependência para a de independência, ou seja, da fase da infância para a fase adulta. A abordagem guarda a ideia de que os jovens estariam sujeitos à incorporação de uma série de papéis sociais ou funções socialmente atribuídas pelos processos de socialização e a alternância destes papéis sociais assegura a reprodução ou continuidade social (WEISHEIMER, 2005).

O termo juventude remete a uma série de conceitos e, em função disso, muitos especialistas definem o termo de maneira divergente. De acordo com Carneiro e Castro (2007), a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, sendo referida ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária.

Para Weisheimer (2009), a juventude representa uma faixa de vida situada entre a infância e a vida adulta, seu marco inicial coincide com a conclusão de desenvolvimento cognitivo da criança. Para Zagury (2004), a juventude é considerada como uma fase do desenvolvimento humano que demandam direitos e deveres específicos.

Segundo Abramo et al., (2000), a juventude caracteriza-se por dois períodos: adolescência e juventude propriamente dita. O ponto de partida da adolescência inicia-se aos 15 anos de idade e estendem-se até os 19 anos; aos 20 anos inicia uma nova fase que vai até 24 anos. Dessa forma, os autores entendem a juventude em função da idade cronológica.

A respeito disso, Abramovay et al., (1998, p. 37) explanam que: “[...] não existe uma definição universalmente aceita para os limites de idade em que se encontra a juventude [...]”. Para os autores, a principal característica da juventude corresponde à naturalização da continuidade do modo de vida dos pais. Vale sublinhar que a juventude rural caracteriza-se por ser um momento de diversas fases semelhantes às vivenciadas pelos jovens urbanos (ABRAMOVAY, 2000).

No entanto, Weisheimer (2009) assinala que os jovens rurais, oriundos da agricultura familiar, em alguns aspectos, amadurecem socialmente mais cedo que os jovens que se inserem em outras atividades produtivas devido a certas responsabilidades vinculadas ao processo de trabalho. Porém, eles tendem a atrasar sua autonomia social em função do caráter patriarcal que caracteriza esta atividade.

Neste sentido, acreditando que somente a idade cronológica não é suficiente para a caracterização da juventude, Oliveira (2006) define juventude a partir de cinco abordagens: faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social. Sublinha-se que, no presente estudo, estes aspectos tornam-se fundamentais, uma vez que estas relações estão diretamente relacionadas ao que se propõe analisar. Porém, como forma de pragmatizar a pesquisa, buscou evidenciar como os jovens - as pessoas que se situam na faixa etária entre os 14 aos 25 anos de idade - locais constroem um determinado modo de ser jovem em seus contextos sociais, o que faz com que ele se reconheça e seja reconhecido como jovem, evidenciando suas percepções e seus projetos.

No entanto, cabe mencionar a definição de juventude estabelecida pela associação de jovens rurais existentes no local do estudo. Para a AJURATI (1996, p.8), jovens rurais são: “[...] todos aqueles que sejam filhos de agricultores e que se dediquem

às atividades rurais, ou se estiverem ligados à atividade agrícola residindo no meio rural.”.

Entende-se juventude por uma construção social e cultural. É uma condição, uma fase fundada em representações coletivas variadas, tais como as que conferem sentidos ao pertencimento a uma faixa etária, que demarca um período de transição no ciclo de vida no qual se experimenta uma série de novos papéis sociais. A juventude é uma situação vivenciada em comum por certos indivíduos; conjunto de jovens interagindo com o meio social em que vivem.

Por jovens, entendem-se os atores que estão na juventude e que possuem papéis específicos e pré-determinados. São os sujeitos que vivem os processos de socialização específicos. Período da vida situado entre a infância e a vida adulta dotados de poderes para produzir mudanças significativas.

Neste item procurou-se, embora sucintamente, trazer para o estudo a discussão existente acerca da definição do termo juventude. No subitem seguinte, apresenta-se o debate sobre a juventude no meio rural e a importância de sua permanência para a reprodução da agricultura familiar. Além da definição de juventude, ganha espaço nesta discussão, a mudança de valores e comportamentos do jovem, cujo registro evidenciam-se nos aspectos estruturais, econômicos, sociais, políticos e culturais, trazidos no avanço da globalização e de intensas mudanças no mercado de trabalho e do sistema de comunicação (BRUMER, 2006).

### **2.1.2 Juventude na agricultura familiar: permanência ou evasão?**

Conforme Viera (2004), os estudos sobre juventude rural são pouco expressivos. Já para Weisheimer (2009), a juventude rural na agricultura familiar do estado do Rio Grande do Sul ainda está por ser estudada e escrita, isso porque o processo social que deixa os jovens invisíveis acaba afastando-os dos focos e objetos de pesquisas. Dentro dessa mesma perspectiva de análise, Spósito (2009), pesquisando acerca da temática da juventude nas áreas da Educação, Ciências Sociais, Antropologia, Ciência Política, Sociologia e Serviço Social no período entre 1999 a 2006, visualizou o caráter urbano da produção científica sobre a juventude, constatando que, de um total de 1.427 trabalhos encontrados, apenas 52 (menos de 4%) tratam de jovens do meio rural.

Para Carneiro (1998), jovem é uma categoria que não recebe qualificação específica por parte dos classificadores, que os colocam como estudantes, filhos de agricultores, entre outros adjetivadores. O jovem no meio rural é um aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar.

Segundo Carneiro e Castro (2007), os questionamentos da juventude rural supõem o entendimento de dupla dinâmica social. Por um lado, a dinâmica territorial, que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial), além de espaços distintos e superpostos. Trata-se fundamentalmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão substância à experiência dos jovens rurais e à sua inserção na sociedade. Por outro lado, nestes espaços, a vida cotidiana e as expectativas para o futuro são constituídas de uma dinâmica temporal: o passado das tradições familiares, que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro, o presente da vida cotidiana, focalizado na educação, no trabalho e na sociabilidade local; e o futuro, que se projeta por meio da herança, sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva (CARNEIRO; CASTRO, 2007).

Dessa forma, de acordo com as autoras, as relações sociais se constroem no presente, movidas pelas tradições familiares e locais no passado e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações e à reprodução do estabelecimento familiar. Estas dinâmicas se conectam e, através delas, emerge um ator social multifacetário que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural.

O trabalho dos membros da família é central na reprodução da agricultura familiar, pois geralmente os jovens rurais já nascem em uma família de agricultores e por isso há a participação dos jovens desde cedo nos processos produtivos. De acordo com Silvestro et al., (2001, p. 280):

Os filhos e filhas integram-se aos processos de trabalho - auxiliando a conduzir os animais, acompanhando os pais em algumas tarefas, ajudando na casa – desde muito cedo. Aos poucos vão assumindo atribuições de maior importância e chegam à adolescência não só dominando as técnicas observadas durante sua vida, mas os principais aspectos da própria gestão do estabelecimento (SILVESTRO et al., 2001, p. 280).

A juventude, no meio rural, está presente na agricultura familiar por meio de sua inserção no trabalho familiar no estabelecimento agrícola, uma vez que a agricultura familiar se caracteriza pela “[...] unidade de produção agrícola onde

propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família.” (LAMARCHE, 1993, p. 15). Ou seja, a agricultura familiar caracteriza-se pela forte associação entre as esferas de produção e de consumo, em estabelecimentos agropecuários em que a “[...] gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho são provenientes de indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento” (ABRAMOVAY, 1998, p. 146).

Para a pesquisa do Censo Agropecuário 2006, o IBGE adotou o artigo 3º da Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, que considera como agricultor familiar aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: a) não detenha área maior do que quatro módulos fiscais; b) utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento; c) tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento; d) dirija seu estabelecimento com sua família.

Baseado nesses critérios, o Censo Agropecuário 2006 registrou que, no Brasil, de um total de 5.175.489 estabelecimentos, 4.367.902 (84,4%) são de agricultura familiar, os quais ocupam 24,3% da área dos estabelecimentos agropecuários brasileiros (IBGE, 2009, p. 19). O número total de pessoas vinculadas à agricultura familiar registrado censo 2006 foi de 12,3 milhões de pessoas (74,4% do pessoal ocupado), a maioria (dois terços do total das pessoas) das quais eram homens (IBGE, 2009, p. 21).

Conforme Menasche et al., (1996), como a agricultura familiar da região Sul do Brasil tem um caráter paternalista resultando disso uma divisão de trabalho por sexo e geração, visualiza-se que as mulheres (e, de um modo geral, também as crianças e os jovens) ocupam uma posição subordinada, apesar delas serem as principais responsáveis pelas atividades de manutenção do núcleo familiar e desempenharem um papel fundamental no trabalho relacionado às lavouras e criações. No entanto, embora a mulher possua um papel fundamental percebe-se a desvalorização do trabalho feminino, pois o seu trabalho é visto como de ajuda nas atividades geradoras de renda e as atividades que são desenvolvidas sob responsabilidade da mulher são vistas como menos importantes dentro da propriedade por não serem elas que geram dinheiro.

De um modo geral, esses produtores entendem que as mulheres, as crianças e os jovens “ajudam” nas tarefas do estabelecimento familiar, tendo em vista que seu trabalho, não remunerado, faz parte de um conjunto de atividades desempenhadas cooperativamente por todos os membros da família, sob a responsabilidade de seu “chefe”, geralmente do sexo masculino, cujas atividades são vistas como “trabalho”. Em consequência, eles entendem como trabalho as atividades remuneradas e aquelas



desenvolvidas por eles próprios, como chefes dos estabelecimentos agropecuários, pelo fato de assumirem a gestão dos estabelecimentos, comprarem insumos e venderem os produtos, contatarem os técnicos e os gerentes dos bancos, e geralmente conhecerem as condições de produção e de mercado (MENASCHE et al., 1996; CARNEIRO, 2001; BRUMER 2004; BRUMER et al., 2011).

O predomínio do chefe masculino se transmite na socialização no trabalho onde as mulheres se subordinam aos homens e os jovens aos seus pais (WEISHEIMER, 2009). Para o autor, a desvalorização da força de trabalho feminina e a subordinação das mulheres funcionam como um dispositivo fundamental para a máxima apropriação do valor gerado pelo trabalho no interior da unidade de produção familiar. Como resultado, muitas mulheres – principalmente as jovens - valorizam o trabalho externo à unidade de produção, porque, quando têm um trabalho independente, elas mesmas gerenciam os recursos obtidos com seu trabalho.

Em grande parte devido à invisibilidade de seu trabalho, as mulheres tendem a deixar as áreas rurais em maior proporção do que os homens; e os jovens emigram em maior proporção que os adultos. Conforme Brumer (2004),

a seletividade da migração por idade e sexo pode ser explicada, em grande parte, pela falta de oportunidades existentes no meio rural para a inserção dos jovens, de forma independente da tutela dos pais; pela forma como ocorre a divisão do trabalho no interior dos estabelecimentos agropecuários e pela relativa invisibilidade do trabalho executado por crianças, jovens e mulheres; pelas tradições culturais que priorizam os homens às mulheres na execução dos trabalhos agropecuários mais especializados, tecnificados e mecanizados, na chefia do estabelecimento e na comercialização dos produtos; pelas oportunidades de trabalho parcial ou de empregos fora da agricultura para a população residente no meio rural; e pela exclusão das mulheres na herança da terra (BRUMER, 2004, p. 210).

Brumer (2004) examina também a forma como os jovens se inserem nas atividades da unidade familiar, geralmente de modo subalterno, pois trabalham lado a lado com os adultos e dependem de sua boa vontade para a obtenção de recursos para o lazer e a compra de objetos pessoais. Ao mesmo tempo, ocorre uma divisão do trabalho por sexo: os rapazes acompanham ou substituem os pais e as moças acompanham ou substituem as mães em suas atividades específicas.

A continuidade da profissão de agricultor, até o final dos anos 1970, era avaliada como uma obrigação moral e o conhecimento que o jovem adquiria junto à família e à comunidade era considerado suficiente para administrar a propriedade. Atualmente, a agricultura é uma atividade que se transforma rapidamente e as novas oportunidades de

renda que surgem no meio rural, como por exemplo, a produção de base agroecológica, produtos originados da agroindústria familiar, produtos com características artesanais, entre outros, apontam para a necessidade dos agricultores possuírem um nível educacional mais elevado e terem formação profissional contínua (MELLO et al., 2003).

Durston (1994, p.15) considera que “[...] os jovens rurais atualmente possuem conhecimentos e capacidades suficientes para se constituírem no principal motor do desenvolvimento rural [...]”. No entanto, a necessidade de um nível educacional maior para que o jovem possa gerir a propriedade, juntamente com as maiores oportunidades vivenciadas pela juventude em tempos atuais, fazem com que ele viva o conflito entre permanecer e sair do meio rural, sendo que muitas vezes a saída é vista como a negação do modo de vida de seus pais.

Segundo Pereira (2004), os jovens rurais das gerações passadas construíam suas experiências em espaço social mais restrito que as gerações atuais. No contexto atual as gerações possuem relações sociais e culturais mais amplas, possibilitando-lhes repensar suas identidades e suas relações pessoais. A partir da ampliação de horizontes, visualizam-se algumas dificuldades encontradas para a formação de novas unidades produtivas, pois muitos jovens não desejam dar continuidade ao processo reprodutivo das propriedades como seus pais vêm fazendo.

Isso, de acordo com Costa Júnior (2007), significa que o êxodo rural que afeta a agricultura familiar atualmente, atinge as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores. Cabe lembrar que em decorrência do processo de êxodo rural está o processo de envelhecimento da população e também, o recente processo de masculinização do campo, já que as moças estão deixando a zona rural antes e numa proporção maior que os rapazes (ABRAMOVAY et al., 1998).

O aumento da inserção de novas culturas no meio rural cria novas formas sociais e culturais, proporcionando uma mudança de comportamento naqueles que antes viviam em uma hierarquia familiar voltada ao trabalho agrícola e agora veem seus espaços ampliados com novas formas de trabalho e sociedade.

Segundo Carneiro (1998), entre as principais implicações dos processos acima mencionados, que vêm se agravando nos últimos anos, está o que se denomina de “problema da questão sucessória” na agricultura, que acontece quando a formação de uma nova geração de agricultores perde a naturalidade com que era vivida até então pelas famílias e pelos indivíduos envolvidos nos processos sucessórios. Assim, acredita-

se que o meio rural passou a ser um espaço cada vez mais heterogêneo, plural e não unicamente agrícola, onde a juventude rural é a mais afetada por meio desta diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, ajustada com o agravamento da situação da falta de perspectivas para os que vivem da agricultura, no cenário socioeconômico.

Segundo a mesma autora, deve-se considerar que os jovens procuram afirmações para o seu futuro e aspiram à construção de seus projetos, geralmente vinculados ao desejo de inserção no mundo moderno (CARNEIRO, 1998). Neste sentido, segundo Silvestro et al., (2001), a questão da sucessão vem passando por mudanças e isso ocorre devido às modificações estruturais na sociedade em geral, afetando o meio rural e o modo de vida das famílias. Por conseguinte, a escolha da profissão passa a ser livre, o fato de um jovem ser filho de agricultores não significa que ele deva ser um agricultor também.

Nestas mudanças dos padrões culturais e diluição de fronteiras entre urbano e rural, percebe-se a influência dos meios de comunicação social no processo de difusão do estilo jovem, a modernização do campo, entre outras coisas, fazendo com que as identidades locais não sejam vistas com padrões culturais únicos. As identidades locais não são homogêneas (CARNEIRO, 1998), ou seja, os jovens rurais usam roupas, calçados, coisas da moda, o que não significa que estejam negando o mundo rural e sim evidencia a vontade de estar e sentir-se dentro da cultura juvenil.

Por isso, Pereira (2004, p.28) julga ser importante em estudos,

[...] informarmos a que juventude estamos nos referindo, pois, como construção social heterogênea, além de tomá-la como plural, devemos descrever os atributos e os processos que conformam as identidades específicas levando em consideração a realidade do universo físico de recorte: trabalho, educação, transporte, comunicação, lazer, comércio, enfim, o espaço público, bem como as relações de amizade, as condições de gênero e sexualidade (espaço privado). [...] Desta forma, não podemos chegar a conceituar a juventude rural de modo generalizante. Talvez uma forma de visualizarmos a possibilidade dos jovens compartilhando certas características seja descrever diferentes juventudes inseridas na dinâmica do desenvolvimento local (socioeconômico), apontando para a trajetória histórica do lugar – sua propriedade familiar e sua comunidade – os ritos que marcam a entrada e saída da juventude (PEREIRA, 2004, p. 28).

Os jovens com maiores possibilidades de assumir, no futuro, a direção das unidades familiares de produção são os filhos que permanecem na propriedade paterna e que já saíram da escola. Conforme Silvestro et al., (2001), geralmente eles têm formação educacional tão precária que confirma a asserção segundo a qual ou se estuda ou se permanece no campo. Neste sentido, visualiza-se que muitas vezes a educação

torna-se uma espécie de “passaporte”, pois segundo Carneiro (1998), a educação escolar é considerada com uma condição para que o indivíduo se torne alguém na vida, apresentando-se como uma alternativa à atividade agrícola.

Para Brumer et al., (2000), as perspectivas da permanência dos filhos na atividade agrícola dependem principalmente das condições internas das famílias, tanto econômicas quanto sociais. Dentre elas, a autora elenca a viabilidade econômica da propriedade, a qualificação para a entrada de novos mercados, as estratégias de obtenção de rendas complementares, a relação entre pais e filhos, a questão de gênero e a escolha profissional. Esses fatores evidenciam a complexidade existente no processo sucessório, na decisão dos filhos permanecerem na propriedade ou saírem. Neste sentido, sobre as perspectivas dos jovens rurais, Siqueira (2004) identificou que os principais problemas que os jovens enfrentam na família vinculam-se ao relacionamento estabelecido entre eles e os seus pais e este pode ser um motivo para a saída do meio rural.

Pesquisas realizadas por Abramovay et al., (1998) no estado de Santa Catarina, constataram que entre os agricultores consolidados era mais frequente a sucessão geracional. Ou seja, nas propriedades que possuem melhores condições econômicas e sociais é mais comum visualizar o interesse dos jovens em reproduzir a unidade de produção. No Rio Grande do Sul, encontram-se resultados semelhantes por meio do estudo de Weisheimer (2004). O autor constatou que os jovens desenvolvem seus projetos pessoais atrelados ao meio rural nas propriedades onde a renda é mais elevada.

A situação dos jovens na agricultura familiar é marcada pela restrição ao acesso a renda monetária própria, onde dificilmente eles conseguem obter renda pelas atividades agrícolas realizadas no âmbito da propriedade (WEISHEIMER, 2009). Segundo Weisheimer (2009) 46% dos jovens do Rio Grande do Sul se encontram em propriedades com áreas entre cinco e 20 hectares e 97,5% dos jovens agricultores familiares vivem em áreas inferiores a 50 hectares. A limitação de terra pode ser um empecilho para que ocorra a motivação em ser o sucessor. Associado a isso, o excesso de poderes localizados na figura paterna também tende a ser um fator que impede a sucessão e estimula a saída dos jovens do meio rural.

Segundo Mello et al., (2003), a partir de estudos com jovens filhos de agricultores familiares do Oeste de Santa Catarina, o processo sucessório pode ser ameaçado pelo excesso de paternalidade, uma vez que ele inibe a atividade, o talento e a capacidade inovadora dos jovens e os estimula a buscar alternativas. Além do mais, a

questão da sucessão é um assunto pouco discutido no interior das famílias e por isso os jovens não são “treinados” a suceder seus pais. Para Guigou (1968), o jovem rural se vê diante de três possibilidades: se submeter à vontade das gerações adultas e abrir mão das suas potencialidades, enfrentar o conflito familiar, especialmente a relação pai-filho, ou optar pelo êxodo, definindo uma opção profissional.

No entanto, de acordo com dados apresentados por Weisheimer (2009), verifica-se a existência de casos em que os pais destinam uma pequena parcela da propriedade aos jovens, para que eles desenvolvam alguma atividade produtiva autônoma. Quando isso ocorre, os jovens procuram introduzir novos cultivos, diversificando a propriedade e gerando inovações na unidade de produção. Isso permite uma maior autonomia em relação aos pais, além de permitir maior autoconfiança e reconhecimento como agricultor.

A agricultura familiar produz novas propriedades familiares pela valorização e manutenção da casa paterna e, sobretudo pela reprodução do modo de vida ligado à atividade agrícola (MELLO et al., 2003). Porém, os jovens fazem algumas exigências para permanecerem no meio rural. Brumer (2006), em entrevistas realizadas com jovens, filhos de agricultores familiares no sul do Brasil, observa que as reivindicações abordam dois aspectos:

[...] acesso a uma renda própria, cujos recursos eles possam decidir como utilizar; e autonomia em relação aos pais. O primeiro é dificilmente equacionável dentro da economia familiar, cujos recursos geralmente são indivisíveis e ficam sob o controle do pai. Uma alternativa para os jovens é o assalariamento, principalmente no meio urbano, que marca uma ruptura temporária ou definitiva com a atividade agrícola. A solução do segundo requer a mudança nas relações familiares, através da participação maior de todos os trabalhadores familiares no processo de tomada de decisões e de um maior espaço para a atuação dos jovens (BRUMER, 2006, p.5).

Tendo o conhecimento das reivindicações dos jovens rurais e sabendo que elas nem sempre são passíveis de serem atendidas, tem-se a problemática da evasão, ou seja, a constante saída dos jovens do meio rural. Neste item, procurou-se tratar da juventude e da sucessão no contexto da agricultura familiar. Brevemente buscou-se apresentar a importância do jovem na manutenção e na reprodução de modo de vida dos agricultores. A seção seguinte trata da perspectiva orientada aos atores, os principais conceitos e a sua utilização em estudos rurais.

## 2.2 PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR: NOVOS OLHARES EM ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO RURAL

O caminho do desenvolvimento não é único nem linear. Por trás da concepção de desenvolvimento existe uma série de definições, conceituações e disputas entre o que há de normativo, científico e ideológico. Por isso, deve-se ter consciência que existem diversas visões, definições e correntes que coexistem e disputam o conceito de desenvolvimento, além de não haver somente um, mas vários desenvolvimentos. Devido ao fato da definição de desenvolvimento rural ser complexa e multifacetada ela pode ser abordada por diversas perspectivas teóricas (SCHNEIDER, 2004a).

A problemática do desenvolvimento rural no Brasil com preocupação nos atores sociais e passou a ganhar maior relevância a partir da década de 1990<sup>19</sup>. Neste sentido, em busca de modelos de desenvolvimento mais igualitários, que visassem o modo de vida das pessoas e principalmente a capacidade de escolha, e o poder de agência dos atores sociais, abordagens teóricas como a de Franck Ellis (*Livelihoods*), Amartya Sen (Capacitações/Liberdades), Noman Long e Jan Douwe Van Der Ploeg (Perspectiva Orientada aos Atores) ganham destaque. Isso se dá devido ao processo e as mudanças socioeconômicas que estão acontecendo no cenário global, dentre as quais, baseando-se em outros autores, Schneider (2004a, p.93-94) apresenta quatro elementos-chave que emergem no recente debate sobre o desenvolvimento rural: a erradicação da pobreza rural; o protagonismo dos atores sociais e sua participação política; o território como unidade de referência; e a sustentabilidade ambiental.

Conforme Long e Ploeg (1994), os modelos de desenvolvimento, socialistas ou capitalistas, contaminados por visões deterministas, lineares e externalistas das mudanças sociais fizeram com que, nos últimos anos, investiram-se grandes esforços visando reconciliar a análise estrutural dos processos de desenvolvimento com uma análise centrada nos atores. Para os autores, uma abordagem teórica mais direta e mais desenvolvida, centrada nos atores, a partir de uma nova conceituação de estrutura, pode ajudar a transpor esse impasse teórico.

---

<sup>19</sup> A concepção de desenvolvimento passou por diversas e diferentes concepções, desde a ideia das etapas a serem superadas (ROSTOW, 1974), do desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico (DELFINO NETTO, 2009), do desenvolvimento sustentável, da participação dos atores sociais, entre outras.

Apesar de seus argumentos não serem claros na literatura relativamente recente sobre desenvolvimento, sempre existiu uma abordagem oposta à análise estrutural. Essa abordagem é designada de paradigma centrado nos atores. A base do interesse nos atores sociais é a convicção de que, embora algumas mudanças estruturais resultem do impacto de forças externas (devido à intromissão do mercado ou do estado), é teoricamente insatisfatório fundamentar qualquer análise no conceito de determinação externa (LONG; PLOEG, 1994; LONG, 2001).

Neste sentido, a perspectiva orientada aos atores é um referencial teórico-metodológico que surge criticando as perspectivas estruturalistas e a falta de reconhecimento do papel dos atores sociais. A abordagem vem sendo desenvolvida principalmente pela escola de Wageningen, na Holanda, desde o final da década de 1970, no entanto, somente a partir de meados dos anos 1980 é que ela se expande e ganha reconhecimento. Norman Long e, mais tarde, Jan Douwe Van der Ploeg, procuraram desenvolver um aporte teórico que compreendesse as estratégias adotadas pelos camponeses para superar obstáculos macro ambientais, medidos por meio de fatores endógenos e alheios aos atores sociais. Embora a perspectiva elaborada por Long e Ploeg tenha sido criada no contexto dos camponeses, atualmente ela tem sido utilizada para explicar a heterogeneidade da agricultura familiar, a exemplo do presente estudo.

Long parte do empenho realizado por Giddens<sup>20</sup> em formular uma teoria da estruturação que coloca fim aos esforços de estabelecimento de impérios, buscando por meio das ciências sociais estabelecer o estudo da totalidade social para, a partir de um reelaborado modelo de estrutura, entender a heterogeneidade da ação social por meio do paradigma orientado aos atores (CARAVALHEIRO; GARCEZ, 2007).

A abordagem dos atores permite que se tenha um foco inicial voltado à explicação das respostas diferenciais para circunstâncias estruturais semelhantes, mesmo quando as condições parecem relativamente homogêneas (LONG, 2001). Ou seja, a abordagem começa com a simples ideia de que formas sociais diferentes desenvolvem-se sob as mesmas circunstâncias ou sob circunstâncias similares. Essas diferenças refletem variações nas formas como os atores tentam lidar, cognitivamente e organizacionalmente, com as situações que encontram (LONG; PLOEG, 1994).

---

<sup>20</sup>Sociólogo britânico, renomado por sua Teoria da estruturação. Considerado por muitos como o mais importante filósofo social inglês contemporâneo, tem mais de vinte livros publicados ao longo de duas décadas. Do ponto de vista acadêmico, o seu interesse centra-se em reformular a teoria social e reexaminar a compreensão do desenvolvimento e da modernidade. As suas ideias tiveram uma enorme influência quer na teoria quer no ensino da sociologia e da teoria social em todo o mundo.

Para Long e Ploeg (1994), a abordagem centrada nos atores enfatiza a importância de valorizar a forma como os próprios agricultores moldam os padrões de desenvolvimento agrário. Ela visa oferecer um enquadramento conceitual flexível que englobe os processos de desenvolvimento, incluindo a intervenção planejada, mas não exclusivamente.

Conforme Long (2001) é importante enfatizar que uma abordagem orientada ao ator não é uma pesquisa de ação, mas uma abordagem teórica e metodológica utilizada para o entendimento de processos sociais. Ela está preocupada com análise social, não com o projeto ou gerenciamento de novos programas de intervenção. Nesta “nova” abordagem do desenvolvimento rural, o papel dos agricultores ganha atenção especial uma vez que a perspectiva busca entender a heterogeneidade no meio rural (LONG, 2001, 1992; LONG; PLOEG, 1994), pois, as estratégias adotadas pelos agricultores para resolver as dificuldades de produção e outros problemas cotidianos são múltiplas. O desenvolvimento rural, nesta perspectiva, é visto como um contraponto ao modelo que simplesmente visualiza a agricultura empresarial.

Para Edwards (1989)<sup>21</sup> *apud* Long (2001), o desenvolvimento rural é resultado de um longo processo de experimento e inovação<sup>22</sup>, através dos quais as pessoas constroem habilidades, conhecimentos e confiança em si mesmas para formar seu ambiente, promovendo o progresso, alcançando metas de crescimento econômico, equidade, distribuição de renda e liberdade política. Além disso, entende-se que, para que o desenvolvimento rural ocorra, é necessário haver práticas e ações que visem o respeito ao ambiente<sup>23</sup> dentro da concepção de sustentabilidade.

Conforme Schneider (2004a), na perspectiva dos atores, o desenvolvimento rural seria uma tentativa de reconstrução das bases econômicas, sociais e ambientais e das próprias unidades familiares em função das limitações e lacunas inerentes ao paradigma produtivista. Como dispositivo heurístico, o desenvolvimento rural passa a ser as práticas e estratégias de sobrevivência adotadas pelas famílias a fim de garantir a reprodução (PLOEG et al., 2000).

Segundo Schneider (2004a), a abordagem do desenvolvimento rural destes autores combina um marco teórico sociológico amplo. A perspectiva apoia-se no que se chama de teorias empiricamente fundamentadas, uma vez que ela emerge de práticas e

---

<sup>21</sup> EDWARDS, M. The irrelevance of development Studies, *Third World Quarterly*, 11 (1), enero 116-135.

<sup>22</sup> De acordo com Ploeg et al., (2000, p.396) o desenvolvimento rural requer inovações de produtos, de serviços, de processos e, de forma associada, de novos mercados.

<sup>23</sup> O ambiente é entendido como todas as coisas vivas e não vivas do planeta, inclusive o homem.



ações empíricas a partir de pesquisas, principalmente de caráter etnográfico, realizadas em diversos países da América Latina, América Central e Europa. Um dos seus focos centrais é o estudo dos diversos aspectos da vida social do desenvolvimento rural e dos processos cognitivos nela envolvidos. A abordagem entende que, embora os atores tenham racionalidades e escolhas limitadas, não significa que eles sejam simples receptores e adotantes de informações e de tecnologias.

Os atores sociais buscam maneiras criativas para abordar situações muitas vezes consideradas problemáticas, como falta de recursos, seja financeiro ou natural, e de conhecimentos, baseando-se na maioria das vezes em conhecimentos tácitos, na tentativa por meio do erro e do acerto. Além dos atores não serem recipientes passivos eles não estão tão envolvidos na rotina a ponto de simplesmente seguir regras ou convenções estabelecidas. A perspectiva centrada nos atores parte do pressuposto de que diferentes agricultores definem e operacionalizam seus objetivos e práticas de gerenciamento agrícola com base em diferentes critérios, interesses, experiências e perspectivas, pois, os agricultores desenvolvem, ao longo do tempo, projetos e práticas específicas para organizar as suas atividades agrícolas (LONG; PLOEG, 1994).

Segundo Long e Ploeg (1994), abordagens teóricas como a perspectiva orientada ao ator envolvem a compreensão de fenômenos sociais mais amplos, porque muitas das escolhas identificadas e projetos desenvolvidos por estes indivíduos ou grupos terão sido moldados por processos externos aos seus campos imediatos de interação. No entanto, esta abordagem rejeita as noções causativas simples, tais como a lógica da mercantilização, a hegemonia do poder do estado, a subordinação do campesinato e a prioridade das leis do desenvolvimento capitalista e até noção de mercado.

O enfoque orientado ao ator possibilita a identificação da oposição entre a visão de desenvolvimento dos agricultores e dos agentes externos, agências, e agentes de desenvolvimento, por exemplo. Assim, os atores sociais são compreendidos como participantes ativos na construção do desenvolvimento rural. Por meio desta perspectiva pode-se avaliar como cada segmento processa informações e coloca em prática suas estratégias, em interação com outros atores e instituições.

No entanto, algumas críticas têm sido lançadas à perspectiva orientada ao ator acusando-a de centrarem-se demasiadamente as atenções no ator, nos detalhes da vida social à custa da análise estrutural, sendo, muitas vezes, em função disso, confundida com o populismo. Outra crítica considera que a perspectiva necessita de um aporte

analítico que busque integrar as determinações naturais nas estratégias sociais (MELLO, 2009, p.90).

Neste sentido, para Long e Ploeg (1994), a abordagem dos atores não negligencia as relações sociais e nem desconsidera a estrutura; as relações sociais são construídas, reproduzidas e transformadas, mas a referência se dá na construção e negociação dos projetos dos atores. Como propõe Long (2001, 1992), os atores desenvolvem em conjunto maneiras criativas para abordar as situações problemáticas e buscar recursos, materiais ou não, especialmente em se tratando de conhecimento tácito derivado de experiências passadas, em um esforço para resolver os problemas.

Por fim, segundo Long e Ploeg (1994), a abordagem centrada nos atores pode constituir uma estrutura conceitual vantajosa a vários atores sociais para que analisem suas próprias circunstâncias de vida e para que avaliem possíveis estratégias de ação. Assim, ela pode incentivar a uma determinada forma de pensamento sobre questões sociais e possibilidades de mudança.

A perspectiva dos atores foi utilizada no presente estudo em função dela, acreditar que os atores são capazes de internalizar as mudanças superando-as e/ou aproveitando-as para reproduzir as relações sociais. Entende-se que a abordagem auxilia na compreensão das percepções e na identificação dos projetos dos jovens rurais, filhos de agricultores familiares que cultivam tabaco. Também por meio deste aporte teórico-analítico busca-se elencar a capacidade que os jovens rurais possuem de modificar ou alterar o modelo dominado pela fumicultura, introduzindo novidades e diversificando os cultivos e modos de vida locais.

Neste item, buscou-se apresentar as informações fundamentais que compõem a abordagem dos atores, por meio de explanações sobre os objetivos, concepção de desenvolvimento rural e apresentando as principais críticas que a abordagem tem recebido. Dando continuidade à explanação sobre a abordagem teórica utilizada no estudo, o item a seguir apresenta os principais conceitos e noções da perspectiva orientada aos atores.

## 2.2.1 Principais conceitos, noções e ideias da Perspectiva Orientada ao Ator

A abordagem centrada nos atores utiliza uma série de noções e conceitos que a fundamentam, no entanto, neste item serão apresentados os conceitos e ideias centrais e fundamentais para o desenvolvimento e entendimento do presente estudo, deixando, por vezes, de tratar de alguns conceitos/noções da perspectiva orientada aos atores.

### 2.2.1.1 Ator

É um sujeito social que processa informação e utiliza suas estratégias nas relações sociais. O ator faz parte de uma construção social, vai além do indivíduo (LONG; LONG, 1992). Os atores constroem seus projetos dentro da arena, nos diferentes domínios, na interface com outros atores e na relação com o ambiente.

Os atores são entendidos como “sujeitos ativos” na construção dos processos sociais em que estão envolvidos. Eles não apenas respondem a pressões e impulsos sociais determinados externamente, mas são participantes e sujeitos de um processo de construção e mudança social.

“[...] os atores sociais não são vistos meramente como categorias sociais vazias (baseadas na classe ou em outros critérios de classificação) ou recipientes passivos de intervenção, mas sim como participantes ativos que processam informações e utilizam estratégias nas suas relações com vários atores locais, assim como com instituições e pessoas externas.” (LONG; PLOEG, 2011, p.24).

### 2.2.1.2 Heterogeneidade

A vida social compreende uma diversidade de formas sociais e culturais, tornando-se heterogênea, apesar de, em algumas situações, parecer homogênea. Na agricultura, a heterogeneidade implica não só a adoção ou aplicação de modelos agrícolas propostos pelo estado e por outras agências de intervenção, mas também uma ampla gama de modificações, transformações, reações e alternativas ativamente geradas. Estas modificações e reações, assim como a busca de novas estratégias, emergem a partir de estilos de agricultura, práticas agrícolas e relações sociais

existentes, as quais simultaneamente reproduzem ou transformam (LONG; PLOEG, 1994).

A modernização da agricultura levou à integração da agricultura à indústria e isso tende a homogeneização dos processos. No entanto, este fato não foi visualizado nos estudos de Ploeg (1994). Em seus estudos, o autor identificou que, em distintos lugares, mesmo a partir da modernização, os agricultores praticam diferentes estilos agrários, conforme sua cultura e história. De alguma maneira o processo de modernização foi responsável pela diferenciação, em que os agricultores adotaram estratégias diferentes para se tornarem competitivos, produzindo técnicas e objetos diferenciados.

Segundo Carvalheiro e Garcez (2007) a heterogeneidade da unidade de produção simples não decorre apenas de variações geográficas ou de desiguais ordenamentos estruturais, nem pode ser concebida como um simples resíduo a ser suplantado pelo desenvolvimento econômico e tecnológico, sua persistência está, diretamente, associada a uma multiplicidade de fatores socioeconômicos e político culturais.

### 2.2.1.3 Agência

A agência é a capacidade de conhecer e agir. Como as ações e os pensamentos são práticas sociais que tem impacto ou influência as ações e interpretações próprias e dos outros (LONG, 2001). Agência é a capacidade de processar a experiência social e projetar maneiras de enfrentar a vida. A noção de agência humana é central na abordagem dos atores, ela vai além do indivíduo; para se tornar efetiva necessita das relações sociais. A capacidade de agência estabelece um novo impulso para o paradigma do ator social e integra a ligação que objetiva reconciliar as noções de estrutura e ator. A noção possui fortes influências em Giddens.

Para Giddens (1991), o termo agência atribui ao ator individual à capacidade de processar a experiência social e projetar maneiras de enfrentar a vida. Em Long (1992; 2001), a agência atribui aos atores, à capacidade de processar experiência social e traçar maneiras de viver a vida mesmo sobre as mais extremas formas de repressão, podendo ser definida como a capacidade que os atores têm de fazer a diferença em um contexto estrutural semelhante. O autor destaca que agência vai além das intenções das pessoas em fazer determinadas coisas, mas também se relaciona às suas capacidades efetivas de

realizar tais coisas. As estruturas são totalmente produzidas e reproduzidas através da interconexão entre projetos e práticas específicas, é através da forma como os atores se interligam que eles criam, reproduzem e transformam “estruturas” particulares.

A agência depende da emergência de uma rede de atores que se tornam parcialmente envolvidos nos projetos e práticas de outro indivíduo ou de outros indivíduos. Como consequência, a agência requer capacidades de organização, pois ela não é simplesmente o resultado de certas capacidades cognitivas, poderes persuasivos ou formas de carisma que um indivíduo possa ter. A capacidade de influenciar os outros ou de transmitir uma ordem reside fundamentalmente nas ações de uma série de acontecimentos, que cada um manifesta de acordo com seus próprios projetos.

Os indivíduos isolados não são as únicas entidades que tomam decisões e agem de acordo com essas decisões, as empresas capitalistas, as agências estatais, os partidos políticos e as organizações religiosas são exemplos de atores sociais, pois todos eles têm meios para formular e tomar decisões e agir (HINDESS, 1986<sup>24</sup> *apud* LONG; PLOEG, 1994).

#### 2.2.1.4 Estrutura

A estrutura é um conjunto específico de forças impulsionadoras que demanda e explica certos fenômenos - são regras socialmente construídas e transformadas. O estruturalismo visto como um conjunto específico de forças impulsoras que postula e explica certos fenômenos não proporciona uma explicação suficiente quando se introduz a heterogeneidade na análise. Neste sentido, o enfoque do ator não pretende excluir a noção de estrutura, e sim considera a construção, a reprodução e a transformação das relações sociais específicas como tema central da análise.

Segundo Giddens (1991), os agentes humanos não são só estrutura, os indivíduos têm intenção e são conscientes das razões que os levam a praticá-las. Os agentes são reflexivos, tem capacidades, consciência e pensam sobre suas escolhas, as respostas dadas pelos atores explicam suas práticas, suas ações e suas intenções. Sendo assim, a estrutura é um produto de contínua interação e transformação mútua; as estruturas não são entidades desencarnadas, nem têm efeito linear de estruturação uniforme da prática social ou das opções dos atores. Para Long (2001), a perspectiva

---

<sup>24</sup>HINDESS, B. Actors and social relations. In: WADELL, M., I., TURNER, S.P. (Ed.). **Sociological theory in transition**. Boston: Alien & Unwin, 1986.

dos atores entende a estrutura como um produto de contínua interação e transformação recíproca dos projetos dos atores.

#### 2.2.1.5 Projetos

Os projetos são formas de articulação das práticas sociais. De acordo com Long e Ploeg (1994), os projetos são realizados em arenas específicas, tais como aquelas formadas pelas relações com o mercado, entre Estado e camponeses, agronegócio e camponeses ou entre agricultores e representantes de agricultores, entre outros. Conforme os autores existem diversas formas de fazer agricultura; os diferentes estilos de agricultura representam projetos que os agricultores construíram de maneira diferente. Na noção de projetos, os agricultores são agentes dotados de conhecimento e não apenas executores de uma lógica que lhes é exterior, eles constroem seus próprios projetos de desenvolvimento (PLOEG, 1995).

#### 2.2.1.6 Arena

A arena são os espaços onde as competições acontecem em recursos, demandas, valores, problemas e significados representações; são locais de luta e abordagens que existem dentro e entre os domínios. Conforme Long (2001), a arena pode ser interpretada como os espaços - situações sociais-, na quais os atores apresentam práticas e valores diferentes.

A arena é o lugar dentro dos domínios onde se procuram resolver divergências de interesses dos atores, é o ambiente onde há a concorrência entre diferentes práticas e valores, são situações sociais que possuem competições – disputas, sobre assuntos, recursos, valores e representações. Por isso, a noção de arena é importante para analisar os processos e projetos de desenvolvimento.

Os atores mobilizam as relações sociais e utilizam os discursos com vistas a alcançar os seus objetivos. É na arena que os atores confrontam entre si, mobilizam relações sociais e disputam seus projetos. As arenas estão sobrepostas aos elementos que constituem e habitam as opções e os espaços de manobra dos atores sociais. Os conceitos, ou melhor, as noções de campos, domínios e arena fazem a conexão dos espaços sociais, como eles se constituem e os transformam.

### 2.2.1.7 Domínios

Os domínios são áreas da vida social organizadas por um núcleo central. São os espaços que possuem regras, normas e valores que implicam um grau de compromisso social e representam valores compartilhados pelos atores sociais. A família, o Estado, os mercados, a escola, a comunidade local, são exemplos de domínios. Os domínios são essenciais no entendimento sobre a organização social, a regulação, a disputa de valores sociais, poder, entre outros fatores simbólicos (LONG, 2001). Os conceitos de domínio e de arena permitem a análise dos processos de ordenamento, regulação, disputa de valores sociais, utilização de recursos, autoridade e poder.

### 2.2.1.8 Interface

A interface é uma entidade organizada de relações e intencionalidades entrelaçadas (LONG, 2001). A noção de interface refere-se ao contato face a face entre indivíduos com diferentes interesses, recursos e poderes. Conforme Long e Ploeg (1989) a interface caracteriza os diversos tipos culturais e organizacionais que são reproduzidos e transformados no contato entre os “mundos” envolvidos no processo de intervenção e mediação sócio técnica. Os estudos da interface referem-se essencialmente a análise das discontinuidades da vida social, possibilitando analisar as inter-relações, evidenciando as discrepâncias de interesses sociais, as interpretações culturais, conhecimentos e poder. As discontinuidades ocorrem nos pontos onde se cruzam mundos de vida e domínios sociais diferentes e contraditórios.

De acordo com Guivant (1997), nas situações de interface os atores locais podem ter espaço de manobra e capacidade de negociação, que abre espaços não somente para conflitos e confrontos entre diferentes estilos de vida, instituições e diversos interesses econômicos, mas também possibilita diversos graus de adaptação. Por meio desta noção de interface pode-se entender a diversidade cultural e social, os conflitos de interesses, entre outros. Dessa forma, as situações de interface são essenciais na compreensão da implementação das políticas de desenvolvimento rural (LONG, 1988; 2001).

### 2.2.1.9 Percepções

A percepção é a imagem gerada de acordo com o contexto, com os valores, as lembranças de passado e as projeções de futuro. No processo de percepção o sujeito traz muito das vivências, experiências e noções de vida que possui. Para Oliveira (2006, p. 35) “[...] cada indivíduo tem sua interpretação de espaço, de acordo com a realidade em que vive. O espaço vivenciado é refletido nas percepções, dessa forma, não existe percepção errada ou inadequada, mas existem percepções diferentes, combinado com o espaço vivido.” É importante ressaltar que no presente estudo não foi analisado a legitimidade das percepções, mas quais são as percepções e de que maneira elas refletem nas atitudes e nas ações cotidianas dos jovens inseridos no cultivo de tabaco.

Neste item buscou-se elucidar os principais conceitos, noções e ideias que dão suporte a abordagem dos atores e ao estudo. O item seguinte procura apresentar a temática dos projetos, em especial dos projetos de jovens rurais, a partir de uma breve discussão apresentado resultados de pesquisas sobre o assunto.

## 2.3 A DISCUSSÃO ACERCA DOS PROJETOS COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES: DA PERSPECTIVA ORIENTADA AO ATOR A RESULTADOS DE ESTUDOS COM JOVENS

A ideia de projeto remete-nos a uma antecipação intencional do futuro para dar sentido ao presente, marcado pela incompletude e pela insatisfação da finitude do humano existir (GONÇALVES, 2006). O projeto é uma condição imprescindível de viabilização da existência humana. Para Velho (1994, p. 24) a noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em projeto.

Projeto é algo que não está constituído, caso contrário, deixaria de ser projeto. Neste sentido, conforme Gonçalves (2006), o sujeito pode, em determinados momentos da sua trajetória de vida definir certas intenções provisórias que fazem parte do seu projeto, mas não o esgota, porque o projeto é, por essência, uma potencialidade sempre em aberto e impossível de balizar. Segundo o autor, quando o jovem reflete em determinados momentos de transição da sua trajetória de vida, sobre a escolha de uma



formação ou profissão, planejando o seu futuro, esta atividade não é mais que uma formulação de intenções provisórias que fazem parte de um processo do projeto de si mesmo, sempre em construção.

Para Velho (2004), o projeto é pensado como uma conduta organizada para atingir fins específicos, o que não significa que a realização pessoal dependa somente da vontade do indivíduo, pelo contrário, deve-se levar em consideração que “[...] os projetos são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (VELHO, 2004, p.26). Para o autor, não há como pensar em projetos sem um conceito complementar, qual seja, o campo de possibilidades, entendido como com as alternativas construídas do processo sócio histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura, espaço de elaboração e implementação de projetos.

O projeto, portanto, não é um fenômeno puro, interno e subjetivo; não pode existir sem referência ao outro e ao social. Ele ocorre tendo em vista um repertório cultural relativamente limitado, com premissas compartilhadas em determinado universo contextual.

De acordo com Long (2001), os projetos dos atores se dão em arenas específicas. Cada projeto é articulado com projetos, interesses e perspectivas de outros atores individuais ou coletivos, dentro de um complexo de arenas entrelaçadas. A articulação pode ser considerada estratégica, consciente ou não, em que os atores envolvidos tentam antecipar as possíveis reações dos outros atores e organizações. Os atores, a partir dos domínios constituídos, formam em arenas específicas os seus projetos, que se entende como formas de articulação das práticas sociais.

Para Gonçalves (2006), atualmente, existe o consenso de que projetos atuam nas dimensões pessoais e interpessoais, históricas e sociais. Dito de outra forma, os projetos são, também, socialmente construídos, não emergem do vazio, mas dos contextos mais próximos ou mais afastados onde o sujeito se desenvolve, entre os quais uns proporcionam mais oportunidades e outros mais constrangimentos.

Os projetos e as práticas dos atores não estão simplesmente fixados dentro de macro estruturas definidas por circuitos de mercadorias e sim mediante as maneiras em que eles se entrelaçam, como eles creem, se reproduzem e transformam estruturas particulares (LONG, 2001). A criação de aliança e/ou o distanciamento de determinados atores em face de outros é uma parte essencial desta ação estratégica.

É através do complexo encontro e da mediação entre diversos atores com seus respectivos projetos que emerge a organização das estratégias de desenvolvimento, que são as rotas específicas em direção ao futuro. Essa organização é o resultado da interface de diferentes estratégias, ou o que podemos designar de interação de projetos sociais (LONG; PLOEG, 1994, p.68-69).

Os projetos são construídos a partir da interface entre os diferentes atores que circulam em seus domínios e disputam interesses. Os projetos dos atores podem se inter-relacionar de diversas formas e é através da relação e inter-relação variáveis entre projetos que a agencia se manifesta. É também por meio destas inter-relações que os projetos particulares se tornam efetivos e as múltiplas formas sociais são produzidas, reproduzidas e transformadas (LONG; PLOEG, 2011).

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhadas por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. Sua pertinência e relevância serão definidas contextualmente (VELHO, 1994, p. 46).

A noção de projeto exige que o sujeito tenha competências para construir, formular e reformular intenções de aproximação ao projeto, definir objetivos e regular o seu próprio projeto na interação conjunta com outros projetos envolventes, dos quais participa ativamente e onde simultaneamente se inscreve o seu projeto pessoal (GONÇALVES, 2006). Neste sentido, os projetos dos jovens, filhos de produtores de tabaco, são discutidos e disputados nos domínios da família, da escola, da comunidade, no grupo de jovens, entre outros, por meio da relação face a face entre indivíduos com diferentes interesses, recursos e poderes.

Cabe salientar que os projetos, assim como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através dos seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente. O projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade (VELHO, 1994). O “mundo” dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores tem uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio históricas (VELHO, 1994, p. 26).

Tratando-se de projetos dos jovens agricultores, Viera (2004) chama a atenção para o fato de que os projetos dos jovens são vistos por eles mesmos, muitas vezes, como impossíveis de serem concretizados. Por isso, em algumas situações os projetos futuros dão lugar aos sonhos dos jovens, uma vez que a noção de projeto apresenta uma estreita relação entre projetos de vida e campos de possibilidades (VELHO, 2004). Porém, acredita-se que os produtos dos atores não são simplesmente arraigados em cenários estruturais definidos, pelo contrário, através da forma como se interligam que eles criam, reproduzem e transformam “estruturas” particulares, podendo concretizar seus projetos.

Segundo Velho (1994), as diferentes vivências nas trajetórias de vida do indivíduo influenciam na construção e nas decisões sobre seus projetos de vida. A construção de projetos de vida individuais dependerá da interação com outros projetos competitivos como, por exemplo, os projetos da família (VELHO, 1994). Dentro de uma mesma localidade há diferenciações sociais de reprodução familiar e os jovens enfrentam diferentes possibilidades de realizar seus projetos. As diferentes possibilidades podem estar representando a questão de gênero, a etnia, idade, entre outras (PEREIRA, 2004).

Conforme Durston (1996), em relação a jovens rurais, as estratégias para a realização dos seus projetos de vida se fazem em um universo em que os obstáculos a serem vencidos tornam-se condicionantes. O principal empecilho está na importância da tradição paterna, em que os pais decidem o que é melhor para os filhos, mesmo que muitas vezes, estas decisões não sejam as que os jovens almejam.

A escola, através da educação, tem papel fundamental na projeção futura (PEREIRA, 2004). Do mesmo modo, a relação e o contato com a diversidade do meio urbano possibilitam adquirir ou redefinir valores que evidenciem novos padrões do comportamento e novas perspectivas para o futuro (OLIVEIRA et al., 2007).

Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de cultura e tradição particulares [...]. Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferentes e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão. (VELHO, 1994, p. 39).

Para Carneiro (2005), atualmente os assuntos que mais interessam os jovens rurais são educação, vista como uma possibilidade de melhorar de vida, e encontrar um emprego que seja menos penoso do que o trabalho na agricultura:

Apesar das dificuldades encontradas pelos jovens rurais para se estabelecerem no mercado de trabalho e da precariedade das condições de trabalho a que são submetidos, a avaliação que fazem do futuro próximo é, paradoxalmente otimista. A quase totalidade deles vislumbra um futuro melhor para suas vidas pessoais com base em dois principais fatores: a possibilidade de virem a trabalhar (ou de terem uma profissão) e do término da formação escolar (um associado a outro) (CARNEIRO, 2005, p. 252).

A afirmação da autora supracitada também pode ser visualizada nos estudos de Furlani e Bomfim (2010). As quais, em pesquisas realizadas com dois grupos de jovens (de 13 a 19 anos), - um composto por jovens moradores do meio rural e o outro formado por jovens residentes no meio urbano, no estado do Ceará- concluíram que em ambos os grupos estudados os principais projetos dos jovens, sejam eles urbanos ou rurais, eram concluir os estudos.

Oliveira et al., (2007), pesquisando jovens rurais estudantes de uma Escola Familiar Agrícola, em Tinguá, município de Nova Iguaçu/RJ, procuraram perceber as influências do meio urbano nos projetos dos jovens em função da proximidade do distrito com o centro da cidade, além da comunidade possuir alternativas de renda no turismo rural. A conclusão do estudo foi que o campo de possibilidades dos jovens não se coloca em termos de um mundo rural tradicional agrícola, já que os valores urbanos e a convivência com a cidade permeiam os projetos de vida dos entrevistados.

O sonho de muitos jovens em morar na cidade ou ter nos centros urbanos um meio de conduzir os próximos passos não significa a automática negação da identidade rural e sim uma tentativa de realizar o projeto de vida (CARNEIRO, 2005). Monteiro (2008), estudando jovens assentados de Rialma/GO, evidenciou que, dentre os projetos de vida dos jovens, o trabalho é visto como uma forma de alcançar a liberdade. Para estes jovens, o trabalho é percebido como uma maneira de continuar os estudos e melhorar as condições de vida.

Wanderley (2007), estudando jovens rurais filhos de agricultores familiares no estado de Pernambuco, visualizou que alguns jovens projetam poder permanecer no meio rural e encontrar um espaço para a realização pessoal e profissional na própria atividade agrícola ou fora dela. Para outros, o projeto de vida é ser médico, advogado, bailarina, jornalista, etc. Porém, para todos os jovens rurais, o principal projeto era vencer o isolamento, integrando o meio rural à sociedade brasileira, para ter acesso à educação.

Neste sentido, diversas pesquisas têm evidenciado (CASTRO 2005; OLIVEIRA et al., 2007; MONTEIRO 2008; FURLANI; BOMFIM 2010) que, ao se tratar do

estudo, os pais influenciam os filhos, pois veem na educação a possibilidade de melhorar de vida, encontrar um emprego e ocupar posições sociais mais altas. Sendo assim, estudar não é apenas mais um projeto dos jovens rurais, o estudo passa a ser também um projeto dos seus pais.

Os projetos dos agricultores não são simplesmente reações àqueles que são, à primeira vista, impostos por atores externos mais poderosos. Eles são ativamente gerenciados como respostas diferenciadas às estratégias e circunstâncias geradas por outros, as quais eles modificam, transformam, adotam e/ou contrapõem (LONG; PLOEG, 1994). Neste sentido, salienta-se que as trajetórias dos jovens estão situadas em contextos específicos e os projetos estão vinculados às condições socioeconômicas de cada entrevistado, por isso são construídos de acordo com suas possibilidades.

Por fim, tratando-se de estimular que os jovens projetem ações futuras em espaços rurais, a visão de Abramovay (2005) é que uma verdadeira política de desenvolvimento rural deve associar a atribuição de ativos aos jovens, dos quais o mais importante é uma educação de qualidade. Ela deve estimular um ambiente que incite a formulação de projetos inovadores que façam do meio rural, para os jovens, não uma fatalidade, mas uma opção de vida.

Para tanto, após este capítulo teórico composto de revisão bibliográfica sobre a juventude, as percepções e acerca da perspectiva orientada ao ator, o capítulo a seguir apresentará o percurso metodológico e as técnicas de coleta de dados utilizadas para a realização desta pesquisa.

### 3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Ao adentrar no município de Arroio do Tigre, em especial na discussão existente acerca da juventude rural no contexto da produção de tabaco e das medidas de restrição ao fumo, por meio da CQCT, e da diversificação de cultivos, inúmeras e intrincadas relações em torno desta temática são gradativamente percebidas, revelando a existência de disputas, diversas opiniões, percepções e projetos. Muitos interesses são visualizados, alguns opostos entre si, outros que acabam convergindo. Neste sentido, a unidade de análise selecionada para esta pesquisa são os jovens rurais filhos de produtores de tabaco que desejam permanecer no meio rural.

Nesses termos, o ponto de análise se deu na arena, termo que caracteriza o espaço de diferentes opiniões e estratégias para um determinado projeto, que discute a problemática da juventude rural em meio à produção de tabaco e a diversificação produtiva no município de Arroio do Tigre, em especial após a adesão do Brasil ao acordo da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco, no ano de 2005.

Para a delimitação e para o mapeamento da arena onde se encontram os atores sociais, foram utilizadas a pesquisa em referenciais bibliográficos e as informações coletadas no decorrer da pesquisa de campo. Os atores que fazem parte da arena em questão são as instituições e as organizações que, de alguma maneira vem discutindo a questão da juventude rural e o futuro da produção de tabaco, os agricultores, os jovens rurais que estão projetam suas vidas no meio rural.

Salienta-se que foi “seguido” um grupo específico, constituído por jovens, filhos de produtores de tabaco, que projetam suas vidas no meio rural. Ou seja, os jovens que desejam permanecer no meio rural e fazer deste espaço seu meio de vida, embora outros atores tenham sido entrevistados como forma de contrapor e compreender as percepções e os projetos dos jovens, em especial para entender a interface entre as percepções dos jovens e dos demais atores.

Entre os principais domínios que fazem parte da arena que discute a juventude rural e a produção de tabaco no município de Arroio do Tigre estão: a família, a escola, as associações, a comunidade local, a igreja, os órgãos de extensão rural públicos, representados principalmente pelo escritório da Emater e prefeitura e privados constituído pelos técnicos das empresas fumageiras e os movimentos sociais.

A metodologia do estudo caracteriza-se como qualitativa, fazendo uma aproximação com o método etnográfico, buscando o entendimento da vida social através da investigação, uma vez que a etnografia permite maior aproximação com realidade. Segundo Long (1992), a desmistificação da ciência através do estudo etnográfico das práticas científicas e do conhecimento cotidiano põe na lente uma nova série de imagens e representações das maneiras em que o mundo científico/social se constrói e se organiza.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

A abordagem qualitativa refere-se a estudos de significados, significações, ressignificações, representações psíquicas, representações sociais, simbolizações, simbolismos, percepções, pontos de vista, perspectivas, vivências, experiências de vida, analogias (TURATO, 2003). Diferentemente da pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda; não se preocupa com generalizações populacionais, princípios e leis. O foco de sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, buscando mais a compreensão do que a explicação dos fenômenos estudados. Isso não significa, entretanto, que os dados não possam ser utilizados para compreender outros fenômenos que tenham relação com o fato ou situação estudada. Para que isso possa ocorrer, o pesquisador precisa, com os dados obtidos, atingir um nível conceitual, que é o que vai possibilitar o aproveitamento da compreensão obtida no estudo específico (NOGUEIRA-MARTINS; BÓGUS, 2004).

A metodologia qualitativa admite o pesquisador como parte da pesquisa permitindo um processo reflexivo e contextual pelo seu olhar construtivo ao narrar ou reconstruir histórias (ALONSO, 1998<sup>25</sup> *apud* MARQUES, 2009). As técnicas utilizadas para a coleta e análise dos dados foram: técnica documental, bibliográfica e coleta de dados secundários, entrevistas semiestruturadas e conversas informais, observação participante, caderno de campo, dinâmica grupal e análise dos dados, as quais serão mais bem descritas a seguir.

---

<sup>25</sup> ALONSO, L.E. **La mirada cualitativa em sociologia**. Madrid: Fundamentos, 1998.

### 3. 1 UNIVERSO EMPÍRICO: DELIMITAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE ARROIO DO TIGRE

De acordo com Minayo (1994), o universo da pesquisa é o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir do ponto de vista teórico que fundamenta as observações. No presente estudo, a realidade empírica ou a limitação geográfica deu-se no município de Arroio do Tigre, estado do Rio Grande do Sul.

O município de Arroio do Tigre foi criado em 1963, desmembrando-se de Sobradinho. Ele localiza-se na microrregião Centro Serra, na região política administrativa do COREDE Vale do Rio Pardo, na encosta inferior do nordeste do Rio Grande do Sul, distante 248 km da capital, Porto Alegre.

O Vale do Rio Pardo é composto pelos municípios, a saber: Arroio do Tigre, Barros Cassal, Boqueirão do Leão, Candelária, Encruzilhada do Sul, Estrela Velha, General Câmara, Gramado Xavier, Herveiras, Ibarama, Lagoão, Pântano Grande, Passa Sete, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Segredo, Sinimbu, Sobradinho, Tunas, Vale do Sol, Vale Verde, Venâncio Aires e Vera Cruz<sup>26</sup>.

A população de Vale do Rio Pardo é composta de descendentes de origem alemã, localizados ao norte, e açoriana ao sul. Compõem o Vale 418.141 habitantes, distribuídos em uma área de 13.255,7 km<sup>2</sup> (FEE, 2011). Segundo Karnopp (2003), a região do Vale do Rio Pardo concentra 41,85% da população no meio rural e se dedica essencialmente à produção de tabaco. Conforme o autor pode-se afirmar que a produção e o processamento do tabaco é o principal organizador do espaço regional. A exceção é o município de Pantano Grande que não produz nem processa tabaco, baseando sua economia na criação extensiva de gado, na rizicultura e no extrativismo.

O município de Arroio do Tigre tem no início da sua história registros da presença de indígenas, embora pouco se conheça deste período. A chegada dos colonizadores ocorreu no século XIX, por volta de 1875, neste período, iniciou-se um processo crescente de chegada de famílias descendentes de imigrantes europeus, quase todas de origem germânica, vindas principalmente de Santa Cruz do Sul. No início da

---

<sup>26</sup> O cultivo de tabaco concentra-se em determinadas regiões dos estados, dessa forma, as regiões onde o tabaco é produzido são reconhecidas como especializadas e, portanto altamente dependente desta produção. A região do Vale do Rio Pardo é conhecida como uma região fumicultora, pois em alguns municípios o tabaco chega a responder por mais de 80% do valor bruto da produção agrícola total (MENGEL, 2011).



colonização, predominaram a exploração extrativa das matas, principalmente erva-mate e madeira.

Atualmente, na população do município de Arroio do Tigre, predominam pessoas de cor branca, as quais, na maioria, são descendentes de imigrantes europeus (após cinco, seis ou sete gerações), especialmente alemães e italianos. Como mostra a tabela 1, embora em um número bastante inferior, existem pessoas caracterizadas como de cor parda, preta e amarela. O município conta também com uma comunidade de quilombolas (descendentes de antigos escravos da região), situada na localidade da Linha Fão, no distrito de Sítio Novo.

Com relação à população dos quilombos, de acordo com o relatório da região Centro Serra do Ministério do Desenvolvimento Agrário (BRASIL, 2009), verifica-se uma excedente mão de obra, pouca disponibilidade de terra, o que dificulta o sustento das famílias. As mesmas são obrigadas a trabalhar para terceiros, o que nem sempre é possível. No quilombo, a pequena área de cada lote impossibilita o plantio de culturas de subsistência, restringindo-se a hortas e criação de pequenos animais. Apenas três famílias plantam tabaco, em terras arrendadas. A falta de recursos das famílias quilombolas não possibilita a implantação de sistemas de saneamento básico, implicando no despejo dos dejetos, sem tratamento no solo e o lixo depositado a céu aberto. A infraestrutura das comunidades é muito deficiente (BRASIL, 2009).

**Tabela 1 - Distribuição da população de Arroio do Tigre, localizadas na zona urbana ou rural, por cor ou raça – 2010.**

Cor ou raça	Rural	Porcentagem (%)	Urbano	Porcentagem (%)
Branca	5.735	85,8	5.112	85,7
Parda	605	9,0	632	10,6
Amarela	69	1,0	47	0,8
Preta	277	4,1	171	2,9
Total	6.686	100	5.962	100

Fonte: IBGE (2010).

O município possui, segundo dados do IBGE (2010), 12.648 habitantes, sendo 6.686 (52,9%) moradores do meio rural e 5.962 (47,1%) moradores do meio urbano. Arroio do Tigre possui uma área total de 318,2 km<sup>2</sup> e uma densidade demográfica de 39,74 habitantes/km<sup>2</sup>.

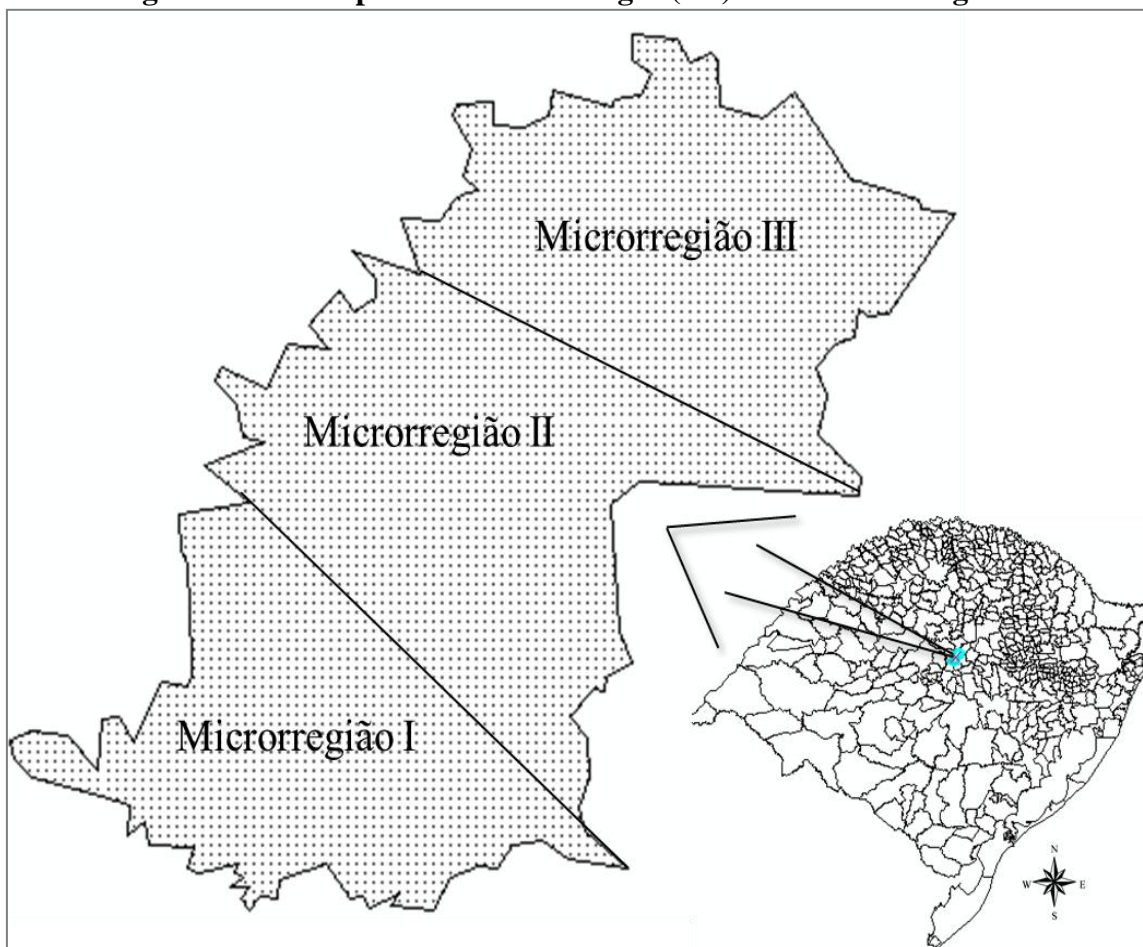
Segundo Todendi et al., (2005, p.2), o município de Arroio do Tigre situa-se na Bacia Hidrográfica do Alto Jacuí e a região apresenta uma precipitação média de 1200 a

1800 mm/ano. Pode-se dizer que, de maneira geral, a topografia do relevo é acidentado, existindo algumas exceções onde o relevo é plano e propício a produção de grãos (soja e trigo). A maioria da população rural enquadra-se na categoria agricultor familiar, em algumas áreas ainda há a criação de gado, caracterizando a pecuária familiar. A área ocupada com tabaco na região Centro Serra tem aumentado sensivelmente, resultando na diminuição da área destinada ao cultivo de alimentos básicos (TODENDI et al., 2005).

A partir das conversas realizadas e das visitas feitas durante o mapeamento e coletas de dados secundários pode-se identificar a existência, de três microrregiões dentro do município:

- a) Microrregião I: A região um é formada pelas Linhas São Roque, Taquaral e comunidades arredores. Destaca-se a declividade da região e a predominância do cultivo de tabaco nas propriedades rurais. Apesar da região ser dependente do tabaco ela é considerada pelos moradores do município como uma região desenvolvida economicamente. As propriedades são bem estruturadas com casas grandes e bonitas. A colonização predominantemente é de origem alemã.
- b) Microrregião II (central): Formada pelas comunidades do centro do município, especialmente pelas Linhas: Paleta, Progresso e uma parte do Sítio Baixo. A região destaca-se por possuir terras “férteis”, propriedades maiores, possibilitando o uso de máquinas agrícola (tratores e colheitadeiras). Os principais cultivos são de soja e milho e há a bovinocultura de leite, o cultivo de tabaco é uma atividade complementar, os agricultores não são totalmente dependentes deste cultivo. A microrregião foi colonizada basicamente foi por alemães e italianos.
- c) Microrregião III: Composta principalmente pelo Sítio Alto, Sítio Baixo, Sítio Novo, Linha Coloninha e comunidades vizinhas. A região tem uma colonização diversa, contendo alemães, italianos e descendentes de africanos. Apresenta o maior índice de pobreza e incidência de Bolsa Família do município. O relevo é bastante acidentado e o principal cultivo desenvolvido é o tabaco, em grande parte no sistema de monocultivo.

**Figura 1 - Município de Arroio do Tigre (RS) e suas microrregiões.**



Fonte: Adaptado pela autora a partir de IBGE (2006).

De acordo com Redin (2011, p. 143-148), o município é composto por 29 comunidades rurais distribuídas em sete distritos:

- a) Distrito I: Formado pelas localidades de Lambedor, Linha Turvo, Linha Cereja, Morro da Lentilha, Linha Rocinha, Linha Guabiroba e Linha Tigre, localiza-se próximo ao perímetro urbano, possui colonização alemã e as propriedades são diversificadas. Alguns agricultores participam da feira do produtor e há ainda agricultores que possuem agroindústrias familiares;
- b) Distrito II: Situa-se ao sul do município, próxima à barragem Dona Francisca, é formado pelas linhas São Roque e Taquaral. As propriedades são declivosas e rochosas, possuem casas bem estruturadas, grandes e em boas condições de uso. A produção de tabaco tipo Virgínia é predominante no distrito. Existe também produção de feijão para a venda, estando presente em algumas propriedades. A maior parte das famílias produz para o autoconsumo.

c) Distrito III: As localidades Linha Barrinha, Travessão, Linha Floresta, Linha Ocidental e Linha Ressaca compõem o distrito. As condições ambientais de solo e relevo impedem a mecanização em algumas propriedades, na Linha Ressaca e Travessão estas características são mais visíveis. O cultivo de tabaco tipo Burley é mais expressivo nesta microrregião;

d) Distrito IV: Localizado entre 10 e 35 km da cidade, é formado pelas localidades de Vila Progresso, Linha São José, Linha Santa Cruz, Linha Tamanduá, Linha Anjo da Guarda, Linha São Pedro e Linha Paleta. As propriedades são diversificadas e maiores em extensão. Considera-se um dos distritos mais desenvolvidos e diversificados do município. A maior parte do distrito apresenta relevo plano e grande parte das famílias não tem no tabaco seu principal cultivo. Elas dedicam-se a bovinocultura de leite e de corte ao cultivo de soja e milho. É mais comum a presença do tabaco tipo Burley, mas há propriedades que cultivam os dois tipos conjuntamente, Burley e Virgínia.

e) Distrito V: Situa-se ao norte do município a aproximadamente 40 km e é composto pelas localidades de Linha Sítio Alto, Linha Sítio Baixo e Linha Papo Roxo. Apresenta algumas restrições agroecológicas e o principal cultivo é o tabaco tipo Burley muito devido à falta de mão de obra. Pela distância da cidade, na comunidade Sítio Alto existe um vilarejo com comércios;

f) Distrito VI: Situa-se próximo ao município de Tunas, cerca de 40 km do centro de Arroio do Tigre, engloba as comunidades Coloninha e Despraiado. Na linha Coloninha encontram-se uma série de centros comerciais visando suprir as necessidades dos agricultores locais, tendo em vista a distância da sede municipal. O tabaco é a principal atividade desenvolvida, sobretudo o tipo Virgínia e;

g) Distrito VII: Composto pelas linhas Taboázinho, Lomba Alta e Lagoão. A microrregião caracteriza-se por ser declivosa. Há a prevalência do fumo tipo Virgínia, mas conta também com o fumo Burley (REDIN, 2011, p. 143-148).

As comunidades rurais têm uma sede que geralmente é composta por uma igreja, um salão de festas e uma escola. Em algumas comunidades há a presença de posto de saúde e uma espécie de vilarejo contendo um pequeno comércio. A comunidade Evangélica Luterana também se faz atuante no rural de Arroio do Tigre.

As famílias de Arroio do Tigre seguem, em linhas gerais, a tendência da população brasileira tanto de diminuição do número de filhos como de envelhecimento.

Os dados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010) mostram que a grande maioria dos domicílios do município (73,46% dos domicílios) possui entre dois e quatro moradores.

No Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDESE) produzido pela Fundação de Economia e Estatística, do governo do estado do Rio Grande do Sul, referente ao ano de 2008, o município de Arroio do Tigre apresenta o índice de 0,671, correspondente à 322ª posição entre os 496 municípios do estado. Sublinha-se que o índice é considerado baixo.

No caso da renda, Arroio do Tigre se situa relativamente melhor em relação aos demais municípios gaúchos, ocupando o 147º lugar, embora se verifique concentração de renda. No entanto, há indícios de que os maiores índices de pobreza se situem no meio urbano do município. No meio rural, aproximadamente 80% das propriedades rurais do município possuem área de até 20 hectares e poucas propriedades têm áreas acima de 100 hectares, sendo o módulo fiscal do município de 20 hectares.

**Tabela 2 - Estrutura Fundiária do município de Arroio do Tigre/RS.**

<b>Grupos de área</b>	<b>Número de propriedades</b>	<b>Percentual (%)</b>
Até 10 hectares	1.040	46,2
De 11 a 20 hectares	650	28,9
De 21 a 50 hectares	495	22,0
De 51 a 100 hectares	55	2,45
De 100 a 500 hectares	10	0,45
Total	2.250	100

Fonte: REDIN (2011, p. 65).

Arroio do Tigre apresenta uma posição menos favorável em relação aos indicadores de saúde, situando-se na 451ª posição, e educação, em 409º lugar, quando comparado com outros municípios do estado, indicando a necessidade de políticas específicas nessas áreas.

Em relação à saúde, o município Arroio do Tigre adota o Programa Saúde da Família (PSF), do governo federal. O PSF foi criado em 1994 pelo Ministério da Saúde. Ele é um modelo de atendimento assistencial, reorientando o sistema de saúde a partir da atenção básica, criando e mantendo equipes de saúde com vários profissionais que tem como base de trabalho as unidades de saúde. As equipes atendem as famílias de uma área delimitada, as quais são cadastradas e acompanhadas por profissionais desta unidade, incluindo o atendimento no próprio domicílio. O principal objetivo do PSF é reorganizar a prática da atenção à saúde através de novas bases e substituir o modelo

tradicional, levando a saúde para mais perto da família e, com isso, melhorar a qualidade de vida dos brasileiros. Ele busca cuidar da saúde e não tratar a doença.

O município possui dois PSF's, um que se localiza no Sítio Alto e atende os moradores desta comunidade e das linhas Sítio Baixo, Taboãzinho e Coloninha e outro que fica no perímetro urbano do município. Os postos atendem 54% da população do município. Além dos PSF's o município conta com 25 agentes comunitárias de saúde e um posto de saúde na Linha Taquaral, outro na Linha Ocidental e um terceiro que se localiza na Vila Progresso.

**Figura 2 - PSF no interior do município.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Em Arroio do Tigre há 18 escolas municipais, com um total de 1.634 alunos matriculados, entre elas 15 escolas de ensino fundamental, com 1.416 alunos, e três escolas de educação infantil, com 218 crianças. O município conta também com uma escola privada, contendo, 160 matrículas, distribuídos entre o pré-escolar (18 alunos), ensino médio (69 alunos) e o ensino fundamental (73 alunos). De acordo com o Censo Educacional 2010, o município possui ainda seis escolas estaduais com ensino médio (398 alunos) e ensino fundamental (897) alunos. Dentre as escolas estaduais, apenas uma - Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre - possui ensino médio e localiza-se no centro da cidade. As outras cinco escolas estaduais encontram-se no meio rural: Escola São João Batista de La Salle, localizada na Vila Progresso; Escola Dom Guilherme Muller, na Linha Cereja; Escola Flório Querínio Negre, na Linha São Pedro; e Escola Cristo Rei, na Linha Taquaral (BRUMER et al., 2011).

O cultivo de tabaco é a mais importante atividade agrícola desenvolvida no município. Arroio do Tigre é considerado o maior produtor sul-brasileiro de tabaco tipo

Burley (REDIN, 2011, p.110). Segundo dados da FEE (2011), o tabaco, no ano de 2010, ocupou 28,66% do total da área plantada (7.250 hectares), gerando 67,96% do valor da produção agrícola municipal (R\$ 76.833 mil). Conforme Redin (2011) existem 2.250 propriedades rurais no município e destas 2.120 desenvolvem o cultivo de tabaco.

O setor agropecuário foi o que mais contribuiu com o valor da produção no ano de 2008. A participação de 42,53% da agropecuária denota o perfil rural do município, reforçado pelos seus dados demográficos. Essa constatação permite que sejam feitas algumas considerações específicas a respeito da agropecuária local. Os dados do IBGE confirmam o conhecimento empírico da economia de Arroio do Tigre, ou seja, o cultivo de tabaco é a mais importante, tendo ocupado 28,66% do total da área plantada e gerado 67,96% do valor da produção agrícola municipal (R\$ 76.833 mil).

O segundo cultivo que mais contribuiu para a formação da renda foi à soja, em 2009. O seu valor da produção foi de R\$ 13.754 mil, ou 12,17% do total municipal. Vale mencionar, ainda, o feijão em grão, cuja renda foi de R\$ 7.760 mil (6,86% do total), para o mesmo ano, e o milho em grão, corriqueiramente plantado na resteva<sup>27</sup> do tabaco, com participação de 5,85% no total do valor da produção agrícola município (BRUMER et al., 2011).

As principais festividades do município de Arroio do Tigre, conforme Redin et al., (2008) são: o Baile do Chopp e da Linguça que ocorre no mês de fevereiro, a Festicap (festa da carpa) e a Festa do milho no mês de março, as Olimpíadas Rurais no mês de abril, a Festa do Porco em julho e a Semana do Município em novembro.

Em se tratando de instituições e organizações presentes no município que mantém relações ou represente os agricultores pode-se citar a Emater, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e a Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre (AJURATI). Esta última, por se tratar de uma associação de jovens rurais, foco deste estudo, será mais bem detalhada.

A AJURATI é uma entidade educacional, filantrópica, esportiva e recreativa, sem fins lucrativos e tem como objetivo central coordenar os grupos de jovens rurais, denominados juventudes, do município de Arroio do Tigre/RS.

A organização dos jovens do município de Arroio Tigre é histórica. Desde meados da década de 1980, a proposta de organizar grupos de jovens rurais foi apoiada

---

<sup>27</sup>Terra de onde se fez a colheita e na qual ainda se encontram restos das plantas retiradas. No caso do cultivo do tabaco, planta-se o milho ou feijão na resteva do tabaco aproveitando os fertilizantes utilizados no cultivo.

pela EMATER/ASCAR, anos mais tarde ocorreu à formação da AJURATI. Inicialmente o trabalho do grupo de jovem estava diretamente relacionado à produção agrícola, pois as primeiras atividades desenvolvidas consistiam no fomento aos jovens para que eles preparassem uma lavoura em suas propriedades. Mais tarde, os jovens sentiram a necessidade de outras atividades não somente relacionadas ao *labore*, foi então que surgiu o dia do jovem com disputas esportivas.

A associação realiza desde 1996 o evento denominado “Olimpíada Rural de Arroio do Tigre”, o qual reúne grupos de jovens de comunidades rurais de todo o município com o objetivo de promover a integração e a participação do jovem rural na sociedade. No ano de 2012 a associação promoveu a 30ª Olimpíada, desde a primeira edição até os as edições atuais, as olimpíadas vem passando por mudanças e aprimoramentos, mas cabe lembrar que a base é a realização de atividades esportivas em que somente os jovens rurais podem participar se mantêm.

**Figura 3 - Jovens prestigiando a 30ª Olimpíada Rural de Arroio do Tigre.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Atualmente a AJURATI é constituída por 18 grupos de jovens rurais, distribuídos nas diversas localidades do interior do município, as quais disputam atividades esportivas entre si proporcionando valores em comum, a saber: união, respeito, espírito de equipe, valorizando a identidade do jovem.

Os 18 grupos de jovens, denominados de juventudes, que compõem a AJURATI são: Juventude Amor e Amizade, Linha Coloninha; Juventude Amor e Flor, Linha



Cereja; Juventude Amor e Alegria, comunidade Sítio Baixo; Juventude Calouros do Amor, comunidade Sítio Alto; Juventude Construindo o Amor, Morro da Lentilha; Juventude Cristo Rei, Linha Taquaral; Juventude Decolores, Linha Lomba Alta; Juventude em Busca do Amor, Linha Tigre; Juventude Estela do Amor, Linha São José; Juventude Florestal, Linha Floresta; Juventude Independência, Linha Taboãozinho; Juventude Servir Sempre Sorrindo, Linha São Pedro; Juventude União Católica, Vila Progresso; Juventude União Esportiva, Linha Barrinha; Juventude Unida, Linha Paleta; Juventude Unida pela Igualdade, Linha Santa Cruz e; Juventude Verdade e Paz, Sítio Novo.

A AJURATI apresenta significativa importância perante a comunidade regional como promotora de integração, lazer, aprendizado, buscando valorizar o jovem rural. De acordo com Redin et al., (2008), a associação possui um papel fundamental no sentido de evitar o êxodo rural. As relações com o meio, à integração das juventudes rurais e suas conquistas contribuem como forma de desenvolvimento regional proporcionando atividades esportivas, educacionais e sociais.

Após a caracterização do universo empírico segue-se apresentando as técnicas utilizadas para a coleta e análise dos dados.

### 3.2 ESTUDO DOCUMENTAL, BIBLIOGRÁFICO E COLETA DE DADOS SECUNDÁRIOS

Na etapa do estudo documental, bibliográfico e de coleta de dados secundários, foram realizadas consultas em material documental (relatórios de pesquisas), bibliográfico, informações secundárias em sites oficiais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Fundação de Economia e Estatística, entre outros e também em pesquisas acadêmicas. A coleta de dados secundários locais se deu por meio das informações existentes no escritório da Emater, na Secretária da Agricultura, na Secretária de Educação, no Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), no Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a partir de conversas com agricultores, professores e moradores locais. Esta etapa ocorreu durante toda a fase da pesquisa e também no decorrer da organização dos dados coletados e escrita da tese.

O estudo foi realizado mediante pesquisas em fontes como tabelas, relatórios, mapas, entre outros. Ele consiste na pesquisa em documentos contemporâneos ou retrospectivos considerados científicos ou não. O estudo documental versa em uma relevante técnica na pesquisa qualitativa, auxiliando a desvelar novas informações ou então novos temas ou problemas de pesquisa.

### 3.3 DINÂMICA GRUPAL

A dinâmica grupal visou uma primeira aproximação com os jovens rurais, na qual se pretendia um panorama dos projetos destes em curto, médio e longo prazo. Ela ocorreu no dia 24 de maio de 2012, das 13 horas e 45 minutos às 15 horas, no Clube 25 de Julho, localizado no perímetro urbano do município. O convite realizado para os participantes foi feito pelo presidente e pelo vice-presidente da AJURATI, os quais convidaram alguns jovens, de acordo com os critérios apresentado abaixo, bem como de agendar data e local para a realização da dinâmica. Salienta-se que os objetivos juntamente com a proposta da dinâmica foram apresentados para a diretoria da associação de jovens rurais durante as 30<sup>a</sup> Olimpíadas Rurais de Arroio do Tigre que ocorreu entre os dias 02 a 05 de maio do corrente ano, ficando a cargo deles o convite e organização dos jovens participantes da ferramenta participativa.

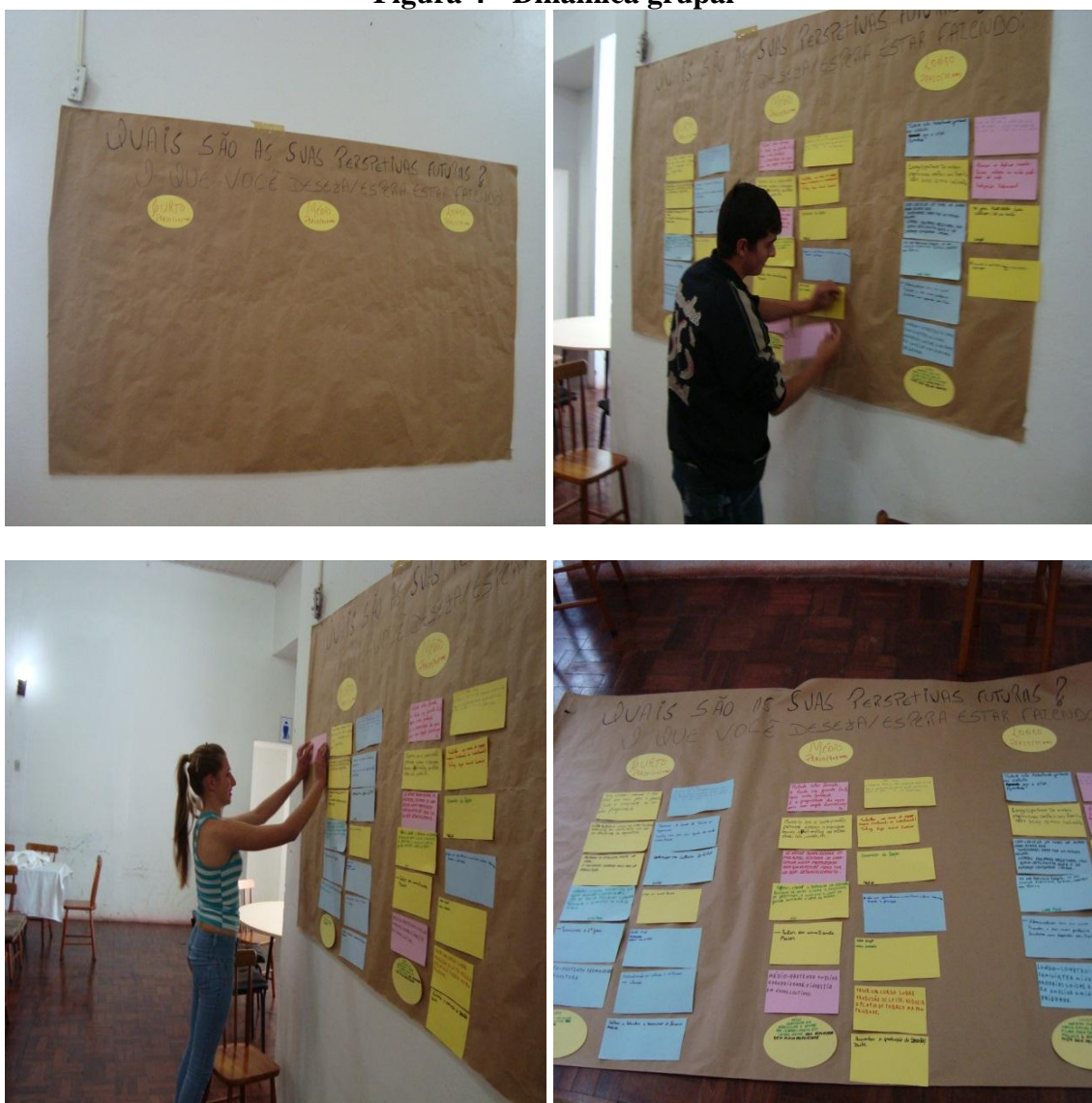
Os critérios para a seleção dos participantes da dinâmica grupal, definidos previamente, foram: residir no meio rural; ter entre 14 e 25 anos de idade; que tivesse estudantes e não estudantes; pessoas do sexo masculino e do sexo feminino; filhos de proprietários e de meeiros ou agregados; com propriedades diversificadas e com propriedades que desenvolvem apenas o cultivo de tabaco; e que tivesse jovens de diferentes e diversas comunidades rurais do município. Tais critérios visavam captar a diversidade existente entre os jovens rurais do município.

A dinâmica consistiu na breve apresentação da autora, no momento mediadora agora autor desta tese, que em seguida apresentou os objetivos e propósitos da dinâmica. As questões norteadoras “*quais são as suas perspectivas futuras? O que você espera/deseja estar fazendo em curto (2 a 3 anos), médio (4 a 8 anos) e longo prazo (daqui a 10 anos)?*” foram discutidas e apresentadas para os jovens pedindo que eles que em poucas palavras respondessem cada uma delas nas tarjetas entregues. Cada

jovem recebeu uma tarjeta (pequeno pedaço de papel) para pensar e escrever seu projeto em curto prazo.

Quando a maior parte dos jovens havia escrito, foi entregue a segunda tarjeta para que eles começassem a pensar em projetos em médio prazo, identificado no período entre os próximos quatro a oito anos. Da mesma maneira ocorreu a entrega da terceira tarjeta para a identificação dos projetos e perspectivas em longo prazo, para os próximos dez anos.

**Figura 4 - Dinâmica grupal**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Depois de finalizada a etapa de escrita das tarjetas iniciou-se a segunda etapa. Nesta, todos os jovens, um a um, colaram suas tarjetas no cartaz com as questões norteadoras explicando o que havia sido projetado e escrito, ou seja, os jovens falaram

sobre as suas perspectivas e projetos a curto, médio e longo prazo. Salienta-se que a atividade se desenvolveu com 14 jovens, três do sexo feminino e 11 do sexo masculino com idade entre 15 a 22 anos<sup>28</sup>, de nove diferentes comunidades rurais do município.

Com relação à dinâmica, ressalta-se que alguns jovens rapidamente foram escrevendo as tarjetas, outros tiveram dificuldade em entender a proposta necessitando de esclarecimentos do mediador em relação aos projetos e as perspectivas, que estes deveriam estar relacionadas ao que eles queriam ser ou estar fazendo no período de tempo determinado. Percebeu-se que os jovens que pretendiam permanecer no meio rural foram os que demoraram a entender que a questão proposta solicitava que expusessem seus projetos e que eles podiam/deveriam estar relacionado com a propriedade e as atividades agrícolas desenvolvidas.

Depois de realizada esta primeira etapa, as respostas foram agrupadas (em nuvens) de acordo com suas semelhanças e foram analisadas qualitativamente. A técnica do *brainstorming* é comumente utilizada quando se necessita de respostas rápidas a questões relativamente simples. Pode-se considerar a técnica como eficiente, pois apresenta a diversidade de opiniões e retrata a real percepção dos atores sociais. Nenhuma resposta foi descartada ou julgada como certa ou errada, todas as respostas foram consideradas na compilação dos dados e informações presentes no processo de *brainstorming* (chuva de ideias).

### 3.4 PESQUISA DE CAMPO: ENTREVISTAS E CONVERSAS INFORMAIS

As entrevistas são de ordem qualitativa, semiestruturadas e seguiram roteiros pré-estabelecidos. A entrevista semiestruturada é uma técnica de coleta de dados que supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador e que deve ser dirigida por este de acordo com seus objetivos (QUEIROZ, 1988). Neste sentido, o roteiro semiestruturado funcionou como um lembrete para o pesquisador.

O roteiro semiestruturado tem a capacidade de deixar o pesquisador e o pesquisado mais à vontade para discorrer sobre suas percepções, sendo uma espécie de

---

<sup>28</sup>A dinâmica ocorreu com jovens na faixa etária dos 15 aos 22 anos porque foram estes jovens que aceitaram participar, dentro dos critérios estabelecidos.

guia para que o entrevistador não perca o foco na conversa. Na presente pesquisa, foram utilizados roteiros semiestruturados elaborados previamente à realização das entrevistas. Entende-se que a partir da existência de alguns pontos estruturados ficaria mais fácil captar as informações necessárias ao objetivo da pesquisa.

A elaboração dos roteiros deu-se mediante a experiência e os interesses do pesquisador sobre o tema. Elaboraram-se dois diferentes roteiros, um que foi utilizado para as entrevistas com os jovens rurais, e outro que guiou as conversas (entrevistas) com líderes e agentes de desenvolvimento local, cujo objetivo consistiu em analisar a realidade dos jovens rurais e fazer um contraponto com a visão (percepção dos agentes de desenvolvimento). Os roteiros combinam perguntas abertas e fechadas, dando possibilidade para o informante discorrer sobre o tema proposto. Os roteiros de entrevistas encontram-se nos apêndices A e B.

A entrevista é uma forma de interação social, é uma espécie de diálogo assimétrico em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 1999, p. 117). Pode-se dizer que a entrevista é uma conversa a dois com propósitos bem definidos. No contexto da atual pesquisa, a entrevista emerge a fim de angariar informações e percepções, por isso, inicialmente foi realizado um mapeamento dos jovens rurais existentes nas diferentes comunidades rurais do município. Em seguida procurou-se identificar os jovens que pretendem permanecer no meio rural. Salienta-se que, apesar de ser realizado um mapeamento dos jovens rurais do município, o aprofundamento do estudo se concentrou em alguns casos.

A prioridade, portanto, está na maior representatividade das diferenças entre os jovens rurais, por isso, o estudo priorizou a maior representatividade das diferenças entre os jovens rurais, para isso, buscou-se entrevistar filhos de produtores de tabaco com contexto socioeconômico variados, de diferentes faixas etárias, que situavam entre os 14 e 25 anos, de ambos os sexos, filhos de proprietários e de não proprietários de terra (meeiros, agregados, parceiros), jovens que possuem propriedades diversificadas e jovens com propriedades com o monocultivo de tabaco, participantes e não participantes dos grupos de jovens existentes no município e jovens que estão estudando e que já param de estudar.

Além de jovens e de alguns agricultores, 18 jovens e quatro agricultores, foram entrevistados, mediante roteiros semiestruturados, oito líderes e agentes de desenvolvimento local, envolvidos direta ou indiretamente, com a problemática da juventude rural e com o cultivo do tabaco (na cadeia produtiva local), a saber:

presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Secretário da Agricultura (gestão 2009/2012), Presidente da Associação de Jovens Rurais, Extensionista da Emater, Extensionista da Emater aposentado (responsável pela criação dos grupos de jovens rurais), Assistente Social, Secretária de Assistência Social e uma professora que representou a Secretaria da Educação.

Também se conversou com agricultores residentes na Linha Taquaral e no Sítio Alto, com uma Enfermeira, um Professor aposentado (representante do Conselho Municipal de Política Agrícola - CONDEPA) do Sítio Alto, com um dos padres do município, com um técnico de uma fumageira, com proprietários de estabelecimentos comerciais localizados no meio rural (mercado), com o vice-presidente da associação de jovens rurais, com os técnicos do projeto de diversificação produtivas numa parceria do Ministério do Desenvolvimento Agrário com o Movimento dos Pequenos Agricultores e com membros da coordenação e ativistas do Movimento dos Pequenos Agricultores. Salienta-se que as entrevistas com os agricultores foram classificadas como conversas informais e por isso não seguirão um roteiro pré-estabelecido.

Ressalta-se que se denominou de líderes e agentes de desenvolvimento local os atores envolvidos direta ou indiretamente com a juventude rural e com o cultivo de tabaco, seja representando uma instituição, organização, se relacionando com os jovens e com os produtores, ou ainda, que por alguma outra razão participe da arena que discute a juventude rural e a produção de tabaco em Arroio do Tigre.

Entrevistaram-se jovens em suas residências, em suas propriedades, na escola, na sede do MPA e na antiga escola técnica agrícola durante as atividades do projeto Alcançando a Redução do Trabalho Infantil pelo Suporte à Educação (ARISE). Conversou-se com jovens solteiros, namorando, noivos e casados. Com jovens que pretendem suceder os pais na unidade de produção, com jovens que almejam adquirir novas áreas de terra, com jovens filhos de proprietários e jovens filhos de meeiros (agregados); jovens que participam e com jovens que não participam da AJURATI, com jovens bem jovens, outros nem tanto.

Para identificar e realizar as entrevistas com jovens rurais filhos de produtores de tabaco que pretendem permanecer no meio rural contou-se com a ajuda de alguns agentes de desenvolvimento e líderes locais. Os jovens foram indicados pelo presidente da AJURATI, pelo presidente do STR, durante as várias conversas que tivemos, por representantes do MPA, por professoras da Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre, por proprietários de centros comerciais (mercados) rurais, entre outros. Também

se aproveitou as Olimpíadas Rurais, organizadas pela associação de jovens do município, que ocorreram entre os dias dois e cinco de maio de 2012 para realizar alguns contatos e algumas entrevistas. O espaço das Olimpíadas Rurais foi de suma relevância, uma vez que possibilitou a aproximação entre o pesquisador e diversos jovens e agentes de desenvolvimento, permitindo conhecer, identificar e selecionar alguns atores sociais que foram entrevistados e estudados mais detalhadamente.

As entrevistas, que foram gravadas mediante autorização dos jovens, duraram em média entre 20 e 50 minutos, prevalecendo às entrevistas de 25 minutos. Seguiu-se um roteiro pré-elaborado para guiar o diálogo. No entanto, em alguns casos mediante a timidez do jovem, o roteiro se aproximou de um questionário, pois eles respondiam como se fosse um questionamento não delongando nem aprofundando o assunto. Salienta-se que todos os direitos foram preservados, inclusive a de não participação, bem como ficou garantido o sigilo e o anonimato em relação aos colaboradores.

Para a definição do número de entrevistados, seguiu-se Minayo (1994) considerando-se o número suficiente para a reincidência das informações; e escolheu-se um conjunto de informantes que possibilitou a apreensão de semelhanças e diferenças. Para tanto, entrevistou-se um total de 18 jovens, de 11 diferentes comunidades rurais distribuídas nas três distintas microrregiões identificadas no município, como pode ser visualizado na tabela 3 abaixo.

**Tabela 3 - Comunidades rurais e número de jovens entrevistados em cada microrregião.**

	<b>Comunidade Rural</b>	<b>Número de Jovens Entrevistados</b>
<b>Microrregião I</b>	Linha Taquaral	3
	Linha Ocidental	1
	Linha Barrinha	1
	Linha Cereja	1
	São Roque	1
<b>Microrregião II</b>	Vila Progresso	2
	Linha Paleta	2
	Linha São Pedro	2
<b>Microrregião III</b>	Linha Coloninha	2
	Sítio Novo	2
	Sítio Baixo	1

Fonte: Elaborada pela autora.

Como é possível visualizar na tabela acima, foram entrevistados sete jovens da microrregião I, seis jovens da microrregião II e cinco jovens da microrregião III. Devido à proximidade entre a microrregião I e o perímetro urbano do município de Arroio do Tigre e, por consequência deste fato, os agentes de desenvolvimento e líderes locais

terem maior conhecimento acerca dos jovens rurais desta microrregião, teve-se maior facilidade em encontrá-los realizando mais entrevistas com os jovens desta região em relação às demais microrregiões.

As entrevistas com os jovens ocorreram em espaços distantes dos seus pais e demais familiares, procurou-se realizar as entrevistas em locais que os deixassem à vontade para falar sobre as suas percepções e as suas projeções sem a preocupação de sofrer represália ou mesmo a influência dos pais e familiares em suas respostas. As entrevistas só iniciaram após o pesquisador explicar os objetivos da pesquisa ao entrevistado e este conceder a autorização por meio da assinatura no termo de livre consentimento, que se encontra no apêndice C.

### 3.5 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Com origem na antropologia e na sociologia, a observação participante é geralmente utilizada na pesquisa qualitativa para coletar dados em situações em que as pessoas se encontram desenvolvendo atividades em seus cenários naturais, permitindo examinar a realidade social (HOLLOWAY; WHEELER, 1996<sup>29</sup> *apud* LIMA et al., 1999).

A observação participante se diferencia da simples observação, em função de exigir uma integração entre pesquisador e a comunidade a ser analisada. Por isso, é necessário que o pesquisador seja aceito pelo outro, por um grupo e pela comunidade para que se coloque na condição ora de partícipe, ora de observador, pois é preciso que esse outro se disponha a falar da sua vida (MINAYO, 1994). Na observação participante o observador compartilha das vivências através do contato direto. Ele procura estar imerso nas situações sociais e observar de forma mais aprofundada possível. Neste sentido, a observação pode trazer dados para a pesquisa que as entrevistas não foram capazes de captar.

A observação participante ocorre mediante o contato direto do pesquisador com o fenômeno observado. O observador mantém relações com os observados podendo

---

<sup>29</sup> HOLLOWAY, I., WHEELER, S. **Qualitative research for nurses**. Great Britain: Blackwell Science, 1996.



modificar e ser modificado pelo contexto. O pesquisador pode encontrar e negociar papéis de atuação em espaços de interação com a rotina cotidiana das comunidades como observador participante, como colaborador ativo ou com papel negociado (ALVEZ, 2008, p.48).

Neste estudo, utilizou-se a observação participante como uma estratégia complementar às entrevistas realizadas, sendo, de certa forma uma maneira de analisar as percepções dos atores contrapondo os seus discursos com o que o pesquisador tem observado na prática cotidiana. É necessário identificar as diferentes práticas, estratégias e racionalidades dos atores (LONG, 2001, p.54), para isso, os jovens foram observados em seus ambientes familiares, no local do *labore*, na escola e em eventos esportivos, como a olimpíadas realizadas pela AJURATI, com o objetivo de coletar informações adicionais. As informações coletadas nesses espaços foram anotadas no caderno de campo que, juntamente com as entrevistas, serviu de base para a escrita e desenvolvimento desta tese.

A pesquisa participante caracteriza-se pela interação entre pesquisador e os atores responsáveis pelas ações investigadas, no entanto, o objetivo do pesquisador não é ser considerado igual e sim ser aceito pelo grupo. Através desta forma de observação, buscou-se compreender o ponto de vista dos indivíduos por meio da perspectiva interna, no espaço onde os atores sociais estão inseridos. Ressalta-se ter clareza que a presença do observador pode provocar mudanças no comportamento e nas ações do observado, reduzindo e/ou alterando sua espontaneidade. Neste sentido, lembra-se que o pesquisador foi bem recebido entre os agentes, agricultores e jovens, conseguindo ser aceito e expressar os propósitos do estudo. Com alguns jovens houve uma maior interação, com outros menos, mas pode-se dizer que as pessoas estavam dispostas a falar, conversar, dar informações, fazer indicações e serem entrevistadas, enfim, os atores consideram o estudo relevante e necessário para a realidade local.

O período de coleta de dados foi de maio de 2012 a fevereiro de 2013. O primeiro contato e também busca de informações e materiais ocorreu durante as 30<sup>a</sup> Olimpíadas dos Jovens Rurais de Arroio do Tigre. De acordo com Redin, (2009), as Olimpíadas Rurais estimulam a organização de grupos de jovens de todo o município, constituindo-se no maior evento do gênero, no estado do Rio Grande do Sul, reunindo cerca de dois mil jovens. Sua importância encontra-se no fortalecimento da identidade do jovem rural, bem como influencia nas perspectivas futuras. Neste ano o tema das olimpíadas foi: “*Jovens rurais buscando o seu espaço e olhando para o futuro*”.

A coleta de dados se deu no decorrer de cinco idas a Arroio do Tigre. Em média, passou-se de três a cinco dias em cada estada no município. Deslocava-se até o município com uma espécie de roteiro, com um plano de trabalho que continha as informações que se pretendia angariar e com as pessoas que se pretendia conversar e/ou entrevistar. De maneira geral, cada vez que se esteve no município conseguiu-se fazer o planejado e ainda perceber lacunas e novas demandas para a próxima ida a campo.

Nos primeiros dias no campo, ou seja, na primeira e na segunda ida ao município de Arroio do Tigre, buscou-se mapear o território, ou seja, procurou-se diagramar o espaço físico em que o pesquisador usaria seu tempo; essa providência auxiliou a organização da pesquisa e, ao mesmo tempo, permitiu uma familiarização com o ambiente. Foi a partir do mapeamento que se identificou três microrregiões distintas no município e a partir de então que se buscou conhecer as suas diferenças e especificidades e a entrevistar moradores e jovens rurais.

A cada retorno do campo, organizava-se o material, redigia-se o caderno de campo e as principais anotações realizadas em blocos e em cadernetas durante as entrevistas e observações realizadas, ouviam-se e transcreviam-se as entrevistas, conversava-se com o orientador e realizava-se o planejamento de quais seriam os novos dados a serem coletados na viagem seguinte.

### 3.6 CADERNO DE CAMPO

O estudo contou ainda com a utilização do caderno de campo. A técnica de anotar em um caderno de campo permite o registro detalhado de informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação - observação/entrevista. O caderno de campo é composto pelas entrevistas e pelo conteúdo das observações, contendo uma parte descritiva e uma parte reflexiva (BOGDAN; BIKLEN, 1982<sup>30</sup> *apud* LIMA et al., 1999).

O caderno de campo, utilizando a expressão de Neto (1994, p.63) foi um “amigo silencioso”. Nele, foram anotadas as percepções, as angústias, os questionamentos, as

---

<sup>30</sup>BOGDAN, R., BIKLEN, S.K. **Qualitative research for education: an introduction to theory and methods.** Boston: Allyn and Bacon, 1982.

reflexões e as informações que não foram obtidas por meio das entrevistas gravadas. No caderno de campo também foi realizado o registro do modo como se estabeleceram os contatos, a forma como o entrevistador foi recebido pelo entrevistado, à disponibilidade em dar entrevista, o local onde à entrevista ocorreu (casa, lavoura, escola, festa, entre outros), a postura, os gestos e expressões corporais, além do tom de voz dos entrevistados, pois, se entende que desta forma seria possível chegar mais próximo possível das percepções dos entrevistados.

O registro sistemático das imagens e fotografias tiradas no campo foi inserido no caderno de campo e depois foram incluídas no decorrer da tese a fim de evidenciar, o objeto e local em que as observações foram sendo realizadas.

### 3.7 ANÁLISE

Após a coleta das informações foi realizada a transcrição das entrevistas e a sistematização dos dados. A análise é um processo de descrição dos dados coletados e a interpretação consistiu num processo de reflexão sobre o que foi descrito, a partir de estudos realizados *a priori*, que extrapolam os dados da pesquisa ou comparam esses dados com outras pesquisas semelhantes.

Para a análise do material coletado na etapa de campo, utilizou-se a análise dos discursos, as falas dos atores entrevistados. Salienta-se que foram analisados os trechos das falas de cada um dos atores entrevistados. Ou seja, utilizaram-se as falas, os enunciados dos atores, seus aspectos mais significativos que expressaram de fato o que eles acreditam a partir dos questionamentos centrais desta pesquisa. Fez-se isso porque a perspectiva dos atores considera importante desvendar os discursos utilizados nas arenas específicas, em especial onde os atores disputam o controle dos recursos.

O discurso dos atores foi captado por meio das entrevistas e das conversas informais, mediados pelo pesquisador. Assim como, através do acompanhamento realizado pelo pesquisador no dia a dia de alguns atores (jovens, agricultores e agentes de desenvolvimento local) durante a fase de pesquisa de campo, pois é importante reconhecer que os discursos não estão separados da prática social (LONG, 2001).

Segundo Long (2001, p.112), dentro de perspectiva centrada nos atores, uma maneira útil para explorar a transcendência de repertórios culturais particulares e as formas em que interagem e interpretam segundo a situação é a análise do discurso. A análise do discurso é o estudo das práticas linguísticas para esclarecer as relações sociais estimuladas e mantidas pelo discurso (IÑIGUEZ, 2004). Conforme Long:

[...] por discurso entende-se um jogo de significados insertos nas metáforas, representações, imagens, narrativas e declarações que fomentam uma versão particular da verdade acerca dos objetos, pessoas, eventos e das relações entre eles. Os discursos produzem textos escritos, falados, e mesmo não verbais. (LONG, 2001, p. 112).

A análise do discurso procura compreender a língua interpretando os sentidos, levando em consideração os atores que falam e as situações em que as falas são produzidas, ou seja, a análise da linguagem em seu uso. Nesta perspectiva, o pesquisador se interessa pelas relações psicológicas do entrevistado, entendendo que não basta apenas explicar possíveis imagens e sim, que é imprescindível o interesse pelas imagens discursivas aportando às ao contexto social e histórico.

A análise do discurso pode mostrar que as análises ultrapassam os limites da frase. Ela busca a subjetividade do enunciado, apresentando não o que o texto quer dizer, mas como ele faz para dizer. O início da análise do discurso se dá por um recorte que consiste na identificação de fragmentos dotados de sentidos. Este recorte pode ser a análise de entrevistas, as quais se selecionam os fragmentos que representam (que se referem) aos sentidos da trajetória.

De acordo com Nogueira (2001), na perceptiva da análise do discurso, não se pretende nem se proclama a descoberta da verdade acerca da realidade, mas se oferece uma interpretação ou versão que é inevitavelmente parcial. O estudo da análise do discurso busca respeitar a ideia de que nenhuma verdade é única e absoluta, pois envolve o estudo de outras pessoas que tem suas próprias visões. Além disso, pode refletir o entendimento do pesquisador e dos seus interesses especiais. Por fim, salienta-se que é impossível se alcançar a verdade porque a realidade não é simples nem regular, existindo muitas realidades e por isso, muitas verdades.

Em relação à forma como os discursos foram analisados, salienta-se que se voltou diversas vezes aos dados, pois na medida em que se ia ouvindo as gravações e/ou lendo as transcrições, analisando o caderno de campo, olhando as fotografias tiradas e recorrendo às anotações realizadas, aspectos importantes emergiam e contribuía para a

realização da análise. Não há dúvida que outras leituras também são possíveis, já que todo texto é ambíguo e difuso, porém o que a análise deve fazer é identificar os efeitos principais ou mais relevantes conforme o questionamento que o analista fez.

Por fim, lembra-se que será seguida a regra do anonimato com o consentimento e a responsabilidade pela divulgação das interpretações realizadas implícitas a análise do discurso.

## **4 OS JOVENS RURAIS DE ARROIO DO TIGRE: ANÁLISE DE SUAS PERCEPÇÕES E PROJETOS**

Este capítulo busca descrever e discutir os principais resultados encontrados no decorrer da pesquisa de campo em relação às percepções e projetos de vida dos jovens rurais de Arroio do Tigre. Buscou-se inicialmente apresentar a arena que discute as questões ligadas à juventude rural, a produção de tabaco e a diversificação de cultivos. Na seção seguinte apresentam-se os resultados obtidos a partir da dinâmica grupal caracterizam-se os jovens rurais que estão permanecendo no meio rural, discute-se acerca do ser jovem e da relação dos jovens com o cultivo predominante no município que é o tabaco.

### **4.1 A JUVENTUDE RURAL E A PRODUÇÃO DE TABACO EM ARROIO DO TIGRE ANALISADA A PARTIR DA ARENA SOCIAL EXISTENTE NO MUNICÍPIO**

Visando responder ao primeiro objetivo desta tese de doutoramento - identificar quem são os atores, na arena de Arroio do Tigre, que participam do debate em relação à juventude rural, à produção de tabaco e à diversificação produtiva-, no decorrer deste item procura-se apresentar os principais atores e agentes que compõem a arena. Busca-se elucidar as principais visões e percepções de cada um deles em relação ao tabaco e a diversificação produtiva, bem como as principais ações desenvolvidas em prol da juventude rural.

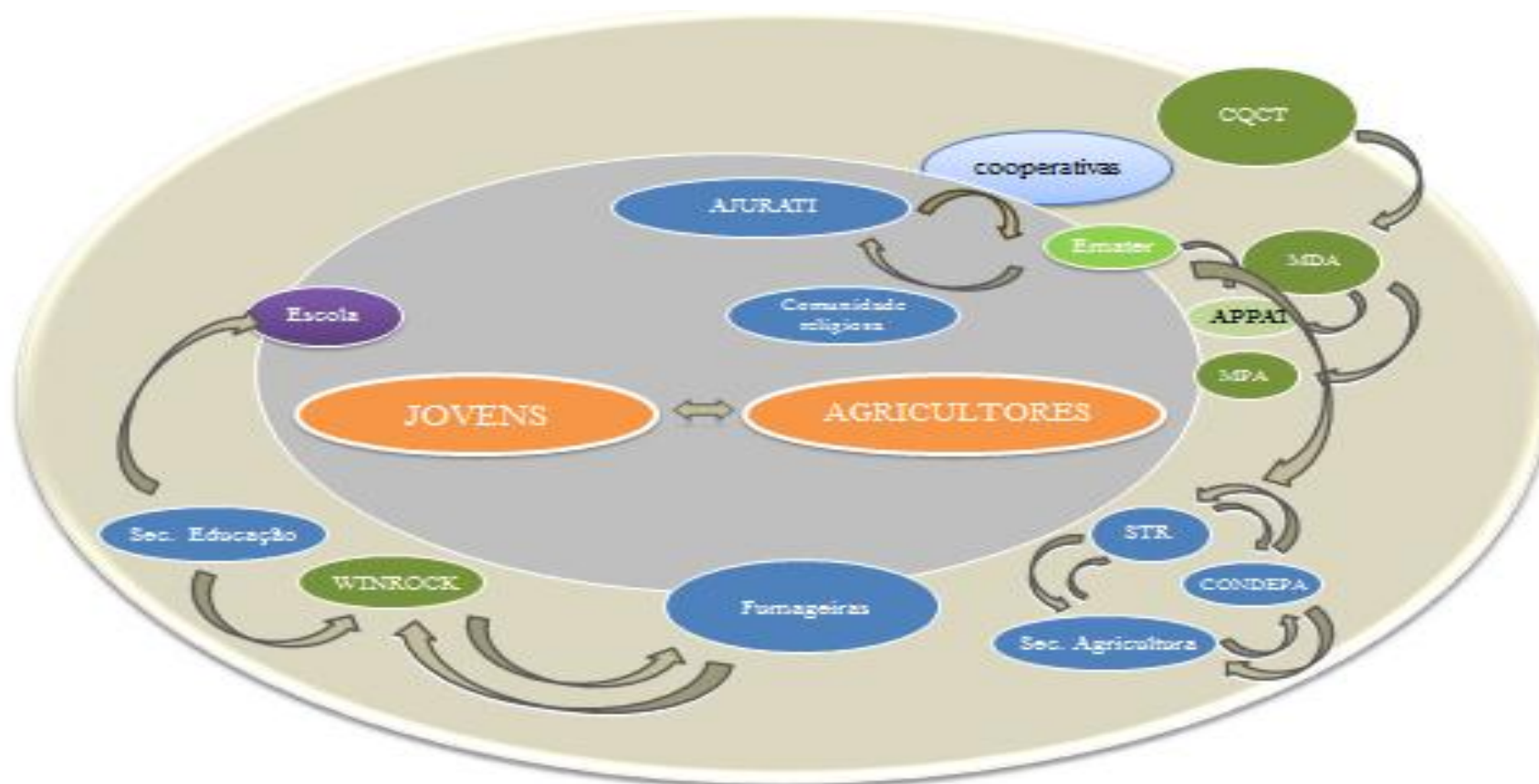
As arenas são situações sociais onde os atores se confrontam uns com os outros, mobilizam as relações sociais e utilizam discursos no sentido de ganhar fins específicos (LONG, 2001). Nesses espaços, existe a disputa pela hegemonia dos projetos por atores individuais e coletivos. Nas arenas existem esforços para resolver as diferentes percepções que os atores têm do mundo. As arenas de disputa, de negociações, são os espaços sociais onde se dão as interfaces.

São arenas de disputas e concentração de interesses servindo também como possíveis ambientes para os sujeitos sociais que deles participam, constroem a sua

cidadania e adquirirem “poder participativo” para influenciar positivamente na escolha de ações específicas, tanto para os jovens quanto para a diversificação produtiva.

A arena que discute a questão da juventude rural, a produção de tabaco e a diversificação de cultivos no município de Arroio do Tigre é formada principalmente pelos jovens, agricultores que produzindo ou não tabaco, estão neste meio, as comunidades, pelas Empresas Fumageiras, Escolas, Associação de Jovens Rurais, Associação dos Pequenos Produtores de Arroio do Tigre, Organização não Governamental - *Winrock*, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Emater, Movimento dos Pequenos Agricultores, Conselho de Política Agrícola, Secretária da Agricultura e Secretaria da Educação, Ministério do Desenvolvimento Agrário e o acordo internacional da Convenção Quadro para Controle do Tabaco. Salienta-se que em maior ou menor medida há atores que estão mais preocupados com os jovens, outros com a diversificação de cultivos e há ainda atores que participam da arena defendendo a importância do tabaco para as famílias de agricultores e para o município de forma geral.

Figura 5 - Arena que discute a juventude rural, a produção de tabaco e a diversificação produtiva em Arroio do Tigre/RS.



Fonte: Elaboração própria.



Na figura apresentada, é possível observar como está constituída a arena de Arroio do Tigre e, conseqüentemente, os atores que estão mais próximos e que possuem mais envolvimento com os jovens rurais. Tentou-se apresentar os espaços de discussões identificando os que possuem discursos e projetos que incluem os jovens até os atores a nível macro, que influenciam nas ações e decisões locais. Enfim, a figura procura evidenciar a disputa por projetos sociais e as interfaces presentes na arena.

Os atores foram apresentados na figura com diferentes colorações, sendo que as cores representam os diferentes discursos e projetos. A cor azul representa os atores que possuem discursos em prol do tabaco, à cor vinho concebe o discurso mais próximo da manutenção do tabaco, porém sem muita interferência e ações neste sentido. Já a coloração verde, em suas diferentes tonalidades, representa os discursos em prol da diversificação de cultivos e de projetos alternativos ao cultivo de tabaco.

Estando no cotidiano dos jovens rurais, visualizou-se: a comunidade religiosa - seja ela evangélica ou católica, a escola, a fumageira, a *Winrock* e a Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre. A escola como sendo um espaço em que as crianças e jovens frequentam cotidianamente; as empresas fumageiras, por visualizarem os jovens como futuros produtores de tabaco; e a *Winrock*, por possuir ações específicas para os jovens, visando à redução do trabalho infantil no cultivo de tabaco. Assim como, objetiva despertar o interesse dos jovens pela diversificação de cultivos. Já a associação dos jovens está presente pelo envolvimento em atividades esportivas.

A comunidade é o domínio mais próximo dos jovens rurais. É neste espaço que as primeiras reações são traçadas, os primeiros amigos conquistados, onde há a relação com os vizinhos e o sentimento de pertencimento. Cada comunidade ou localidade possui uma espécie de centro composto pela igreja, um ginásio de festas e geralmente uma escola rural. Na maioria das comunidades visitadas percebeu-se a presença da igreja católica e da igreja evangélica. É na comunidade também que se fazem presentes às juventudes, ou seja, os grupos de jovens que conjuntamente compõem a AJURATI.

As instituições de ensino, ou seja, a escola está presente no dia a dia da maior parte dos jovens e apesar de não possuir ações específicas para o público rural, tem participação na definição das escolhas e na personalidade dos jovens. Contudo, não é atuante nas discussões acerca da juventude rural e da agricultura no município, mesmo sendo este basicamente agrícola. Percebe-se que embora a principal fonte de renda do município provém do setor primário, a agricultura e as especificidades do meio rural não são abordadas no âmbito escolar. Ou seja, embora boa parte dos alunos sejam

agricultores e ou filhos de agricultores as escolas não têm ações e programas que tratem as questões rurais, ficando a realidade cotidiana dos estudantes deslocada dos conhecimentos repassados em sala de aula.

Em conversas realizadas com a diretora da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Arroio do Tigre, com algumas professoras e com a professora que representou a Secretária de Educação do município, percebe-se que existe certa preocupação com os estudantes, com o fato deles se deslocarem do meio rural até a escola, os horários e as especificidades destes alunos. No entanto, a escola não está engajada a ponto de desenvolver ações direcionadas ou então diferenciadas para os jovens rurais.

A educação no campo considera que a educação deve ser uma permanente associação com as questões do desenvolvimento e do território no qual ela se insere. Na compreensão do campo como espaço de produção e reprodução da vida, de trabalho, de novas relações com a natureza, da produção de cultura. Neste sentido, na escola regular, mesmo que inserida no espaço rural, visualiza-se a desvalorização dos conhecimentos trazidos pelos sujeitos do campo, construídos a partir de experiências, relações sociais, de tradições e de diferentes visões de mundo, da mesma forma que acaba não abordando a questão do tabaco e da importância dos jovens e agricultores aumentarem a autonomia, sendo a diversificação uma forma para isso. Fato este que poderia ser alterado se ações mais próximas do que vem se trabalhando na escola do campo fossem adotadas.

As empresas fumageiras, por meio da assistência técnica privada, possuem ações ligadas aos agricultores, assim como ações e interesses voltados para os jovens rurais, por estes serem os sucessores e também, pela capacidade que os jovens têm em aceitar as inovações tecnológicas propostas pelas empresas. No município de Arroio do Tigre existe a atuação de diversas empresas fumageiras, cujas ações não diferem muito entre si<sup>31</sup>. No entanto, é nítida a defesa do cultivo de tabaco e as campanhas realizadas por

---

<sup>31</sup> Os técnicos das fumageiras, geralmente com formação em nível médio em técnico agrícola, têm a função de fazer a mediação entre as empresas e os produtores de tabaco. As suas principais atividades estão relacionadas aos contratos estabelecidos entre os agricultores e a fumageira e as visitas técnicas. As visitas técnicas perderam significância no atual contexto, pois os produtores de tabaco têm historicamente a produção e já não são mais necessárias às instruções básicas dos técnicos como ocorria na introdução do cultivo na região. Geralmente são pessoas da própria região, filhos de agricultores, moradores locais. A opção da fumageira ocorre para elevar o grau de confiança do agricultor perante a empresa integradora.

elas a favor da diversificação produtiva, pois não é do interesse das empresas a existência de agricultores empobrecidos e endividados.

As empresas fumageiras têm como estratégia a busca pelo jovem para novos contratos de produção de tabaco. Ou seja, pode-se inferir que as empresas vêm buscando a articulação com os jovens visando o lucro através da inclusão deles no sistema de integração garantindo, dessa forma, a continuidade da produção de tabaco nas propriedades rurais. Segundo o agente da fumageira entrevistado, “sempre há interesse com jovens, uma vez que, são inovadores” (Agente de extensão privada - técnico de fumageira). Para o agente, existem diferenças em trabalhar com os agricultores (pais) e com os jovens.

Os jovens aceitam mais facilmente a mudança, estão mais adeptos às mudanças e inovações na agricultura. Os agricultores muitas vezes são mais resistentes na mudança (Agente de extensão privada - técnico de fumageira).

Conforme o agente, as informações técnicas e conversas realizadas durante as visitas aos produtores são dadas, em sua maioria, com os pais, embora os jovens estejam presentes e interessados em saber e discutir as questões relacionadas ao cultivo de tabaco. “Mais diretamente com os pais, mas com muita participação dos jovens” (Agente de extensão privada - técnico de fumageira). “Os maiores interesses (dos jovens) é que a empresa valorize o produto a ser vendido por eles para que haja a vontade de continuar na agricultura” (Agente de extensão privada - técnico de fumageira).

### **Quadro 1 - Fumageiras atuantes em Arroio do Tigre/RS.**

A indústria fumageira constitui-se num dos mais expressivos oligopólios internacionais onde um número restrito de grandes conglomerados controlam uma extensa rede de empresas.

As empresas fumageiras atuantes em Arroio do Tigre são: Souza Cruz, Japan Tobacco International (JTI), Alliance One, Universal Leaf Tabacos, Continental Tobaccos Alliance (CTA), Brasfumo, Marasca, INTAB e Premium Tabacos do Brasil Ltda.

Todas as empresas atuam no sistema de integração vertical, sendo que a maioria delas possui sede no município de Santa Cruz do Sul. A lógica do sistema de integração é passar a previsibilidade e segurança ao produtor (ALMEIDA, 2005). A integradora, com seu pacote tecnológico, tem a função de comercializar e financiar insumos. O produtor rural com sua fragilidade se torna aprisionado, concorda e aceita esta dominação (TROIAN, 2006).

O outro ator é a Organização não governamental *Winrock International* que desde 2011 vem atuando no município com foco especificamente em jovens rurais, filhos de produtores de tabaco. Percebe-se a interação dela e de suas propostas com os jovens e que há questionamentos em relação ao modelo de produção vigente, baseado no cultivo de tabaco. A *Winrock* atua no município por meio do projeto Alcançando a Redução do Trabalho Infantil pelo Suporte a Educação (ARISE), que é uma parceria entre a ONG, a empresa fumageira JTI (*Japan Tobacco International*) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT). O programa aborda os fatores sociais e econômicos que podem levar agricultores familiares a utilizarem crianças no trabalho e tem o apoio da prefeitura municipal e da comunidade local.

No programa trabalham-se técnicas agrícolas a partir da agroecologia, estimulando os jovens a não se envolverem nos cultivo do tabaco. O público é constituído basicamente por jovens, filhos de agricultores, sobretudo, produtores de tabaco. As atividades ocorrem em turno inverso ao da escola, duas vezes por semana, com aulas teóricas e práticas a fim de incentivar novas maneiras de cultivar o solo e outras atividades produtivas.

**Figura 6 – Local e jovens participantes do projeto ARISE.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Visualiza-se por meio da proposta do programa, assim como pelas falas dos entrevistados que há uma troca, uma interação entre os jovens e a *Winrock* e que ela tem contribuído na construção do conhecimento e na percepção de que existem alternativas ao cultivo de tabaco. Muito embora isso pareça contraditório, a mesma empresa fumageira que tem ações e visa os jovens como clientes potenciais, financia uma ONG

para despertar o interesse e auxiliar na construção de conhecimentos vinculados a outros cultivos que não o tabaco. Tal constatação pode ser identificada na declaração de uma jovem entrevistada, acerca do conhecimento adquirido durante o projeto da organização é aplicado na propriedade rural.

É muito válido. Tem muita coisa assim que eu até via os pais fazerem, só que eles não explicavam muito, e coisas diferentes também, como adubação orgânica, adubação verde, daí bastante interessante (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

A Associação das Juventudes Rurais de Arroio do Tigre, representando outro ator que participa da arena, foi criada em 1994, ano da 12<sup>a</sup> Olimpíada. A AJURATI tem por finalidade “ser uma entidade educacional, filantrópica, esportiva e recreativa, sem fins lucrativos e coordenar os grupos de jovens rurais do município de Arroio do Tigre”. A associação possui estatuto e regulamento, no qual constam as regras para participação e as possíveis punições para o jovem transgressor.

Atualmente a AJURATI é constituída por 18 grupos de jovens rurais, apesar de apenas 16 terem participado da 30<sup>a</sup> Olimpíadas Rurais, resultando em aproximadamente 2.000 associados<sup>32</sup>. As principais ações e atividades desenvolvidas pela associação são: as olimpíadas rurais, pré-olímpico (jogos), torneio *society*, organizar e participar do desfile de Sete de Setembro, do colono e motorista e fazer parte das atividades da administração municipal. A associação tem jovens integrados nos conselhos municipais de habitação, crédito fundiário e no conselho municipal de saúde.

A AJURATI trabalha na formação de líder, entre as formações de líder, é feito esse trabalho de desenvolvimento nessas áreas e aí tem trabalhadores rurais, tem as secretarias, tem a Emater [...] Todos esses setores públicos eles trabalham com a juventude. E trabalham muito essas áreas, de meio ambiente, agricultura familiar, então o jovem de Arroio do Tigre é consciente (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

---

<sup>32</sup> Lembra-se que entre os associados da AJURATI está presente basicamente três gerações. Dessa forma, entre os aproximadamente 2.000 associados a maior são pais e avós dos atuais jovens. Aqueles que foram quando jovens participavam da associação e não possui interesse em se desvincular da associação.

**Figura 7- Placa identificativa da sede da AJURATI**



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

A entidade tem em seu histórico o fato de sempre ter sido presidida por jovens rurais com forte ligação e atuação política. O presidente da AJURATI acredita que todas as entidades municipais são parceiras e procuram se envolver nas ações da associação de jovens rurais. Lembra-se que o presidente da associação é um jovem, entendido e reconhecido como tal, que reside no meio rural<sup>33</sup>.

Aqui no município é tudo integrado. Se vocês ir na comunidade, vocês veem que trabalham tudo junto. O jovem ele tem o apoio da sociedade comunitária e a comunidade tem apoio também da juventude (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

Embora o presidente da associação de jovens rurais acredita que eles estão bem assistidos localmente e que suas demandas são atendidas, não se visualizou nenhuma ação participativa ou algo que desse “voz aos atores”, aos jovens, para eles manifestarem os seus desejos, necessidades e anseios. “Nós temos associado da AJURATI com 40 anos. Tem alguns até com 50, 60, mas é aquele jovem que começou com 13, 14, e que continuou” (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

Salienta-se que através do histórico da constituição dos grupos de jovens e consequentemente, das olimpíadas rurais, pode-se perceber que inicialmente o foco

<sup>33</sup>O presidente da AJURATI é produtor de tabaco, possui 36 anos de idade e vem participando desde os 13 anos no grupo de jovem de sua comunidade, Linha Paleta.

voltava-se para o aumento da produtividade agrícola, para isso havia incentivo à adoção de tecnologias e a conservação dos solos. Também existiam atividades de cunho social, como cuidados com a saúde, promoção de cursos para a confecção de acolchoados, somente anos mais tarde o foco torna-se as atividades esportivas.

O presidente da associação de jovens rurais acredita na significância do cultivo do tabaco para o desenvolvimento do município, por isso sua percepção é de que dificilmente a atividade sairá das propriedades rurais do município. Para o entrevistado, se existissem alternativas, os agricultores não cultivariam tabaco, entretanto, este cultivo proporciona ao produtor condições de vida digna.

Eu também acho que se tivesse alternativa, ninguém ia querer esta plantando tabaco. Mas o tabaco proporciona isso pra ele, ele tem o carro, tem a moto, tem a casa boa, tem a terra, e dinheiro pra fazer faculdade, e ai produz pra alimentação (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

Porém, a partir da imersão no meio rural de Arroio do Tigre afirma-se que nem todo o produtor de tabaco encontra-se na condição econômica e social mencionada pelo presidente da associação de jovens.

É que hoje os governos, o governo não oferece alternativa pro jovem. A gente vê muita discussão. Mas ah, o tabaco é proibido isso, o tabaco é proibido aquilo, mas eles não estão oferecendo alguma alternativa. Enquanto não tem alguma alternativa, algum produto que substitui o tabaco, dificilmente o jovem vai sair dali, porque ali que ele comprou uma moto nova, ali que fizeram uma casa nova, ali que ele tem um carro zero debaixo na garagem (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

A visão do presidente da AJURATI é de que o tabaco financia a educação e garante a qualidade de vida no meio rural, por isso percebe-se em seu discurso a defesa do cultivar.

O carro chefe do nosso município é a agricultura, mas o que predomina na agricultura é o fumo, o tabaco. Então a nossa agricultura hoje é muito forte. A propriedade rural do nosso município ela é forte por causa do tabaco. O tabaco esta em alta, tanto é que eu disse que tem gente jovem hoje formado em técnico agrícola e várias outras área, e ele continua no tabaco, porque o tabaco é que fornece, proporcionou pra ele se formar. Porque se não nem teria condições. Se tu pegar, por exemplo, hoje plantar milho, feijão, soja, ninguém teria condições de pagar faculdade ou coisa assim. E o tabaco ele oferece as condições (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

Como uma possível alternativa produtiva e econômica ao cultivo de tabaco, o presidente da associação menciona a bovinocultura de leite, por ela se constituir como uma fonte de renda mensal.

Eu acredito, e pelo que a gente percebe no projeto governamental, por enquanto a gente não vê alguma coisa que substitui isso. Nós temos trabalhando a área de leite, porque eu entendo que o leite é o único setor que consegue substituir o tabaco. Por quê? Porque ele é uma renda mensal (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

Além disso, tem-se a crença de que os jovens permanecem no meio rural pela vida que o tabaco proporciona e também para poder participar dos jogos organizados pela AJURATI. “O nosso jovem fica muito no meio rural por causa da AJURATI. Ele não se vê fora do evento olímpico hoje em dia” (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

Mais distante dos jovens, mas próximo dos agricultores, atuando em prol dos mesmos, encontram-se os seguintes atores: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Movimento dos Pequenos Agricultores, a Associação de Pequenos Produtores de Arroio do Tigre e a Emater.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Arroio do Tigre foi fundado em 26 de fevereiro de 1967 e possui atualmente em torno de mil associados. O STR é vinculado à Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Rio Grande do Sul (FETAG)<sup>34</sup>.

Dentre as principais ações desenvolvidas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) no município em estudo, destacam-se os encaminhamentos para os benefícios de aposentadoria, auxílio doença, salário maternidade e acidente de trabalho. Também há atuação na emissão de Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP)<sup>35</sup>, na habitação rural, no acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, no Programa Estadual Troca-Troca de Sementes de Milho<sup>36</sup>. O sindicato

---

<sup>34</sup>A FETAG é uma entidade de segundo grau e legítima representante da categoria dos trabalhadores rurais, compreendendo agricultores (as) familiares, pecuaristas familiares e assalariados (as) rurais. Nesse universo, representa e defende 1,3 milhões de trabalhadores rurais (FETAG, 2012).

<sup>35</sup>Criada pela Secretaria da Agricultura Familiar/ Ministério do Desenvolvimento Agrário, a DAP é utilizada como instrumento de identificação do agricultor familiar para acessar políticas públicas, como o Pronaf. Para obtê-la, o agricultor familiar deve dirigir-se a um órgão ou entidade credenciada pelo MDA, de posse do CPF e de dados acerca de seu estabelecimento de produção (área, número de pessoas residentes, composição da força de trabalho e da renda, endereço completo) (BRASIL, 2012).

<sup>36</sup>O programa Estadual Troca-Troca de sementes de milho é uma parceria entre o governo do Estado e os municípios. No programa, o produtor recebe as sementes e devolve na safra seguinte, ou seja, os



realiza contratos de parceria entre produtores e meeiros, parceiros e/ou agregados, contratos para a emissão de bloco do produtor e carta de anuência e oferece convênios médicos e dentários aos seus associados.

O presidente do STR fez parte da associação de jovens o que mais tarde veio a se transformar na AJURATI. Por isso, o sindicato possui estreitas relações e, pode-se dizer, influência na associação de jovens. “Hoje o trabalho com jovens, além de participar, com um grupo de jovens e dar força e tudo mais, eu participo ativamente das decisões da AJURATI” (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

A atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais com os jovens:

Sendo presidente do sindicato, é uma linha que a gente tem que atua, que é a questão do jovem rural, defender eles, porque esse são os que vão garantir no futuro a sobrevivência dessa entidade. Então a gente já tem que fazer um trabalho hoje com eles e nós, dentro da nossa federação, nós temos um trabalho com jovens rurais. Eu não consegui, ainda, implanta aqui no meu município porque agora só faz um ano e meio que eu sou presidente e nunca nós tínhamos dentro do sindicato atividades com jovens. Então a minha intenção é começar a fazer um trabalho agora, criar uma comissãozinha de jovens e criar alguma coisa dentro do município assim, a nível de sindicato também, um trabalho com jovens (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

**Figura 8 - Sede do STR e do carro utilizado para fazer as visitas aos produtores.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

O tabaco é defendido pelo presidente do sindicato, assim como pela associação de jovens, como uma importante atividade econômica para os agricultores e para o município, da mesma forma que se acredita que é o cultivo de tabaco que motiva a

---

produtores recebem a semente de milho e no período acordado fazem a devolução a partir da sua própria colheita.

permanência dos jovens no campo. Entretanto, o presidente da organização reconhece a significância e a necessidade dos agricultores possuírem fontes de renda diversificadas como forma de reduzir a dependência do agricultor a uma única atividade agrícola, a exemplo, da produção de tabaco. Cabe lembrar que o atual presidente do STR é um agricultor que desenvolve o cultivo de tabaco paralelamente às atividades do sindicato:

Importante e fundamental, o tabaco no nosso município. Eu diria assim, a permanência do nosso jovem no nosso município é devido ao tabaco. Isso é certo, isso não tem como negar. Mas a gente tem que trabalhar pra que a gente consiga alternativas de renda. Então você deve ter o tabaco como fonte maior de renda, mas também deve ter alternativas, porque tu te fixa numa monocultura é muito perigoso, né, e isso excede a produção. Geralmente quando todos ficam numa monocultura excede a produção e o preço cai (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

As alternativas que emergem em contraposição ao cultivo de tabaco, visualizadas e trabalhadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, são basicamente a produção leiteira e a fruticultura. A primeira, devido às condições agroecológicas do município que possui áreas com declives acentuados e a segunda, devido ao clima da região, devido ao fato das frutíferas se adaptarem as condições locais.

Eu acho que, o gado, pra nós, pra a geografia do nosso município é uma grande saída. E mesmo porque nós temos o campo aberto pro leite, várias empresas aí procurando por laticínios e eu acho que é uma possibilidade boa. E outras aí, a questão das frutíferas... Eu acho que pro nosso município assim tem uma aceitação por frutas, digamos assim: se adapta bem ao plantio de frutíferas e eu acho que também é uma linha que cada jovem poderia plantar lá um canto de frutífera e ter uma renda a mais (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

Com relação à permanência dos jovens no meio rural, o presidente trabalha para que as famílias possuam suas próprias áreas de terra e que se eleve a qualidade de vida dos agricultores. O presidente acredita que dessa maneira, tendo terra e qualidade de vida, os jovens desejarão permanecer no meio rural.

Eu acho que assim eles tentam projetar uma qualidade de vida, ter uma propriedade [...]. Tudo que um agricultor hoje quer é qualidade de vida. O que o da cidade tem, nós temo que ter no meio rural, aí tu vai segurar o pessoal (Presidente Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

No entanto, a visão da presidência do sindicato é de que o jovem que projeta permanecer no meio rural tem em seus projetos a continuidade do cultivo do tabaco desenvolvido historicamente no município e há várias gerações na família.

Continuar no fumo, com certeza, e porque isso ali é certeza de renda. Mas a gente vê e vai trabalha muito pra que os jovens comecem a inserir novas culturas. Mesmo porque eles não podem depender de uma renda só, amanhã ou depois um jovem consegue, dentro de uma propriedade, ter uma capacidade produtiva de alguma coisa e ele pode deixar o fumo de lado (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

Na esfera seguinte, com relações mais próximas dos agricultores do que propriamente dos jovens, encontra-se a Associação de Pequenos Produtores de Arroio do Tigre (APPAT). A APPAT foi criada há aproximadamente um ano por agricultores familiares com o apoio da Emater local. Sua fundação se deu devido à dificuldade que alguns agricultores tinham para acessar crédito e também para escoar a produção agrícola.

Os agricultores coligados à associação participam das licitações para as compras institucionais do governo federal, tais como o Programa Nacional de Merenda Escola (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). “Cada um (agricultor associado) vende no seu nome, só tem a associação pra representar, para entrar nas licitações” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

As famílias que fazem parte da associação participam quinzenalmente de feiras no perímetro urbano do município comercializando pães, cucas, galinhas e ovos caipiras, entre outros produtos. A organização é feita entre os participantes de forma que cada família produza frutas, legumes e farináceos visando aumentar a diversidade de produtos ofertados e a não competição entre os participantes.

Na mesma linha de proximidade dos agricultores encontra-se o Movimento dos Pequenos Produtores. O MPA foi fundado, em Arroio do Tigre, em 1999, atualmente possui aproximadamente 670 agricultores familiares atuantes. O MPA atende principalmente agricultores familiares e arrendatários, sua sede localiza-se no centro da cidade, em uma casa cedida pela igreja católica do município.

O movimento desenvolve diversas ações voltadas aos pequenos produtores, a saber: encaminhamento de projetos de habitação rural, assistência técnica, implantação de sistemas agroflorestais, encaminhamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar e aposentadoria por idade, organização da compra de produtos agrícolas para o Programa Aquisição de Alimentos, participação de projetos de diversificação de cultivos, entre outras ações. Apesar de todas estas ações, ressalta-se que o movimento não possui nenhuma ação específica para os jovens rurais.

O MPA presta assistência técnica e assessora um público de agricultores que se diferencia dos agricultores atendidos pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, uma vez

que a política do movimento é trabalhar com os agricultores mais empobrecimentos e necessitados. Ele está fortemente vinculado às ações do Ministério do Desenvolvimento Agrário é o órgão responsável pela execução dos projetos de apoio a diversificação ao cultivo de tabaco financiado pela União na região.

**Figura 9- Sede do MPA em Arroio do Tigre/RS.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

As cooperativas agrícolas também foram mencionadas no decorrer da pesquisa de campo como atores presentes no contexto dos agricultores locais. Apesar da sua existência, percebe-se que pouco se discute a questão dos jovens e do tabaco, embora elas sejam fundamentais na diversificação de cultivos. As cooperativas estão mais próximas dos produtores diversificados, pois são estes que mantêm relações com as mesmas para a entrega da produção e para a aquisição dos insumos necessários para a produção de soja, milho e trigo.

A Emater, também presente na arena de Arroio do Tigre, é lembrada como um ator que está próximo dos agricultores e jovens. O órgão é responsável pela assistência técnica e extensão rural (ATER) pública no município, possuindo em seu quadro, quatro funcionários concursados, dois de nível superior, na área técnica e dois de nível médio, um na área social e um técnico agrícola. Há também uma funcionária da prefeitura cedida para atuar no órgão de extensão.

A organização é parceira nas atividades desenvolvidas pela AJURATI, como por exemplo, nas olimpíadas rurais, nas jornadas de trabalho e também nos projetos

desenvolvidos, como o da bovinocultura de leite, em parceria com a prefeitura, Emater, STR e AJURATI.

Nós temos, a exemplo desse projeto de bovinocultura de leite, que é um projeto de diversificação, ao mesmo tempo que é pra permanecer o jovem no meio rural, é uma opção de diversificação e geração de renda na propriedade. A gente trabalha justamente nessa questão de fazer com que o jovem tenha meios de permanecer na propriedade [...] mas pra isso a gente sabe que ele tem que ter, tem que ter renda (Agente área social/ Emater).

Com relação às atividades desenvolvidas pela instituição em prol dos jovens rurais, foi salientado o apoio nas ações desenvolvidas pela associação de jovens rurais.

O nosso trabalho com a juventude rural é bem amplo. Nós ajudamos os jovens, assim, nas atividades, nos eventos que eles já têm. Como agora, na 30ª Olimpíada. Vamos ter também a 14ª edição da jornada de trabalho do mês de julho, que é um dia de formação pro jovem, formação de lideranças. E, todos os outros projetos que a gente caminha com eles (Agente área social/Emater).

Após a conversa com a agente ficou claro que embora tenha sido a Emater a fundadora dos grupos de jovens, atualmente no município é possível que a AJURATI esteja mais consolidada e influente quando se trata de ações para os jovens do que a própria instituição. Quando questionados se a Emater desenvolve algum programa ou ação para jovens rurais, está implícito para os funcionários que a ação seja para a associação de jovens e não diretamente para os jovens, pois se tem que levar em consideração que nem todos os jovens são associados na AJURATI.

A gente trabalha justamente nessa questão de fazer com que o jovem tenha meios de permanecer na propriedade. Que tenha essa questão da sucessão rural, evitando o êxodo, pra que ele permaneça, mas pra isso a gente sabe que ele tem que ter, tem que ter renda (Agente área social/Emater).

A agente entrevistada acredita que a renda é um fator fundamental e possui relações diretas com o desejo de permanência dos jovens no campo. Por isso, a Emater procura formas de auxiliar as famílias de agricultores a diversificarem as suas propriedades. Porém, na opinião da agente, existe muita resistência dos agricultores. A resistência à novidade pode ser explicada pela aversão ao risco, assim como pela comodidade na negociação estabelecida entre produtor de tabaco e empresa fumageira.

O jovem procura a diversificação, mas muitas vezes a gente enfrenta, não só com ele, com os agricultores, essa questão que eles pensam assim: diversificar, mas conseguir obter a mesma renda, ou que fique equivalente. E

ai que entra a questão da dificuldade. Tem o plano de incentivo a agroindústrias, que a gente vem trabalhando, a questão da fruticultura, também. O jovem se mostra interessado, mas a gente tem, como em todos os outros municípios, um pouquinho de resistência em relação a isso, até por causa da comodidade, porque o fumo ele planta, ele recebe as orientações, os insumos em casa, depois ele vem recolher e no momento que for investir numa agroindústria familiar, ou em citros, a gente esta ai pra dar assistência técnica, mas quem vai ter que fazer a venda do seu produto, quem vai ter que mostrar o seu produto vai ser o produtor (Agente área social/Emater).

Conforme a agente entrevistada, a Emater tem como parceiros na busca por alternativas produtivas a prefeitura municipal e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Na percepção da mesma, é necessário pensar em cultivos alternativos ao tabaco de forma que sejam dinâmicos e que não saturem o mercado, tendo em vista a quantidade de produtores de tabaco que visam, ou melhor, que necessitam diversificarem.

Nós temos a Emater, Prefeitura Municipal, Sindicato dos Trabalhadores Rurais [...] essas basicamente são as identidades que trabalham sempre em parceria. Ele é bem atuante nessa questão da discussão dos jovens. Pra buscar alternativas, porque em um município como o nosso, nós não podemos buscar somente uma ou duas alternativas, vai saturar. Então a gente tem que ter um leque ai de alternativas pra que cada pequeno grupo de jovens vá poder ir pro campo que mais se identifica. Porque não adianta buscar uma alternativa de diversificação sem se identificar, com o que vai fazer, com o que vai praticar (Agente área social/Emater).

Numa esfera um pouco mais afastada dos jovens, mas também constituindo como atores que discutem as problemáticas estabelecidas na área encontram-se: o Conselho Municipal de Política Agrícola, a Secretaria da Agricultura e a Secretaria de Educação. O Conselho Municipal de Política Agrícola (CONDEPA) foi criado em sete de abril de 1993. Sua criação se deu na época dos programas estaduais “RS Rural” e “Pro-Guaíba”. Atualmente os encontros ocorrem uma vez por mês, porém eles não têm ocorrido porque não há demanda, ou seja, não tem decisões a serem tomadas. Dentre as funções do conselho, lembra-se a homologação dos produtores que tem direito a participar do Programa Troca-Troca, do Programa de Calcário, do Crédito Fundiário, entre outros.

Conforme o presidente do STR atualmente o conselho tem tido menos encontros para decidir as ações do município. Isso ocorreu depois que as licitações tornaram-se obrigatórias. Como exemplo o agente cita a compra de máquinas agrícolas que antes das licitações serem obrigatórias elas eram aprovadas pelo conselho, sendo discutido desde o modelo até a marca e a potência do maquinário e equipamento.

A escolha dos agricultores que fazem parte do conselho representando as comunidades rurais é feita por indicação de um agricultor e um suplente. O processo não ocorre participativamente, nem a decisão é realizada em reunião, geralmente escolhe-se um líder comunitário.

O conselho é formado:

[...] pelas entidades, as entidades produtoras de cada comunidade, mas quem puxa o negócio, não vou puxar brasa pro meu assado, é a Secretaria da Agricultura. Quando nós assumimos, nós fizemos a reunião no interior, todo interior, e levantamos as prioridades de cada comunidade, levantamos e planejamos atender essas prioridades de cada comunidade (Secretário da Agricultura/Gestão 2009/2012).

O CONDEPA não possui ações, nem define políticas específicas para os jovens rurais, mas está presente nas decisões relacionadas aos agricultores e as políticas e programas voltados para este público, que mesmo indiretamente acaba envolvendo os jovens rurais.

Com relação à Secretária da Agricultura, percebe-se que existe a defesa do cultivo de tabaco, uma vez que ele é considerado uma importante fonte de renda e de manutenção dos jovens no interior do município. O secretário da agricultura, apesar de ser natural de Erechim/RS que se localiza numa região em que a dinâmica produtiva difere de Arroio do Tigre, vem trabalhando na região Centro Serra há diversos anos. Ele é funcionário da Emater do município vizinho de Arroio do Tigre, Estrela Velha, e convive com o cultivo de tabaco a partir da sua atuação como extensionista da Emater.

Segundo o entrevistado, entre as ações desenvolvidas pela secretaria em prol dos jovens rurais foi salientado o projeto de bovinocultura do leite.

Nós apoiamos assim toda atividade da juventude. Mas específico, nós criamos um programa de incentivo à juventude. E começando pela atividade leiteira, fizemos um programa aonde a gente ajuda com 70%, os jovens, na atividade leiteira, e o restante eles devolvem (Secretário da Agricultura/Gestão 2009/2012).

Na opinião do Secretário da Agricultura, os jovens projetam suas vidas reproduzindo o sistema de cultivo predominante no município que é o tabaco. “A proposta deles (os jovens) é dar essa continuidade porque tem a sobrevivência em cima do tabaco” (Secretário da Agricultura/Gestão 2009/2012). O representante do órgão municipal justifica a sua percepção utilizando os dados do projeto de bovinocultura leiteira, incentivado pela prefeitura, pois do total de participantes da Associação de

Jovens Rurais, aproximadamente 2000 sócios, apenas 48 jovens se inscreveram no projeto e 18 realizaram o treinamento, que era um pré-requisito.

A proposta deles é dar essa continuidade porque tem a sobrevivência em cima do tabaco. Tu viste que nós abrimos essa inscrição pra atividade leiteira deu 48 jovens. Tem dois mil jovens participando da AJURATI, entende? Eu achei que no mínimo uns 150 a 200 (jovens iam se inscrever) (Secretário da Agricultura/Gestão 2009/2012).

A diversificação de cultivos, por sua vez, é percebida como uma renda complementar ao tabaco e que auxilia no desejo de permanência no meio rural. Visualiza-se a fruticultura e a agroindustrialização e beneficiamento de produtos agrícolas as alternativas produtivas ao cultivo de tabaco.

O propósito é pra diversifica a propriedade e trazer uma garantia de renda para essas famílias, para esses jovens ficarem no meio rural. Também a ideia é, na fruticultura e na agroindústria, nós temos programas só que ainda não foi trabalhado, assim, com foco pros jovens, especificamente. É pra todo município, mas o entendimento nas nossas discussões ele está amadurecendo, assim, com a juventude, então a gente de, no próximo ano, dar essa continuidade nessas outras atividades. E principalmente AJURATI, o Sindicato, a Emater, assim, qualificar eles (os jovens), qualificar eles pra essas outras atividades. Então a gente esta vislumbrando um futuro bem promissor pra eles, assim, com recursos municipais (Secretário da Agricultura/Gestão 2009/2012).

Mais próximo dos jovens e um pouco mais distante dos agricultores, encontra-se a Secretaria de Educação. Ela não possui relação direta com os jovens, atuando por intermédio das escolas, rurais ou não. A proximidade com os jovens se dá através de ações genéricas, sem atenção específica para as questões rurais. Não se visualiza troca e a interação é uma via de “mão única”, da secretária para a escola. A professora - representante da Secretaria da Educação- entrevistada mencionou que o município planeja ações visando uma aproximação entre a escola (as escolas municipais) e a comunidade, buscando entender os anseios dos alunos e familiares, proporcionando conhecimentos que poderão ser melhores aproveitados pelos jovens rurais. Porém, no momento da entrevista, a única ação concreta com foco nos jovens rurais era o programa desenvolvido pela *Winrock International*.

Na esfera seguinte, não tão próximo, mas com influência no dia a dia dos agricultores e dos jovens rurais tem-se o Ministério do Desenvolvimento Agrário. O MDA, a partir da ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT) pelo Governo Federal em 2005, assumiu importante compromisso com o Programa



Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. Baseado nos princípios do desenvolvimento sustentável, segurança alimentar, diversificação produtiva e participação social, o Programa atua na qualificação do processo de produção e de desenvolvimento nas áreas de fumicultura, assim como na perspectiva da produção ecológica, mediante a redução do uso de agrotóxicos.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário entende que as projeções mundiais de redução no consumo de cigarros, no médio e longo prazos, poderão impactar a vida das famílias agricultoras que dependem, econômica e socialmente, da produção de tabaco. Neste sentido, o ministério tem realizado um esforço na integração de políticas públicas que apoiam a diversificação nas regiões produtoras de fumo, preparando os agricultores para essa possível retração na demanda do produto no mercado (BRASIL, 2010).

O ministério apoia empresas de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), organizações não governamentais, cooperativas, universidades, prefeituras, com repasse de recursos financeiros e acompanhamento técnico para a implementação de projetos na área de pesquisa, capacitação e projetos de assistência técnica e extensão rural. A seleção das instituições se dá por meio das chamadas públicas de projetos, onde é analisada a qualificação técnica, a partir dos princípios, diretrizes e orientações metodológicas previstas na Política Nacional de Ater (PNATER) e no Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. Salienta-se que nos discursos dos atores entrevistados não se identificou a relação do MDA com a Emater, nem com as cooperativas, por isso, não há ligação na figura 5, entre o MDA e os atores supracitados.

Segundo o Secretário da Agricultura do município de Arroio do Tigre a prefeitura não tem conseguido acessar os recursos do Ministério do Desenvolvimento Agrário para projetos de diversificação produtiva. Por outro lado, é sabido que desde 2007 a região é beneficiária deste tipo de projetos financiados pelo MDA em parceria como o Movimento dos Pequenos Agricultores através das chamadas públicas.

No nível mais macro da arena encontra-se o acordo internacional da Convenção Quadro para Controle do Tabaco. A Convenção Quadro para Controle do Tabaco discutida mundialmente devido o ônus que o cigarro gera para os fumantes, os agricultores e os cofres público com os gastos em saúde, visa elevar a qualidade de vida da população. O objetivo da Convenção Quadro é “proteger as gerações presentes e futuras das devastadoras consequências sanitárias, sociais, ambientais e econômicas geradas pelo consumo e pela exposição à fumaça do tabaco” (Artigo 3º).

Neste sentido, pode-se inferir que o jovem faz parte da convenção e dos objetivos da mesma, embora implicitamente. Há, pois, uma perspectiva desse jovem enquanto adulto do futuro e sendo fumante ou produtor de tabaco sofrerá as consequências geradas pelo tabaco, seja através do consumo, a partir de possíveis problemas de saúde ou então por meio do trabalho no cultivo da planta a qual não é considerada sustentável em médio e longo prazo.

O acordo internacional está presente na arena que discute o cultivo de tabaco e a diversificação produtiva estabelecida em Arroio do Tigre por meio das ações, acordos, projetos e legislações desencadeadas a partir da ratificação do governo federal em 2005. A Convenção Quadro determina a adoção de medidas intersetoriais nas áreas de propaganda, publicidade, patrocínio, advertências sanitárias, tabagismo passivo, tratamento de fumantes, comércio ilegal e preços e impostos.

A perspectiva de desenvolvimento da Política Nacional de Controle do Tabaco deve considerar todos os atores - fumicultores, que dependem do desenvolvimento de novas alternativas econômicas ao tabaco, fumantes, que são penalizados pelas doenças tabaco-relacionadas, e toda a sociedade, que é exposta involuntariamente aos danos causados pela fumaça do tabaco e arca com os custos sociais decorrentes do tabagismo (INCA, 2013).

No entanto, o discurso adotado pela imprensa, sobretudo a local/regional, foi o da reação da indústria. De maneira geral, pode-se dizer que a mídia apresentou informações distorcidas sobre o que de fato a Convenção Quadro para Controle de Tabaco representa. A CQCT começou a se tornar polêmica, no Brasil, em setembro de 2004, através de publicações na imprensa por parte da Associação de Fumicultores do Brasil (AFUBRA). O fato de discursos sobre o valor agregado proporcionado pelo cultivo do tabaco, em que se diz que nenhum outro cultivo é capaz de gerar o mesmo nível de renda em pequenas áreas de plantio, evocou críticas à proposta da convenção quadro (TROIAN et al., 2011).

Conforme alguns materiais consultados e publicações realizadas em jornais locais, a CQCT é visualizada como negativa e prejudicial tanto para o agricultor quanto para os cofres públicos, fatores estes analisados somente pelo aspecto econômico. A percepção negativa trazida pelo debate da CQCT está relacionada aos agricultores envolvidos, que se encontram apreensivos frente à possibilidade de ter que mudar a matriz produtiva, e pelos agentes e administrados públicos, preocupados com os cofres públicos, com medo da redução da arrecadação tributária (TROIAN et al., 2011).

Por outro lado, os jovens mostram-se motivados a mudarem, a desenvolverem outras atividades e cultivos. Os jovens, de maneira geral, mostram-se mais abertos as novidades e inovações e também consideram a possibilidade de desenvolver outros cultivos além do tabaco de forma positiva. Neste sentido o discurso da CQCT, embora destorcido, não é percebido negativamente e sim como um impulsionador para a geração da mudança, a qual na prática não é muito fácil de ocorrer.

#### **4.1.1 Arena: principais discursos e interfaces**

Os principais atores apresentados acima compõem a arena que discute a juventude rural, a produção de tabaco e a diversificação de cultivos no município de Arroio do Tigre. No entanto, salienta-se que poucas são as ações e discussões que girem em torno da juventude rural. De maneira geral, pode-se dizer que a arena está discutindo as políticas agrícolas, as famílias beneficiárias do Programa Nacional de Crédito Rural, o preço do tabaco, desenvolvendo ações e mobilizações visando à elevação do preço pago pelo tabaco e promovendo encontros e seminários para discutir as consequências da legislação que proíbe o trabalho infantil no cultivo.

Os jovens<sup>37</sup>, por meio da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre, têm cadeiras em praticamente todos os conselhos e decisões do município, porém o que se visualiza é que as discussões não giram em torno do universo jovem. “Aqui no município, tem essa particularidade de que o jovem participa até das decisões tomadas no município porque faz parte de muitos conselhos” (Agente área social/Emater). Conforme alguns agricultores em conversas realizadas no decorrer da pesquisa de campo, nem os próprios jovens estão preocupados em discutir questões relacionadas às suas perspectivas na agricultura, formas alternativas de cultivo e o desenvolvimento rural como um todo.

De acordo com um agricultor, se a AJURATI se propusesse a desenvolver outras atividades ou então discussões acerca da agricultura e de cadeias produtivas ou então outros temas relacionados ao meio rural, os jovens não participariam, “eles são vão porque é jogo” (Agricultor, Linha Sítio Alto).

---

<sup>37</sup> Os jovens que coordenam e representam a AJURATI.

No decorrer da pesquisa de campo percebeu-se que em maior ou menor medida e mesmo com objetivos e discursos diferentes, todos os atores são a favor da diversificação produtiva. Alguns atores têm este discurso a partir de visualização da relevância que outra forma de agricultura possui, outros atores percebem a diversificação como alternativa de renda, há quem perceba como uma maneira de reduzir a dependência ao tabaco e, dessa forma, ter mais autonomias perante as empresas fumageiras. Outros atores percebem a significância da diversificação produtiva pela preocupação com a saúde da família e ainda, jovens e agricultores que estão buscando diversificar a propriedade devido as falácias geradas a partir da CQCP e o receio do cultivo de tabaco ser extinto ou então menos demandado. Ou seja, estes últimos estão se precavendo para possível redução no consumo do produto.

Também foi possível visualizar que com exceção do Movimento dos Pequenos Agricultores e a *Winrock*, as organizações e os atores defendem o cultivo do tabaco. Acredita-se que este cultivo mantém os jovens no campo, assim como ele é responsável pela educação das crianças e jovens. Ou seja, no discurso dos atores fica saliente a crença de que se não fosse o cultivo de tabaco os jovens não teriam condições de estudar, de realizar cursos técnicos e também cursos superiores.

Pode-se dizer que não há propriamente uma arena discutindo as problemáticas do universo jovem no município de Arroio do Tigre, sobretudo se recortarmos para os jovens rurais. Poderia ser realizada uma divisão em duas arenas, uma que pensa ações para os jovens e outra que discute a questão do tabaco e da diversificação produtiva. No entanto, nenhuma delas discute ações específicas para jovens rurais, na verdade, a preocupação e a discussão centram-se no cultivo do tabaco, na busca pela manutenção do cultivo e na elevação do preço do mesmo. Poucas são as ações que visem à diversificação produtiva e que incluam a decisão e os interesses dos jovens, muito embora eles ocupem diversos espaços (“diversas cadeiras”) no âmbito das discussões municipais.

O espaço existente para os jovens realizarem as suas demandas e discutirem os seus interesses é no Conselho Municipal de Política Agrícola e na Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre. Porém, a associação de jovens tem atuando muito mais na área esportiva do que na busca por ações específicas para a melhoria da qualidade de vida e a permanência dos jovens no meio rural. Não muito diferente ocorre no CONDEPA, em que se discutem principalmente questões produtivas, como os beneficiários dos programas federais, Troca-Troca e Crédito Fundiário.

Uma arena não é individualizada. Ela sofre influência e influencia outras arenas. Neste sentido, cabe salientar ainda que só há interface quando existe convívio entre os atores. Outrossim, visualizou-se mais fortemente a interface entre as visões e ações da Emater com a AJURATI, a primeira buscando apoiar as ações da segunda. A Emater junto aos jovens rurais possui um papel de coadjuvante, ela apoia as ações e os programas desenvolvidos pela AJURATI, porém não tem políticas específicas para os jovens no seu quadro de atuação. Percebe-se que a Emater discursa a favor da diversificação, no entanto, na fala da agente entrevistada fica evidente a dificuldade em trabalhar na prática para que isso ocorra.

A Secretaria da Agricultura vincula suas atuações ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a associação de jovens rurais. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Secretária da Agricultura, a AJURATI e as empresas fumageiras discursam em prol do cultivo de tabaco, ressaltando a importância econômica da atividade tanto para os produtores quanto para a região. Por fim, visualizou-se que o Movimento dos Pequenos Agricultores e a ONG *Winrock* são as organizações que promovem atividades/ações relacionadas a cultivos alternativos ao tabaco.

#### 4.2 A REALIDADE DOS JOVENS RURAIS: RESULTADOS DA DINÂMICA GRUPAL

A atividade desenvolveu-se com 14 jovens, três do sexo feminino e 11 do sexo masculino. A idade dos jovens variou entre 15 a 22 anos, sendo que sete tinham mais de 19 anos e apenas um tinha 15 anos.

**Tabela 4 - Caracterização dos jovens.**

Idade	Número de jovens	Escolaridade
15 anos	1	Ensino Médio
17 anos	4	Ensino Médio (3*); Ensino Fundamental (1*)
18 anos	1	Ensino Fundamental
19 anos	1	Ensino Médio
20 anos	3	Ensino Médio (1*); Ensino Fundamental (2*)
21 anos	1	Ensino Fundamental
22 anos	3	Ensino Médio (3*)

Fonte: Elaborada pela autora.

\*Número de jovens.

Em relação ao grau de escolaridade, nove jovens declararam ter concluído/ou estavam no ensino médio e cinco pararam de estudar no ensino fundamental. Destes cinco, três mencionaram não terem dado continuidade aos estudos devido à falta de transporte escolar. Isso porque, apenas a Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre, no centro da cidade, oferece o Ensino Médio.

Os jovens residem nas comunidades, a saber: Linha Cereja, Linha São Roque, dois jovens, Linha Paleta, Sítio Alto, Coloninha, dois jovens, Morro da Lentilha, Taboãozinho dois jovens, Linha Taquaral, dois jovens, Linha Tigre e Lomba Alta.

#### **4.2.1 Projetos em curto prazo (2 a 3 anos)**

Os principais projetos em curto prazo estão relacionados à ampliação de conhecimentos, seja via educação formal ou informal, à diversificação de cultivos, à busca por estabilidade financeira e ao crescimento da propriedade. Cabe salientar que dos 14 jovens participantes da atividade, sete deixam explícito que possuem perspectivas/projeto de vida, em curto prazo, permanecer no meio rural. Outro aspecto que merece ser destacado é a questão da diversificação de cultivos.

Dentre as atividades relacionadas ao estudo, educação e a ampliação de conhecimentos, os projetos são: ampliar o conhecimento; concluir o ensino médio, fazer cursos técnicos; se especializar na área da agropecuária; e fazer faculdade. No decorrer da dinâmica, o estudo - seja ele formal ou informal - ganhou destaque entre os jovens participantes. Para alguns jovens este desejo se viabilizaria por meio da conclusão do ensino médio ou então da realização de um curso superior.

Já em outros jovens, visualizou-se o desejo de aprimoramento dos conhecimentos na área agrícola, o que justifica o interesse em cursos técnicos ou então palestras e seminários que poderiam estar discutindo questões ligadas à produção e ao meio rural de maneira mais ampla. Por fim, aparece a estabilidade financeira e o crescimento da propriedade como projeto de dois jovens.

#### 4.2.2 Projetos em médio prazo (4 a 8 anos)

As perspectivas e os projetos dos jovens rurais em médio prazo, em sua grande maioria, ligam-se ao meio rural, sobretudo à agricultura. Neste sentido, segundo Brumer et al., (2000), as perspectivas da permanência dos filhos na atividade agrícola dependem principalmente das condições internas das famílias, tanto econômicas quanto sociais. Dentre elas, as autoras destacam a viabilidade econômica da propriedade, a qualificação para a entrada de novos mercados, as estratégias de obtenção de rendas complementares, a relação entre pais e filhos, a questão de gênero e a escolha profissional.

Abramovay et al., (1998), em estudos realizados no Estado de Santa Catarina, constataram que entre os agricultores consolidados era mais frequente a sucessão geracional. Ou seja, o interesse dos jovens em reproduzir a unidade de produção é mais comum nas propriedades que possuem melhores condições econômicas e sociais. No Rio Grande do Sul, Weisheimer (2004) constatou que os jovens desenvolvem seus projetos pessoais atrelados ao meio rural nas propriedades onde a renda é mais elevada.

Para tratar da dualidade “sair e ficar” nas diferenças entre homens e mulheres seria necessário uma amostra mais representativa, pois havia somente três jovens do sexo feminino participando da dinâmica grupal. No entanto, as três pretendem permanecer no meio rural, muito embora uma delas tenha explicitado que possui restrições à exposição ao sol devido a problemas de saúde. Porém, é sabido que a agricultura familiar da região Sul do Brasil tem um caráter paternalista resultando disso uma divisão de trabalho por sexo e geração. Por isso, visualiza-se que as mulheres ocupam uma posição subordinada, apesar delas serem as principais responsáveis pelas atividades de manutenção do núcleo familiar e desempenharem um papel fundamental no trabalho relacionado às lavouras e criações (MENASCHE et al., 1996).

Percebe-se a desvalorização do trabalho feminino, uma vez que o seu trabalho é visto como de ajuda nas atividades geradoras de renda e as atividades que são desenvolvidas sob responsabilidade da mulher são vistas como menos importantes dentro da propriedade por não serem elas que dão renda.

A condição de trabalhador do meio rural como posição de inferioridade não foi evidenciada no decorrer da pesquisa, ao contrário, os jovens sentem-se motivados a permanecer no meio rural local, tanto que muitos projetam à aquisição de áreas de terra

e/ou a ampliação das mesmas. A propriedade de terra é central para um agricultor, não sendo apenas um fator de produção, mas também de riqueza, de prestígio e de poder. Este fato mostrou-se saliente nos projetos dos jovens rurais em médio prazo. Cinco jovens trataram explicitamente a importância da propriedade da terra através dos seus projetos, a saber: propriedade desenvolvida; ampliar a propriedade; administrar a propriedade; obter lucros na propriedade; melhorar a propriedade; “ter o meu próprio canto”.

O trabalho na agricultura não foi retratado como árduo ou pesado, porém, a diversificação de cultivos aparece em muitos dos projetos seja a curto, médio ou longo prazo. Pode-se perceber que diversos jovens projetam introduzir novos cultivos e criações diversificando as propriedades que tem no tabaco a principal atividade agrícola desenvolvida. A introdução ou ampliação da bovinocultura de leite e a plantação de eucaliptos são alguns exemplos mencionados nos projetos de diversificação dos jovens rurais. Eles projetam investir em novos cultivos a partir dos conhecimentos adquiridos durante a formação.

No entanto, a preocupação com o ambiente e a sustentabilidade foi ressaltada por apenas um jovem que projeta recuperar as matas ciliares e as nascentes para obter os benefícios destas ações. A questão da sustentabilidade embora não tenha sido tratada de forma explícita, aparece nos projetos de pelo menos quatro jovens. Em curto prazo um projeta ampliar o cultivo de culturas alternativas (ao tabaco) que sejam rentáveis e sustentáveis. Em médio prazo, um jovem projeta recuperar a mata ciliar e as nascentes da propriedade. E, em longo prazo, dois jovens tratam da sustentabilidade, um buscando melhorar o manejo realizado na propriedade e outro projetando aumentar a qualidade de vida.

Isso evidencia de certa forma, a preocupação existente entre a juventude com a manutenção dos recursos naturais e necessidade de se repensar o atual modelo de produção/desenvolvimento baseado em insumos e tecnologias externas tirando por vezes a autonomia dos agricultores. Percebe-se que, de maneira geral, esses jovens projetam novas formas de lidar com a terra, diferente de seus pais que desenvolvem o cultivo de tabaco. Dentre os projetos dos jovens rurais, apenas em uma situação ficou evidente o desejo de, em curto prazo, permanecer cultivando tabaco.

Em relação à produção de tabaco podem-se destacar alguns argumentos negativos associados às consequências do cultivo de tabaco, a saber: degradação dos solos, a derrubada de mata nativa para a cura das folhas de tabaco, problemas de saúde



detectados em produtores de tabaco, como a doença do tabaco verde, por exemplo, utilização de agrotóxicos, trabalho infantil, a dependência com as empresas integradoras, entre outros (ALMEIDA, 2005; LIMA et al., 2005, SEQUINATTO, 2007).

A educação tem espaço relevante nos projetos de vida em médio prazo. Permanecer na roça; continuar na agricultura ou voltar para a agricultura depois de ter realizado cursos de aperfeiçoamentos também são projetos dos jovens rurais; pois diversos jovens fazem alusão a alguma forma de educação e estudo em seus projetos. Visualiza-se que concluir os segundo grau, fazer cursos técnicos, se especializar e fazer curso superior aparece nos projetos de 11 jovens rurais, seis em curto prazo e cinco em médio prazo. Pode-se inferir a partir dos projetos dos jovens rurais em questão é que eles não projetam o estudo como forma de sair do meio rural.

Nestes casos, a educação não é vista como um passaporte para sair do meio rural como em Carneiro (1998, 2005), entre outros, e sim como uma maneira de permanecer no campo, diversificando os cultivos, melhorando a qualidade de vida, através da gestão mais eficiente da propriedade, buscando alternativas sustentáveis ao cultivo predominante na região.

Conforme Mello et al., (2003), até o final dos anos 1970, o conhecimento que o jovem adquiria junto à família e à comunidade era considerado suficiente para gerir o estabelecimento agrícola. Atualmente a agricultura é uma atividade que se transforma mais rapidamente, sendo necessário o agricultor possuir um nível educacional mais elevado e terem uma formação profissional contínua.

Durston (1994, p.15) considera que “os jovens rurais hoje tem conhecimentos e capacidades suficientes para se constituírem no principal motor do desenvolvimento rural [...]”. No entanto, a necessidade de um nível educacional maior para que o jovem possa gerir a propriedade, juntamente com as maiores oportunidades vivenciadas pela juventude em tempos atuais, fazem com que ele viva o conflito entre permanecer e sair do meio rural.

A constituição de uma família é o projeto de apenas um dos jovens. Isso pode estar relacionado a pouca idade dos jovens assim como também se pode ligar ao fato das famílias terem configurações diferentes, sobretudo após a Revolução Industrial em que o mundo do trabalho separa o mundo da família. Assim como o ato sexual ser realizado separadamente da constituição familiar, elevando o número de pessoas

vivendo sós. Como projeto de vida alheio ao meio rural está o projeto de um jovem que deseja estar (tocar) em uma banda (música) maior.

#### **4.2.3 Projetos em longo prazo (mais de 10 anos)**

Os projetos em longo prazo foram os mais difíceis de serem pensados e expressados pelos jovens rurais. No decorrer da dinâmica percebeu-se que os jovens possuem dificuldades em pensar e projetar ações para o período futuro de dez anos ou mais. Por isso, por vezes, os projetos se tornam um tanto vagos e pouco palpáveis, talvez se situando no âmbito do sonho e desejo e não no de projeção.

O ato de parar as atividades cotidianas para pensar no futuro e planejar ações em médio e longo prazo não é corriqueiro entre os jovens, sobretudo os jovens rurais entrevistados. Por isso, acredita-se que quando os jovens foram instigados a fazerem isso eles sentiram dificuldades em se visualizar no período futuro de mais de dez anos.

Os entrevistados encontram-se num período da vida em que parece que o futuro é distante e não há importância em pensar nele. Seus projetos acabam não sendo propriamente projetos de vida e sim desejos de felicidade, os quais não são elaborações de ações discutidas na família gerando um novo projeto que é reelaborado a partir do contexto e da interferência dos diferentes domínios em que os jovens participam.

Em alguns casos pode-se perceber que os jovens, mais salientes no “projeto” de quatro deles, ficaram no nível da abstração, projetando, por exemplo, “(estar) apreendendo com a vida” ou ainda, “com certeza já terei um plano para a minha vida”; “trabalharei para ter um futuro melhor”; “lutarei por meus objetivos, pois quem realmente quer e se esforça consegue crescer”. Nestes casos, os projetos dão lugar aos sonhos dos jovens, uma vez que a noção de projeto apresenta uma estreita relação entre projetos de vida e campos de possibilidades.

A análise reflexiva sobre esta constatação, esta falta de projetos sobre sua vida em longo prazo, pode estar associada ao modo como a vida tem se processado no cenário da contemporaneidade. Um cenário caracterizado pelo excesso de informação, excesso de trabalho e conseqüente falta de tempo, pela visão do aqui e agora, sem lembranças do passado e sem projeções para o futuro, do presente enquanto único tempo importante, pelo efêmero.

A relação com a propriedade da terra, a constituição familiar e a preocupação com a situação financeira ganham destaque nos projetos em longo prazo. Também aparece a realização profissional, aprender com a vida e estar feliz, todos relacionados aos aspectos psicológicos dos jovens.

Questões relacionadas à posse da terra foram mencionadas por sete jovens, dentre as quais se destaca: ter uma propriedade própria - projeto de quatro jovens e; ampliar a propriedade - projeto de três jovens. Ainda relacionada à propriedade, um jovem tem como projeto de longo prazo a diversificação de cultivos.

Os dados evidenciam que mesmo os jovens projetando permanecer no meio rural, nem todos desejam seguir na propriedade paterna, seja por restrições de área ou mesmo pelo desejo de gerir sua própria propriedade. No entanto, percebe-se que conforme Silvestro et al., (2001), a questão da sucessão vem passando por mudanças e isso ocorre devido às mudanças estruturais na sociedade em geral, afetando o meio rural e o modo de vida das famílias.

Por conseguinte, a escolha da profissão passa a ser livre e o fato de um jovem ser filho de agricultores não significa que ele deva ser um agricultor também. Isso mostra que a opção em ser agricultor, venha adquirindo novas áreas ou seguindo um processo de sucessão em relação às atividades desenvolvidas pelos pais. Uma opção dos jovens rurais em estudo e não uma falta de alternativa.

Ainda em relação à sucessão familiar, de acordo com estudos realizados por Carneiro (1998) em duas comunidades rurais, uma na serra Gaúcha e outra no Rio de Janeiro, não há mais uma regra a seguir, fica em casa aquele que tiver “mais aptidão” para a agricultura e “menor vocação para os estudos”. A regra tradicional de que o mais novo é quem deve ficar, passa a não valer mais em função dos projetos individuais e das aptidões pessoais.

Da mesma forma que se pode visualizar o interesse no acesso a terra, a constituição familiar também aparece nos projetos de vida dos jovens rurais. Em se tratando da permanência dos jovens no campo, sabe-se na necessidade do acesso a terra e também a constituição familiar como forma de reprodução social.

A constituição familiar está presente nos projetos de médio e longo prazo de sete jovens rurais em estudo. O tema família, timidamente projetado em médio prazo ganha maior relevância nos projetos em longo prazo; pois cinco jovens projetam construir uma família no período próximo de dez anos. Os jovens entrevistados no período proposto para que eles mencionassem os seus projetos, terão entre 25 e 32 anos o que justifica o

maior interesse na constituição familiar, diferentemente dos projetos de curto e médio prazo em que eles ainda não se sentem preparados ou não tem interesse no casamento devido a pouca idade que eles ainda terão.

Aparecendo uma vez cada, está o projeto de vida relacionado à educação - educar bem os filhos para ter um futuro melhor; buscar melhorias na qualidade de vida; não precisar sair do interior e permanecer na agricultura. Por fim, lembra-se que para o jovem ser agente de uma transformação social que resgate o campo (CASTRO, 2005) é necessário ação e esforço coletivo, que permita a esse ator condições dignas no meio rural. É necessário muito mais do que o desejo de permanência e sim mecanismos que os auxiliem a por seus projetos em prática.

**Quadro 2 – Principais resultados da dinâmica grupal.**

<b>Jovem</b>	<b>Curto prazo (2 a 3 anos)</b>	<b>Médio prazo (4 a 8 anos)</b>	<b>Longo prazo (mais de 10 anos)</b>
1	Estudar; Estar no meio rural com os pais; Crescimento da propriedade.	Estar formada e ter êxito na propriedade;	Pretendo estar trabalhando e ganhando o meu sustento; Aprendendo com a vida.
2	Fazer faculdade para aumentar o conhecimento, mas não se afastar da agricultura.	Com os conhecimentos adquiridos pretendo melhorar a propriedade fazendo investimentos em outras áreas: leite, eucalipto, etc.	Pretendo ter minhas próprias coisas; Construir uma família e obter lucros com os meus investimentos.
3	Fazer curso, se especializar; Continuar na agricultura.	Se estiver no meio rural gostaria de diversificar a propriedade para que no futuro possa ter um bom desenvolvimento.	Trabalharei para ter um futuro melhor; Lutarei por meus objetivos, pois quem realmente quer e se esforça consegue crescer.
4	Ampliar as culturas alternativas que sejam rentáveis e sustentáveis; Manter-se na pequena propriedade ao lado da família.	Prosperar e tornar a propriedade um exemplo; Recuperar as matas ciliares e nascentes da propriedade e começar a colher os frutos (obter os benefícios destas ações); Abandonar o cultivo de tabaco.	Ter uma propriedade própria; Ter uma situação financeira estável; Constituir uma família.
5	Terminar o segundo grau.	Estar em uma banda (música) maior.	Administrar bem uma banda; Ter meu próprio dinheiro sem depender dos pais.
6	Permanecer na agricultura.	Ampliar a propriedade e investir em novos cultivos.	Constituir uma família; Ter minhas próprias coisas; Ampliar a propriedade.
7	Continuar na agricultura.	Continuar na agricultura e ampliar o conhecimento em coisas novas para administrar bem a minha propriedade.	Pretendo criar uma família; Educar bem os filhos para ter um futuro melhor; Aumentar a área (propriedade) para melhorar o manejo.
8	Buscar estabilidade financeira; Recuperar os valores investidos na ampliação do cultivo de tabaco.	Já pretendo ter lucros na propriedade, tendo em vista os investimentos que estamos fazendo; Constituir uma família, ter filhos [...] ”ter o meu próprio canto”.	Espero estar feliz com as escolhas que fiz ou estou fazendo; O principal é não precisar sair do interior que é o lugar que eu me sinto bem.
9	Terminar curso técnico em agropecuária	Trabalhar no ramo da agropecuária,	Realizar os objetivos propostos;

	e ajudar os pais com os conhecimentos adquiridos.	direta ou indiretamente; Talvez fazer o ensino superior.	Buscar melhorias na qualidade de vida; Realização profissional.
10	Continuar na cultura do fumo	Permanecer na roça.	Ter uma propriedade para cultivar; Ter uma família
11	Fazer curso técnico.	Voltar para a agricultura e investir em novos cultivos.	Permanecer na agricultura e ter minha própria propriedade.
12	Inserir a atividade de bovinocultura de leite na propriedade.	Melhorar a propriedade.	Ter meus negócios.
13	Buscar a diversificação de culturas e continuar no meio rural.	Fazer um curso sobre a produção de leite; Reduzir o cultivo de tabaco na propriedade.	Comprar minha própria propriedade; Constituir uma família.
14	Voltar a estudar e concluir o ensino médio.	Aumentar a produção de leite	Diversificar a propriedade; Aumentar a área de plantio e a renda.

Fonte: Elaboração própria, a partir da dinâmica grupal.

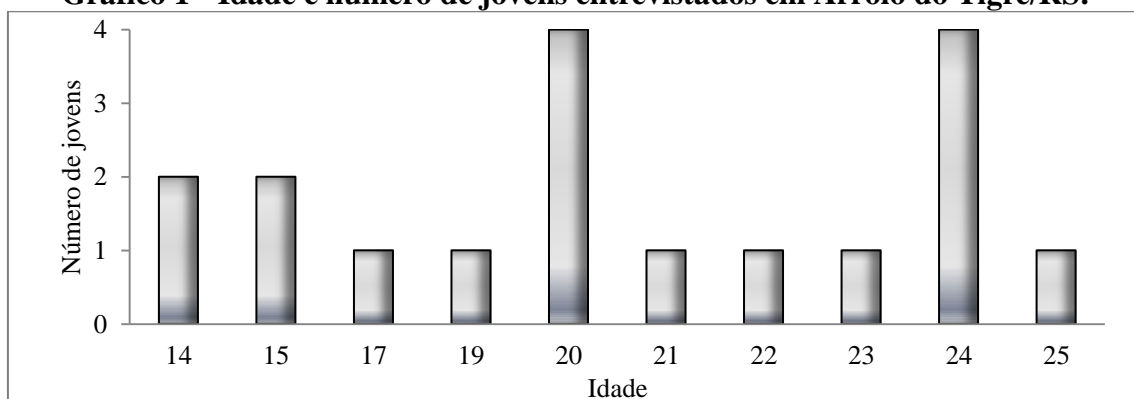
### 4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS ENTREVISTADOS

Visando responder o segundo objetivo específico do presente estudo, esta seção busca apresentar as principais características dos jovens entrevistados. Inicia-se apresentando a porcentagem de jovens do sexo feminino e jovens do sexo masculino, a idade, escolaridade, a localidade em que eles residem, o tamanho das suas famílias. Apresentam-se ainda algumas percepções, principalmente acerca da comunidade onde residem, a cerca dos motivos para desejar ou não ser agricultor e permanecer ou sair do meio rural.

Entre os entrevistados jovens, 12 (67%) são do sexo masculino e seis (33%) do sexo feminino. A escolha dos jovens se deu por indicação do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do presidente da Associação de Jovens Rurais, dos coordenadores do Movimento dos Pequenos Agricultores e também por indicações dos próprios jovens. O fato de terem sido encontrados mais homens projetando suas vidas no meio rural pode estar relacionado com os estudos (ABRAMOVAY et al., 1998; CASTRO, 2013; COSTA JÚNIOR, 2007; TROIAN et al., 2011) que evidenciam que os jovens, sobretudo as jovens, tem saído mais e em maior proporção do meio rural.

As idades dos jovens variam entre 14 e 25 anos. Distribuindo-se da seguinte forma: quatro entrevistados têm entre 14 e 15 anos; um entre 16 e 17 anos; um entre 18 e 19; anos; cinco entre 20 e 21 anos; dois entre 22 e 23 anos e; um cinco entre 24 e 25 anos de idade.

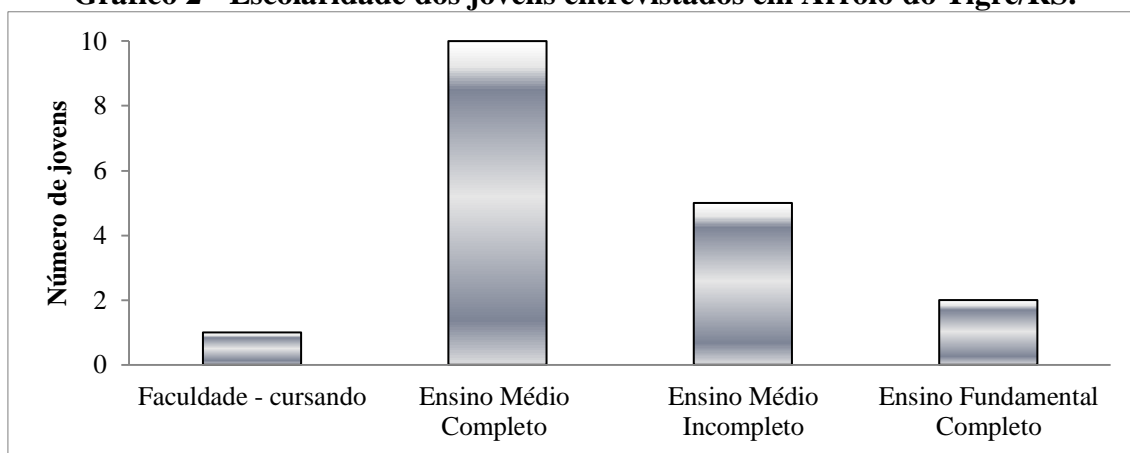
**Gráfico 1 - Idade e número de jovens entrevistados em Arroio do Tigre/RS.**



Fonte: Elaborado pela autora.

A escolaridade variou de ensino fundamental completo a curso superior. Do total de entrevistados apenas uma jovem está cursando (iniciou no ano de 2013) o ensino superior. Dez jovens estudaram até completar o ensino médio, cinco tem ensino médio incompleto, destes, quatro estão cursando e um parou de estudar no segundo ano e dois jovens concluíram o ensino fundamental. De maneira geral, os jovens encontram-se nas séries correspondentes as suas idades, ou seja, suas idades correspondem ao nível de escolaridade que possuem indicando que estão se dedicando aos estudos sem repetição de séries.

**Gráfico 2 - Escolaridade dos jovens entrevistados em Arroio do Tigre/RS.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Percebe-se mobilidade social referente à escolaridade, sobretudo na comparação dos jovens com os pais, uma vez que os entrevistados ultrapassaram o grau de escolaridade de seus pais. Apenas um dos pais estudou até completar o ensino médio e a mãe de um dos jovens estudou até o segundo ano do segundo grau (atual ensino médio). Esta situação explica-se pelo contexto da época em que os pais dos entrevistados eram crianças, pois não havia escolas nas comunidades rurais que oferecessem o ensino fundamental (até a oitava série ou o atual nono ano). Da mesma forma, não havia transporte escolar disponível e gratuito, como acontece atualmente, para que eles se deslocassem até o perímetro urbano. Nas escolas que se situavam no meio rural era possível estudar apenas até completar o antigo primário, que corresponde à atual 4ª série.

Como foi lembrado pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais:



Hoje esses nossos jovens ai de 20 a 25 anos, grande maioria tem 2º grau. Porque nesse período aí, a gente conseguiu trazer o jovem pra estuda na cidade, por exemplo, no meu período lá traz, já, e outros, digamos esse pessoal dos 30 anos pra cima, 32 anos pra cima, são poucos que tem 2º grau (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

Salienta-se que o fato dos jovens terem estudado mais do que seus pais traz impactos na vida familiar. Os jovens, ao adquirem novos conhecimentos e novas informações, estabelecem outros tipos de relações sociais e têm expectativas diferenciadas. Contudo, essas iniciativas e posturas nem sempre são reconhecidas e aceitas pelos pais, chefes da família, sobretudo na região em que a colonização alemã/italiana possui a relação patriarcal muito presente.

**Tabela 5 - Comparativo da escolaridade dos jovens e seus pais.**

Escolaridade	Pai*	Mãe**	Jovem
Ensino Básico (1ª a 4ª série)	5	9	0
Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)	8	6	2
Ensino Médio Incompleto	0	1	5
Ensino Médio Completo	1	0	10
Curso Superior (faculdade)	0	0	1

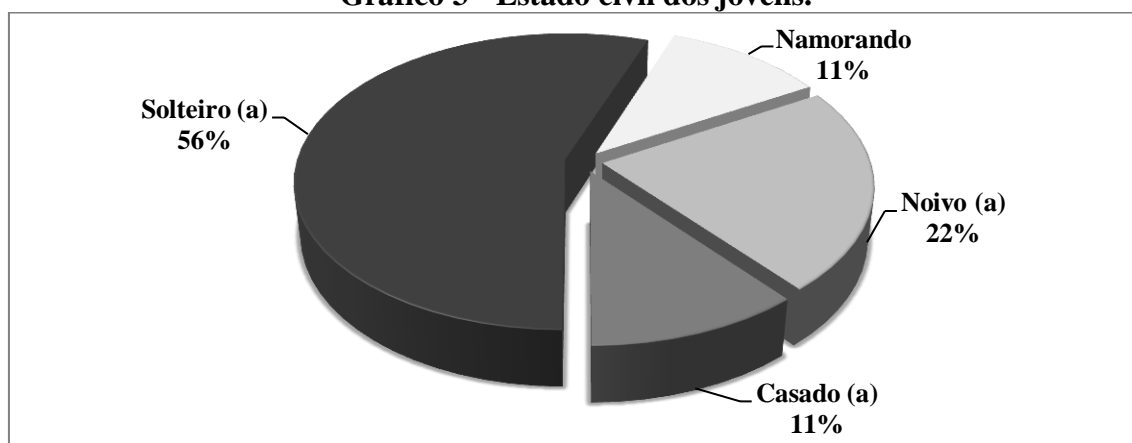
Fonte: Pesquisa de campo, 2012/2013.

\*O número total de pais é 14 devido à falta de informação a respeito da idade de quatro pais.

\*\* O número total de mães é 16 devido à falta de informação a respeito da idade de duas delas.

Com relação ao estado civil, do total de jovens entrevistados, 10 encontram-se solteiros, dois jovens estão namorando, quatro são noivos e dois são casados.

**Gráfico 3 - Estado civil dos jovens.**



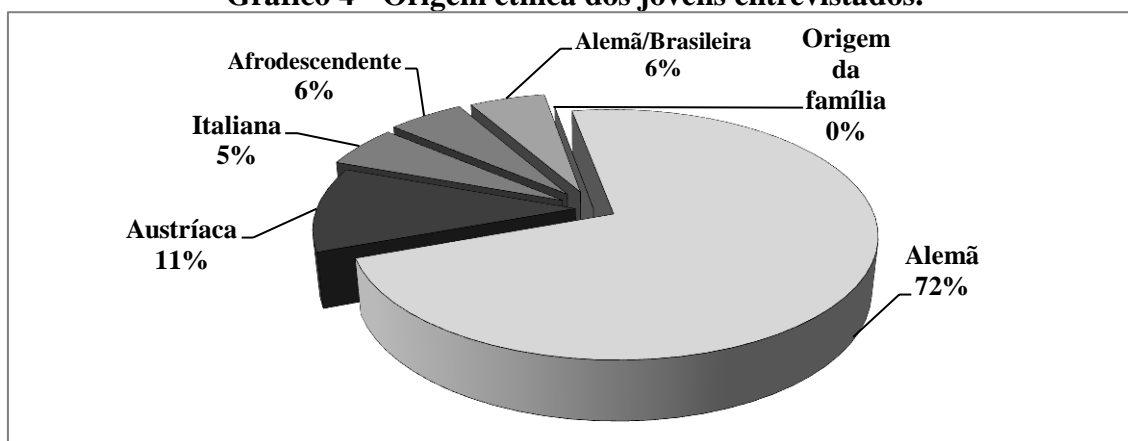
Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à origem dos jovens, a genealogia da família reforçou os dados existentes em textos e relatórios sobre a colonização de Arroio do Tigre. Entre os entrevistados, 13 jovens classificaram-se como de origem alemã, dois de origem

austríaca e dois de origem italiana. De origem afrodescendente e alemã/brasileira<sup>38</sup> tiveram dois jovens, um em cada auto classificação.

No decorrer da pesquisa pode-se perceber que existe preconceito em relação à colonização, os hábitos e os costumes das famílias de origem afrodescendente, estes que se concentram basicamente na microrregião III do município. Algumas lideranças regionais, de origem alemã, percebem a cultura que não a sua de forma negativa e associam a cultura afrodescendente, ou na linguagem local “os brasileiros”, com o consumo de bebidas alcoólicas e a pouca disposição para o trabalho, fatores estes juntamente com as condições de solo e relevo contribuem para a pobreza da região e elevado índice de famílias pertencentes ao Cadastro Único<sup>39</sup> do governo federal<sup>40</sup>.

**Gráfico 4 - Origem étnica dos jovens entrevistados.**



Fonte: Elaborado pela autora.

No que se refere à identificação com valores religiosos, predomina a religião católica, 78%. Os demais entrevistados (22%) pertencem à igreja evangélica. Durante as visitas realizadas nas comunidades rurais pode-se perceber que na maioria delas há a presença tanto da igreja católica quanto da igreja evangélica. Apesar da maior parte dos jovens pertencerem à igreja católica, visualizou-se que ela não desenvolve nenhuma ação específica para este público. “Por enquanto a igreja deixa a desejar” (Frei).

<sup>38</sup>Sob a denominação ‘brasileiro’ aninham-se vários tipos sociais, de indígenas de mais de uma nação a caboclos (GEHLEN, 1998).

<sup>39</sup> O Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), é um instrumento de coleta de dados e informações com o objetivo de identificar todas as famílias de baixa renda existentes no país. São cadastradas as famílias com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa.

<sup>40</sup> Percebeu-se o possível preconceito em conversas realizadas ou até mesmo no decorrer das entrevistas, sobretudo após o término das últimas, quando o gravador era desligado e informações pertinentes, como esta, por exemplo, eram coletadas.

**Figura 10- Igreja católica e igreja evangélica, ambas na Vila Progresso.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

As famílias dos jovens entrevistados em geral contam com três membros. São poucas as famílias com dois e aquelas com mais de seis membros. Duas famílias são constituídas apenas por duas pessoas, a jovem e seu marido e em outro caso a jovem e sua mãe - viúva. Seis famílias possuem três membros, constituída pelo pai, a mãe e o jovem, ou então como em um caso, a mãe e dois filhos, ambos jovens; quatro famílias têm quatro membros, o pai, a mãe o jovem e um irmão; cinco famílias são compostas por cinco membros, pai, mãe e dois irmãos ou então os pais, um irmão e o avô. Encontrou-se um caso em que a família era composta por seis membros, neste caso, o jovem é casado e reside na propriedade dos pais, juntamente com um irmão e a cunhada.

**Tabela 6- Número de membros da família entre os jovens de Arroio do Tigre/RS.**

Membros de pessoas por família	Frequência
2	Duas
3	Seis
4	Quatro
5	Cinco
6	Uma

Fonte: Pesquisa de campo, 2012/2013.

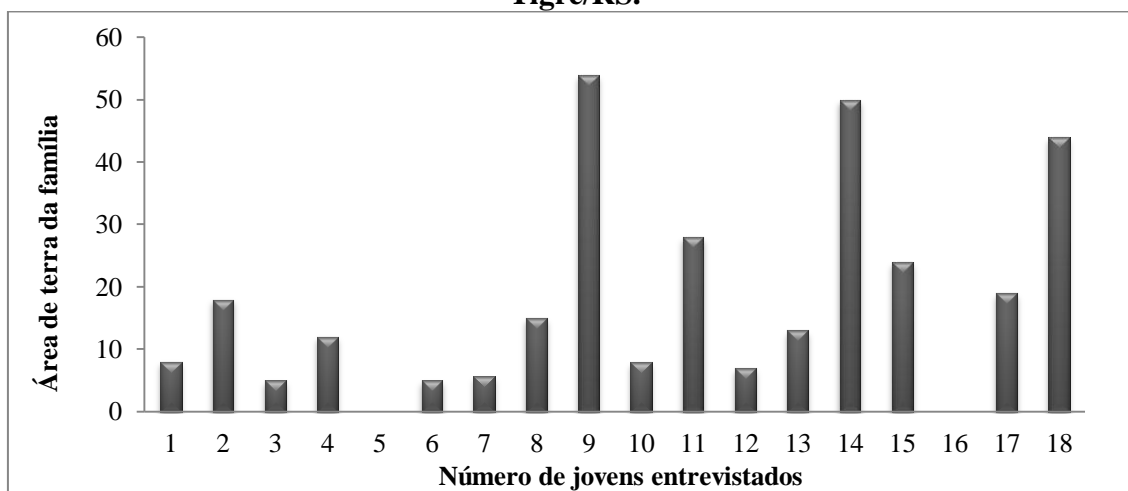
Quanto à posse da terra observou-se que 16 (89 %) jovens entrevistados são proprietários ou filhos de proprietário de terra, dois (11%) são filhos ou são agregados/arrendatários. A relação entre o agregado e o dono da terra (patrão) é de parceria. Geralmente o patrão custeia a metade da despesa com o cultivo de tabaco e recebe a metade da produção. Em um dos casos de parceria encontrado na presente

pesquisa, a porcentagem dada ao proprietário da terra é de 40% e não a metade, como ocorre mais comumente.

Os meeiros plantam na terra do patrão, que também fornece a infraestrutura, galpão, forno/estufa, e os equipamentos necessários para a produção de tabaco, enquanto eles entram com a mão de obra. De acordo com conversas realizadas com agentes de desenvolvimento e agricultores locais, em muitos casos os patrões ajudam com as despesas do fumo (insumos) e os meeiros podem plantar milho, mandioca, entre outras coisas para o consumo da família.

Entre os proprietários, a média da área de terra disponível é de 19,7 hectares, havendo produtores com apenas três e produtores com mais de 50 ha. Em cinco casos a família do jovem entrevistado possui 20 ou mais hectares de terra e em seis casos a família tem menos de 10 hectares. Como pode ser observado no gráfico 5.

**Gráfico 5 - Área de terra pertencente às famílias dos entrevistados em Arroio do Tigre/RS.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Nos últimos anos, devido aos programas de crédito fundiário, houve uma redução no número de meeiros no município de Arroio do Tigre. Também foi evidenciada a dificuldade existente para a aquisição de novas áreas de terra, pois além da baixa oferta no mercado, às áreas existentes para a venda são declivosas e, por isso, não são aceitas pelo Programa Nacional de Crédito Fundiário devido à incapacidade de pagamento e ainda pela presença de mata nativa que impede a liberação pelos órgãos de fiscalização. Ou seja, as propriedades disponíveis para a venda não tem sido aprovadas na avaliação solicitada pelo programa de crédito fundiário.

Nas microrregiões I e III as propriedades rurais são declivosas e contam com a presença de mata nativa, a qual legalmente não pode ser derrubada.

Aqui só é dobrado [...] antigamente era mais mato, agora agente esta abrindo mais, apesar de não poder mais abrir (cortar a mata) (Agricultor, Linha Taquaral/microrregião I).

A principal atividade desenvolvida na microrregião I, segundo conversas realizadas com agricultores locais é a o tabaco. Também há o cultivo de milho e demais cultivos para o autoconsumo, mandioca, batata, e a criação de galinhas e porcos. A colonização é de origem alemã, e as propriedades variam entre 10 a 15 hectares, no entanto, mais da metade das áreas são dobradas, com áreas declivosas e/ou mata nativa, a qual legalmente não pode ser cortada.

Na região tem alguns moradores que não cultivam tabaco e alugam suas áreas, para outros agricultores. Os produtores que alugam suas áreas vivem de aluguel, aposentadoria e bolsa família. “Aqui nesse lugar do Taquaral tem duas ou três famílias que não plantam fumo e alugam” (Agricultor, Linha Taquaral/microrregião I). Além das propriedades bem estruturadas, há pobreza e propriedades altamente dependentes do tabaco.

Com relação à microrregião III, pode-se dizer que as propriedades são declivosas, dificultando a mecanização. “No Sítio as pessoas saem (do meio rural) porque as áreas são menores e não tem máquinas (região declivosa)” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). Por outro lado, na mesma microrregião existem propriedades que desenvolvem o cultivo de grãos. Há também um quilombo que fornece mão de obra para os produtores de tabaco da região.

Já a microrregião II caracteriza-se por ser a mais plana do município, possuir propriedades rurais maiores e ser menos dependente do tabaco. O cultivo de tabaco está presente nas propriedades rurais, no entanto ele não é a principal fonte de renda, deixando espaço para os grãos, como a soja, o trigo e o milho.

**Figura 11 - À esquerda propriedade na microrregião I (Linha Taquaral) e a direita propriedade na microrregião III (Linha Coloninha).**



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

No decorrer da pesquisa de campo, a partir das visitas nas microrregiões estudadas e das entrevistas realizadas pode-se observar que existe uma divergência entre as regiões do município e entre os agricultores. Pode-se dizer que o município é diverso e possui várias realidades, desde agricultores capitalizados a famílias sem terra vivendo em situações precárias até famílias que possuem casas amplas, bem conservadas ao mesmo tempo em que há agricultores morando em habitações em péssimas condições de uso. De maneira geral os agricultores que possuem no tabaco a sua única fonte de renda são os que se encontram nas piores condições financeiras e que moram nas residências mal conservadas. Evidenciando dessa forma a dependência do cultivo a falta de autonomia e a urgência de políticas públicas voltadas para este público.

Apesar de haver no município 701 (mês de referência fevereiro de 2013) famílias beneficiárias do programa Bolsa Família (BRASIL, 2013), entre os entrevistados não havia nenhuma. Observou-se que a maior parte das famílias dos jovens entrevistados vive exclusivamente de atividades agropecuárias, ou seja, as rendas não agrícolas são pouco significativas na amostra estudada. Do total de entrevistados, 13 (72%) jovens não possuem outras fontes de renda que não seja a oriunda as atividades ligadas à agricultura e à pecuária e cinco (28%) jovens possuem rendas não agrícolas.

**Figura 12 - Linha Paleta, pertencente à microrregião II.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Destes, em dois casos, a renda não agrícola é a aposentadoria rural da mãe, um o salário de funcionária pública como merendeira em uma escola rural e no outro é a atividade desenvolvida pelo jovem como motorista do transporte escolar. Ambas as atividades desenvolvidas paralelamente ao cultivo de tabaco. Salienta-se que a redução da rentabilidade na atividade agropecuária contribui para a busca de outras fontes de renda familiar, como mencionado pelo jovem que é motorista e também produz tabaco.

Os dados acerca da ínfima presença de rendas não agrícolas entre os entrevistados evidenciam a dependência destas famílias com as atividades agrícolas, sobretudo o tabaco. Apesar de diversificação da renda, principalmente de fontes não agrícolas, ser uma importante estratégia das famílias para elevar a renda, no contexto dos entrevistados ela não se faz presente. Com relação a baixa presença de aposentadorias entre o grupo de entrevistados pode ser explicado através do recorte realizado e da faixa etária dos agricultores, o que evidencia pessoas em idade de trabalho e não aposentadas.

Neste contexto, cabe ressaltar que, embora o cultivo predominante no município de Arroio do Tigre seja o tabaco, visualiza-se uma série de medidas, cultivos e atividades sendo implementadas pelos agricultores. Neste sentido, considerou-se diversificadas as propriedades que comercializam pelo menos outro produto além do tabaco. Dessa forma, do total de entrevistados, 11 (61%) têm suas propriedades diversificadas e sete (39%) cultivam somente o tabaco.

Entre os agricultores diversificados encontraram-se produtores de soja, milho, feijão, trigo, agricultores desenvolvendo a fruticultura, sobretudo citros e produção de nogueiras, outros criando galinhas caipiras. Há agricultores que tem a bovinocultura de leite e ainda agricultores que produzem cucas e pães para a comercialização na feira do produtor. Todas estas atividades, agrícolas ou não, são desenvolvidas concomitantemente a produção de tabaco. Cotrim (2013) identificou em sua pesquisa no município de Dom Feliciano que entre os agricultores diversificados havia a redução do número de mil pés de tabaco cultivado. Ou seja, quando há a opção por processos de diversificação, o agricultor tende a reduzir o número de pés de tabaco plantado na safra.

Enquanto em Arroio do Tigre os cultivos desenvolvidos paralelamente ao tabaco são basicamente soja, milho, feijão, trigo, e fruticultura soja, em Cotrim (2013), agricultores, envolvem um grande rol de possibilidades, como o milho e o feijão, a apicultura, a criação de peixes, as videiras, a batata doce, entre outras. Cabe salientar que as diferenças regionais e agroecológicas tendem a influenciar na decisão do que adotar como alternativas ao cultivo de tabaco e formas de diversificação.

**Figura 13 - Propriedade diversificada (plantação de nogueiras) e propriedade com monocultivo de tabaco**



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

O autoconsumo é produzido em maior ou menor proporção por todas as famílias. Basicamente ela consiste na produção de feijão, milho, mandioca, batata doce e de hortaliças em geral. As hortas possuem uma gama variada de verduras e legumes, porém elas localizam-se muito próximas aos canteiros de tabaco (mudas de tabaco), como pode ser visualizado na figura 14, onde são aplicados diversos tipos de agrotóxicos. O que pode facilitar a contaminação dos alimentos.



**Figura 14 - Propriedade na Linha Barrinha: a proximidade entre a horta e os canteiros de tabaco.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

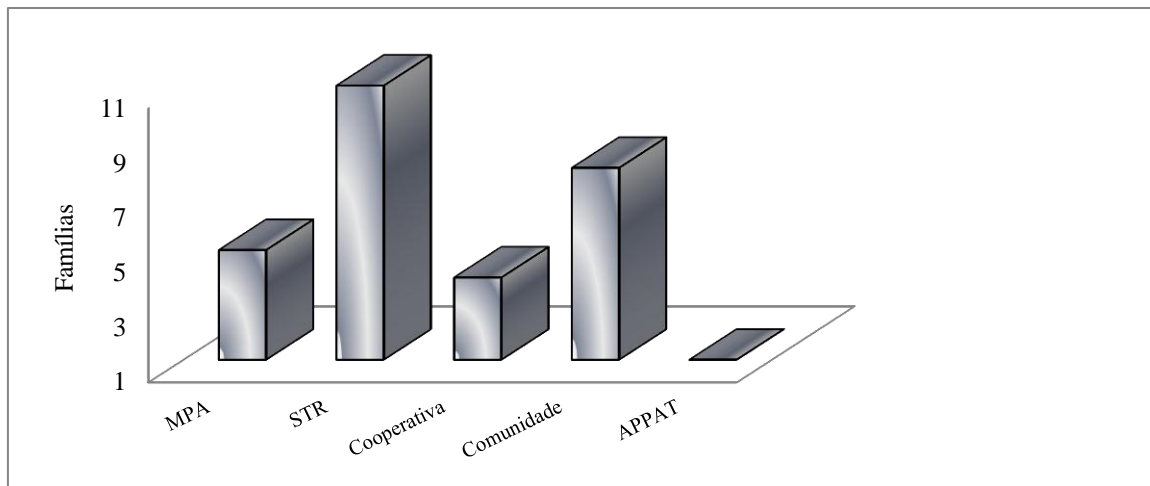
Com relação à participação das famílias em cooperativas e associações, visualizou-se que elas participam das seguintes organizações: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com 11 respostas; Movimento dos Pequenos Agricultores, cinco respostas; Associação de Pequenos Produtores de Arroio do Tigre (APPAT), com uma resposta; de cooperativas<sup>41</sup>, quatro respostas e são sócios da comunidade religiosa (católica), com oito respostas.

O questionamento sobre as associações e cooperações que a família participa deixou o entrevistado livre para responder, sendo uma questão com múltiplas opções de respostas. Dessa forma, as famílias na maioria das situações participam de mais de uma forma de associação/cooperação. Somente a família de dois jovens produtores entrevistados não possui vínculos com nenhuma instituição, organização e/ou cooperativada, estes são os dois casos de jovens que são filhos ou são meeiros.

As instituições menos prestigiadas nas representações dos produtores entrevistados são: Associação de Pequenos Produtores de Arroio do Tigre e as cooperativas e entra as mais prestigiadas situam-se o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a comunidade local, como podem ser visualizados no gráfico abaixo.

### **Gráfico 6 - Formas de associações e cooperação entre os agricultores de Arroio do Tigre/RS.**

<sup>41</sup>Os jovens que afirmaram ser sócios de cooperativa mencionaram que faziam parte da antiga Cooperativa Agrícola Mista Linha Cereja (COMACEL), mas a partir da sua falência a família passou a ser cooperada da Cooperativa Tritícola de Espumoso Ltda. (COTRIEL).



Fonte: Elaboração própria a partir da pesquisa de campo.

Referente à associação dos jovens, 13 (72%) entrevistados participam das juventudes rurais que compõem a Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre e cinco (28%) não participam. Entre os jovens não associados, em um caso a não participação ocorre devido a pouca idade do jovem, nos demais casos, os jovens não participam por falta de interesse ou vontade e ainda porque os encontros, segundo eles, eram para fazer bagunça.

Tinha uma juventude ali na vila, os piá vinham só fazer folia na rua de noite, na quadra ali. Vinham beber e sempre fazer baderna, daí nós até estava participando, mas depois caímos fora (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso).

Nós tínhamos uma juventude aqui, só que terminemos com a juventude. (Acabou porque eram) poucos integrantes, foram tudo para outra e terminou (Jovem 1, masculino, 22 anos Linha Paleta).

As vantagens em fazer parte da Associação dos Jovens Rurais de Arroio do Tigre estão relacionadas ao fato de poder participar das olimpíadas rurais, um local (um espaço) para fazer amizades e se distrair. “Mas eu acho que é onde que o jovem pode se distrair um pouco” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). “O cara consegue adquirir mais amizades, tem amigo para conversar e praticar os esportes” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

Além dos fatores relacionados a lazer e diversão também surgiu entre as vantagens em ser associado da AJURATI o fato de poder participar de cursos e programas da prefeitura. “Que quem participa da juventude já tem mais apoio [...]

Cursos e coisas, quem é sócio da AJURATI já prioridade para fazer um curso, qualquer coisa, isso ajuda muito” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

No que diz respeito às desvantagens, nenhum jovem percebe desvantagens em ser associado. “Não [...] não vejo, porque que nem eu disse, se não fosse a AJURATI, o que o jovem ia fazer? Não tem outro, outra coisa pra fazer” (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja). Além disso, os jovens percebem a associação como uma espécie de formação, como um espaço onde eles podem obter diferentes aprendizados e, por isso, não veem desvantagens em serem associados. “Não, acho que não. Isso é sempre para o futuro. Não vai ter desvantagem nunca” (Jovem 5, masculino, 24 anos, São Roque).

#### 4.3.1 Ser jovem rural

No decorrer das conversas os jovens foram instigados a falar sobre como se sentem como jovens rurais e quais a suas responsabilidades. Pode-se perceber que, de maneira geral, eles gostam desta fase da vida e a associam com algumas responsabilidades e afazeres. Acredita-se que pelo recorte do estudo, ou seja, pelas entrevistas terem sido realizadas com o grupo de jovens que deseja permanecer no meio rural, parece um tanto óbvio que eles gostam e sentem-se felizes na condição em que se encontram, ou seja, sendo jovens rurais.

Muitos mencionam que os jovens têm algumas preocupações, têm os seus compromissos, suas tarefas na propriedade, mas também têm as horas de folga e lazer. “Eu me sinto muito bem. Não vejo nenhum porque de ser agricultor” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Olha, tu tem alguma preocupação na tua casa, no teu serviço, no teu afazer. [...]. Porque tu tem vários compromissos, tu tem que estar lá, fazer essas coisas. Tem certas horas que tu tem aquelas folgas, que decerto eles não têm, mas tu tem aqueles compromissos. No final de semana tem que esta cuidando do teu gado, das coisas (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Poxa vida, sinto bem. Eu quero e estou aí. Responsabilidade? Ah, tem tantas tarefas, tem que fazer tudo (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Há também quem associe o fato de ser jovem a poucas responsabilidades, que apesar de trabalhar, ajudar nas tarefas desenvolvidas na propriedade é uma fase da vida que não exige grandes preocupações como a fase adulta. “Não tem muita

responsabilidade, ajuda em casa e não tem grandes preocupações” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque). Conforme Branco (2005), em pesquisa realizada com jovens estudantes, a maioria dos entrevistados afirmou que as melhores coisas em ser jovem são não ter preocupações ou responsabilidades.

Encontraram-se jovens que lembram a autonomia que os jovens rurais possuem em relação aos jovens que trabalham nos centros urbanos. Na agricultura, segundo os entrevistados não se têm chefes, o agricultor é quem faz os seus horários.

Por um lado tem mais responsabilidades, por causa da cultura, que o cara tem que se integrar mesmo, por outro lado não tem, por causa do horário, não precisa, o cara faz seu próprio horário. E não tem patrão enchendo o saco (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

A relação com o local também foi lembrada entre os entrevistados quando questionados sobre como se sentem como jovens rurais. “Eu me sinto bem, não posso dizer que não goste. Sempre gostei, prefiro morar na colônia que é mais tranquilo” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). Para outros, o fato de haver mais jovens no meio rural faz com que eles não visualizem diferenças entre ser um jovem rural ou urbano. “Mas pra mim não da diferença. Porque aqui, no caso, minha região aqui tem bastante igual a mim” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). Na percepção do jovem não há diferença alguma ao se tratar de relações sociais e convivência com pessoas da mesma faixa etária ele estando no meio rural ou no meio urbano.

Também elencando a relação com o rural, teve jovem que menciona gostar, porém ele demonstra que isso não é definitivo, dando a entender que se em algum momento não se sentir bem no meio rural poderá sair. “Eu me sinto bem, gosto bastante. Não sei até quando vai durar, mas eu gosto” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). A situação evidencia a capacidade de agência do jovem rural entrevistado e a sua opção pelo meio rural.

A questão familiar e a reprodução social também são referidas pelos jovens. Foi mencionado que a fase da juventude era boa quando solteira e segue da mesma forma depois de ter casado, apesar das responsabilidades terem aumentado. “Olha, é bom, agora, casada [...] solteira também era boa. Agora casada, penso no futuro, para frente, filhos, a casa da gente [...]” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

[...] responsabilidades [...] pra mim agora as responsabilidades vão aumentar, depois que eu casar. Porque daí vai ser outra maneira de vida, vai ser com pessoas que por mais que eu conheça, são pessoas estranhas, o modo de viver deles é diferente, então pra mim vai ser assim bem dificultoso nessa parte, e eu assim, sei lá, eu me considero uma jovem rural bastante ativa, porque como na época que eu vim morar pra cá que eu não sabia fazer nada, hoje eu sei fazer tudo, mais do que muitas meninas que moram no meio rural e não sabem fazer muita coisa, não sabe lidar (Jovem 6, feminino, 24 anos Linha Cereja).

Para outra jovem, o meio lhe impôs a condição de ser jovem rural, primeiramente por ter nascido em uma família de agricultores, depois por ter casado com um agricultor e ter parado de estudar. E atualmente, após ter se separado do primeiro casamento, por ter um novo namorado que também é do meio rural.

Olha, nem sei como explicar isso. Eu antes pensava em estudar. Aí eu casei, parei. Aí agora eu até queria estudar, sair, não ficar mais no interior. Mas aí eu arrumei namorado do interior. E a mãe quer que eu fique com ela, então eu acho que [...] sei lá. Pra mim seria importante ficar no interior porque se todo mundo pensar em sair do interior, como que vai ficar a cidade? Não como manter a cidade (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

As descobertas proporcionadas pela juventude, tais como: a liberdade de poder sair, jogar futebol, não ter grandes responsabilidades por residir com os pais é enfatizado no discurso apresentado abaixo. Salienta-se que ao falar de como se sente, os olhos da jovem brilhavam.

É legal, porque eu estou com 17, então [...] é meio estranho. Eu estou naquela fase assim de fazer a carteira, porque eu passei muito tempo dirigindo sem ter habilitação. Então agora com a carteira e tal vai ficar melhor. Aí eu preciso, às vezes, jogar bola e coisa assim, aí eu vou de moto lá e jogo. Tem amiga que tem filho e tudo, já não vão. Então elas já por serem jovens, e já foram jovens mães e já tiveram que pegar uma casa pela frente, e às vezes isso é mais complicado. E eu acho isso na parte do jovem [...] sou solteira, moro com meus pais, eu acho isso melhor (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Alguns entrevistados lembraram que como jovens eles têm as responsabilidades com o estudo e que isso acaba reduzindo o tempo de trabalho na propriedade. A partir da fala do jovem pode-se questionar o modelo de educação vigente, esta que nos moldes tradicionais afasta os jovens do meio rural, das relações sociais locais.

Às vezes a gente chega em casa e tem sempre um servicinho pra fazer. A gente olha, eu estou cinco dias de manhã, sempre na aula, e agora três dias de tarde. Tem uma terça feira tem o politécnico, daí tem dois três cursos

agrícolas aqui. Daí eu estou só duas tardes em casa (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

Uma das entrevistadas relaciona o fato de ser jovem com o peso do trabalho na agricultura, sobretudo no cultivo de tabaco. “A dificuldade é de ir à roça, fazer o serviço pesado, eu acho. E assim no mais, eu acho que tá bom” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). A jovem desenvolve o cultivo de tabaco juntamente com sua mãe e o “peso” do trabalho faz com que ela relacione a juventude rural com a penosidade das atividades agrícolas.

O peso do trabalho geralmente é medido pela força utilizada para a realização das tarefas. As mulheres geralmente são encarregadas de afazeres leves, cabendo ao homem realizar as tarefas mais pesadas, mais exigentes em força física. O trabalho da mulher exige mais habilidade e paciência. Porém, na produção de tabaco nem sempre é assim que ocorre, pois as mulheres estão envolvidas em todas as tarefas realizadas no cultivo.

Na produção de tabaco existem tarefas “leves” e tarefas mais “pesadas”. Porém, no caso apresentado, a jovem que cultivava tabaco somente com a sua mãe reclama justamente do peso de determinadas tarefas, as quais seriam masculinas. Resultados semelhantes, em que jovens reclamam da penosidade do trabalho na agricultura, sobretudo no cultivo de cultivo de tabaco, foi encontrado por Neves (2013), estudando jovens rurais em São Lourenço do Sul/RS.

Teve entrevistado que associou a juventude com algumas conquistas quando comparadas com o passado recente. Em sua percepção, atualmente não é difícil ser jovem rural, pois existem formas de financiamentos, acesso a crédito, a associação de jovens e o sindicato que estão buscando melhores condições para os jovens.

O jovem rural hoje em dia, ele tá muito melhor que era antigamente. Hoje tem muito mais apoio ao jovem rural, tanto no crédito, nos bancos e a própria juventude (AJURATI), que apoia bastante o jovem e o sindicato também (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Por fim, teve jovem que de maneira sarcástica menciona gostar de ser jovem por ter saúde. “Vantagem [...] é que tá sadio ainda, dá para correr para tudo quando é lado ainda (risos)” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). A percepção do jovem está fortemente relacionada às problemáticas de saúde visualizadas no meio rural, ainda mais presente entre os produtores de tabaco que mantém contato direto com agrotóxicos, sofrem por más posturas durante o plantio e colheita do tabaco e ainda

podem vir a ter problemas respiratórios devido ao contato com a poeira eliminada pela folha seca da planta.

No contexto da produção de tabaco, pode-se dizer que de maneira geral, os agricultores a partir da faixa dos quarenta anos encontram-se doentes, com problemas de saúde e psicológico, os quais nem sempre são associados ao fato de estarem desenvolvendo o cultivo de tabaco desde muito cedo. A relação direta com o uso de agrotóxicos e as más posturas, nem sempre são lembradas pelos produtores que se encontram indispostos para o trabalho e o lazer (LECOURS, 2011a; LECOURS, 2011b).

Quando questionados sobre as atividades que os jovens mais gostam de desenvolver na propriedade, ganhou destaque as tarefas relacionadas ao uso de máquinas e equipamentos, sobretudo a utilização de tratores e colheitadeiras. “O que eu mais gosto é de tirar leite e trabalhar com o trator” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). “É trabalhar com máquina” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Percebe-se que os jovens, rurais ou não, estão conectados as tecnologias e a mecanização. “Hoje em dia tem mais conforto no interior” (Agricultor /Linha Taquaral, microrregião I). No caso dos jovens entrevistados visualiza-se que em muitos casos a permanência no meio rural está atrelada a mecanização da agricultura, da propriedade e na aquisição de máquinas e equipamentos que reduzam a mão de obra e torne o trabalho menos árduo.

Alguns jovens não percebem como trabalho as tarefas realizadas no trator, por exemplo. Para estes, o trator torna-se uma diversão aliada à autonomia de estar dirigindo. Isso pode ser visualizado no discurso do agente de desenvolvimento que acredita fortemente na relação da aquisição dos tratores, sobretudo via o Pronaf Mais Alimentos, com a permanência no meio rural.

Uma coisa até fantástica de Arroio do Tigre, de 2009 pra cá (2012), foi entregue em torno de 280 tratores novos pelo Mais Alimento. No mínimo a metade desses tratores, o jovem que ia ficar na propriedade, chegou ao pai e disse: pai, eu fico, mas vamos comprar um trator novo pelo Mais Alimento, daí eu fico e vamos trabalhar (Técnico da Emater aposentado)<sup>42</sup>.

---

<sup>42</sup> O agente de desenvolvimento foi o criador do clube 4S através de um programa da Emater. Atualmente ele possui um escritório particular e presta assistência técnica e elabora projetos de crédito para agricultores. Os Clubes 4-S tinham a finalidade de reunir jovens do meio rural com a idade de 10 a 21 anos, com o propósito de desenvolver trabalhos na agricultura, tanto com rapazes quanto moças (PAPE, 2012). Foram implantadas lavouras demonstrativas de milho e cada jovem reproduzia um exemplar em sua propriedade, aumentando a produtividade do cultivo no município. Além desta atividade, eram realizadas reuniões mensais com os grupos, com o objetivo de integrá-los. Conforme Pape (2012, p.18),

Ainda com relação às atividades que os jovens gostam de desenvolver nas propriedades rurais, alguns entrevistados mencionaram que independente de gostarem ou não, as tarefas existentes na propriedade devem ser desenvolvidas, “A que eu mais gosto... eu não tenho escolha, porque eu tenho que fazer tudo” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). “Não tem aquela que tu gosta, tem que fazer todas” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). Embora sempre se tenha uma aptidão por alguma tarefa, como por exemplo, na poda das frutíferas. “O que eu mais gosto de fazer é um serviço mais fácil de fazer, podar” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). Ou ainda, nas atividades relacionadas ao tabaco. “Atando, preparando o fumo pra vender” (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

No decorrer das entrevistas também se deparou com jovens que gostam de organizar e cuidar do aspecto visual da propriedade. “Organizar a propriedade, deixar o pátio limpo” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). Outros que lembram a bovinocultura de leite, “ajudar no leite” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral). Assim como, encontram-se jovens que dizem que gostam de fazer tudo o que tem para ser feito na propriedade. “Eu gosto de ajudar a plantar, de cuidar das criações, de tudo um pouco” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

As tarefas realizadas pelos jovens têm relação direta com o interesse de permanência ou saída do meio rural. Quando os jovens não gostam do que fazem ou então não possuem autonomia para fazer as atividades que consideram menos árduas e não participam da tomada de decisão, o desejo pela saída do campo é mais evidente. Além disso, é importante visualizar que a mecanização faz parte do cotidiano de muitos dos jovens entrevistados e que este fator tem parcela significativa no desejo de ficar no meio rural e trabalhar nas atividades agrícolas. As máquinas são vistas como modernidade e também reduzem a penosidade do trabalho e ganham significância na decisão em permanecer no meio rural, assim como a relação existente na comunidade em que o jovem está inserido.

Os jovens entrevistados residem em 11 diferentes comunidades rurais. Algumas se localizam mais próximas, outras mais distantes do perímetro urbano. A distância das

---

o “Saber” significava que o homem só progride através de novos conhecimentos, o “Sentir” que os jovens devem cultivar os bons sentimentos, sendo estes condições essenciais à educação, a “Saúde” representava o bem maior do homem, sendo valorizado o desenvolvimento físico e mental, e o “Servir” significava que o jovem do campo necessitava de uma ocupação adequada, para ajustar-se ao meio social, tornando-se elemento útil, capaz de servir a coletividade.



comunidades varia de três a aproximadamente 50 km da sede do município. A frequência que eles vão para o perímetro urbano de Arroio do Tigre altera de diariamente, no caso dos jovens que cursam o ensino médio, ofertado somente em uma escola na sede do município, a uma vez por mês, no caso dos jovens que residem mais distante da cidade, como por exemplo, os residentes das linhas: Sítio Baixo, Sítio Novo e Coloninha, todas pertencentes à microrregião III. Havendo neste intervalo jovem que vai toda a semana e outros que vão duas vezes por mês. Em uma das entrevistas realizadas uma jovem comentou que no período da safra de tabaco ela chaga ficar dois meses sem ir até a cidade.

Agora, vamos dizer, o tempo do pega, do fumo, eu fui bem raramente. Eu fui duas vezes agora de dezembro a fevereiro pra comprar alguma coisa e tal. Eu não vou muito. Antes era tempo de aula, não tem como falar, porque eu ia todo dia, que eu tinha que ir estudar lá. (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

A comunidade onde reside é percebida pelos jovens como um “local bom de morar”, assim como em Neves (2013), em estudo realizado com jovens rurais do município de São Lourenço do Sul onde os jovens consideram o meio rural como um local seguro, com ar puro, ambiente mais saudável, por não haver preocupação com horários e não possuir patrão.

Os jovens entrevistados na presente pesquisa associam o rural à tranquilidade, a um local sossegado por não haver assaltos, nem roubos. “É um lugar bem bom de morar, bem calmo, não tem problema de roubo e nada, ninguém mexe nas coisas dos outros” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). A ideia de comunidade vem associada ao adjetivo, calmo, tranquilo, por não haver roubos “Problema não tem nenhum, questão de roubo, essas coisas, não tem nada. A gente se dá bem com todo mundo, não tem nada de errado” (jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

A percepção da comunidade onde reside é associada a um local bom de morar devido às facilidades, talvez as urbanidades presentes nela. A jovem comenta que além de ser um lugar sossegado a comunidade possui posto de gasolina, posto de saúde, comércio, ginásio de esporte, entre outros, fazendo com que os moradores não necessitem se deslocar para outros locais ou mesmo para o perímetro urbano do município.

É um lugar bom de morar. É um lugar quieto, é um lugar sossegado, eu acho que como todo interior é. Mas é um lugar bom de morar. Tu precisas... Tem o

posto de gasolina, tem o posto de saúde, tem mercadinho, tem bar, tem o ginásio [...] tem, assim, tem a escola municipal, que foi ampliada agora. Sabe, é bem bom (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

A percepção da jovem reafirma que o espaço rural não se define mais exclusivamente pela atividade agrícola (CARNEIRO, 1998). Os moradores desejam mais do que um local para a produção agrícola, a possibilidade de contar com condições semelhantes às urbanas tem feito com que muitos jovens desejem permanecer no meio rural. Pode-se dizer que há a diluição das fronteiras e não é mais claro e delimitado onde acaba o rural e começa o urbano. Percebe-se que existe o desejo de querer ser igual e ao mesmo tempo diferente dos jovens urbanos, pois ao mesmo tempo em que se reforçam as diferenças, tais como: um local sossegado, tranquilo, sem roubos, entre outros, lembra-se das facilidades da vida urbana como acesso a mercado, posto de combustíveis, entre outros.

As "novas ruralidades" criam oportunidades efetivas de trabalho e renda, assim como melhoram as condições e a qualidade de vida dos moradores rurais. Elas aproveitam e expandem novas funções e atividades no campo, integrando e envolvendo as famílias rurais com o poder público e a iniciativa privada. O fenômeno da nova ruralidade também é conhecido como pluriatividade ou multifuncionalidade do campo (GRAZIANO DA SILVA, 1997). No cenário das "novas ruralidades" há a interação entre urbano e rural. Ou seja, o meio rural passa a ter elementos que antes estavam presentes somente no espaço urbano, como o comércio, por exemplo.

A relação de amizade entre os vizinhos também foi lembrada como um aspecto positivo da comunidade. "Eu acho que é um lugar ótimo para morar. Sempre nos demos bem com as pessoas" (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). "É uma comunidade boa, comunidade tranquila. É um lugar bom de morar, eu gosto. Os vizinhos também, se demo bem com todo mundo" (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Carneiro (1998) em estudos realizados com jovens do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul evidencia que quando perguntados se desejavam continuar morando em São Pedro da Serra, 62,5% das moças e 84,5% dos rapazes entrevistados responderam afirmativamente, sendo suas respostas baseadas em razões afetivas: apego à comunidade e à família, maior facilidade para a criação dos filhos e tranquilidade.

Em Nova Pádua, 47% dos filhos de agricultores entrevistados (10 moças e 16 rapazes) declararam desejar permanecer na localidade de origem e as motivações são: a

qualidade de vida identificada por imagens que se opõem às características da cidade grande: calma, tranquilidade, segurança e extensão da rede de sociabilidade (número de amigos e vizinhos) (CARNEIRO, 1998). Os resultados encontrados pela autora de certa forma se assemelham aos encontrados entre os jovens de Arroio do Tigre.

Por outro lado, a percepção dos jovens em relação à comunidade onde residem também foi associada à competição entre os agricultores; pois foi salientado que muitos deles ficam disputando quem possui mais bens, casas melhores, mais máquinas e equipamentos agrícolas.

A comunidade é boa. Só tem bastantes diferenças, tem uns que trabalham, trabalham, trabalham, para mostrar para os outros, tem uns que investem o dinheiro, então tem bastante diferença nessa parte (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

A falta de união entre os moradores e a pouca participação nas festividades e nas decisões que se estabelecem na comunidade também surgiu entre as percepções dos jovens em relação à comunidade onde reside. Os jovens também aparecem como responsáveis pela falta de articulação local. Na fala, a seguir, a jovem menciona que a comunidade não possui grupo de jovem por falta de união e participação. Os jovens que desejam participar das atividades da AJURATI têm que se deslocar até outras comunidades e participar de outras juventudes.

Mais ou menos, porque são muito desunidos. Sai uma festa aqui e tem gente que prefere ir a festas em outros lugares do que aqui, se fosse mais unido às coisas poderiam ir mais para frente (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Os jovens também aparecem como responsáveis pela falta de articulação local. Na fala, a seguir, a jovem menciona que a comunidade não possui grupo de jovem por falta de união e participação. Os jovens que desejam participar das atividades da AJURATI têm que se deslocar até outras comunidades e participar de outras juventudes.

Aqui onde eu moro, assim, ela é muito desunida. Que nem aqui, nós tínhamos a juventude aqui. Terminou a juventude aqui, no Sítio Novo, por não ter... Um foi pra um lado, outro foi pra outro, não tem aquela juventude unida (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Por fim, em uma das entrevistas pode-se perceber o preconceito existente no interior do município, sobretudo contra moradores novos e de descendência diferente da

alemã, que é predominante. Porém, como a jovem evidencia em seu discurso, atualmente sua percepção em relação à comunidade é positiva, da mesma forma que mediante o trabalho sua família foi incluída no grupo comunitário.

A comunidade que é essa comunidade que eu moro, é bem boa. Quando nós viemos morar para cá, a gente brasileiro, o resto tudo mundo alemão, sabe... ai até nós mesmo, nós debochava de nós, dizia nós uns negro no meio dessa alemoada [...] A gente enfrentou bastante preconceito de certas pessoas, mas tipo, passemos por cima, fazia de conta que não enxergava. Mas assim, a gente foi bem recepcionado pela comunidade. Até o pai e a mãe dentro da comunidade são super bem vistos, e que eles falam, todo mundo se admira da gente vim da cidade e conquistar tudo que a gente já conquistou (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Com relação às perspectivas de futuro, pode-se dizer que os jovens possuem uma visão otimista quanto ao futuro, pois nenhum deles acredita vir a ter uma situação pior do que seus pais possuem atualmente. Eles justificam o otimismo a partir das dificuldades que os pais tiveram para adquirir a estrutura produtiva que eles possuem.

Melhor. Porque eles (os pais) começaram do nada. Começaram do nada, foram batalhando para ter o que tem hoje. Então agora, que a gente tá mais estabilizado, não vai ter mais tanta dívida. Tudo que vier agora vai ser mais lucro, então eles estando bem, eu também vou estar bem (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

No decorrer da pesquisa, um dos jovens entrevistados mencionou inclusive, que acredita que estará melhor do que os pais, porque mesmo eles tendo plantado tabaco a vida toda, não possuem nenhuma reserva financeira. “Melhor (risos) [...] Porque o pai planta bastante fumo e não sobra nada [...] como eu comecei a plantar para mim cedo, para mim será melhor” (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Outros jovens associaram a condição de estar melhor financeiramente do que os seus pais devido ao fato de estar diversificando a propriedade e num futuro próximo não dependerem mais do cultivo de tabaco.

Eu penso melhor, eu pretendo ser melhor. Porque agora essas outras coisas que nós estamos fazendo, essas outras rendas, começar e produzir, vai entrar um pouquinho mais de dinheiro. Porque por enquanto é só do fumo, depois vai entrar essas outras (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Percepção semelhante tem o jovem que acredita que estará melhor que os seus pais devido às linhas de crédito que facilitam a aquisição de equipamentos que auxiliam na diversificação de cultivos.

Melhor, diversificando. Hoje já tem assim linhas de créditos que nós financiamos o trator, já tem muito mais facilidade de trabalhar, pode aumentar muito mais a produtividade, renda e a intenção também é arrendar mais terra (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Deparou-se com jovens que acreditam que no futuro estarão melhores do que seus pais devido às facilidades que as tecnologias, entre elas, o que as máquinas e os equipamentos proporcionam atualmente. “Melhor eu acho, porque hoje tem mais recursos pra trabalhar, que nem antigamente não, hoje tem trator e tudo, já fica bem mais fácil” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). “Eu acho que melhor, porque no futuro vai melhorar a tecnologia” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral).

Encontraram-se ainda jovens que associam o fato de estarem melhores do que os pais devido à posse de terra. Alguns visando ter mais terra do que a família possui. “Melhor economicamente tendo um pouco mais de terra pra plantar” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha). Outros, como no caso da jovem que menciona o fato dos pais terem sido meeiros até poucos anos e recentemente, com a aquisição dela. A jovem acredita que terá terra própria antes do que os seus pais tiveram.

Eu quero viver melhor. Porque eles já passaram trabalho pra criar nós, e hoje tem o que é deles mesmo... E nós vivemos quantos anos pagando renda, metade, sendo logrado, Agora que nós temos, quero viver melhor (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Houve entrevistado que justificou considerar-se melhor devido ao estudo. O jovem relaciona as melhores condições no futuro por ter tido a oportunidade de estudar, coisa que seus pais não puderam fazer. O estudo é considerado como significativo na gestão e no planejamento da propriedade indo contra a falsa ideia que o senso comum possui, ou estuda ou fica no meio rural. “Melhor. Porque o que eu já tenho agora eles não tiveram, sabe? Quem nem estudo, tudo que nós temos, eu só vou daqui pra frente” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Por fim, encontraram-se jovens que mesmo acreditando que estarão melhores economicamente preocupam-se em estar pior do que os pais no quesito saúde.

Eu acho assim, financeiramente eu vou estar melhor, agora saúde eu acho que não, porque a saúde, a vida do ser humano ultimamente está pior. Antigamente não se via tanta epidemia, tanta doença (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

Ainda neste sentido teve jovem que acredita que vai estar melhor do que seus pais porque não vai estar cultivando tabaco e com isso eliminará os agrotóxicos visando ter um modo de vida mais sustentável.

Melhor. No fumo se ocupa bastante veneno, fazer uma plantação com menos veneno, facilitar um pouco, plantar de uns jeitos que não precisa dar tanto serviço, tipo plantio direto, que hoje a área é pequena, podia fazer rotação de culturas, deixar um ano sem, só que não tem um lugar um ano sem plantar (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

Na presente pesquisa encontrou-se resultado semelhante aos jovens pesquisados pela Fundação Perseu Abramo, em 1999, onde eles encontravam-se confiantes quanto ao seu futuro pessoal. Os jovens pesquisados pela Fundação Perseu Abramo apresentaram-se predominantemente otimistas quanto ao seu futuro pessoal, embora esse positivismo decresça nos segmentos sociais com renda mais baixa. Os jovens acreditavam que, com o esforço pessoal promoveriam a melhoria das suas condições de vida, reiterando o imaginário liberal em torno da importância do êxito individual (BRASIL, 2007).

#### **4.3.2 Sucessão, permanência e reprodução dos jovens rurais**

O casamento no meio rural ainda é percebido como uma maneira de dar continuidade ao processo produtivo em curso na propriedade, o que demanda um sucessor capaz de reproduzir o patrimônio familiar (STROPASOLAS, 2004). Para Ellen Woortmann (1995), entre os camponeses casar não é uma simples questão de escolha individual, pois a rigor não são apenas dois indivíduos que se casam, mas duas famílias que entram em acordo. Na reflexão da autora está implícito o fato de que entre os camponeses o casamento estabelece afinidades entre às famílias, por isso ganha um significado maior o que apenas a junção de um casal. As famílias após o casamento passam a manter relações e desenvolver atividades conjuntamente, dessa forma a escolha da família tem peso significativo na junção entre duas pessoas por meio do casamento.

Entre os jovens entrevistados há o desejo de casar e constituir família com alguém que possua vínculos com a agricultura. Esta constatação pode ser visualizada

por meio do discurso da jovem agricultora que casou com um jovem do meio rural também. “Era isso que eu esperava, casar com alguém que pudesse me ajudar, seguir comigo na tarefa da agricultura” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Por serem agricultores e não pretenderem sair do meio rural, encontraram-se jovens que optaram por se relacionar com pessoas que também residissem no meio rural.

Porque eu também era da roça, daí sair e ir morar na cidade eu acho que eu não ia me acostumar. Por isso que procurei um da roça para me acostumar, pra ficar na lavoura mesmo (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Do mesmo modo, a pesquisa também identificou jovens que desejam que seu parceiro além de ajudar na realização das atividades agrícolas participe das tarefas do lar. “Preferencialmente alguém que possa me ajudar na agricultura. Tanto na agricultura como dentro de casa” (Jovem 13, feminino, 15 anos, Linha Taquaral). Outros que dizem que se não for casar com algum agricultor seria importante que a pessoa possuísse alguma relação com o meio rural e a agricultura.

Em outros casos, encontraram-se jovens indecisos, que não possuem opinião formada a respeito do desejo/necessidade de se casar com agricultora (o). “Pode ser possível, pode ser que não também” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). Percebe-se que o jovem não tem opinião formada e também demonstra não fazer distinção, não ter preferência. Esta indecisão pode justificar-se devido ao desinteresse do mesmo, pelo menos no presente momento, pelo casamento e pela constituição familiar.

**Figura 15 - Foto de um casal de jovens rurais esperando o primeiro filho.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Há ainda quem não sente necessidade em casar com agricultoras (o). “Mas isso aí é possível sim, e quem sabe pode ser a outra, até outra, não precisa ser da roça também” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque). E os jovens que desejam casar com mulheres do meio rural, mas tem percebido a dificuldade em encontrar este público, uma vez que elas têm saído em maior proporção do meio rural. “Ah, é bem complicadinho. As jovens de hoje em dia, a maioria quer sair, difícil quem quer ficar. Mas tem, tem, mas é escasso” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Conforme Stropasolas (2004) e Brumer e Spanevello (2008), ao lado dos valores propriamente rurais aparecem valores incorporados do mundo urbano e adotados, principalmente pelas mulheres. O êxodo é essencialmente resultado do fato de as mulheres serem mais bem preparadas para enfrentar a vida urbana. Menos ligadas à terra do que os rapazes, mais prontas para adotar os modelos de comportamento urbano, sendo assim, as filhas dos agricultores podem ganhar as cidades mais facilmente que os rapazes. Ainda de acordo com o autor, a vigência de relações desiguais e excludentes no âmbito da agricultura familiar é um dos principais fatores responsáveis pela saída das mulheres do campo.



**Figura 16- Foto de um jovem entrevistado e sua irmã.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Na presente pesquisa encontrou-se certa dificuldade em encontrar jovens do sexo feminino que estivessem projetando suas vidas no meio rural. Na dinâmica grupal realizada, dos 14 jovens participantes, somente três eram do sexo feminino e no decorrer das 18 entrevistas realizadas encontraram-se seis jovens projetando suas vidas no meio rural de Arroio do Tigre. Apesar da amostra não ser representativa pode-se inferir que no meio rural do município estudado as jovens saem ou desejam sair do meio rural em proporção maior do que os jovens do sexo masculino. Isso também ficou evidenciado por meio das conversas realizadas com os agentes de desenvolvimento e líderes locais quando solicitava indicações de jovens para a realização das entrevistas.

Numa sociedade sustentada pelo trabalho agrícola, o principal bem transmitido é a terra (CARNEIRO, 2001). A autora, em estudo realizado no sul do Brasil apresenta as diferentes formas de sucessão ressaltando a relevância da transmissão e posse da terra entre os agricultores. Na região colonial do sul do país, a regra era manter a integridade da exploração agrícola familiar, que seria transmitido ao sucessor. Os demais filhos se instalavam em áreas vizinhas ou seguiam o celibato.

Para os jovens estudados a conquista da terra é muito valorizada, principalmente entre os homens. Porém, é necessário considerar as mudanças nos padrões demográficos das famílias e práticas de sucessão e de transmissão de herança das famílias de agricultores, assim como as atuais condições de acesso a terra no município.

Existem situações em que a área de terra é indivisível, pois caso isso ocorra à atividade desenvolvida torna-se inviável, como é o caso da maior parte dos jovens

entrevistados. Por serem agricultores familiares e possuírem pequenas extensões de terra a divisão, muitas vezes é impossível, fazendo com que permaneça na propriedade aquele que tiver mais interesse ou afinidade com as regras e normas estabelecidas pelos pais. Por outro lado, pode-se afirmar que as famílias rurais têm reduzido o número de filhos, além do fato de muitos destes não projetarem suas vidas no meio rural.

Na agricultura familiar, de acordo com Abramovay et al., (1998), por uma série de motivos, os padrões sucessórios alteraram-se, e as condições e possibilidades econômicas que o mundo rural oferece não têm garantido a permanência da juventude rural nas propriedades dos pais.

A sucessão familiar é o desejo da maioria dos jovens pesquisados. Visualizou-se que entre os entrevistados a maior parte, 14 jovens, pretende permanecer na propriedade dos pais desenvolvendo as atividades agrícolas projetadas. “Pretendo assumir a propriedade dos meus pais” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). Lembra-se que a regra tradicional de que o filho mais novo é quem deve ficar, passa a não valer mais em função dos projetos individuais e das aptidões pessoais de cada jovem e da decisão do núcleo familiar.

Carneiro (1998), em pesquisa realizada na região de São Pedro da Serra (RJ) e Nova Pádua (RS), constatou que a regra tradicional de que o filho mais novo era quem ficava no terreno paterno deixara de vigorar em função dos projetos e aptidões individuais. Dentre os jovens entrevistados em Arroio do Tigre, na região central do estado do Rio Grande do Sul a situação não é diferente.

Entre os jovens que pretendem ser sucessores, encontrou-se entrevistados que além de assumir a propriedade rural dos pais visam adquirir novas áreas de terra. “Nós já adquirimos terra aqui em roda. Pretender sair daqui eu não saio (pretendo), mas aumentar ( a propriedade) eu pretendo” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral). Assim como o jovem a seguir. “Pretendo assumir e comprar novas áreas” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Houve ainda, um jovem que mencionou que será o sucessor, mesmo desejando sair da propriedade paterna e adquirir novas áreas de terra. A sucessão justifica-se devido ao fato da família precisar de ajuda para trabalhar, pois o pai sozinho não tem condições de cultivar a terra, uma vez que sua esposa encontra-se doente.

Agora, por enquanto, nós vamos trabalhar com o pai, nas terras do pai. Mas mais adiante nós queríamos comprar terra pra nós. Só que daí o pai fica

sozinho, e sozinho, pra ele, não tem como trabalhar. E a mãe não pode ir na lavoura (Jovem 15, feminino, 20 anos Sítio Novo).

Também se identificou jovem que permanecerá na propriedade paterna por medida de cautela. Segundo um entrevistado, não adianta querer adquirir uma área de terra e não ter condições financeiras para pagá-la. “Isso tem que ver na medida do possível, não adianta querer comprar se não tem condição e tem que ver o jeito que dá” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental). Por meio do discurso do jovem percebe-se o seu interesse em adquirir novas áreas de terra, mas se isso não for possível e para não se endividar vai ficar com a parcela da propriedade que lhe for cabível quando seus pais não tiverem mais condições de desenvolver as atividades agrícolas.

Encontrou-se jovem que mencionou não haver necessidade de fazer a aquisição de novas áreas de terra, uma vez que a área que os pais possuem é suficiente para a família se reproduzir. “Tentar assumir, porque tá tudo as coisas lá pra trabalhar. Só meter o braço agora” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). O jovem comenta que a propriedade já possui a infraestrutura necessária para desenvolver o cultivo de tabaco e que por isso, ele pretende ser o sucessor e permanecer na propriedade desenvolvendo a atividade que aprendeu desde muito cedo.

Ainda se visualizou jovens que visam suceder os pais sem fazer novas aquisições de terra. Segundo uma jovem entrevistada a família já possui terra suficiente, além disso, se caso eles venham a adquirir novas áreas de terra os equipamentos e maquinários tornam-se insuficientes para produzir, necessitando a aquisição de novas máquinas. Este fator implicaria na falta de mão de obra. Salienta-se que a família da jovem é uma das famílias, entre os entrevistados, que possui as maiores áreas de terra, 50 hectares.

Eu pretendo ficar aqui, assim, não comprando mais áreas porque eu acho que a gente já tem bastante, assim, que dá pra viver. Não adianta tu ter bastante terra, que daí tu vai ter que ter mais equipamentos, tu vai ter que ter mais mão de obra. Daí se tu vai comprar mais terras, daí tu precisas de mais um trator e passar veneno [...] (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

De acordo com Silvestro et al., (2001), a garantia da reprodução social na agricultura familiar implica, necessariamente, a presença de um membro da família – entre os filhos – que deseje organizar sua vida profissional em torno da unidade produtiva. Ou seja, para que haja reprodução, é preciso que exista um sucessor, não só

um herdeiro, mas também um herdeiro que tenha vontade de herdar e que aceite submeter-se à continuação do ofício e da condição de vida de seus pais.

Ainda conforme Silvestro et al., (2001), nos últimos anos do século XX, o tamanho das famílias rurais diminuía de maneira nítida, provocado segundo Camarano e Abramovay (1998) pela queda da fecundidade dessa população. Ribeiro (1998/1999) observou que entre os anos de 1970 e 1990, o Brasil rural passou de famílias com dez ou mais filhos para o número de filhos em torno de 2,1 por mulher.

A redução de filhos por casal diminuiu o número de herdeiros potenciais para a unidade familiar. Aliada a esta transformação demográfica ocorreu intensificação das migrações, masculinização e envelhecimento da população rural. Estas constatações de alguma maneira ajudam a explicar porque a maior parte dos jovens entrevistados pretende suceder os pais na unidade de produção, pois as famílias têm menos filhos, menor ainda é a quantidade de filhos que deseja permanecer no meio rural.

Por outro lado é importante salientar que mesmo entre os jovens que mencionam que pretendem ser sucessores, este assunto ainda não foi discutido no âmbito familiar. “Ainda não foi discutido nada” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). A discussão a respeito da sucessão familiar geralmente não é realizada ou ocorre tardiamente, fazendo com que os jovens percam o interesse em permanecer na propriedade rural, uma vez que a gestão e a tomada de decisão ficam sob o controle do pai.

Cada vez mais, e mais cedo, os jovens têm acesso a informações e conhecimentos, os quais despertam o interesse na participação na gestão e nas decisões. Ao mesmo tempo em que isso ocorre percebe-se que os pais são relativamente jovens, tendo muito tempo em termos de idade para trabalharem e, por isso, tendem a evitar a discussão sobre quem será o sucessor, principalmente quando há mais do que um filho. Isso faz com que o jovem perca o interesse ou não tenha “paciência” em esperar os pais envelhecerem para repassar o controle das ações e das atividades desenvolvidas.

Neste sentido, Ahlert (2009) afirma que para a sucessão na agricultura familiar ser bem sucedida é necessário haver de maneira contínua o diálogo e o planejamento entre os pais e os jovens. Para Brumer (2006) o jovem não é reconhecido enquanto agricultor pleno até que assuma uma unidade produtiva própria. As ideias e opiniões dos jovens pouco valem perante a família e os demais agricultores até eles se tornarem autônomos (CASTRO, 2009).

Quando o processo sucessório é tardio, o mesmo acontece com a distribuição do patrimônio que fica exclusivamente sob o domínio do poder paterno. Spanevello (2008) afirma que o padrão sucessório mais comumente encontrado é a chamada “sucessão tardia”, em que a gestão e o patrimônio da propriedade eram transmitidos ao filho no final da vida dos pais (morte dos progenitores) ou em casos de incapacidade física.

Entre os entrevistados a sucessão tende a ser tardia, pois seus pais encontram-se em idade e em plenas condições de trabalho. Estes fatores tendem a retardar a distribuição da terra e a gestão da propriedade. Por outro lado, encontraram-se casos em que a família destina uma pequena parcela da produção para a gestão e controle do jovem, sendo deste as responsabilidades e o valor recebido pela produção, embora o trabalho seja coletivo. Geralmente o dinheiro obtido é usado pelo jovem para a aquisição de motocicletas, o que é mais comum entre os jovens do sexo masculino, e facilita a sua mobilidade, incentivando o a permanecer no meio rural.

A sucessão tardia, acompanhada pela pouca abertura dos pais aos possíveis sucessores, seja na gestão dos negócios ou no comando de determinadas atividades. Essa participação restrita dos sucessores pode comprometer o desenvolvimento da propriedade familiar porque inibe os filhos a mostrarem sua capacidade inovadora, levando-os a buscar alternativas de vida (ABRAMOVAY et al., 1998).

**Figura 17- Pai e filho, ambos com pouca idade evidenciando a sucessão tardia.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Outros entrevistados (quatro jovens) mencionam não ter a pretensão de serem sucessores. Alguns pretendem adquirir novas áreas de terra tendo em vista que a propriedade não tem condições de ser dividida entre os filhos.

Eu pretendo adquirir outra área, porque nós temos pouca terra, ai que nem esse negócio de herança, daqui um pouco os dois morre, e somos entre três. É pouquinho terra que a gente tem, então que nem a irmã também, ela casou, ela também já adquiriu a terra dela (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Com relação à divisão do patrimônio, segundo Gasson e Errington (1993), pode haver a partilha ou a divisão do patrimônio entre todos os sucessores ou mesmo a não partilha. Quando há partilha, todos os envolvidos recebem terras, quando não há partilha a terra tende a ficar com um único beneficiário. A adoção da partilha ou da não partilha é determinada por diferentes fatores como as condições econômicas dos agricultores, as normas sociais e legais ou jurídicas que atuam de forma interligada.

No decorrer da pesquisa outros jovens pretendem adquirir terra porque são meeiros e a área de terra que o pai possui não suportaria mais uma família. Conforme Spanevello (2008), os agricultores buscam atenuar a possibilidade de conflitos e disputas futuras entre os filhos, evitando a inviabilidade do estabelecimento familiar.

Nós tava saindo daqui esse ano, ir morar com meu pai, não estava se acertando aqui. Mas eu quero ir pra cima do que é meu mesmo, no meu pai ia ser meu. Mas lá é pequeno o lugar, não tem como (Jovem 16, feminino, 21 anos, Sítio Novo).

Cabe salientar que no decorrer da pesquisa a partir das entrevistas e conversas realizadas pode-se averiguar a dificuldade existente na aquisição de áreas de terras. Conforme os residentes de Arroio do Tigre não há terra disponível para a venda, quando existem, são declivosas e com uma parcela significativa de mata nativa o que impossibilitada à aprovação junto ao Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF). “Depende ainda, se eu arrumar uma área boa, assim [...] dai pode ser. Aqui terra até tem, mas é perau, coisas que não vale a pena o cara investir onde não dá lucro depois” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Bussons et. al., (2010) concluíram em seu estudo no município de Sobral no Ceará que o PNCF não tem sido suficiente para a contenção do êxodo rural entre a juventude dos assentamentos locais. Semelhantemente é a situação de Arroio do Tigre, pois se depender do programa e da aquisição de terra os jovens não permanecerão no

meio rural. Visualiza-se a pouca efetividade do programa e que suas normas não são aplicáveis para qualquer realidade.

Compreende-se que apesar da política de crédito fundiário ter a função de contribuir na superação das adversidades que historicamente acompanham os trabalhadores rurais brasileiros no município, devido as suas condições agroecológicas, de clima e relevo ela não tem sido beneficiária como se propõe.

No decorrer da pesquisa visualizou-se que muito mais do que a questão de gênero, no município em estudo, a sucessão está ligada às condições da propriedade rural e ao número de filhos. Percebeu-se ainda que existe uma tendência na sucessão tardia e não há uma predisposição capaz de definir quem será o sucessor. Como o município apresenta diferenças quanto ao tamanho das propriedades e as condições de solo e relevo, possuindo áreas planas e outras declivosas, tende-se a levar estes fatores em consideração no momento da decisão em ser ou não o sucessor. Pois se sabe que pequenas propriedades ao serem divididas entre os filhos podem se tornar inviáveis economicamente e insustentáveis pela incapacidade de reprodução.

#### **4.3.3 Fatores para querer ou não ser agricultor**

A partir das entrevistas realizadas pode-se compreender que diversos são os fatores que motivam a permanência dos jovens no meio rural. Entre eles, situam-se basicamente:

- a) a relação do rural com um ambiente de calma, tranquilidade e sossego;
- b) relações sociais existentes na comunidade;
- c) gosto pelo rural associado à liberdade;
- d) as relações de trabalho e autonomia associados ao fato do agricultor não ter horários, ser o próprio patrão;
- e) o custo de vida urbano considerado elevado em comparação ao do rural;
- f) modernização/tecnificação agrícola, que facilitam o trabalho na terra e otimizam os serviços dos agricultores.

A calma, a vida sossegada e a tranquilidade que se leva no meio rural foram lembradas por quatro jovens entrevistados. “Olha [...] a calma. É um lugar mais calmo que na cidade” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha). Para eles estes fatores

estão diretamente relacionados com os seus desejos de permanência no meio rural. Castro (2013) em estudo realizado com jovens rurais de um assentamento no estado do Rio de Janeiro evidenciou que a calma, o sossego e a tranquilidade são utilizados tanto para qualificar quanto para reclamar do local onde eles residem. Ou seja, os aspectos elencados são percebidos como positivos da mesma forma que são utilizados para desqualificar o espaço de vida.

Pelos discursos a seguir, pode-se perceber que a princípio o rural tem mais opções, associado à ideia de ser um lugar bom de morar, com mais qualidade de vida. Para outro jovem o rural é mais tranquilo, além de considerar a cidade com poucas opções de empregos. “Que é um lugar melhor pra viver, tem mais, não vou dizer que tem mais renda, mas pode ter também, depende de como ele vai trabalhar” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). “Com certeza é mais tranquilo do que na cidade. Na cidade também esta tão entupetado, também esta difícil os empregos” (Jovem 1, masculino, 24 anos, Linha Paleta).

Também associando o rural a um local de sossego teve uma entrevistada que mencionou a quantidade de espaço existente, a possibilidade de ter casas maiores, mais conforto, ter mais liberdade para ouvir músicas, além do fato de poder produzir frutas e alimentos que nas cidades precisam ser comprados.

O sossego [...] na cidade, eu acho assim, é muita falta de espaço. No rural, tu quer sair tu sai, tu tem espaço, a tua casa já é mais grande, o teu quarto já é mais grande [...] Tu pode falar alto que tu não vai incomodar teu vizinho. Aí tu quer ouvir tua música bem alto, não vai prejudicar ninguém. Aí tu precisa, na cidade [...] Tu quer ir na fruteira, tu tá com vontade de comer uma maçã, uma melancia, tu vai ter que comprar a melancia. Aqui não, aqui tu planta. Tu tem o caqui, tu tem a bergamota, tu tem... Tu tem tudo o que tu precisa, desde o ovo, a galinha, essas coisas. Tu não precisa sair e comprar (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

O elevado custo de vida presente no meio urbano também foi lembrado por quatro jovens entrevistados como sendo um fator que os motiva a permanecer no meio rural. “Porque pra sair do interior é muito difícil. O custo de vida se tu vai pra uma cidade é muito mais do que tu ficar no interior lá. A vida lá (no interior) é mais fácil ” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). Alguns jovens mencionam que embora na cidade se receba mensalmente, no meio rural é possível ter renda mais elevada e o custo de vida mais baixo, uma vez que não se paga aluguel.

Na cidade tu ganha por mês. No interior tu ganha por ano, mas eu acho que dá mais. Na cidade tu não tem casa. No interior tu não precisa pagar aluguel,



se tu tem o que é teu, se tu tem pra plantar, tu consegue. Já na cidade, se tu não tem emprego. [...]. Às vezes tu consegue, às vezes tu não consegue, tu perde, se tu paga aluguel essas coisas... Já no interior não se tu tem o que é teu, tu consegue ir pra frente. Sabendo trabalhar e querendo, tu consegue. (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

A permanência no meio rural por gostar das atividades agrícolas e pelo estilo de vida que se leva, principalmente a liberdade, foi salientada por três jovens. “Olha, eu não tenho nenhuma teoria, mas eu acho que é se dar bem com os pais e gostar do que faz, também” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Para os jovens, a permanência deve ser uma escolha, quem fica no meio rural, deve fazer isso por gostar e não por falta de opção.

Primeiro tem que gostar, não adianta querer ficar por obrigação. Porque daí vai na lavoura desanimado, volta mais ainda. Chega na hora de trabalhar, que é o mais interessante, desiste, daí sai pouca coisa. Tem que ter interesse, principalmente tem que gostar (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

A liberdade que o rural exprime juntamente com o fato de não possuir experiências nas tarefas e trabalhos urbanos foi lembrado por um jovem como principal motivo para a sua permanência no meio rural.

Eu fiquei porque eu gosto do que eu faço, eu gosto porque tu tem uma liberdade a mais, eu acho porque eu não tenho a experiência de trabalhar na cidade, nem morar na cidade. Mas eu acho que há liberdade, tu que faz o teu serviço [...] (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Teve entrevistado que elencou como principais motivos para a permanência dos jovens no meio rural as relações locais, as relações estabelecidas entre os vizinhos e a comunidade em geral. “Eu acho que tu se dar bem na comunidade, coisas assim tudo te ver como um cara bom assim, não tem porquê querer sair” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). As relações sociais no meio rural, as amizades e o fato de ser bem visto pelos vizinhos é tida como uma razão para desejar projetar a vida no meio rural. A percepção do jovem está muito mais relacionada com os aspectos sociais, de ter o seu trabalho valorizado chega ser mais importante do que a renda.

Para outros jovens o mais importante no meio rural e nas atividades agrícolas é o fato de não ser mandado, de ser o próprio patrão e poder decidir sobre os horários e tarefas a serem desempenhadas.

Eu acho que é a tranquilidade de tu se governar, assim, num certo sentido, porque tu vai arrumar um emprego, tu vai ser sempre ser mandado por alguém, e assim, o jovem na roça, claro ele é mandando pelo pai e pela mãe, mas em questão assim, hoje eu não posso trabalhar, eu vou ficar em casa, vou fazer o meu serviço, ou vou lavar minha roupa, alguma coisa assim, é nessa parte aí que o jovem que fica no interior eu acho que é por causa disso, né, pensa que não adianta sair pra fora e ser mandado por alguém, pelo menos eu não gosto de ser mandada por ninguém (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Há ainda jovens que associam a permanência no meio rural com as atuais “facilidades” que o meio permite, tais como a modernização e a mecanização da agricultura.

Hoje está muito mais fácil de permanecer no meio rural, é tudo mecanizado, é mais fácil, moderno. Daí ficou muito melhor permanecer no meio rural, quem quer trabalhar hoje, no meio rural, tem uma vida muito melhor do que morar na cidade (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Por outro lado, com uma visão diferenciada da apresentada pelo jovem supracitado encontrou-se a proprietária de um mercado situado no meio rural que acredita que quem tem ficado no meio rural local são os jovens de famílias mais humildes, aqueles que não têm condições de sair para estudar. “O jovem que fica geralmente é a pessoa mais pobre” (Proprietário de um comércio rural, Sítio Alto).

Percepção semelhante encontrou-se no decorrer da entrevista com a professora representante da Secretária da Educação. A entrevistada acredita que para que os jovens fiquem no meio rural eles precisam gostar das atividades ligadas à agricultura. “Tem que ter amor”. Em sua opinião, “quem tem ficado (no meio rural) é aquele (jovem) que não estuda, por falta de incentivos dos pais ou por falta de interesse próprio” (Professora, representante da Secretaria da Educação/Gestão 2013/2016).

No entanto, na percepção da agente da Emater entrevistada percebe-se que os jovens rurais que estão optando por permanecerem no meio rural são justamente aqueles que possuem condições econômicas e sociais que facilitem as condições de vida e de transporte. “A maioria, os pais já tem meio de transporte, ou tem moto, ou tem carro [...]” (Agente área social/Emater).

**Figura 18- Presença de motos no meio rural local.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

Segundo estudos de Silvestro et al., (2001), os jovens saem da roça não só porque eles enfrentam uma crise de identidade, mas também porque a roça não dá uma renda melhor. Neste sentido, o estudo realizado por Abramovay et al., (1998), evidenciou que entre os agricultores consolidados era mais frequente a sucessão geracional. No entanto, Brumer et al., (2000) acreditam que as perspectivas da permanência dos jovens na atividade agrícola dependem principalmente das condições internas das famílias, tanto econômicas quanto sociais. Para os autores, os jovens precisam identificar a viabilidade econômica e de reprodução da propriedade e também manter bom relacionamento com os pais, possuindo espaço e autonomia para desejarem permanecer no meio rural e seguir a profissão de agricultor.

Já com relação às percepções dos jovens e agentes sobre o que falta ou precisa para que os jovens permaneçam no meio rural encontraram-se as seguintes categorias:

- a) apoio/ reconhecimento e incentivos (oito jovens);
- b) diversificação dos cultivos e fontes de renda (dois jovens);
- c) produção sem uso de agrotóxicos (um jovem);
- d) mais áreas de terra (um jovem);
- e) vontade e interesse (um jovem);
- f) maior atuação do STR e mais cursos (um jovem);
- g) melhoria do preço dos produtos agrícolas (um jovem);
- h) maior facilidade do deslocamento e da forma de escoamento da produção agropecuária (um jovem);

- i) incentivos na educação (um jovem);
- j) sem necessidade de mudança (um jovem).

A maioria dos jovens quando instigados a falarem sobre o que eles acreditam que falta ou precisa melhorar para que os jovens desejem permanecer no meio rural respondeu que é necessário haver mais reconhecimento, apoio e incentivo. “Eu acho que tem que ter mais apoio ainda para o jovem, porque o mundo depende do jovem, que tá no campo agora, produzindo alimentos” (Jovem 9, masculino, 19 anos, Linha São Pedro).

Principalmente ter mais incentivo. Hoje de manhã, olhando no Globo Rural eles mostraram, no município acho que de Caxias, um lá, um jovem que foi fazer curso depois voltou na propriedade para ajudar no cultivo de uva. O governo assim, o município tinha que ter mais incentivo pra deixar o jovem, não adianta todo mundo ir pra cidade (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

Para alguns entrevistados o incentivo que falta para os jovens permanecerem no meio rural é tanto financeiro quanto social. “Acho que o município podia conseguir mais incentivo pra juventude” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque). Para outro jovem é necessário haver mais investimentos para que os jovens invistam em outros cultivos que não o tabaco, da mesma forma que se precisa de investimento e maneiras de escoar a produção. “Eu só acho que deveria ter mais investimento, como nós acabemos de falar antes, já falamos antes, investir em outras áreas e tu vender o teu produto” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Os jovens também acreditam que são necessários maiores investimentos para que eles consigam adquirir terra, máquinas e equipamentos. “Incentivar mais. Linhas de credito assim, ter mais para pagar e conseguir comprar” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Mais incentivo, começar também pelo governo mais crédito, mais carência, mais anos para pagar, juro baixinho e mais área de terra. E os produtos valem mais, outras coisas a não ser o tabaco (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Há entrevistado que acredita na necessidade de incentivos através de programas específicos para os jovens. Não havendo estes programas o jovem considera fundamental haver respeito, ou seja, a comunidade em geral precisa tratar melhor os jovens para que eles desejem ficar no meio rural.

Devia ter mais incentivos, que nem foi falado ali no programa, quem sabe uma coisa só para os jovens. Incentivar, ficar... Não sei como, mas tinha que ter mais incentivo, mais... Ser tratado um pouquinho melhor (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Neste sentido destaca-se a fala de uma jovem entrevistada que menciona a necessidade de reconhecimento e respeito para os jovens agricultores. Segundo a entrevistada os jovens rurais são vítimas de preconceitos, inclusive na escola e para que ele deseje permanecer no rural e na atividade agrícola isso precisa acabar.

Ter mais um olhar mais centrado para o jovem. Ter os financiamentos [...] tem bastante já. Financiamento [...] ter um [...] que dê um incentivo maior, que mostre pra eles que é bom ficar na lavoura. Porque apesar de ser um jovem do meio rural, tem muitas pessoas que discriminam a gente. Na escola também, geralmente tem aqueles um [...]. Às vezes são menos que a gente, sabe, tem menos que a gente que é do interior, mas eles se acham no direito de falar dos colonos. Eles usam um termo assim muito arrogante. Então a pessoa, o jovem, principalmente, ele não é assim, ele não leva mais pro outro lado. Às vezes brincadeira. Mesmo que não for, não precisa falar nada, tu sabe que tu é. Então eu acho que o jovem é muito discriminado por ser do meio rural (Jovem 14, feminino, 17 anos. Sítio Baixo).

A agente da Emater possui percepção oposta da apresentada pela jovem citada anteriormente. A entrevistada acredita que não exista discriminação, bem pelo contrário, que os jovens rurais são respeitados por serem proprietários do negócio em que atuam.

Eles não têm muito essa questão de que o jovem rural é discriminado, não. Eles já conseguem ver que o jovem rural, ele é dono do seu próprio negócio, ele tem a autonomia de poder optar: vou trabalhar hoje, não vou trabalhar amanhã, tenho tal compromisso (Agente área social/Emater).

A necessidade de diversificar os cultivos e as fontes de renda foi lembrada por dois jovens como sendo fundamental para a permanência dos jovens no campo. “Não pensar só em vir morar na cidade, diversificar um pouco a produção [...] ter mais incentivos, fazer os curso técnicos, essa coisas. O governo liberar mais verba para os agricultores” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha). Os jovens não veem necessidade em morar no perímetro urbano ou em grandes cidades para eles é importante diversificar a produção, haver cursos e incentivos para que isso ocorra.

O jovem se ele tá querendo sair mais por falta de apoio nas outras culturas. Porque no fim eles enjoam do fumo e eles assim, procura aditivos e todo mundo, assim, por eles, por não poder trabalhar, né, então eu acho que tinha que ter mais apoio em outras culturas que eles podiam trabalhar (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral)

Para a jovem entrevistada faltam incentivos e apoio para que ele consiga diversificar a propriedade, já que no tabaco segundo o Decreto n. 6.481/2008, que trata das piores formas de trabalho infantil, os jovens com menos de 18 anos não podem trabalhar.

Já, de acordo com outro jovem, para que haja interesse em permanecer no meio rural é preciso produzir com menos agrotóxicos. Segundo o entrevistado, a questão da intoxicação entre os jovens é relevante e pode ser decisiva no momento de optar por permanecer ou sair do meio rural, principalmente os jovens filhos de produtores de tabaco que mantêm contato direto por praticamente todo o ano com os agrotóxicos (TROIAN, 2006). “Eu acho que como muitos jovens trabalhar menos com agrotóxicos. Tem muitos que trabalham bastante, depois tão sempre intoxicados” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral).

Além da questão da intoxicação e dos possíveis problemas de saúde, a necessidade de mais áreas de terra e ou propriedades maiores foi lembrado por um dos entrevistados. “Deveria ter mais área (de terra). O pessoal muito não fica por causa que tem, pouco [...] Só fumo, não tem outra cultura que dá renda. “Isso aí [...].” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). Para o jovem que está buscando diversificar a sua propriedade de oito hectares, a falta de terra para poder cultivar ou desenvolver outra atividade além do tabaco e com isso ter outras fontes de renda é significativa na decisão em ficar ou sair do meio rural.

As dificuldades no deslocamento e nas formas de escoar a produção agropecuária também foram salientadas como fatores que contribuem para a saída dos jovens do meio rural. Um dos jovens entrevistados acredita que é necessário aperfeiçoar a logística reduzindo as distâncias entre o rural e o urbano. “Não sei. Eu acho que essa parte, sabe, porque às vezes o deslocamento é longe pra alguma coisa. Daí na cidade é tudo mais fácil” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). Acredita-se que a percepção do jovem pode estar atrelada ao fato da distância que sua família reside do perímetro urbano e pelas dificuldades que ele e sua irmã enfrentam para poder estudar.

Para outra jovem o preço dos produtos agrícolas estão diretamente relacionados com o desejo de permanência dos jovens no meio rural. Na visão da entrevistada quando os preços dos produtos agropecuários, inclusive do tabaco, estão abaixo do esperado os jovens se desestimulam e acabam desejando sair do meio rural.

Que nem se fosse ano passado, eu ia dizer melhorar o preço do fumo. Mas esse ano tá bom o preço. E que nem para o jovem, tem gente que gosta de sair, essas coisas, festinhas. Mas esse ano, assim, tá bom para o jovem que planta, tá bom esse ano (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Há ainda quem acredita que sejam necessárias diversas coisas e entre elas foi salientada a necessidade de maiores incentivos na educação. Ou seja, existem comunidades rurais no município de Arroio do Tigre que precisam de ações para facilitar e incentivar as crianças e jovens a estudar.

Para os jovens? Bastante coisa. Tem muitos jovens que são novos, que não tem a possibilidade de estudar, que acabam sendo forçados a ficar na roça, não tem transporte, essas coisas. Tem gente que diz que isso não existe, mas tem. Tem aqui em cima o Fão [...] A maioria queria estudar, aí eles vão dois, três dias e param de estudar porque é muito cedo, o transporte não busca perto de casa, tem que caminhar longe. Daí eles se obrigam a trabalhar na lavoura (Jovem15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Por falta de oportunidades muitos jovens se veem obrigados a permanecer no meio rural, especialmente na atividade agrícola. A falta de oportunidade de estudar e escolher que caminho deseja seguir impõe-lhes a condição de permanecer no rural. Foi mencionado ainda entre os jovens entrevistados a necessidade de maior atuação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, da prefeitura e dos demais órgãos e instituições locais. A articulação pode estar vinculada a realização de cursos, palestras de maneira que houvesse uma troca de conhecimentos entre os agentes de desenvolvimento e os jovens.

Eu acho assim que o sindicato, essas coisas, eles deveriam proporcionar mais curso, palestras, para gente, porque assim como a gente acha que sabe tudo, a gente não sabe nem a metade. E que nem tem tanta gente que é formado nesses técnicos agrícolas, essas coisas, eles vim, que nem lá tem gente que chega assim: “ah não sei o que”, nem entra no meio da lavoura pra saber o que está falando. Que nem esse Francisco Teloken, ele é uma pessoa que tem assim conhecimento de tudo, ele sabe a dificuldade de uma pessoa do meio rural, e sei lá eu acho que a prefeitura, tudo esses órgãos ai deveriam se preocupar em tentar manter o jovem no meio rural, porque cada vez esta diminuindo mais (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

A escolaridade é um dos principais, senão o principal capital que um jovem pode ter para ser bem sucedido, considerando inclusive aqueles que optam pela permanência na agricultura. Pode-se inferir que o estudo pode ser tanto a favor quanto contra ficar no meio rural. Ou seja, ao mesmo tempo em que se discute o acesso a educação como uma maneira para sair do meio rural, observa-se a relevância que o estudo e a formação em

curtos e palestras voltadas para a agricultura, diversificação de cultivos, custos de produção, entre outros, têm na gestão da propriedade e auxilia na tomada de decisão mais acertada, o que influencia no desejo de permanência no meio rural.

Corroborar-se com Neves (2013) em que nas sociedades contemporâneas a escolaridade é um dos principais, senão o principal capital que um jovem pode ter para ser bem sucedido, considerando inclusive aqueles que optam pela permanência na agricultura. Pode-se inferir que o estudo pode ser tanto a favor quanto contra ficar no meio rural. Ou seja, ao mesmo tempo em que se discute o acesso a educação como uma maneira para sair do meio rural, observa-se a relevância que o estudo e a formação em cursos e palestras têm na a permanência no meio rural e a melhor gestão da propriedade.

Outra jovem considera que não precisa mudar, nem há necessidade de melhorias, a maneira como o rural e as políticas se encontram oferecem condições satisfatórias para o jovem permanecer no meio rural.

Melhorar? Pro meu ponto de vista tá bom. Na minha opinião não tem nada de diferente, para mim está bom assim, não teria que mudar mais nada (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso).

Por fim, encontrou-se jovem que acredita que tendo apenas vontade de trabalhar o jovem permanecerá no meio rural. “Ter vontade de trabalhar. Tem uns que não tem vontade de trabalhar, daí vão sair procurar emprego” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). A percepção do jovem é de que quem não tem interesse em trabalhar na agricultura é preguiçoso e que a decisão de sair é unicamente do jovem não havendo fatores de expulsão nem de atração.

Os motivos que acarretavam a saída dos jovens do meio rural no estudo de Castro (2004; 2013) estão relacionados às difíceis condições de vida e produção presentes no assentamento estudado. Em seu estudo, Castro, evidenciou que o acesso à educação era um dos fatores que desencadeia na saída dos jovens do meio rural, além da vontade de *morar bem*. Para a autora, ficar ou sair do meio rural é muito mais complexo do que a leitura da atração pela cidade, remete-nos a uma análise de uma categoria social, juventude, pressionada por mudanças e crises da realidade no campo.

Troian et al., (2011) em estudos realizados no interior do município de Santa Rosa, região noroeste do Rio Grande do Sul, evidenciaram que os jovens que permanecem no meio rural são aqueles que tem a pretensão de dar continuidade às atividades desenvolvidas pelas famílias e prestar cuidados aos pais e sogros. No mesmo



estudo foi identificado que a falta de diálogo entre os jovens e a família motiva a saída do meio rural.

Ainda com relação ao estudo de Troian et al., (2011), os motivos que desencadeavam na permanência dos jovens no meio rural estavam relacionados aos aspectos familiares, tanto sociais quanto econômicos (relação familiar e estrutura econômica para produzir e reproduzir socialmente), como a relação com o local, por considerarem o rural mais tranquilo e com custo de vida inferior ao das cidades.

### Quadro 3 - Principais motivos para permanecer e sair do meio rural.

Motivações para Permanecer	Motivações para Sair
Tranquilidade	Falta de apoio/ de políticas públicas
Sossego	Sol/calor
Não há roubo	Trabalho árduo/penoso
Proximidade da natureza	Falta de incentivo e acesso a educação
Relações de confiança e amizade	Dificuldade no acesso a terra
Possibilidades de ter um trabalho mais autônomo (não ter patrão)	Dificuldade de deslocamento
Horários flexíveis	Falta de união entre os vizinhos
-	Preconceito com agricultores/moradores rurais

Fonte: Elaborado pela autora, 2013.

Entre os entrevistados as principais razões para um jovem desejar ser agricultor encontram-se basicamente nas cinco categorias apresentadas pela ordem de importância, a saber:

- a) ter vontade, gostar de trabalhar na agricultura (seis jovens);
- b) a renda proporcionada na agricultura (cinco jovens);
- c) o “saber fazer” (*knowhow*) (quatro jovens);
- d) qualidade de vida (um jovem);
- e) as políticas agrícolas (um jovem) e;
- f) não sabe (um jovem).

Para a maior parte dos jovens entrevistados os principais motivos existentes para que os jovens desejem ser agricultores estão relacionados ao gosto pelas atividades agrícolas e a vida no meio rural. “Principalmente tem que gostar, não adianta” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental). Diversos jovens também associam o desejo de ser agricultor com a vontade de trabalhar, pois eles consideram o trabalho agrícola pesado. “Tem que ser vontade para ser agricultor, tem que ter vontade de trabalhar, é puxado” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

Para outros jovens o desejo em ser agricultor vem associado à renda proporcionada na atividade agrícola. Alguns relacionando com a escassez de empregos na cidade de Arroio do Tigre. “Querer ficar na agricultura [...] aqui na nossa cidade, pra ti conseguir um emprego e ter uma renda boa, está difícil e na agricultura tu já tem uma renda um pouquinho mais alta” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral). Outros jovens fazem menção ao gosto pelo trabalho na agricultura e a capacidade que a mesma apresenta de juntar dinheiro em pouco tempo, coisa que nem sempre ocorre.

Eu acho que muitos querem ser agricultor porque gostam e no caso, se tu consegue juntar dinheiro, assim, bastante, tipo, em pouco tempo, tu planta bastante, tu consegue. Já na cidade, é por mês, já no interior, não (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Ainda com relação ao desejo de ser agricultor pela rentabilidade proporcionada, encontram-se jovens que mencionam a estabilidade proporcionada, sobretudo a elevada renda que o cultivo de tabaco gera. Cabe lembrar que embora o discurso da jovem direciona-se para uma ideia de que o tabaco é a principal fonte de renda responsável pela renda elevada, a família é diversificada e possui uma das maiores propriedades da região, tendo diversas fontes de renda além da advinda do tabaco.

Eu acho que é a estabilidade que ele dá. Porque querendo ou não, tu vai plantar o fumo, tu vai ter uma renda alta. O fumo ele te dá isso. E na cidade tu vai ter que batalhar muito pra tu ter uma renda, vamos dizer, de três mil, três mil e alguma coisa. Quando a gente fez o Pro Uni da minha irmã, a gente foi dividindo em três mil a renda de cada um, entre quatro. Então pra ti trabalhar na cidade tu teria que batalhar muito pra ter a renda que a gente tem (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

O saber fazer, constituindo no conhecimento prático acerca das tarefas e atividades desenvolvidas na agricultura, sobretudo a agricultura familiar, é transmitido culturalmente, pois é algo que já vem sendo feito há gerações. de pai para filho. Os filhos desde cedo acompanham os pais nas tarefas e por meio da observação vão se inserindo nos processos produtivos. Este fato, na presente pesquisa, foi lembrando como um fator que contribui com que os jovens desejem serem agricultores. “Querer ser agricultor? Isso é meio de família. Passa de um pra outro, querer, esse negócio de agricultor. Ninguém apreendeu a fazer outra coisa, tem que ser agricultor” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Além disso, também foi elencado por um jovem entrevistado que atualmente os agricultores têm mais incentivos, como políticas públicas específicas para a agricultura

familiar, que juntamente com o fato de se conhecer as técnicas de produção estão auxiliando no desejo de ser agricultor. “É que nem eu vinha falando, hoje as coisas tão ficando muito mais fácil, para ser agricultor e tem bastante incentivo para o jovem permanecer no meio rural” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

A qualidade de vida presente na profissão e também no modo de vida, também faz parte dos motivos que os jovens elencaram para o desejo de ser agricultor. Para os jovens os agricultores trabalham bastante, mas são compensados pela capacidade de organizar os seus horários.

Eu acho que a qualidade de vida, porque tu pode trabalhar bastante, mas tu tem as suas compensações, tem os seus momentos de lazer, que nem, não existe hoje tu dizer assim: “ai agricultor só se mata trabalhando”, sei lá, se ele quiser só trabalhar, ele vai só trabalhar, mas se ele pensar assim ó: “agora esse final de semana eu vou reservar pra mim sair”, é ele que se governa (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Por fim, encontrou-se uma jovem que não sabe, não conhece nenhum motivo que leve os jovens rurais a querer seguir as atividades dos pais, sendo agricultores. “Bah, não sei. Não sei mesmo” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral). Por mais que a jovem deseja seguir no meio rural desenvolvendo atividades agrícolas, no decorrer da entrevista ela não conseguiu visualizar nenhuma razão, nada específico que determine o desejo dos jovens de serem agricultores.

A respeito dos principais motivos para um jovem não querer ser agricultor os entrevistados mencionam:

- a) não ter ou possuir pouca terra;
- b) pouco apreço por trabalhos mais pesados e árduos (trabalhar no sol e no calor)
- c) aspectos relacionados a doenças;
- d) discriminação;
- e) falta de incentivo;
- f) endividamento;
- g) elevado preço dos insumos e;
- h) o fato do trabalho na cidade ser mais rentável que no meio rural, sobretudo, na agricultura.

O acesso a terra é fundamental nas atividades agrícolas, por isso não ser proprietário ou então possuir uma pequena área de terra pode ser um motivo para que os jovens busquem outras profissões e/ou atividades que não a de agricultor. Lembra-se

que no município de Arroio do Tigre reduziram-se o número de famílias que não possuem terra, por outro lado, as propriedades são pequenas e com a sucessão elas acabam tornando-se inviáveis economicamente, não reproduzindo o sistema de produção adotado.

Tem de tudo. Às vezes quem tem pouca terra, não dá [...]. Não tem muita renda [...]. Dá seca um ano, no outro ano compram mal, e daí vão comprar um emprego, mesmo que é um salário mínimo. Às vezes dá mais do que ficar na lavoura (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Percebendo o trabalho na agricultura como árduo, determinados jovens consideram ser esta a razão para alguns deles não desejarem ser agricultores. “Tem muitos que não gostam do pesado mesmo, para ter uma vida melhor [...] eu não acho que é assim” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). A percepção do jovem supracitado associa o trabalho pesado aos afazeres agrícolas e o trabalho leve nas cidades. Porém, sabe-se que na prática nem sempre funciona dessa maneira, pois geralmente os filhos de agricultores, com baixo grau de escolaridade quando se mudam para as cidades acabam ocupando os piores cargos, morando nas periferias e muitas vezes desenvolvendo atividades mais “pesadas” do que o trabalho na agricultura.

É o trabalho forçado, pesado. Tem uns que às vezes não gostam de trabalhar pesado, assim, vão pra cidade, trabalhar na sobra, vão trabalhar no que quer. É pesado (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

A percepção dos jovens, considerando o trabalho agrícola como penoso, pode estar associado diretamente com o cultivo de tabaco. Talvez se fosse desenvolvido outro tipo de agricultura, como a produção ecológica, por exemplo, a percepção poderia ser diferente. Embora, a atividade agrícola, quando comparada a outras atividades, pode ser vista pelos jovens de forma negativa, como atividade penosa, com rendimentos baixos e aleatórios (CHAMPAGNE, 1986).

O fato dos agricultores estarem expostos ao sol e a alta temperatura no período de verão, principalmente na região em estudo em que a etapa mais demandante de mão de obra é nesta estação do ano, este foi lembrado com um fator negativo em relação ao desejo dos jovens serem agricultores. Como pode ser evidenciado por meio dos discursos a seguir. “Olha [...] querer vir pra cidade trabalhar. Trabalhar na cidade, fazer alguma outra coisa que não precisa trabalhar no sol” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha). O mesmo motivo foi elencado por outro jovem. “Não sei [...] ruim ter

que trabalhar assim, no calor, essas coisas” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta).

Estar doente e não conseguir desenvolver atividades agropecuárias também foi lembrado com um motivo para não querer ser agricultor. Porém a jovem faz considerações a respeito da dificuldade em se encontrar bons empregos nas cidades,

Eu acho que se a pessoa é doente, não pode trabalhar na roça [...]. Não gosta, não [...] porque a maioria não gosta de trabalhar na lavoura, acha mais vantagem na cidade. Se tu tem estudo, vai conseguir um emprego bom, se tu vai ganhar bem na cidade e tudo, a pessoa não acha vantagem, prefere ir pra cidade (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Embora muitos acreditem que não há mais preconceito em relação aos moradores do meio rural e os agricultores, a discriminação sofrida foi mencionada por uma jovem como um relevante motivo para que os jovens não desejem ser agricultores.

A discriminação e eu acho também a falta de incentivo dos órgãos competentes. Também, no caso de prefeituras, eles deveriam ter também algumas coisas, um auxílio, alguma coisa que fosse motivar eles a ficar (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

A falta de incentivos mencionado no discurso da jovem antecedente também foi sinalizada como um fator que desestimula os jovens a quererem ser agricultores. “Ai é complicado, o principal é não ter interesse, mas às vezes não tem incentivo” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

O custo de produção devido ao elevado preços dos insumos agrícolas também é uma razão para os jovens não desejarem ser agricultores.

Um dos principais motivos é o preços de insumos. Porque plantar fumo envolve muito dinheiro, assim como vem bastante dinheiro, tu também gasta bastante. E hoje, que nem onde tem dois que vai plantar fumo, se vai plantar bastante, ele vai precisar de peão, dai ele vai gastar mais dinheiro, então eu acho que nessa parte ai é aonde vamos dizer a gente fala: “Bah, fulano lá quebrou”. Mas também é uma questão de administração, porque se não souber o passo que tu vai dar tu vai acabar uma hora caindo, então é acho que nessa parte onde o jovem pega e também vai embora. Faz demais contas, se entala lá no banco fazendo financiamento e tudo que é porcaria (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Na opinião da jovem o elevado custo dos insumos, tornado o custo de produção muito alto, associado à falta de gestão motiva os jovens a saírem do rural em busca de

empregos nas cidades. Dessa forma, o jovem que não souber gerir a sua produção acaba se endividando e saindo do meio rural.

Com relação os custos dos insumos, Ploeg (2008) denomina este processo de *squeeze*, ou tesoura de preços. O autor faz analogia com a tesoura representando o aumento dos custos de produção e à queda da remuneração pelos produtos agrícolas. Com isso, automaticamente o agricultor fica mais dependente dos conglomerados industriais e reduz os seus níveis de autonomia.

A busca por autonomia está na criação e no desenvolvimento de uma base de recursos autogeridas envolvendo tanto de recursos sociais como naturais. A agricultura camponesa é menos dependente dos mercados para o acesso aos insumos e outros meios de produção (PLOEG, 2009). Neste sentido, pode-se dizer que a agricultura de Arroio do Tigre é uma espécie de mosaico. Ao mesmo tempo em que existem formas de agricultura que explora os recursos naturais, há formas de produção camponesas, como a produção para o autoconsumo, por exemplo.

O endividamento entre os agricultores também foi mencionado como razão para os jovens não desejarem tornar-se agricultores. “Eu pra mim não existe um motivo. Mas eu acredito que o motivo que mais ocorre é que a pessoa por fim, agricultor de verdade, acaba se endividando, coisas assim, e vai procurar outras condições de vida, na cidade” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

Por fim, encontraram-se cinco jovens que não veem motivos para querer ser agricultores. “Na minha opinião, não teria motivo” ( Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). Para alguns, o fato de nascer no meio rural e ter vínculos com a agricultura é motivo para desejar ser agricultor. “Acho que tem muito pouca razão para o jovem que tá, nasceu no meio rural, sair dali” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Outros entrevistados comentaram que o fato de alguns jovens terem a responsabilidade de cuidar dos pais e ainda, por relacionarem-se bem com a família, faz com que estes tenham o desejo de ser agricultores também. “Pra mim, porque eu tenho que cuidar dos meus pais. Mas igual, se não precisasse eu querer ser agricultor igual. Sempre gostei” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral).

Nesses termos, é possível afirmar que a responsabilidade com a família, os cuidados aliado ao fato de possuir um relacionamento sem conflitos nem brigas, instiga os jovens a desejarem permanecer no meio rural e querer seguir sendo agricultores como seus pais. Segundo Deere e Leon (2003), em alguns casos, herdar a terra pode

corresponder à “escolha” do filho ou da filha que se mantiver na agricultura e cuidar dos pais na velhice.

Não querer ser agricultor? Olha, é bem complicada essa pergunta. Eu não vejo motivo de não querer ser um agricultor. Por enquanto em casa tudo dando certo, com o pai, e a gente trabalhando bem junto, a renda, com todas as coisas que a gente testa produzindo junto, se torna mais vantajoso (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Quando questionados se na família mais alguém deseja ser agricultor, percebeu-se que muitos não sabiam ou não queriam afirmar o interesse dos irmãos e familiares. “Acho que meu irmão não definiu ainda” (Jovem 4, 20 anos, Linha Paleta). Acredita-se que neste caso o irmão ainda é criança e, por isso, não sabe se deseja ser ou não agricultor. “O meu irmão fala, mais assim pra certeza ele não tem. Vontade ele tem de ser agricultor” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

Olha, ali eu não sei te responder. Por enquanto (a irmã), não falou nada em sair de casa. Ela não falou em sair de casa ainda. O pai gostaria que ela estudasse, continuasse estudando. Ela não decidiu ainda. Não sei te responder. (Jovem 2, masculino, 22 anos, Linha Taquaral).

Em contrapartida, nove dos 18 entrevistados mencionaram ter algum irmão ou parente que demonstra interesse em seguir como agricultor. “Minha irmã é agricultora” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha). “Minha irmã é agricultora também” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). Entre os jovens que não possuem ninguém na família que deseja ser agricultor o principal motivo liga-se à educação. Ou seja, os jovens que estudaram e /ou trabalham em outras atividades ou ainda aqueles eles que saíram do meio rural para estudar, não pretendem voltar a trabalhar na agricultura, como pode ser observado nos discursos dos jovens a seguir. “Não, minha irmã é professora” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Eu sou a única. Meu irmão é mecânico e minha irmã quer estudar pra ser professora. E tem os outros pequenos, que também querem estudar. Eu queria estudar mais mesmo, só não tinha como (não havia transporte escolar). (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Eu tenho uma irmã mais velha que estuda em Santa Cruz, faz Educação Física, não quer nem saber de lavoura, de roça. Os meus dois irmãos mais novos, o guri é muito doente, não pode com veneno, não pode com nada, aí ele também quer porque quer estudar, é bem sabido. A Gabriela também não quer roça (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Concomitantemente, emergiu uma situação inversa a esta apresentada, em que, uma jovem urbana que após iniciar o namoro com um agricultor, reformulou os seus planos e atualmente deseja ser agricultora também, como comenta uma das jovens entrevistadas.

Eu tinha uma prima que faz um ou dois anos, ela começou a fazer administração em Sobradinho, aí ela começou a sair com um primo nosso, aí a gente saiu com um primo meu, e apresentamos a prima. Só que a gente achou que era só uma coisa de momento. Eles começaram a namorar, ela largou da faculdade e veio morar no interior e tão plantando tabaco e soja (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Estudos contemporâneos têm evidenciado o processo de recampesinização. Ou seja, ao mesmo tempo em que se visualiza a saída do jovem do meio rural para os centros urbanos, há um movimento inverso, de jovens retornando para o meio rural. A tendência dos jovens retornarem para o meio rural é identificada, sobretudo nos países europeus e entre as classes sociais com elevado nível de renda e educação. Conforme Ploeg (2008) a recampesinização é uma expressão moderna para a luta por autonomia e sobrevivência em um contexto de privação e dependência.

#### **4.3.4 Sociabilidade: atividades de lazer e diversão**

No decorrer das entrevistas os jovens foram questionados sobre as atividades realizadas por eles como forma de lazer e sociabilidade. Sair, frequentar festas, bailes e jogar futebol são as atividades de lazer e diversão de seis, dos 18 jovens entrevistados. “Vou por aí numas festas e jogar bola” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque). “Mais é em festas, baile, jogo [...] jogar bola, isso é a primeira coisa” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Juntamente com as atividades mencionadas teve jovem que disse gostar de andar a cavalo.

Jogo bola, bastante, futsal. Eu jogo em Arroio do Tigre e também jogo as meninas lá em cima (na sede da comunidade). Eu também gosto de andar de cavalo. Gosto também de baile, festa, acampamento. Duas, três vezes por semana, no mínimo, que eu jogo futsal e sair à gente não sai todo final de semana, vamos dizer, em festa de noite, baile e tal. A gente sai num final de semana, aí no outro não sai e no outro sai. Aí vai intercalando, porque senão fica muito pesado pro pai (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).



Em situação semelhante, encontrou-se uma jovem casada que para divertir-se, realiza festas em casa, assim como também frequenta festas e jogos e vai a bailes.

Saio, faço festa, jogo bola [...] Faço festa em casa também, mais se divertimos em baile, em jogar bola, sair [...] acho que duas vezes por semana. Quando tem, nós vamos. Até domingo tinha o baile do carnaval que nós fomos, no Sítio (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

**Figura 19- Jovens rurais jogando e presenciando a 30ª Olimpíada Rural.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Outros jovens mencionaram que gostam de jogar futebol e frequentar festas e bailes, mas que isso está condicionado às tarefas vinculadas ao cultivo de tabaco. Quando tem trabalho, sobretudo no pico da safra, as saídas são mais espaçadas e menos frequentes, como pode ser observado no discurso abaixo.

Eu jogo futebol, adoro jogar futebol. E saio em festa, baile, essas coisas. E agora rodeio, que tá tendo mais, eu vou bastante. Que nem agora é época de fumo, aí a gente não tem tempo, tem muito serviço, daí a gente tá cansado. No inverno, assim, quando não tem tanto serviço, eu costumava jogar futebol uma vez por semana. Sair, às vezes quase todo final de semana. (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Para outros cinco jovens, a atividade de lazer está relacionada às festas e aos bailes promovidos na região. “Para se divertir nós vamos a festas e bailes” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). Para a jovem que não participa da AJURATI, o lazer está condicionado às festividades. “Eu vou a baile, festas, jogos eu não participo assim que nem as Juventude, eu não participo”. (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso “Sair no final de semana, ir à festa [...] jogar bola, não jogo muita bola [...]. Baile, quase todos finais de semana” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Percebe-se que o acesso à internet também é presente entre os jovens rurais, alguns destes veem na internet uma forma de lazer e diversão. “Pratico esportes, vou a baile, festas, acesso internet [...]” (Jovem 4, masculino, 20 anos Linha Paleta). A televisão e o acesso à internet fazem parte das formas de lazer de outros dois jovens entrevistados. “Eu vou na (navego) internet e olho um pouco de televisão”. (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). Assim como a jovem entrevistada que diz que como forma de lazer ela brinca, assiste televisão, pratica esporte e acessa a internet. “Eu uso a internet, olho televisão, eu jogo bola, eu ando de bicicleta e vou brincar [...]” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

As atividades esportivas estão presentes entre os jovens até mesmo nos programas de televisão assistidos. “Eu gosto bastante de jogo assim, de ir assistir jogo, gosto muito de futebol, jogar bola. Assistir televisão, eu adoro olhar televisão”. (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja). Por fim, encontrou-se jovem que para se divertir anda de motocicleta. O entrevistado contou que parou de estudar ao concluir o primeiro grau para se dedicar ao cultivo de tabaco e adquirir uma moto. Por isso, atualmente sua principal forma de lazer é passear, sair dar volta de moto, mesmo que sem rumo. “Baile até quase que não vou. Mas, eu gosto de andar de moto” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso).

Cabe lembrar que, conforme Aguiar e Stropasolas (2010) assim como a educação, o lazer é mais acessível aos jovens que residem na cidade, pois os espaços de diversão nas comunidades são poucos e cada vez mais escassos, deixando o jovem sem alternativas. Os jovens rurais não têm como opção ir ao cinema, ao teatro, frequentar parques, museus, shoppings, entre outros, diferentemente dos jovens urbanos.

Há ainda diferenças entre rapazes e moças no processo de socialização, no acesso a formas de lazer e na liberdade de circulação (CASTRO, 2013), de modo que são as moças que mais se ressentem da falta de lazer no meio rural (AGUIAR; STROPASOLAS, 2010). Na pesquisa pode-se observar que os jovens saem mais a festas e bailes, as moças e os jovens de menos idade ficam limitados a assistir televisão, sair com os pais e acessar a internet.

### 4.3.5 Percepções acerca do universo jovem

Os entrevistados foram instigados a falar sobre alguns temas polêmicos, muitas vezes considerados como problemas do mundo jovem, tais como: o consumo de álcool, cigarro e drogas. Os jovens também foram questionados sobre a existência de brigas, acidentes de carro e moto, gravidez na adolescência, prostituição e as doenças, mas reincidentes.

O consumo de bebidas alcoólicas entre os jovens pesquisados é frequente, considerado “comum” pelos entrevistados. “Esses têm, bastante” (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo). Porém, os jovens procuram enfatizar que não existe consumo excessivo, que não se visualiza jovens bêbados, brigando e arranjando confusão.

Normalmente o jovem bebe nos finais de semana, com os amigos, sem exageros. “Quando a gente sai em festas, beber é normal, mas nada excessivo só diversão e tudo tranquilo” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral). Uma jovem entrevistada possui percepção semelhante a do jovem supracitado. “É razoável [...] Assim, aquele jovem que vive bêbado não existe. É aquele jovem que sai no fim de semana, ou sai na semana de noite com os amigos, bebe um pouco e tal” (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Teve jovem que relatou que o consumo de bebida alcoólica faz parte do cotidiano dos jovens, mas que se bebe moderadamente. Além disso, que as companhias são escolhidas. “Álcool, assim [...] eu moderadamente, uma cervejinha no baile, festa, nos amigos [...] meus amigos eu escolho. Tem muitos vários e eu escolho, eu vou só com os bons” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Para outra jovem, quando comparado o consumo de álcool com o fumo e as drogas ilícitas, como maconha e cocaína, por exemplo, deixa claro que a bebida alcoólica é mais comum e frequente, sendo a mais consumida. “Aqui é o que mais tem” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo). O consumo de cigarro entre os jovens dividiu a opinião dos entrevistados. Para alguns, não existem muitos jovens rurais fumantes. “Até que menos. Hoje em dia não tem tanto, por causa das propagandas e tudo, que faz mal. Não é muito jovem que fuma” (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

De acordo com o Banco Mundial (1999), o consumo do fumo acarreta prejuízos econômicos, associados à sobrecarga do sistema de saúde, mortes em idade produtiva,

aposentadoria precoce, faltas ao trabalho, entre outros. Porém, proibições e restrições relacionadas especificamente à propaganda do cigarro aparecem no Brasil somente em 2000, quando a Lei 10.167 a proíbe nos meios de comunicação de massa e restringe a mídia impressa somente ao interior de locais de venda do produto. Também fica proibida a divulgação de marcas de cigarro associadas a atividades esportivas e culturais, embora isto só tenha ocorrido de fato em 2005 (RAMUSKI, 2009).

Já para outros, o consumo de cigarros é comum e frequente entre os jovens. “Tem, tem bastante, principalmente entre os jovens” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). “Aqui é comum” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Entre os entrevistados, dois acreditam que não há consumo de drogas entre os jovens da região e um deles crê que o consumo seja baixo. “Olha, por aqui eu ouço falar muito pouco” (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo). No entanto, entre os demais jovens há o reconhecimento do consumo de drogas, alguns apenas mencionando que existem, “Isso eu já ouvi falar” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha). Outros afirmando ter o conhecimento de usuários. “Olha, bem complicadinho isso daí. Drogas, já me ofereceram, assim, bastante frequência à gente vê muito isso aí” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). “Eu conheço uns piá assim, mas essas coisas nunca lidei, nunca vi, não sei como é que funciona isso” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso).

**Figura 20 - Jovens fumantes nas 30ª Olimpíadas.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

No decorrer das entrevistas e das conversas realizadas, detectou-se que na microrregião três, onde se situam o Sítio Baixo, Sítio Alto e Sítio Novo, a presença das

drogas parece ser corriqueira. “Tem, tem bastante, principalmente entre os jovens” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta).

Tem bastante. Aqui onde eu moro tem bastante, por ser um centrinho [...]. Como ele tem um centro, assim, mais pequeno, o pessoal só vai em cima de noite. E tem aquela má influência que vai levando os pequenos, então ele é um grande percentual entre os jovens (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

As conversas realizadas com os agentes de desenvolvimento e com alguns agricultores locais revelaram que é forte a presença das drogas como maconha e cocaína na microrregião três. Acredita-se que a entrada da droga se deu através de jovens locais que haviam saído do meio rural para trabalhar em grandes centros urbanos, retornando anos mais tarde como usuários e fornecedores de drogas. Atualmente existe a preocupação dos moradores e do poder público com a situação instalada, no entanto não se visualizou nenhuma ação específica sendo desenvolvida.

Partindo de outra análise, um entrevistado mencionou que no passado havia jovens usuários de droga na comunidade, porém eles acabaram se mudando, pois não eram bem vistos entre os moradores locais.

Acho que é o fumo assim, que são de fumar, eu acho que são a metade do pessoal daqui que fuma. Alcool e drogas aqui é, pelo menos eu nunca vi. Tinha uma turminha que usava drogas, mas foram embora. Que nem, as laranjas podres foram excluídas da comunidade (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

As brigas entre os jovens não são percebidas como frequentes, nem chegam a ser um problema. “Volta e meia tem, mas não é muito” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo). Elas são associadas ao consumo de bebida alcoólica. “É, quando eles tomam uns tragos, volta e meia dá uma peleia” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). “Com certeza, quanto tão mais fora da casinha” (Jovem 5, masculino, 24 anos, São Roque).

Outros jovens associam os desentendimentos ao futebol e as disputas entre namoradas. “Muito difícil. Olha, raríssimo. Às vezes dá uma encrenazinha por causa de futebol, ou por causa até de namorada, alguma encrenca a gente vê por aí mas [...] nada de exagero” (Jovem 3, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Para outros jovens as brigas são raras, mas esporadicamente se visualiza algum tumulto em festas e bailes, os quais são imediatamente resolvidos pelos responsáveis e seguranças das festividades. “Briga [...] é difícil, mas de vez em quando em baile,

alguma coisinha [...] a gente de longe vê um bolinho, uma briguinha, o segurança parte, mas é pouco” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Também teve uma jovem que mencionou não haver brigas na sua comunidade, pois as festividades organizadas são jantares, atividades mais frequentemente presenciadas por casais.

Não, aqui na Cereja é bem tranquilo, não tem briga também, o pessoal, que nem a maioria das festas que eles fazem assim é, que nem tem o jantar de cucas e carnes, que foi em julho, então é mais família, mais casal, daí não tem muito isso. Se tem briga, é alguma briguinha, discussãozinha, mas não briga (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Acreditando na existência das brigas encontrou-se um jovem que menciona que as brigas entre os jovens existem, mas que elas não são exclusividade deles, pois os adultos também brigam. “Isso não só jovem, mas como também os adultos, grandes” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental). E também teve jovem que respondeu que as brigas não são coisas somente de jovens rurais, os urbanos também têm desentendimentos. “Em festa tem, mas só que não é só os jovens rurais, os que mais brigam são os urbanos, que provocam os rurais” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Com relação à ocorrência de acidentes de carro e moto, a maioria dos entrevistados respondeu afirmativamente, evidenciando que acidentes entre os jovens rurais ocorrem, para alguns inclusive, com frequência. “Esses têm bastante. Aqui na cidade, no Tigre, já morreu muitos jovens em acidentes” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). “Aqui volta e meia tem um se quebrando de moto” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Para uma jovem entrevistada que relatou um acidente ocorrido com seu primo poucos dias antes da entrevista, no meio rural, as vias sem asfalto - de chão batido - facilitam os acidentes. “Tem. É frequente porque a estrada de chão às vezes ela é perigosa. Apesar do pessoal andar na estrada de chão, quando vê tu pega um pedra e desliza” (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Alguns jovens associaram os acidentes com o a ingestão de bebidas alcoólicas, evidenciando que a combinação de ambos emerge como um dos principais responsáveis pela ocorrência de acidentes, fato este que vem sendo apontando em diversas pesquisas. “Bastante. Tem aqueles, sabe, que não tem limites, não tem consciência. Nos baile

enchem a cara, tem desses também. Daí saem com o carro e batem” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Há outros que também condicionam os acidentes com a bebida alcoólica, porém fazem a ressalva que por ser uma cidade pequena os acidentes não são muito frequentes.

Tem acidentes aqui como já ocorreu, deve ter ouvido falar já, em Sobradinho, na divisa, por causa de bebida, o álcool talvez seja o motivo. Isso ocorre alguns, mas isso também é pouco aqui, cidade pequena também (Jovem 3, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Também se encontrou entrevistado que acredita que os acidentes entre jovens rurais ocorrem da mesma forma que ocorrem entre os jovens urbanos. “Mas isso dá no rural como dá no urbano” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). Segundo Denatran (1997), em 73,1% dos casos, os principais envolvidos em acidentes de trânsito são pessoas do sexo masculino. Os jovens são as principais vítimas, e a faixa etária que contém um número mais significativo destas, com 24,32% do total, é a que vai dos 15 aos 24 anos.

A frequência de acidentes é nos três primeiros anos em que o motorista adquire sua carteira (licença) para dirigir, que nos anos subsequentes. Uma vez que os jovens possuem pouca prática na condução de veículos e falta de adaptação geral no trânsito estão fortemente associadas ao maior risco de acidentes (MARÍN; QUEIROZ, 2000). O grupo etário mais atingido é o de jovens, tendo em vista o fato de que é nessa fase que conseguem a licença (Carteira Nacional de Habilitação - CNH) e, concomitantemente, têm menor experiência para dirigir.

A questão da gravidez na adolescência foi tratada entre os entrevistados de forma superficial e por meio de respostas curtas demonstrando que o assunto ainda é um tabu entre os jovens rurais. Para cinco jovens não ha gravidez na adolescência entre jovens rurais. “Aqui por perto, que eu conheço, não” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). Quatro entrevistados comentam haver, mas em quantidade insignificante. “Não tem tanto” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha) ou ainda, “tem, alguns casos tem” (Jovem 5, masculino, 24 anos São Roque). “Gravidez tem, já conheço, mas pouco. Não muito” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Enquanto que os outros nove entrevistados comentam ter o conhecimento de jovens que engravidam na adolescência. Alguns relatam que isso é mais comumente entre as famílias com renda baixa, sobretudo os beneficiários do programa Bolsa

Família. “É mais comum onde que é mais humilde assim, sabe? Dai já tem o Bolsa Família também” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Outros associam isso ao passado, não na sua época de adolescência/juventude. “Aqui teve bastante, assim, vamos dizer, acho que uns oito anos atrás, teve bastante, antes de nós virmos morar pra cá” (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja). Também teve jovem que acredita que a gravidez ocorre e desencadeia no casamento. “Já, mas tudo casal namorando, daí casam [...]” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Com relação à prostituição entre jovens, do total de 18 entrevistados apenas quatro responderam ter o conhecimento ou terem ouvido falar em jovens rurais que se prostituem. “Algumas eu já ouvi falar, conheço” (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo). Uma das jovens entrevistadas que menciona ter conhecimento da existência da prostituição na região, salienta que quem faz isso são pessoas de outros locais que vieram residir, há pouco tempo, na comunidade.

Tem, mas é um pequeno percentual. Às vezes porque tem gente de fora que vem pro Sítio. Então tem gente da cidade que vem pro Sítio, e tem uma mente diferente, mas do interior, interior, que nasceu aqui, uma ou duas (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Para Garcia (2013), além da sexualidade precoce e do abuso, o cenário socioeconômico cria outro motivo que leva a optar pela prostituição que é a falta de oportunidade de trabalho culturalmente construída. Ou seja, quando as tarefas são rigidamente demarcadas pela divisão sexual do trabalho, poucas são as opções de trabalhos disponíveis, algumas sequer são concebidas e visualizadas como um trabalho adequado às mulheres.

Pelo discurso dos jovens pode-se inferir que a prostituição entre jovens rurais em Arroio do Tigre não é comum. Por mais que alguns poucos jovens reconheçam a presença da prática, ela é tida como rara, ocorrendo esporadicamente. “Isso aqui no rural, ter, tem, mas é raro” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). “Tem algumas ali no Sítio, mas também não é muito” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Para finalizar a questão apresenta-se o discurso de um jovem que dá certeza não haver prostituição no local em que ele e sua família residem, no entanto ele faz afirmações de que no perímetro urbano, nas cidades a prostituição deve existir. “Aqui, na localidade, com certeza que não. Mas na cidade tem” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).



Tratando-se das problemáticas do universo jovem o último questionamento realizado aos entrevistados foi referente à incidência de doenças e problemas de saúde entre os jovens rurais. Para alguns entrevistados esporadicamente se ouve falar de algum jovem doente, mas que isso não é nada além da normalidade. “Ah, sei lá, volta e meia tem um meio doente, mas isso é normal” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso).

Outra entrevistada menciona que não se tem o conhecimento de muitos jovens com problemas de saúde porque as pessoas nesta faixa etária não se preocupam muito com isso. “É um percentual bem baixo, também, porque a maioria do pessoal aí não se preocupa muito com, às vezes, esse tipo de problema. Então não sei, mas é bem baixo” (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo). Também que os problemas de saúde vêm a aparecer mais tarde, quando se tem idade mais avançada.

Jovens com problemas de saúde não tem agora, já o pessoal de mais idade assim, parece que essa historia de câncer foi uma febre, em tudo que é ponto é: “ah tu ficou sabendo que fulano esta com câncer”. Mais é o pessoal de idade parece que essa doença só pega neles, isso tem bastante. Incidência de câncer no pessoal que já tem mais idade (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Encontraram-se também jovens que acreditam que não são poucos os jovens atualmente que vem tendo problemas de saúde. Um dos entrevistados comenta que ele mesmo possui uma doença no coração, popularmente conhecida como sopro e que por isso não pode fazer muito esforço físico. “Isso já tem. Eu sou um que já tenho problema de saúde. Eu tenho problema de coração” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

Em outra entrevista deparou-se com um jovem que também sofre de problemas no coração. “Que eu ouvi falar e que eu mesmo estou passando é a uma doença, que eu acho que é uma doença dos jovens, que é a arritmia do coração, arritmia cardíaca” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Durante a pesquisa a depressão foi salientada, tanto por um jovem entrevistado, como sendo corriqueira, como também pela enfermeira do posto de saúde do centro do município. Para a enfermeira não há nenhuma doença ou problema de saúde que seja específico ou mais comum entre os jovens. A entrevistada faz uma ressalva com relação à depressão, segundo ela muitas pessoas, tanto urbanas quanto rurais, tem procurado os médicos em busca de medicação para a depressão e que isso tem se tornando um

problema. Muito os casos e os médicos já nem se preocupam mais em investigar os sintomas, consideram mais fácil receitar medicação.

Os problemas de saúde relacionados ao cultivo de tabaco também foram lembrados pelos entrevistados. Alguns mencionando as intoxicações ocasionadas pelos agrotóxicos utilizados no cultivo. “Tem. O mais seria da intoxicação do veneno de fumo” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). “Sim, é bastante assim a questão de venenos, não poder trabalhar, intoxicação” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

Para outros jovens os problemas de coluna, são muito comuns devido às más posturas durante as tarefas do cultivo de tabaco. “Ah isso é bastante comum. Que nem como a lida do fumo, precisa sempre estar [...] você logo tá com as costas com problema” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). A força física exigida em determinadas etapas do cultivo e tabaco associado ao fato de desde muito cedo as crianças e jovens estarem inseridos nas atividades são responsáveis pelas dores nas costas e pelos problemas na coluna. “Ah tem isso tem, bastante, conheço uns quantos. Sempre coluna, se estourando de fazer força” (Jovem 5, masculino, 24 anos, São Roque).

Quando questionados sobre o conhecimento da existência de suicídios entre jovens rurais do município e região a maior parte dos entrevistados respondeu não ter conhecimento de jovens que vieram a falecer desta forma. “Jovens que eu sei não” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). “Não, aqui por perto não” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Reconhecendo a existência de jovens que se suicidaram encontraram-se dois jovens, um deles lembra que episódios como este são raros. “Aqui no Tigre é pouco. Tem alguns, mas são poucos” (Jovem 15, feminino, 20 anos Sítio Novo). Outro jovem menciona que uma vizinha suicidou-se. “Suicídio? Sim [...] Logo aqui na vizinha, ele deveria ter em torno de uns 30 anos” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Pode-se inferir que, de maneira geral, entre os jovens rurais não é comum ou é desconhecido à existência de suicídios. Entre os entrevistados foi lembrado apenas um caso isolado e a maioria dos jovens entrevistados desconhecem ou acredita que o suicídio na região é coisa rara.

#### 4.4 JOVENS RURAIS E O CULTIVO DE TABACO

O cultivo predominante no município de Arroio do Tigre é o tabaco, no entanto, visualiza-se uma série de medidas, cultivos e atividades sendo implementadas pelos agricultores. O tabaco, de maneira geral, ocupa parte da área que o agricultor dispõe, mas se considerar o tamanho médio das propriedades e o fato delas, nesta região, terem declives acentuados, poucas são as alternativas possíveis, sobretudo que gere a renda proporcionada com o cultivo de tabaco.

Apesar de ser considerado um cultivo de verão, o tabaco tem suas atividades estendidas por quase todo o ano, além de ser muito exigente em mão de obra. Há consenso entre os autores (SILVA, 2002; PAULILO, 1987; PINCELLI, 2005; CADONÁ, 2001) que a produção de tabaco é a atividade agrícola com maior exigência de trabalho, em termos de quantidade de trabalhadores, além de ser caracterizada pela baixa exigência de qualificação e pela penosidade do trabalho.

A pesquisa identificou que entre as famílias de fumicultores entrevistados e na região como um todo, se produz tanto o fumo do tipo Virgínia (conhecido como Fumo de Estufa) quando o fumo tipo Burley (conhecido como Fumo de Galpão) embora haja a predominância do segundo. Tais variedades exigem colheita, secagem e classificação distintas, sendo que a variedade Burley demanda um cultivo menos intenso.

O fumo tipo Burley demanda menos trabalho por eliminar a colheita em etapas, como ocorre no Virgínia<sup>43</sup>. Ele é mais comumente presente nas propriedades maiores e diversificadas, uma vez que há mão de obra e terra disponível para ser utilizada em outros cultivos e criações.

---

<sup>43</sup>No fumo Virgínia a colheita se processa por etapas, colhendo-se folha a folha num cuidadoso trabalho manual, em sucessivas apanhadas, que começa das folhas inferiores e vai até as superiores. No fumo de galpão, tipo Burley, colhe-se a planta inteira, pois as folhas amadurecem uniformemente, sendo então a planta cortada de uma única vez. A colheita deve ser realizada quando as folhas estão maduras, completamente formadas, e no estado de desenvolvimento adequado para a cura.

**Figura 21- Plantação de tabaco.**

Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

No fumo tipo Virgínia a secagem das folhas é realizada em estufas com temperatura e umidade controladas. Já no tipo Burley as folhas secam naturalmente nos galpões onde os pés da planta são pendurados. Segundo Bonato (2007), a produção do fumo de estufa é mais intensiva que a do fumo de galpão, sendo menos difícil para o produtor de fumo de galpão ter e poder colocar em pratica outras atividades para contribuir com a renda da família, diminuindo ou até mesmo exterminando com atividade do fumo em suas propriedades.

**Figura 22- À esquerda galpão para a cura de tabaco tipo Burley e a direita uma estufa para a secagem do Virgínia.**

Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

De acordo com a pesquisa realizada, dos 18 jovens entrevistados, nove (50%) plantam os dois tipos de fumo, seis (33%) plantam o tipo Burley e apenas dois (11%) plantam somente o fumo tipo Virgínia. O número de mil pés plantados varia de 20 a 120 mil, considerando que em média planta-se entre 15 a 16 mil pés de tabaco por hectare. Entre os entrevistados, apenas um jovem pertence a uma família de ex-plantadores de

tabaco. O cultivo deixou de fazer parte das atividades da família há aproximadamente três anos quando um dos filhos saiu de casa para estudar e faltou mão de obra na propriedade. Atualmente a família é produz leite e soja para a comercialização.

**Tabela 7- Total de tabaco produzido na safra 2011-2012.**

Quantidade plantada	Número de produtores de tabaco	
	Variedade Virgínia*	Variedade Burley*
De 1 a 20 mil pés	3	5
De 21 mil a 40 mil pés	3	5
De 41 a 60 mil pés	3	1
Mais de 61 mil pés	2	3

Fonte: Pesquisa de campo, 2012/2013.

\*Famílias produtoras.

Conforme Villwock et al., (2011), o sistema de produção com a variedade de tabaco Burley demanda menos força de trabalho, produz maior renda per capita e permite maior diversificação da renda que o sistema de produção com a variedade de tabaco Virgínia.

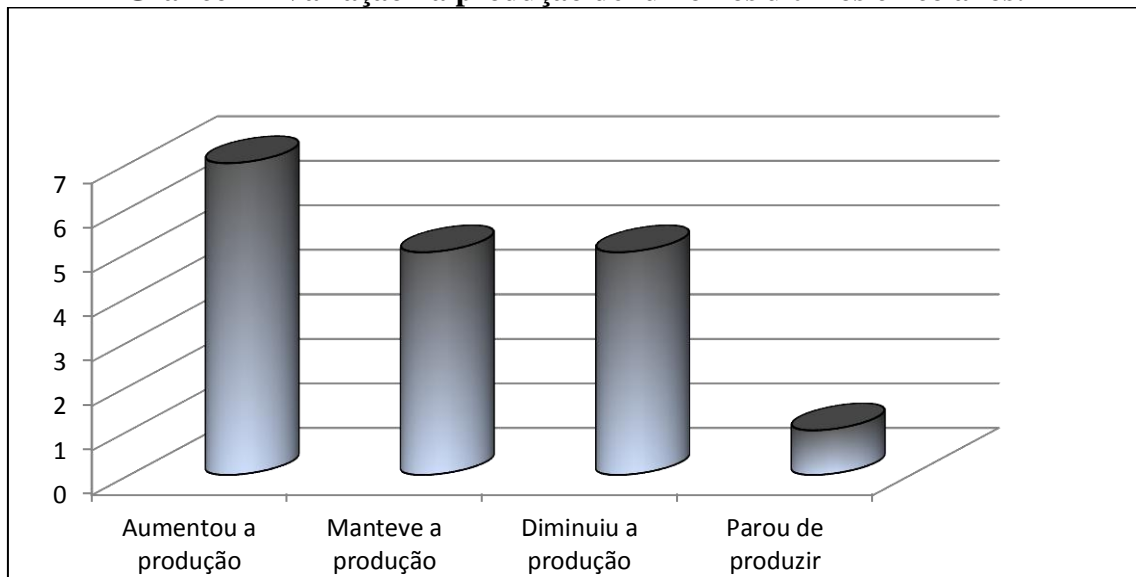
Quando questionados a respeito da produção do tabaco, se nos últimos cinco anos a família aumentou, manteve ou diminuiu a quantidade plantada, sete jovens mencionaram terem aumentado a quantidade plantada, cinco disseram que a produção foi mantida e outros cinco jovens responderam ter diminuído a quantidade de tabaco cultivada. Apenas um jovem disse que nos últimos cinco anos a família deixou de cultivar tabaco.

Entre as motivações das famílias que aumentaram a quantidade de tabaco cultivada situa-se o desejo de elevar a renda. “Aumentou, porque eu quero mais renda” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). Devido à elevação do preço dos insumos e o custo de vida ter aumentado. “Aumentamos, o preço de todas as coisas subiram, e nós tínhamos que fazer mais pra conseguir” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). Neste caso, o jovem menciona que para poder manter o mesmo padrão de consumo e o nível de vida foi necessário aumentar a área de tabaco cultivado.

O preço dos insumos agrícolas e da alimentação tem elevado mais e em maior proporção que o preço do tabaco, o que faz com que muitos agricultores acabem aumentando a quantidade de mil pés produzidos para obter a renda que obtinham no

passado. O que evidencia a desvalorização do produto, ou melhor, do preço pago para o agricultor.

**Gráfico 7 - Variação na produção de fumo nos últimos cinco anos.**



Fonte: Pesquisa de campo, 2012/2013.

Outro motivo apontado está associado ao fato dos filhos terem crescido e buscado suas partes na produção, o que conseqüentemente favoreceu a ampliação da área de tabaco plantada.

Aumentemos e bastante, antes o pai plantava só pra ele, aí eu comecei a plantar pra mim, e minha irmã começou a plantar para ela. Aí aumentou. Ano passado eu plantei 30 mil, e a minha irmã plantou 20. E a mãe também plantou 10 mil para ela, e para os meus irmãos. E aí foi aumentando (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Teve ainda jovem que mencionou que a família aumentou a área de tabaco plantada para poder ter mais lucro, uma vez que metade da produção é dada para o proprietário da terra. “Acho que plantemos mais, é que plantemos ano passado e deu pouco, e como nós temos que pagar a renda (a parte do proprietário) tem que plantar mais para sobrar” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Em outro caso o aumento da quantidade de tabaco plantada ocorreu porque o cultivo tem preço melhor que o milho, além disso, a família adotou uma estratégia de cultivar duas safras em uma única área.

Foi aumentado um pouco. nós estávamos vendo que na nossa terra podia ser plantado um pouco mais em vez de plantar milho nós pegava e plantava no fumo, e daí depois que saia o fumo nós plantava na safrinha (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

Já, em relação aos jovens que mencionaram ter diminuído a quantidade de tabaco plantada, as motivações foram basicamente a redução da mão de obra. Em alguns casos, a redução se deu porque os pais estão envelhecendo e os filhos casando e saído da propriedade. “Agora diminuimos, agora viemos pra sessenta mil. Não adianta a gente plantar um monte agora e para colher não vai ter gente” (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Em outros casos a redução ocorreu pela separação dos pais ou falecimento de algum membro da família. “Agora esse ano foi diminuído, nos outros anos era mais. O ano passado nós entre quatro pessoas, o pai estava em casa, nós plantamos 105 mil pés de fumo” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). “Nós plantava primeiro trinta mil, mas depois que o pai faleceu, nós começamos com vinte” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Linha Progresso).

Em apenas um caso foi citado que a redução do cultivo de tabaco vem ocorrendo na propriedade porque a família esta buscando alternativas produtivas para gradativamente substituí-lo. “Diminuimos, porque nós estamos procurando outro tipo de renda e porque o fumo todo mundo está criticando e dizendo que vai acabar. Então nós já estamos procurando diversificar” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

No decorrer da pesquisa, evidenciou-se que a falta de mão de obra é um fator decisivo na quantidade de tabaco cultivado, da mesma forma que ele pode ser eliminado da propriedade caso a família não tenha mão de obra suficiente para realizar o cultivo. Ou seja, quando os filhos saem do meio rural o cultivo começa a ser substituído. “O meu irmão saiu de casa, e como eu era mais novo, era só o pai e mãe pra trabalhar. Dai não tinha como eles plantar fumo e cuidar das vacas de leite” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral).

Tal constatação, no entanto, não interfere, em uma análise geral, no aumento da produção do produto. De acordo com dados da AFUBRA (2011), no sul do Brasil percebe-se que a produção permanece aumentando, com exceção de 2010 quando, e, devido a problemas climáticos, houve uma safra menor de tabaco. Ou seja, os dados da pesquisa evidenciam assim como os dados da Associação dos Fumicultores do Brasil que os agricultores têm aumentado à produção de tabaco e não diminuído como as políticas de diversificação produtivas supõe. Ainda, conforme os dados dos IBGE

(2012) a partir de 2002 ocorreu um incremento na área de cultivo do tabaco, chegando a mais que dobrar a área plantada, como foi caso das safras entre 2005 e 2010.

Conforme Rudnick (2012), nos países em desenvolvimento, permanece a tendência de crescimento da produção de tabaco. Dentre as razões, têm-se as mudanças nas estratégias das multinacionais do setor, a demanda de consumo mundial concentrada principalmente nos países em desenvolvimento e os baixos custos da mão de obra e dos ganhos de lucratividade que a cultura do tabaco proporciona em comparação com outros cultivos.

#### **4.4.1 Motivações para desenvolver o cultivo de tabaco**

Por mais que a reclamação da maioria dos produtores e jovens rurais quando se trata do cultivo de tabaco seja o preço e a falta de autonomia para poder negociar o valor da produção com a fumageira, quando questionados acerca dos principais motivos que os levam a desenvolver o cultivo a resposta é a renda que a atividade proporciona.

Segundo Barrero e Freitas (2003), a saturação e o preço do fumo no mercado internacional podem fazer com que a empresa classifique o produto como de qualidade inferior, e como consequência, o preço do produto baixa, reduzindo assim, naquele ano, a lucratividade do agricultor. Por outro lado, se a oferta de fumo é insuficiente, a empresa melhora a classificação do produto aumentando a rentabilidade do agricultor.

Porém, de acordo com Vargas e Oliveira (2012) as limitações de área constituem um importante fator que impede os pequenos proprietários rurais fumicultores de avançarem para outras culturas, diversificando suas atividades. Esse fator pode ser observado nas percepções dos jovens entrevistados.

O principal motivo é que nós temos uma área de capoeira. Plantar soja não tem, milho não tem, a propriedade é muito pequena pra fazer outra atividade, então a única alternativa ainda é fumo (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

Pequena área, pra tu produzir, por exemplo, retalio, produz mais, o milho não. E já é a terra mais dobrada também já dificulta pra ti ter outras culturas e coisas. (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).



Além da limitação da área de terra, no decorrer da pesquisa deparou-se com a problemática da estabilidade relativa do preço do tabaco e a rentabilidade que o cultivo apresenta quando comparado à produção de feijão e milho, por exemplo. “Mas plantar outra coisa não dá lucro, que nem o fumo” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque).

O principal motivo é que a renda dele é a maior, porque se a gente for se basear em plantar feijão, pra vender feijão hoje tu está vendendo a cem, amanhã vai estar vendendo a cinquenta. E o fumo já é um preço mais ali, fica sempre a oitenta, cem, pelo menos pra nós nunca baixou dessa média. Então a sempre se baseou mais pelo fumo (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

O rendimento que o cultivo de tabaco proporciona, como pode ser observado nos depoimentos dos jovens, é a principal razão para que esta atividade se desenvolva nas propriedades rurais da região em estudo. “Na nossa mentalidade, é que rende mais, financeiramente” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral). “É ainda o único produto que dá um rendimento em dinheiro” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). “Pra quem tem pequena propriedade, pouca terra, o que dá mais hoje em dia pra nós, é o fumo” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Linha Progresso).

O principal motivo é por ter dinheiro. Porque é a única coisa que dá dinheiro, pois se tu vai plantar outra coisa, dá dinheiro também, mas não é que nem fumo. “Em propriedade pequena é por causa que é a única coisa que dá um pouco mais de renda, que rende um pouco mais, que avulta um pouco mais de dinheiro (Jovem 10, feminino, 15 anos, Linha Barrinha).

Entre as motivações para seguir desenvolvendo o cultivo de tabaco surge também à questão da garantia de comercialização fornecida mediante os contratos de integração vertical, diferentemente das demais atividades e produções desenvolvidas. “Se tivesse outra alternativa, a gente nunca ia plantar fumo, mas é o que dá mais dinheiro. E, também, eu pensei bastante em verduras, essas coisas, só que não tem mercado” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

No presente estudo pode-se visualizar a diminuição do cultivo de tabaco nas propriedades rurais onde se fazia presente a atividade leiteira, o cultivo de soja, entre outros. Ou seja, a redução do tabaco é realizada mais facilmente pelas famílias que não tem no tabaco a sua principal fonte de renda.

Apesar da renda com a produção de tabaco ser alta quando comparada com outras *commodities* agrícolas, como milho, por exemplo, quando ela for dividida pelos

meses que abrangem o período entre o preparo da terra até a entrega do produto e for contabilizado o trabalho gasto por todas as pessoas envolvidas no processo produtivo, esse valor acaba sendo baixo. Entretanto, para o agricultor familiar o cultivo de tabaco é aparentemente rentável, uma vez que este explora a sua força de trabalho (ALMEIDA, LASSO; RIBAS, 2010).

O risco econômico é claramente priorizado frente à ideia de que estão expostos a outros riscos graves o suficiente – seja na saúde, seja no ambiente – para motivar atitudes preventivas, como também a mudança de atividade. Todas as famílias entrevistadas deixariam de produzir tabaco; contudo, o retorno econômico que a atividade gera é o fator que os mantém na atividade produtiva. A monocultura (tabaco) acaba ‘aprisionando’ os agricultores, tornando-os de certa forma, dependentes deste cultivo, uma vez que não possuem outras fontes de rendas. Ao mesmo tempo, acarreta em danos à saúde.

Uba (2012), em pesquisa realizada no município de Monte Castelo, no estado de Santa Catarina, por meio de entrevistas semiestruturadas com 10 agentes sociais, representantes de diferentes organizações e, 17 agricultores familiares que cultivam ou cultivaram tabaco, visualizou que a maioria dos produtores de tabaco entrevistados considerou a atividade prazerosa. O estudo deu-se a partir da motivação do autor em constatar as dificuldades de adesão dos agricultores familiares, produtores de tabaco, às políticas públicas de diversificação das atividades produtivas. Porém, esta evidencia contrária, em parte, os dados de pesquisa desenvolvida por Paulilo (1987), na qual entrevistados declararam que “o colono não planta fumo porque gosta”. Bem como pesquisas realizadas por Troian (2006, 2010), entre outras.

Rudnicki (2012) em estudos realizados em Santa Cruz do Sul, Rio Pardo e em Dom Feliciano, todos no estado do Rio Grande do Sul, mostrou que a que “renda”, “tradição e família” e “amigos e vizinhos” são motivações importantes e que influenciam, na ordem de importância descrita, a decisão de plantio do tabaco. No estudo a autora identificou que a tradição e a família aparecem como motivações para o plantio do fumo em 90,2% dos casos analisados. A renda motiva o plantio de 95% dos produtores. Para todos os entrevistados de Rio Pardo e de Dom Feliciano, a renda se configura como uma das motivações para o plantio do tabaco, já em Santa Cruz do Sul essa motivação justifica o plantio de 91,1% dos entrevistados.

No presente estudo, como se pode observar mediante os discursos dos entrevistados, a renda, a estabilidade relativa no preço, o tamanho da propriedade, a

rentabilidade comparada a produtos como feijão e milho e as garantias de comercialização constituem-se nas principais motivações para que as famílias cultivem tabaco.

#### 4.4.2 Jovens rurais e tabaco

A percepção que os jovens têm acerca do cultivo de tabaco divergem entre os entrevistados, da mesma forma que ela varia de ano (safra) para ano. A renda que o cultivo representa gerar faz com que diversos jovens percebam o tabaco como sendo a única alternativa produtiva para a propriedade.

A percepção positiva em relação ao cultivo de tabaco é visualizada em distintos discursos. “Em questão de renda ela é bem vantajosa, porque ele produz bem, em pouca área. Área pequena que nem nós temos (tabaco) é lucrativo” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral). “Ah, para gente aqui na roça [...] Eu gosto de lidar com o fumo e tudo, porque é o que dá mais (renda) aqui para nós” (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Também teve jovem que mencionou que não considera o cultivo muito bom, mas, por enquanto o tabaco tem se tornado a única alternativa da família. “Bom não é, mas tem que plantar para sobreviver. Que nem aqui é [...] o que dá mais dinheiro é o fumo mesmo” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Encontram-se jovens que apesar de lembrarem-se das críticas que o tabaco vem sofrendo através das campanhas antitabagistas percebem o cultivo como uma alternativa rentável para a manutenção e reprodução familiar. Eles também não consideram o cultivo tão maléfico como a mídia mostra ser.

Tem muita gente que tá criticando por causa do cigarro e essas coisas [...] eu acho que se vai querer plantar alguma outra coisa em propriedade pequena não vai dar tanto que nem no fumo. Que nem se nós vamos querer plantar soja, alguma coisa, em propriedade pequena não vai funcionar porque nós não vamos tirar nem pra o nosso sustento... Para nós o fumo é o essencial, se tirar o fumo nós não temos nada. (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

O governo é contra, mas se eles pensarem quantas mil famílias tem, que que adianta eles quererem tirar (o tabaco), o que que eles vão fazer com tudo isso? Assim já tem gente que quase morre de fome, imagina sem o fumo, isso

é só com Bolsa Família, e mesmo assim não adianta (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

Esses dias nós estávamos conversando que as indústrias dão muito explicativo, panfleto, sobre tudo. Em pesquisas na internet eles falam tão mal do fumo, as fotos que eles mostram de criança semi desnutrida. E não é nada disso, claro, envolve bastante, bem dizer tu se mata trabalhando, não aguenta a dor nas costas de estar pra lá e pra cá puxando aquele fumo pesado, só que não é bem isso que eles mostram, que eles falam [...] “ah o fumo vai muito veneno e não sei oque [...] mas eles não fazem comparação com as outras frutas, que nem batatinha, tomate, essas coisas, vai muito mais veneno. Sei lá, eu acho que o fumo tem os seus mal, mas também tem os seus lados positivos (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Em contraposição, há entre os entrevistados há jovens que percebem o cultivo de tabaco negativamente devido ao excesso de agrotóxicos utilizado no decorrer de sua produção. “É plantado, contra a vontade porque usa muito agrotóxico” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). Outros que reclamam do uso de agrotóxicos, mas lembram da rentabilidade. “Sempre esta lindando com o veneno, mas é rentável, dá uma boa renda” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). “Acho que ela (a cultura do fumo) é rentável, mas a única coisa são os venenos, se não se prevenir [...]” (Jovem 5, masculino, 24 anos, São Roque).

Eu acho que o fumo por mais que ele de serviço, ele rende no dinheiro, só que ele deveria render mais, deveria ser mais valorizado e eu só acho que deveria ser cultivado de outra maneira, sem os agrotóxicos, porque tem muitos problemas de intoxicação (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

Alguns jovens percebem o cultivo de forma negativa porque se lembram da empresa integradora e da falta de autonomia dos agricultores no momento da venda da produção, estes que não tem poder de barganha para discutir o preço do produto e acabam aceitando as imposições da fumageira. Os jovens acreditam que as empresas poderiam oferecer auxílio aos agricultores, sobretudo valorizando mais o produto.

Eu acho que tinha que ser outro jeito. O certo, nós não podia ir na firma vender o fumo, eles tinham que vir comprar, de atrás de nós. Não nós ir pegar e oferecer o nosso coiso que nós temos lá, eles tão dependendo de nós. Nós estamos fabricando o produto, o que eles pagam cem pila pra nós eles vendem a quinhentos, seiscentos reais (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Eu acho meio termo. Não está bom, nem está ruim. As empresas deveriam dar mais auxílio, alguma coisa a mais. Melhorar o preço, também (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

A classificação do tabaco foi o principal fator de descontentamento dos agricultores de Monte Castelo/SC com a agroindústria tabaqueira (UBA, 2012). Associando a problemática do preço recebido pelo produto teve jovem que mencionou ainda a questão da sazonalidade e das especificidades da agricultura, principalmente a dependência do clima.

É um pouco problemático porque a gente trabalha, trabalha, na hora de vender, às vezes, se incomoda. O tempo, às vezes não ajuda, a gente se preocupa bastante, porque um ano é seca, outro ano é chuva (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

No estudo realizado por Agostinetti et al., (2000), o grau de satisfação dos fumicultores com o sistema de integração foi bastante variável. Dentre os principais motivos de insatisfação com a indústria, a classificação final do fumo foi o mais citado (23,4% dos entrevistados).

A classificação na unidade de produção é realizada pelo próprio produtor separando as folhas em quatro classes que estão diretamente relacionadas com a posição que as folhas ocupam na planta. Para cada classe o fumicultor classifica as folhas por cor e tamanho. As indústrias classificam as folhas em 48 classes, utilizando mecanismo com luzes que geralmente gera uma classificação diferente da realizada pelo produtor. Apesar da insatisfação com o sistema de classificação, observada por quase 1/4 dos fumicultores entrevistados, quando perguntados se o preço pago pela indústria remunera satisfatoriamente, 70,2% responderam que sim ou pelo menos que, na maioria das vezes (AGOSTINETTO et al., 2000).

O elevado custo para produzir tabaco também faz parte das percepções negativas que os jovens têm acerca do cultivo. Pelo discurso do jovem pode-se visualizar que a sua percepção acerca do cultivo fez com a família buscasse alternativas produtivas.

Eu vejo que a produção de fumo que tá se tornando uma cultura que daqui um tempo não vai ser mais viável, por isso que nós estamos diversificando a propriedade para poder um dia não precisar mais depender do fumo, poder plantar outras coisas (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Por sua vez, a percepção da proprietária de um estabelecimento comercial localizado no meio rural é de que está cada vez mais difícil os produtores de tabaco terem renda com este cultivo. Segundo a entrevistada muitas famílias não conseguem pagar as compras realizadas no mercado, o que consumiram durante o ano todo com a renda obtida com o cultivo de tabaco. “Cada ano que passa fica metade (das vendas)

para trás sem receber” (Proprietária de um comércio rural, Linha Sítio Alto/microrregião III). A fala da entrevistada refere-se especificamente aos produtores do monocultivo de tabaco, estes que em sua opinião estão cada vez mais descapitalizados.

No entanto, percebe-se que o tabaco ainda é visto positivamente pelos agentes de desenvolvimento e líderes locais, como por exemplo, a visão do presidente do STR. Para o agente, o tabaco é responsável pela permanência dos jovens no meio rural local, embora ele ressalve a importância de diversificação, defendendo a importância dos agricultores não ficarem dependente de um único cultivo.

Importante e fundamental, o tabaco no nosso município, mas a gente tem que trabalhar pra que a gente consiga alternativas de renda (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

Segundo Agostinetti et al., (2000), embora seja, atualmente, uma das poucas alternativas para os agricultores familiares descapitalizados, a fumicultura tem sido questionada quanto às reais possibilidades de promover melhorias na qualidade de vida especialmente devido ao uso excessivo de agrotóxicos, ao grande esforço físico exigido no manejo da cultura, especialmente no período de colheita, e à elevada demanda de mão de obra em determinadas épocas do ano. As considerações dos autores servem para o contexto da atual pesquisa.

#### **4.4.3 Principais cultivos desenvolvidos entre as famílias de jovens entrevistados**

Entre os 18 jovens entrevistados encontraram-se sete que cultivavam somente o tabaco para a venda. Estas famílias, de maneira geral, plantam milho, feijão e outros alimentos para o consumo familiar, embora o tabaco seja a única fonte de renda. “Tabaco, daí pro consumo milho e feijão” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha). “Só o fumo para a venda, o milho é mais é consumo nosso mesmo, para os bichos” (Jovem 6, feminino. 24 anos, Linha Cereja). “Fumo, e dai tem feijão, mas plantamos para nosso consumo” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque).

Para lucro, é o fumo, tem pra tratar os bichos, assim, milho, mandioca, batata, assim, pra comer e pra tratar. Às vezes vendemos um pouco alguma coisa,

milho [...] mas o mais é o fumo (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha ocidental).

Onze jovens cultivam outras plantas e/ou criam animais, seja para a carne, para o leite ou ainda para a comercialização de ovos. Ou seja, que eles têm suas propriedades diversificadas. Além do tabaco estas famílias cultivam feijão, milho, soja. “Fumo, feijão, milho. Esses são pra venda, para consumo tem mandioca” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). “Fumo, milho, é, esses dois. Feijão a gente planta só pra consumo, mesmo” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). “Fumo, milho, soja, leite e hortigranjeiros também” (Jovem 9, masculino, 24 anos Linha São Pedro).

O tabaco é em primeiro lugar. O segundo é a soja, que a gente planta bastante. Aí a minha mãe lida com guaxo, ela tem umas vaquinhas, ela cria os terneirinhos na vaca e vende. Às vezes vende carneado, às vezes ela vende o porco também, ela vende o milho que a gente planta bastante. Umhas duzentas sacas, duzentas e cinquenta só pra consumo. Aí ela vende o porco às vezes carneado, às vezes vivo (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Visualizou-se que os principais cultivos desenvolvidos pelas famílias dos jovens entrevistados encontram-se o tabaco, a soja, o milho, o feijão, mandioca, batata, hortigranjeiros, entre uma gama relativamente variada de produtos para o autoconsumo.

Encontraram-se jovens que ainda tem no tabaco a principal atividade, mas que vem buscando alternativas para reduzir a importância do cultivo na renda familiar. “A gente planta de tudo. Planta melancia, planta fumo, mandioca, batata, milho, feijão, amendoim [...] para vender tem ovos, os frangos, pepinos e o fumo” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

O principal é fumo, por enquanto ainda é. Mas tem milho, feijão [...] Agora, mais recentemente, nós estamos mudando pra fruticultura, também. Então tem pé de nozes aqui do lado, temos meio hectare de laranja e bergamota, e agora, do ano passado, plantamos 450 pés de parreira (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Segundo Villwock (2011) não se pode deixar de lado a importância do autoconsumo nas comunidades rurais onde o tabaco é desenvolvido. O autor lembra que nas famílias que produzem o fumo Burley, a porcentagem de autoconsumo é mais presente do que nas famílias que produzem Virgínia. Isso ocorre devido à demanda de mão de obra, como salientado acima, que no fumo tipo Burley é menos exigente quando comparado ao Virgínia. Não se pode esquecer a importância da produção para o autoconsumo na redução das despesas da família.

No bloco de questões sobre o tabaco, os jovens também foram questionados se havia interesse em deixar de desenvolver este cultivo, novamente as suas percepções variaram. Encontraram-se jovens que mencionam que no âmbito familiar nunca foi pensado em deixar de plantar tabaco, uns declarando que a propriedade já está organizada e com a estrutura necessária para produzir tabaco. “Não, isso não. Não. Porque tem tudo as coisas organizadas” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). Outros pela renda que o cultivo proporciona em propriedades pequenas e declivosas.

Acho que não pararia de cultivar o fumo porque é o que dá renda e que nem nas lavouras mais dobradas, tu vai plantar outra coisa, é pouca lavoura. Aí tu vai plantar a soja, é pouco, para plantar outra coisa também. E o fumo já ajuda bem mais (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

Encontraram-se jovens que não pretendem deixar de cultivar o tabaco por não possuírem terra e trabalharem as meias e, por isso, dependem dos interesses do patrão. “Não, isso não, isso tem que ver com o patrão, com o dono da terra, que não adianta nós querer investir numa coisa que não é nossa” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque). Outros mencionam que até que o cultivo de tabaco existir eles cultivarão. “Enquanto que tiver fumo, vamos plantando fumo” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Linha Progresso).

Por outro lado encontraram-se jovens que tem interesse em parar de cultivar tabaco. “Grande interesse” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). Alguns mencionam o quanto o cultivo é trabalhoso e demanda mão de obra e que por isso no futuro a pretensão é eliminá-lo da propriedade.

O fumo, ele é muito trabalhoso, tu sofre demais pra ter, sabe. A gente faz assim, o fumo é aquela plantação que tu vai pagar as contas mais altas. Enfim, eu acho que no futuro... Só se mudar muito, sabe, mas eu pretendo terminar com o fumo... De repente só criação, com a soja (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Também teve jovem que disse pretender eliminar o tabaco por falta de mão de obra devido aos problemas de saúde da mãe.

Temos porque a mãe não pode muito lidar, por causa de problema de coluna e daí complica. E também o fumo é um serviço bem pesado, é puxado. E se essa linha de leite fosse dar certo, nós pretendíamos até seguir. Não vou dizer parar (com o tabaco), mas dar uma boa diminuída (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).



Pelo discurso do jovem, percebe-se que a família cultiva tabaco porque ainda não há alternativa estabelecida para que a família pare de cultivar tabaco na propriedade, embora alguns membros da família já sintam as consequências do cultivo. Há ainda jovens que já pensaram em eliminar o cultivo de tabaco por problemas de saúde, mas para isso ocorrer é necessária a aquisição de novas áreas de terra.

Se comprar que nem tá nos planos do pai e da mãe, de comprar mais terra, cada vez diminuir mais, porque fumo molhado faz mal para o meu irmão, ou sol muito quente ele passa mal, ele tem a imunidade mais baixa. Eles (pais) sempre falam em diminuir e daí também como a idade vai chegando, eles pretendem diversificar, quem sabe plantar, colher milho assim pra vender, feijão eles nem falam porque daí já precisa de mais mão de obra. Mas milho, produção de ovos, essas coisas assim (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

No discurso da jovem fica explícito as problemáticas de saúde causadas pelo cultivo de tabaco, associada à falta de mão de obra, motivos estes que fazem com que a família tenha a pretensão de diminuir e quem sabe eliminar o tabaco da propriedade. No entanto, devido às restrições da área de terra, não há outra opção que não seja cultivar tabaco.

Entre os jovens que possuem interesse em interromper o cultivo de tabaco, encontrou-se um que tem a pretensão, mas que por falta de incentivos para diversificar ainda mais a propriedade acaba não deixando.

Já pensei em plantar outras coisas, mas, só que cada, vamos dizer assim, laranja e coisas assim, pra diversificar mais, nozes eu pensei em plantar também, só que é muito caro para começar a investir nisso. Se tu não tiver algum incentivo, alguma coisa que tu consegue que ajude, tu não tem como tu conseguir deixar uma área parada cinco anos ali pra daí tu começar a ter renda (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Por mais que exista o interesse em desenvolver outras atividades na propriedade a falta de apoio e incentivo, tanto financeiro quanto técnico, são deficientes e acabam reproduzindo o sistema de cultivo do tabaco.

Outros jovens demonstram não saber se um dia deixarão de plantar tabaco, mas que isso pode vir a ser uma possibilidade, ainda que remota. “Quem sabe, nunca se sabe o dia de amanhã” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental). Conforme Uba (2012) a segurança proporcionada pelo sistema de integração agroindustrial orienta a decisão de agricultores familiares pela continuidade do cultivo do tabaco em Monte

Castelo no estado de Santa Catarina o que não é diferente no município de Arroio do Tigre.

Quando questionados sobre o que fariam caso não houvesse mais a possibilidade de plantar tabaco, os jovens apresentam uma gama de opções, tanto ligadas à agricultura quanto a saída do meio rural. Entre os jovens que sairiam do meio rural, visualizou-se que a pretensão seria um emprego, um concurso ou algo do gênero, mas que fosse realizado no meio urbano. Três jovens procurariam um emprego fora do rural. “Nós íamos embora para trabalhar com o meu cunhado lá, na Frangosul” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo). “Acho que dai ia procurar um serviço, fazer algum concurso de prefeitura, essas coisas” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque). “Mas dai tinha que sair pra fora, ajeitar um emprego. Trabalhar de repente de peão, quem sabe” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso).

Nove jovens responderam que permaneceriam no meio rural e se não houvesse mais a possibilidade de cultivar tabaco eles aumentariam a área plantada com outros cultivos, como soja, milho, pepino, entre outros. “Tem que dar um jeito, tem que fazer alguma coisa, tem que plantar milho, alguma coisa tem que fazer” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

A produção de alimentos surgiu como uma alternativa, assim como a problemática da falta de mercado para escoar a produção. “Primeira ideia que veio na cabeça foi verdura, essas coisas, mas não tem onde colocar (vender), esse é o problema” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). “Teria que plantar outra coisa, milho, feijão, não sei, de repente coisas para comer, para vender. De repente coisas pequenas, não sei também” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso).

Para a jovem que juntamente com sua família saiu da cidade de Montenegro para cultivar tabaco no interior do município de Arroio do Tigre, caso não fosse mais possível realizar este cultivo a família permaneceria no meio rural desenvolvendo outras atividades. Embora a jovem enfatize que até que existir a possibilidade de cultivar tabaco a família fará isso.

Isso já perguntaram pra nós, que nem falaram, dai vocês vão voltar pra cidade ? Falei dai: “Não [...] para cidade não”. O pai disse, dai tem a produção de leite, que todo mundo esta investindo em leite essas coisas, quem sabe plantar eucalipto, mudar de atividade nem que seja. Mas que se enquanto tiver compra de fumo nós vamos tá plantando [...] (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

No estudo de Fossatti e Freitas (2002), 23% dos entrevistados responderam que trabalhariam na cidade, no comércio, como assalariado, isso evidência a importância dada pelos agricultores quanto à certeza do salário ao final de cada mês. O que não foi muito expressivo no presente estudo; pois a maioria dos entrevistados buscaria alternativas agrícolas se não houvesse a possibilidade de cultivar tabaco e não sairiam do meio rural.

Os jovens apresentam uma série de possibilidades e alternativas ao cultivo do tabaco, porém na prática cotidiana visualiza-se que as alternativas ficam mais no nível da possibilidade do que da realização. Visualizou-se que os jovens, de maneira geral, permaneceriam no meio rural desenvolvendo outros cultivos e criações caso não fosse mais possível cultivar tabaco. Percebeu-se ainda que os jovens que sairiam do meio rural são os filhos ou produtores do monocultivo de tabaco, já que este cultivo representa a única fonte de renda familiar, pois os mesmos não visualizam alternativas produtivas e buscariam ocupações urbanas.

A diversificação é uma necessidade dentro da concepção de uma economia globalizada e permite ao produtor colheitas de diversos produtos ao longo do ano, viabilizando o aproveitamento da área disponível e conseqüente aumento de renda (AGOSTINETTO et al., 2000). O termo diversificação, no dicionário significa o ato ou efeito de diversificar, consiste na estratégia na qual se pretende a produção de novos serviços e produtos. No meio rural não chega a ser uma discussão nova, no entanto, ganhou mais respaldo a partir da década de 1990 quando as primeiras conseqüências da especialização da agricultura começaram a ser identificadas.

A diversificação opõe-se a especialização, esta que a partir da modernização trouxe como conseqüência a maior dependência ao mercado, submetendo-os às oscilações econômicas e a competitividade características deste, ao mesmo tempo em que comprometeu a própria segurança alimentar da família. Nas propriedades rurais a diversificação da produção contribui para melhorar a qualidade de vida dos produtores, reduzindo a dependência a um só produto, deixando os produtores mais autônomos, uma vez que ela amplia o leque de possibilidades e permita a agricultura dinamizar-se, de forma a não ficar a margem dos preços e mercados de um único produto.

O fato do tabaco ser uma cultura sazonal permite o aproveitamento da força de trabalho ociosa em épocas do ano nas quais a cultura é pouco exigente nesse fator de produção. No entanto, a garantia dos preços e da aquisição do produto são os maiores atrativos da fumicultura segundo relataram os produtores (AGOSTINETTO et al.,

2000). Apesar do cultivo de tabaco possuir garantias de comercialização e ter significativa importância na renda das famílias há jovens que já estão procurando alternativas produtivas ao cultivo de tabaco. “O fumo ainda é a maior fonte de renda, só que nós estamos sempre diversificando a propriedade, pra poder diminuir com o fumo” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

O monocultivo de tabaco se dá substancialmente pelo contexto macro da agricultura, que incentiva direta e indiretamente os cultivos para o mercado e também pelo fato da estrutura fundiária do município de Arroio do Tigre ser formada por pequenas propriedades o que dificulta e muitas vezes inviabilizam outros cultivos.

No decorrer da pesquisa visualizou-se um desequilíbrio na qualidade de vida entre os fumicultores do município, há famílias com propriedades bem estruturadas, casas amplas e em ótimas condições de uso, com carro, trator e maquinários ao mesmo tempo em que há produtores sem terra, residindo em casas em precárias condições, sem veículo de passeio e sem os equipamentos e maquinários necessários para o *labore*.

Pode-se dizer com base na pesquisa realizada que a diversificação da produção vem sendo capaz de gerar melhorias na plataforma de sustento das unidades rurais, impactando positivamente na disponibilidade de renda e conseqüentemente, na melhoria da qualidade de vida. Ou seja, as famílias que desenvolvem outra atividade juntamente com o cultivo de tabaco possuem condições econômicas melhores o que vem a repercutir na qualidade de vida. Os agricultores diversificados possuem condições, tanto econômicas quanto sociais, melhores do que os agricultores que produzem o monocultivo de tabaco.

A diversificação da produção atribui ao agricultor a vantagem da estabilidade da renda durante o ano, diminuindo a sua sazonalidade ao mesmo tempo em que melhora a sua segurança, pois reduz o risco de quebras na renda devido à flutuação nos preços e a incidentes naturais, tais como a ocorrência de pragas e doenças e o efeito de geadas, chuvas de granizo, entre outros. Além disso, reduz a dependência da empresa integradora, da flutuação dos preços do tabaco.

No momento em que o produtor diversifica a propriedade (as fontes de renda), ele não fica “prisioneiro” de um único cultivo, o que permite alternativas de renda em momentos de crise da cultura, reduzindo o impacto das sazonalidades inerentes às produções agropecuárias. O cultivo diversificado aumenta a competitividade do produtor, e pode aumentar também sua renda, além de diminuir os riscos e os custos, já que dentro da propriedade é produzida grande parte do necessário para subsistência,

determinando uma queda visível das despesas com alimentação e outros insumos como lenha, fertilizantes, entre outros.

Na pesquisa, os agricultores que dispõem de áreas maiores de terra são os que têm buscado a diversificação. No decorrer das entrevistas foi evidenciado que é o cultivo de tabaco que financia a diversificação de cultivos para que com o passar do tempo os produtores venham a reduzir ou eliminar o tabaco de suas unidades produtivas. Visualizou-se ainda a deficiência das políticas públicas, pois para que um agricultor possa diversificar o leque de produções e rendas ele precisa aumentar a produção de tabaco a fim de garantir a renda necessária para pagar os investimentos realizados.

As entrevistas evidenciaram que a diversificação dos cultivos, ou ainda a substituição ou redução do cultivo de tabaco, quando ocorre nas propriedades, se dá basicamente pela redução da mão de obra das famílias. A mão de obra é um fator decisivo na quantidade de tabaco cultivado, da mesma forma que ele pode ser eliminado da propriedade caso a família não tenha mão de obra suficiente para realizar o cultivo.

Nas propriedades diversificadas, onde há a presença de outras atividades, sobretudo a produção leiteira, fica mais fácil para a família decidir parar de cultivar tabaco. Em apenas um caso estudado a redução da área plantada de tabaco se deu devido à percepção da importância em possuir outras fontes de renda e ainda pelos impactos gerados pelo cultivo, tais como o uso excessivo de agrotóxicos, a dependência com a empresa integradora, entre outros.

Na prática não se visualizou famílias reduzindo ou substituindo o cultivo de tabaco em suas propriedades a partir de políticas ou programas que incentivassem a diversificação, apesar de existir jovens interessados na introdução de atividades que venham a reduzir a importância do tabaco na renda familiar. Estes encontram na comercialização o entrave para que o tabaco deixe de ser central nas propriedades, pois não existe uma cadeia organizada, tão pouco há garantias de venda da produção, diferentemente do que ocorre no tradicional cultivo de tabaco.

Faltam alternativas ao pequeno agricultor, pois a baixa rentabilidade dos cultivos tradicionais, aliada a descapitalização e à dificuldade de acesso ao crédito conduz à produção de tabaco (AGOSTINETTO et al., 2000). Além disso, como pode ser observado no discurso a seguir, “a mãe, por ela, plantaria mais fumo. Porque não precisa, nós depois que paramos de plantar fumo, nunca faltou nada, assim” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral).

O tabaco está fortemente associado à cultura, muitas vezes a renda que ele proporciona não é tão necessária ou então se vive igual sem este cultivo, mas o fato do tabaco ser tradicional na região ele imprime esta característica de dependência. Por fim, corrobora-se com Vargas e Oliveira (2012) em que qualquer iniciativa específica de diversificação deve estar inserida em programas amplos de desenvolvimento rural, particularmente nas regiões que têm alta dependência em relação ao tabaco, como é o caso do município em estudo.

Em relação ao cultivo de tabaco e a permanência dos jovens no meio rural, o senso comum e as respostas obtidas em conversas informais, ou até mesmo no decorrer de entrevistas com agricultores e agentes de desenvolvimento vai ao sentido de que o tabaco mantém o jovem no campo. Para eles, o cultivo é responsável pelos jovens desejarem permanecer no meio rural, uma vez que ele é rentável e oferece condições econômicas e de infraestrutura para que os jovens estudem e tenham qualidade de vida.

A permanência do nosso jovem no nosso município é devido ao tabaco. Isso é certo, não tem como negar. Mas a gente tem que trabalhar pra conseguir alternativas de renda. Então você deve ter o tabaco como fonte maior de renda, mas também deve ter alternativas, porque tu te fixa numa monocultura é muito perigoso e isso excede a produção (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

Todos esses nossos jovens, hoje o nosso município tem em torno de 55% da nossa população no meio rural e quarenta e poucos por cento está nas cidades, nos bairros. Esses nossos jovens estão no interior ainda, por causa do tabaco. O tabaco segura, porque é uma mão de obra familiar. Algumas famílias quando plantam, tem que planta um pouquinho mais, contratam mão de obra terceirizada pra só pra colheita (Técnico da Emater aposentado).

Porém, não foi exatamente isso que a pesquisa com jovens revelou. Para sete jovens o tabaco exerce influência no desejo de permanência no meio rural pela renda gerada. “A maioria que fica é por causa do fumo, é, porque ele dá renda. Maioria das vezes é por causa da renda” (Jovem 18, masculino, 20 anos Linha Coloninha).

Se não é o fumo, pra nós aqui, se não é o fumo [...] Segura quem precisa e quem gosta. Lidar com o fumo, é o fumo que segura (os jovens no meio rural local) (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Outros seis jovens acreditam no oposto, ou seja, que o tabaco é responsável pela saída dos jovens do meio rural, alguns associando ao excesso de trabalho outros as condições de vida.

Acho que o fumo tem afastado bastante pelo serviço. Tem gente que não gosta do serviço, é um pouco mais pesado. Tem suas vantagens, mas tem as desvantagens. E acham que é mais fácil na cidade e tudo, não tem aquele compromisso (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Há ainda jovem que não crê que o tabaco tenha influência na decisão de sair ou permanecer no meio rural, embora ele seja um cultivo rentável.

O tabaco da uma boa rentabilidade, mas com certeza muita gente, se tivesse outra cultura que dava mais renda, não plantariam tabaco. Ele não segura o jovem no rural (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Como na fala da jovem, o cultivo de tabaco não possui relação com o desejo e permanência, pois “Isso depende, tem uns (jovens) que vão, uns que ficam” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Linha Progresso). Por fim, pode-se dizer que o tabaco embora seja percebido com um cultivo que desenvolve o interesse dos jovens na permanência no meio rural local, para os jovens entrevistados esta correlação não é verdadeira. O cultivo não é o responsável pelo desejo de ficar ou sair do meio rural.

Neste capítulo buscou-se apresentar as principais características do ser jovem rural no município de Arroio do Tigre, a arena estabelecida e os discursos de cada ator envolvido com os jovens e com o cultivo de tabaco. Também se discutiu acerca das percepções dos jovens e agentes de desenvolvimento em relação à juventude, os fatores que motivam a permanência e a saída do meio rural e o cultivo de tabaco. O capítulo a seguir apresentará as percepções sobre as políticas públicas e os projetos dos jovens rurais de Arroio do Tigre.

## 5 POLÍTICAS PÚBLICAS E JOVENS RURAIS: PROJETOS E PERCEPÇÕES

Não existe uma única, nem melhor, definição sobre o que seja política pública. Lynn (1980) define políticas públicas como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Para Peters (1986), política pública é a soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos. Rúa (1998 p. 731) tem uma definição bastante indicativa de políticas públicas: “[...] proponho o entendimento das políticas públicas como conjunto de decisões e ações destinadas à resolução de problemas políticos [...]”.

Conforme Souza (2006), as políticas públicas, depois de desenhadas e formuladas, desdobram-se em planos, programas, projetos, bases de dados ou sistema de informação e pesquisas. Para tanto, buscou-se investigar as principais políticas públicas dirigidas aos jovens e averiguar a contribuição delas às suas percepções e nos seus projetos de vida.

Para isso, no decorrer do roteiro de entrevistas, especificamente no bloco IV, foram feitos questionamentos acerca das políticas públicas conhecidas e utilizadas entre os jovens rurais e suas famílias, como os jovens percebem as políticas que ajudam a diversificar a propriedade e se eles conhecem alguma política específica para jovens, que de alguma maneira visa contribuir para a permanência no meio rural.

### 5.1 POLÍTICAS PÚBLICAS CONHECIDAS E ACESSADAS ENTRE OS JOVENS

Ao se tratar das políticas públicas, os jovens foram instigados a falar sobre as políticas conhecidas e utilizadas por eles, considerando o âmbito familiar. Dentre as políticas mais acessadas entre os entrevistados destaca-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), sobretudo o Pronaf Custeio, Investimento e Mais Alimentos. No decorrer das entrevistas também surgiu o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) como políticas conhecidas e/ou acessadas pelos jovens rurais.



O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar marca um momento singular na história agrária brasileira. Pela primeira vez tem-se um programa comprometido com o apoio àquele setor, que até início dos anos 1990, erroneamente se identificava como sendo “pequenos produtores” (SACCO dos ANJOS et al., 2004).

As políticas públicas brasileiras até meados da década de 1990 beneficiavam exclusivamente os grandes e médios produtores, as regiões centro-sul e as atividades voltadas para o mercado externo. Somente após a redemocratização e a mobilização da sociedade civil, a agricultura familiar passou a ser reconhecida, tanto academicamente quanto em nível de políticas públicas. O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar foi criado passando a beneficiar um público que até então era excluído das ações governamentais.

Para Schneider, Mattei e Cazella (2004), o surgimento do Pronaf representa o reconhecimento e a legitimação do Estado, em relação às especificidades de uma nova categoria social, os agricultores familiares, que até então era designada por termos como pequenos produtores, produtores familiares, produtores de baixa renda ou agricultores de subsistência. Pode-se afirmar que o Pronaf foi formulado como resposta do Estado às pressões do movimento sindical rural, realizadas desde o final da década de 1980. O programa nasceu com a finalidade de prover crédito agrícola e apoio institucional aos pequenos produtores rurais que vinham sendo excluídos das políticas públicas até então existentes e encontravam dificuldades de se manter no campo (SCHNEIDER; MATTEI; CAZELLA, 2004).

O Pronaf foi criado em 1996 e está vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário. O programa financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. Além das formas convencionais de financiamento, que variam de acordo com o limite financiado e, conseqüentemente, com a taxa de juros praticada. Conforme Abramovay e Piketty (2005) o Pronaf afirma não apenas as necessidades sociais, mas, e ao mesmo tempo, a viabilidade econômica de unidades produtivas cujo tamanho esteja ao alcance da capacidade de trabalho de uma família.

O programa dispõe de linhas específicas, que são: Custeio, Investimento, Pronaf Agroindústria, Pronaf Agroecologia, Pronaf Eco, Pronaf Floresta, Pronaf Semi-Árido, Pronaf Mulher, Pronaf Jovem, Pronaf Custeio e Comercialização de Agroindústrias Familiares, Pronaf Cota-Parte, Microcrédito Rural, Pronaf Mais Alimentos. Para beneficiar-se do Pronaf, o agricultor deve encaminhar ao banco um “certificado de

aptidão”, produzido pelo sindicato local ou pela agência de extensão rural, que ateste sua condição de agricultor familiar (SACCO dos ANJOS et al., 2004). Entre os critérios para o enquadramento dos produtores no Pronaf está o tamanho da área da propriedade, a utilização da mão de obra familiar, o limitado uso de mão de obra assalariada e a renda bruta anual, que não pode ser superior a R\$ 110 mil.

Segundo o Manual Operacional do Pronaf, o programa visa o fortalecimento da agricultura familiar, mediante apoio técnico e financeiro, para promover o desenvolvimento rural sustentável. Seu objetivo geral consiste em fortalecer a capacidade produtiva da agricultura familiar; contribuir para a geração de emprego e renda nas áreas rurais e melhorar a qualidade de vida dos agricultores familiares.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar é uma das principais políticas públicas citadas pelos agentes de desenvolvimento e líderes locais, bem como pelos jovens rurais entrevistados. Apesar de não ser utilizada a linha de crédito específica para os jovens, o Pronaf Jovem, acredita-se que o programa seja a política pública mais ativa no meio rural de Arroio do Tigre.

O Pronaf em suas diversas linhas de crédito, que vai desde custeio a investimentos, é percebido como um mecanismo que auxilia no processo de diversificação de cultivos.

Eu acho que uma das principais políticas públicas hoje é o Pronaf, que é uma linha de investimento que o jovem tem. Porque se tu fores iniciar uma cultura, uma atividade nova e tu não tiver condição financeira tu já não vai começar. Como nós temos o Pronaf hoje nessas linhas que a gente luta ai, a juro de 2 %, isso é quase um valor fixo. E a gente luta pra esse Pronaf vira 0%, então é uma luta que a gente tem, e aí sim o jovem tem a oportunidade de pegar esse dinheiro e aplicar bem (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

Da mesma forma que o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o agente aposentado como extensionista da Emater também acredita que a principal política pública acessada pelos jovens rurais seja o Pronaf, sobretudo, o Pronaf Mais Alimentos, por facilitar a compra de tratores e incentivar os jovens a ficarem na propriedade rural.

Aqui ninguém acessa o Pronaf jovem. Não vale a pena. O jovem, nosso, quando chegar nos 18 anos, esse que vai ficar na propriedade, que daí a grande maioria fica, o pai vê, já, então, que ele vai ficar, já arruma uma namorada, já vai se encostar, já vai construir sua casinha. Quando já tiver seus 18 anos esse jovem já pode acessar o Pronaf. [...] no Tigre, de 2009 pra cá já foi entregue em torno de 280 tratores novos pelo Mais Alimento. No

mínimo a metade desses tratores, o jovem que ia ficar na propriedade, chegou ao pai: pai, eu fico, mas vamos comprar um trator novo pelo Mais Alimento, daí eu fico e vamos trabalhar (Extensionista Emater aposentado).

A percepção do presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre é que em nível de município o jovem está muito bem assistido. Apesar de cada localidade demandar coisas diferentes, o espaço conquistado pelo jovem, às demandas geralmente são atendidas. Em um plano mais amplo, tratando de políticas públicas, o entrevistado acredita que as mais acessadas e de maior significância, embora não sejam específicas para os jovens rurais, são: a Política Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) e a Política de Habitação.

Cada localidade tem uma necessidade diferente. Então como nós temos organização de juventude em cada localidade, cada uma busca a sua necessidade. Então eu não teria hoje como dizer assim uma específica. Mas, todas as necessidades são buscadas e felizmente nós somos atendidos. A juventude não tem do que se queixar, a administração pública, municipal, até porque como eu disse é uma entidade, não tem nem como negar isso pra nós. [...] Hoje é crédito fundiário e habitação. Tanto que é nós temos jovens integrados nas comissões municipais. Então o que é mais acessado é isso aí (Presidente da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre).

A percepção acerca de que as políticas mais acessadas entre os jovens rurais no município de Arroio do Tigre são o Pronaf e o crédito rural é compartilhada pela extensionista da Emater. Conforme a entrevistada, as principais políticas acessadas são:

O crédito fundiário e o Pronaf. Só que tem a questão, pro Pronaf e o crédito fundiário a gente tem que ter todo esse entorno, porque para aprovação do crédito fundiário, a gente tem que ter viabilidade de pagamento para essa área, aí já entra a gama da diversificação. Que numa propriedade, digamos, que se o jovem constitui família, ou mesmo assim resolve: 'não, eu vou plantar fumo', ele já não vai se enquadrar no crédito fundiário (Agente área social/Emater)<sup>44</sup>.

O discurso da agente de desenvolvimento reforça a importância do Pronaf e também a política de crédito fundiário no município. A novidade na fala da entrevistada está na necessidade de comprovação da viabilidade econômica da área adquirida pelo crédito fundiário. Para que o crédito seja liberado para a aquisição da área de terra, deve constar no projeto que a propriedade será diversificada, não ficando apenas sobre o cultivo de tabaco a responsabilidade do pagamento da mesma.

---

<sup>44</sup> A agente tem 28 anos, é extensionista social da Emater desde janeiro de 2011.

Segundo a agente da Emater e de conversas informais realizadas com funcionários do Ministério do Desenvolvimento Agrário, responsáveis pelo crédito fundiário no Rio Grande do Sul, depois da adesão do Brasil a Convenção Quadro para Controle de Tabaco cobra-se que as áreas financiadas através do PNCF não cultivem apenas tabaco exige-se que estas “novas” propriedades sejam diversificadas.

Entre os jovens, o Pronaf Mais Alimentos é a política mais conhecida e utilizada. “O (Pronaf) Mais Alimentos foi muito bom, tem muitos tratores na região” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). Algumas famílias acessaram o crédito para a aquisição de vacas leiteiras, “só o Mais Alimentos para o trator e umas dez vacas” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral). Outras famílias utilizam o Pronaf Mais Alimentos para a compra de equipamentos como plantadeira e tratores para a lavoura. “Tem o Mais Alimento, que a gente pegou a nossa plantadeira, que a gente precisou de uma plantadeira maior. E um semeador que a gente pegou pelo Mais Alimento também” (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo). “Tem do trator que é o Mais Alimentos [...] Tem o PRONAF Investimento, tem o BNDES, o Programa Pró-Trator, esses ai mais que eu conheço” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral).

O Pronaf Mais Alimentos é uma política pública que, por meio de linhas de crédito do Pronaf, financia investimentos para a modernização da propriedade rural familiar. Existem duas linhas de crédito, o Mais Alimentos Produção Primária e o Mais Alimentos Agroindústria. A linha de crédito Mais Alimentos Produção Primária faz parte do Pronaf Investimento, ela financia investimentos em infraestrutura produtiva da propriedade familiar. O Mais Alimentos Agroindústria está vinculado ao Pronaf Agroindústria, financiando equipamentos para o beneficiamento e o processamento de produtos agropecuários para a agricultura familiar.

As modalidades Custeio e Investimento do Pronaf também foram mencionadas entre as políticas conhecidas e acessadas pelos jovens rurais entrevistados. “Tem os custeios que nós fizemos todos os anos” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). “Pronaf, financiamentos de trator, custeios de lavoura [...]” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). “Pronaf investimento, aí tem um custeio” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Conforme Schneider, Mattei e Cazella (2004) a modalidade de crédito para custeio representa um valor expressivo do volume total de recursos efetivamente aplicados nos últimos anos no quadro do Pronaf, enquanto que a modalidade de crédito para investimentos começou a operar de forma mais significativa somente após o ano de

1997. Isso significa que o programa apresentou, no primeiro período, um forte direcionamento do crédito para o financiamento das safras anuais e uma intervenção bem menor sobre os problemas relacionados à infraestrutura dos sistemas de produção.

Como políticas conhecidas e/ou acessadas, também foi salientado entre os jovens entrevistados o crédito fundiário. “Conheço o Mais Alimentos e o Crédito Fundiário” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). Entre os jovens que mencionaram o Programa Nacional de Crédito Fundiário encontram-se os que utilizaram o programa para a aquisição da área de terra da família e também, jovens que mencionaram conhecer a política devido ao fato do pai fazer parte do conselho municipal que discute as demandas e a capacidade de pagamento dos agricultores em relação ao crédito fundiário. Para Troian et al., (2011) em estudos realizados no interior do município de Santa Rosa, noroeste do Rio Grande do Sul, o Pronaf Jovem e o Programa Nacional de Crédito Fundiário - PNCF incentivam a permanência dos jovens no meio rural.

O Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio da Secretaria de Reordenamento Agrário, desenvolve o Programa Nacional de Crédito Fundiário (BRASIL, 2013), que oferece condições para que os trabalhadores rurais sem ou com pouca terra possam comprar um imóvel rural por meio de um financiamento. Além da terra, o agricultor pode construir sua casa, preparar o solo, comprar implementos e ter acompanhamento técnico. O PNCF possui condições diferenciadas de acordo com o valor do financiamento contratado. Para financiamentos com o limite de até R\$ 30.000,00, o agricultor tem até 17 anos para pagar. Já para financiamentos de valores acima de R\$ 30.000,00, o prazo de pagamento é de até 20 anos. Em ambos, estão incluídos até 36 meses de carência.

Por fim, teve jovem que mencionou conhecer o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). O programa foi acessado para a comercialização de batata doce e outros alimentos produzidos na propriedade como forma de diversificá-la e consequentemente reduzir a dependência com o cultivo de tabaco. Em Cotrim (2013) o Programa de Aquisição de Alimentos e o Programa Nacional de Alimentação Escolar são mecanismos utilizados pelos produtores de tabaco como forma de diversificar a propriedade. Eles ampliam a horta e a produção que já mantinham para o autoconsumo e comercializam para os programas de compras institucionais, já que eles priorizam os agricultores familiares.

O PAA foi criado em 2003 é uma das ações do programa Fome Zero. O programa promove o acesso a alimentos às populações em situação de insegurança alimentar e a inclusão social e econômica no campo por meio do fortalecimento da agricultura familiar. Ele contribui ainda para a formação de estoques estratégicos e para o abastecimento de mercado institucional de alimentos, que compreende as compras governamentais de gêneros alimentícios para diversos fins.

A percepção de um jovem entrevistado com relação às políticas públicas é de que elas não estão tendo a efetividade com a qual elas foram planejadas.

Eu acho que tá indo pra um lado... Por um lado eles tão fazendo bem, mas eu acho que eles tão endividando os jovens, também, porque eles tão largando bastante verba, bastante coisa, e os jovens tão se atracando também (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

O jovem acredita que falta controle por parte dos programas e nas políticas públicas para que elas não acabem endividando os jovens, tendo um efeito oposto do planejado. Neste sentido, lembra-se a percepção da agente da Emater entrevistada: “a questão das políticas públicas é justamente a busca como fonte de renda pra poder ter como sobreviver no meio rural” (Agente área social/ Emater).

Com relação a como os jovens e suas respectivas famílias ficaram sabendo acerca da existência de tais políticas e programas, os jovens elencaram as instituições financeiras, sobretudo o Banco do Brasil e o Sicredi, as propagandas no rádio, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Movimento dos Pequenos Agricultores e a Emater local. “A gente usa bastante banco do Brasil. Então, como a gente é cliente já há bastante tempo” (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

### **5.1.1 Políticas de diversificação de cultivos**

Para Ellis (2000) a diversificação do sustento rural é definida como um processo pelo qual o indivíduo ou a unidade familiar rural constrói um conjunto de atividades e bens com o objetivo tanto de sobreviver quanto de melhorar seu padrão de vida. Para o autor, uma característica fundamental das famílias rurais nos países em desenvolvimento é a habilidade de adaptar-se com o objetivo de sobreviver, ou seja, de

mudarem suas fontes de sustento em função das mudanças conjunturais que vão enfrentando.

Dessa forma, entende-se por política de diversificação as ações que auxiliam os agricultores e diversificar as atividades e as suas fontes de renda. No caso específico desta pesquisa, são as ações que visam que os produtores de tabaco adotem outros cultivos e criações, reduzindo ou eliminando a dependência com o cultivo de tabaco.

A maior parte dos jovens sente necessidade e acredita na importância das políticas que auxiliem os agricultores a diversificarem as suas propriedades. “Bastante importante, não adianta só plantar fumo, tem que diversificar a propriedade pra ter um lucro também a mais” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). “Eu acho necessário, elas (as políticas) ajudam muito. Se não fosse elas, seria mais difícil, eu acho” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Linha Progresso).

Há jovens que já ouviram falar e acreditam haver tais políticas, mas na prática não conhecem nenhuma. “Acho que tem que ter [...] Para ajudar a gente” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo). “Algumas [...] que eu sei, não conheço nenhuma. Eles podiam até fazer mais coisas, não só de leite.” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque). Os jovens visualizam as políticas para a diversificação como necessárias, mas acreditam que deveria haver mais ações neste sentido, mais do que o programa de gado leiteiro lançado pela Secretária da Agricultura em parceria com a Emater e a associação de jovens.

Por outro lado, encontraram-se jovens que percebem positivamente a atuação da prefeitura no sentido da diversificação e acreditam na importância de tais ações na medida em que o cultivo do tabaco vem sendo criticado e está sujeito a ser eliminado das propriedades rurais.

Conhecer assim, eu não conheço, eu já ouvi falar. Mas é bastante importante, daqui um pouco o fumo acaba, e daí o que a gente vai fazer pra diversificar? Então, que nem os vizinhos ali que eles cultivam mandioca, vão abrir uma agroindústria. Tem bastante apoio de prefeitura, essas coisas. E eu acho bem importante porque depois termina o fumo, que nem eles sempre falando que daqui dez anos termina o fumo, daqui dez anos termina o fumo [...] e se terminar aonde é que o pessoal vai ir? Vão ir tudo pra cidade arrumar emprego?(Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Na fala da jovem entrevistada percebe-se a preocupação com as falácias acerca do fim do cultivo do tabaco, mediante a proibição do governo federal. No entanto, cabe lembrar que em nenhum momento a adesão do Brasil à Conversão Quadro para

Controle de Tabaco implica na proibição do cultivo e sim em medidas de restrição ao fumo. Por outro lado, como forma de se precaver da possível redução e crise no mercado do tabaco o governo brasileiro, via Ministério do Desenvolvimento Agrário criou uma série de medidas que visam à diversificação de cultivos afim beneficiar os produtores.

Alguns entrevistados acreditam que para as políticas de diversificação se tornarem efetivas, elas precisam oferecer crédito para os agricultores. “Tem bastante assim, tão oferecendo bastante financiamento de coisas, incentivando, mas ainda não é suficiente” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). As políticas de diversificação são percebidas como relevantes, uma vez que elas auxiliam os agricultores a adquirir as máquinas e os equipamentos necessários para o agricultor conseguir produzir.

Eu acho que precisa, porque a maioria dos produtores, se não financia alguma coisa não teria oportunidade de comprar. É muito mais fácil tu comprar um trator, uma caminhoneta, alguma coisa assim, financiada. Pelo Mais Alimento tu financia e vai pagando como pode (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo).

O Pronaf Mais Alimentos é percebido pelos jovens como uma política de diversificação. Os jovens mencionam conhecer políticas de diversificação, mas ressaltam a necessidade de ter mais ações neste sentido.

Precisa melhorar, mas algumas têm. Tem no caso nós acabamos participando do Mais Alimentos, que há pouco tempo acho que surgiu, isso aí foi uma ajuda boa porque se torna bem caro pra ti ter uma máquina nova. E em outros setores também esta aparecendo, como em irrigação e pra fazer açude à prefeitura [...] Mas isso aí já envolve mais a prefeitura. Poderia ter algumas coisas a mais, talvez, mas assim já tem uma boa ajuda, já esta melhorando (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Por meio do discurso do jovem visualizam-se algumas ações da prefeitura municipal no sentido de auxiliar na diversificação produtiva através do trabalho realizado com as máquinas agrícolas. O jovem acredita que o governo municipal poderia ampliar as obras visando auxiliar o agricultor a desenvolverem outros cultivos e criações. Analisando comparativamente o tempo presente com alguns anos atrás, o jovem visualiza uma melhoria na ajuda prestada pela prefeitura.

Salienta-se mediante o que se encontrou no decorrer da pesquisa de campo que o Pronaf Mais Alimento é percebido como uma política que auxilia a diversificar a



propriedade, no entanto, ele acaba sendo pago pelo cultivo de tabaco e, dessa forma, incentivando o aumento da área plantada, pelo menos enquanto o equipamento é quitado.

Os jovens, de maneira geral, acreditam que políticas públicas que auxiliam na diversificação sejam necessárias, pois os agricultores estão descapitalizados e não têm dinheiro para pagar ou financiar a diversificação em suas propriedades. “Eu acho que é necessário isso porque ninguém tem mais dinheiro pra pagar alguma coisa à vista, uma coisa de mais valor” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

Eu acho que é bom, porque a maioria do pessoal do interior tem renda anual. Então, ou tu compra lá, às vezes [...]. Geralmente o pessoal compra a prestação, então o agricultor não tem como fazer isso por ele não ter aquela renda do mês. Eu acho que é bom, porque a maioria, então, tu faz em cima do Mais Alimento, por exemplo, que meu pai pegou a plantadeira, ele ficou bom porque não vai se apertar. Ele é um percentual baixo, o juro é baixo, então ele compensa bastante (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Com relação às políticas de diversificação de cultivo, “é necessário, sim, porque se não fosse [...] Sete anos atrás não fosse financiamento, não conseguiríamos. Porque para diversificar, as coisas são caras [...]” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). Há sete anos a família do jovem vem buscando alternativas produtivas ao cultivo de tabaco, inicialmente introduzindo a citricultura, em seguida a plantação de noqueiras. Por isso, o jovem acredita que se não fossem as políticas de diversificação com disponibilidade de crédito, a família não teria conseguido ter diversificado a propriedade.

Outros jovens acreditam que as políticas de diversificação de cultivos deveriam auxiliar na comercialização dos produtos:

As políticas de diversificação são boas, muito boas mesmo. Só que tem que dar certo, tem que ter onde colocar, onde vender as coisas. Então essas políticas deveriam focar mais, talvez, na cadeia produtiva. Arrumar, diversificar, onde vender, do que necessariamente a produção (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

Conforme a percepção do jovem existe a necessidade de políticas que desenvolvam outras cadeias produtivas que não somente a do tabaco. É necessário buscar novos mercados e formas de escoar a produção, do contrário as políticas de diversificação continuarão ineficientes.

Além de necessárias, as políticas de diversificação, na percepção de alguns jovens, ainda não existem e na visão de outros, deveria haver mais do que as existentes. “Necessário é, só que por enquanto aqui não chegou ainda” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). “Acho que deveria ter mais” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Os jovens que possuem a propriedade diversificada mencionam ter recebido incentivo da Emater para conseguir desenvolver outros cultivos além do tabaco.

Nós tivemos ajuda da Emater, eu acho que a Emater é muito importante, pra nós. Eles ajudaram bastante aqui na diversificação, muitas informações que nós temos aqui, nós conseguimos com eles (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Por outro lado, teve entrevistado que reclamou da instituição responsável pela extensão rural, pois segundo o mesmo, é preciso mais apoio e também recursos para que a diversificação possa ser concretizada. Além de enfatizar a significância das políticas que auxiliam a diversificação, o jovem faz uma espécie de queixa da Emater que segundo ele, quando solicitada não auxilia os agricultores por falta de recursos.

Importante é, e precisa ter muito, muito, muito mais. Não adianta, do jeito que tem, tem incentivo, mas é muito pouco. Que nem te lida ai, falam de recolher a água, mas ai a Emater que tanto fala e não tem nada de recursos, assim pra ajudar (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

Em se tratando de barreiras ou empecilhos a diversificação de cultivos, surge o fato das pessoas em geral, terem uma percepção de que o tabaco é rentável, gera desenvolvimento e as famílias que produzem este cultivo vivem bem. Como foi expresso pelo extensionista aposentado da Emater, que sem dúvida é uma liderança no município.

O tabaco segura, porque é uma mão de obra familiar. Algumas famílias quando plantam, tem que planta um pouquinho mais, contratam mão de obra terceirizada pra só pra colheita. [...] Uma família aqui, hoje, que planta tabaco, e se está bem organizada, uns seis ou sete hectares de terra, que em qualquer lugar do Brasil passa fome, é um miserável, aqui eles vivem bem. O que é o viver bem? É produzir o tabaco, eles produzem, depois do tabaco vai o milho. Tu vais às comunidades que mais fumo tem, tu só enxerga milho agora. (Extensionista Emater aposentado).

Percebe-se que o discurso do agente se assemelha muito ao discurso das empresas fumageiras. Ele utiliza-se da questão das áreas serem pequenas, do cultivo ser

demandante em mão de obra e da política da diversificação implantada pelas empresas, que é o estímulo ao plantio de milho após o cultivo de tabaco - conhecido localmente como milho safrinha -, que utiliza o excesso de adubos e insumos utilizados no cultivo de tabaco.

A visão, muitas vezes errônea de que não se possui alternativas a não ser seguir desenvolvendo o cultivo de tabaco, sem dúvida dificulta, para não dizer que impede, que novos cultivos e criações sejam desenvolvidos e também, que as atividades não agrícolas sejam vistas como possíveis alternativas produtivas ao cultivo de tabaco no município.

Sobre a consideração de que os agricultores que possuem entre seis e sete hectares vivam bem, diferentemente de outras regiões do município, isso não é totalmente verdadeiro. Primeiro, porque dando uma volta pelo interior do município pode-se perceber que há incidência de pobreza e que isso se revela nos produtores que têm o tabaco como única atividade desenvolvida para a comercialização. Em segundo lugar, porque com esta média de área no estado do Rio Grande do Sul existe uma série de regiões e propriedades que não desenvolvem o cultivo de tabaco e vivem razoavelmente bem, como os produtores de frutas e verduras que residem na região da serra gaúcha, por exemplo, os produtores de flores, entre outros.

Alguns cultivos e criações demandantes de área e de condições favoráveis são percebidos como alternativos ao cultivo de tabaco, dentre eles, foram citados o milho, o feijão, a soja, a bovinocultura de leite, entre outros.

Eu acho que hoje o jovem, tanto nas culturas de milho, feijão, tem boas alternativas. A soja já é pra quem tem uma propriedade um pouco mais aprimorada, mas, basicamente o milho, feijão, o leite, o gado leiteiro agora a gente está batendo muito para o pessoal entrar nesse setor porque o leite hoje é uma renda mensal e tem um mercado aberto (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

No entanto, lembra-se que não são as alternativas produtivas que faltam aos produtores. Corrobora-se com Vargas e Oliveira (2012) quando os autores mencionam que o peso do tabaco na economia regional geralmente impede a implementação de políticas locais voltadas a fomentar a substituição deste cultivo. O peso econômico da cultura do tabaco na economia local e a ausência de estudos que apontam para a viabilidade econômica de culturas alternativas são fatores que limitam o alcance de tais iniciativas de diversificação (VARGAS; OLIVEIRA, 2012).

Conforme Vargas e Oliveira (2012), toda e qualquer iniciativa de diversificação ou de substituição do cultivo de tabaco deve estar inserida em programas amplos de desenvolvimento rural, sobretudo nas regiões que tem maior dependência do cultivo, como a região do Vale do Rio Pardo, de maneira geral, e Arroio do Tigre especificamente. O plano de desenvolvimento rural deve acima de tudo ser uma proposta regionalizada, com mecanismos e políticas que promovam a diversificação considerando as especificidades e características regionais.

### **5.1.2 Políticas que auxiliam a permanência no meio rural**

Na sociedade brasileira, ainda que recentemente, observa-se um consenso em torno da necessidade de implementação de políticas públicas destinadas à juventude (SPOSITO, 2003). Entendida como fase de vida, categoria em transformação, os jovens não recebem a devida atenção quando se trata de políticas públicas.

Rua (1998), resgatando as políticas públicas voltadas para a juventude no Brasil constata que nenhuma delas contemplava ações especialmente voltadas para os jovens. Conforme a autora, no Brasil, os jovens são inseridos em políticas sociais destinadas a todas as demais faixas etárias.

Percebeu-se, na presente pesquisa, que a maioria dos jovens desconhece a existência dessas políticas e os poucos que conhecem, acabam por não acessar, justamente, por não haver o incentivo necessário, voltado especificamente para a sua faixa etária. Do total de entrevistados, 15 desconhecem ações específicas para os jovens rurais e três dizem conhecer. “Não, não conheço” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). “Não conheço nenhum. A gente vê fala, só [...]. O pessoal vem falar, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, mas não sai do papel” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta).

No Brasil, de acordo com Rua (1998), os jovens são abrangidos por políticas sociais destinadas a todas as demais faixas etárias, e tais políticas não estariam sendo orientadas pela ideia de que os jovens representariam o futuro em uma perspectiva de formação de valores e atitudes das novas gerações. De qualquer modo, mesmo que não se possa falar na esfera federal de políticas estratégicas orientadas para os jovens brasileiros, algumas propostas foram executadas, sobretudo com base na ideia de

prevenção, de controle ou de efeito compensatório de problemas que atingem a juventude, transformada, em algumas situações, num problema para a sociedade.

Entre os jovens entrevistados que dizem conhecer políticas específicas, uma menciona o Pronaf, “que nem os Pronaf, eu acho bom, que ajuda (os jovens a permanecerem no meio rural)” (Jovem 11, feminino, 25 anos, Vila Progresso), outro menciona o projeto de bovinocultura de leite elaborado e gerido pela prefeitura de Arroio do Tigre. Ambas as ações citadas estão relacionados à produção agropecuária.

Conhecer eu até conheço. Esse ano era pra sair coisas sobre vacas leiteiras, que a AJURATI tinha feito, só que dai foi pra lá e pra cá, quando eles iam para comprar as vacas, estava tudo certo, eles iam dar um tanto e o resto era pra comprar, já cortaram a verba, não deu certo (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

O terceiro jovem lembra as ações do programa de Erradicação do Trabalho Infantil, através do projeto Alcançando a Redução do Trabalho Infantil pelo Suporte à Educação (ARISE) da *Winrock*.

Tem esse programa de cursos profissionalizantes que tem agora. Isso é a única coisa. Eu não participo, por causa que dai fica muito puxado, eu fico só dois dias por semana dai em casa, terças feiras nós temos aulas o dia inteiro. Dai nisso eu não participo porque dai o pai e mãe ficam sozinhos em casa, dai também não adianta (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

O projeto ARISE é destinado a incrementar o acesso à educação de qualidade para as crianças, visando conscientizar sobre o trabalho infantil, melhorar a qualidade de vida das comunidades produtoras de tabaco e as práticas laborais, em um trabalho em parceria com o governo e a sociedade civil. Como mencionado pelo jovem, é uma importante iniciativa, porém nem todos os jovens participam por demandar tempo, uma vez que eles já frequentam a escola e sair de casa para participar do projeto acabaria sendo muito tempo fora de casa.

O projeto de bovinocultura de leite lembrado por um dos jovens consiste numa ação da prefeitura em parceria com a Emater, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a associação de jovens. O programa visa proporcionar aos associados da AJURATI, o aumento na renda da propriedade rural por meio da diversificação, a troca de experiências e a melhoria da qualidade de vida nas comunidades rurais.

Para participar do programa o jovem precisa enquadrar-se nos pré-requisitos, a saber: casado; sócio da AJURATI e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais; não ter

pendências (dívidas) junto a Prefeitura Municipal; vender uma pequena quantidade de leite (aproximadamente de 30/40 litros); não ter infraestrutura- instalações adequadas para a produção leiteira; ter área suficiente para desenvolver a atividade (mínimo três hectares); disponibilizar a propriedade para assistência técnica da Emater; participar da capacitação sobre a atividade leiteira e elaborar projeto para aquisição de equipamentos e benfeitorias.

Percebe-se que os critérios para acessar a política municipal de diversificação são excludentes, pois inicialmente beneficia os agricultores que já possuem a atividade leiteira na propriedade, além disso, para poder participar o jovem precisa ser casado e sócio do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Por fim, lembra-se que em nenhum momento e em nenhum dos critérios ficou estabelecido que a política destinava-se exclusivamente para jovens rurais, ao contrário, os critérios utilizados para selecionar o público beneficiário evidenciam que o programa não tem foco nos jovens e sim nos agricultores consolidados.

Conforme uma jovem entrevistada, não há programa específico para os jovens, mas o sindicato tem realizado algumas ações em prol deste público. “Programa eu não conheço [...] o único que vamos dizer que tenta ajudar é o Sindicato” (Jovem 6, feminino, 24 anos Linha Cereja).

O Frei do município acredita que tanto a igreja quanto a escola e as ações e programas, de maneira geral, não incluem os jovens rurais nas discussões e atos realizados. “As políticas e ações são urbanísticas” (Frei). “É necessário haver um incentivo do governo” para que as famílias permaneçam na agricultura e em melhores condições, sobretudo para os jovens, pois, de acordo com a percepção de uma comerciante local “tem muitos jovens que querem sair fazer faculdade e voltar” (Proprietária de um comércio rural, Linha Sítio Alto/microrregião III).

Os jovens têm acessado crédito, basicamente o custeio e o investimento. Eles também acessam o Crédito Fundiário pelo Banco da Terra. Neste sentido, conforme conversas realizadas com um funcionário do Banco do Brasil - agência de Arroio do Tigre-, o jovem tem conta corrente para poder acessar os financiamentos (os créditos). Ainda, conforme o funcionário da instituição de crédito é raro o jovem que possui conta poupança.

Pode-se perceber que o acesso a crédito por parte dos jovens se dá quando os pais estão endividados e indisponíveis para novos financiamentos e, por este motivo, acabam inserindo seus filhos. O pai deixa o jovem acessar financiamento, não para

inovar, para desenvolver novas atividades e ou desenvolver o seu projeto, mas sim para dar seguimento nas atividades já desenvolvidas pela família. Ele não é utilizado para dar mais espaço para o jovem desenvolver o seu projeto pessoal. “Os jovens acessam todos os tipos de financiamentos, tudo o que tiver” [...] “Eles (jovens) acessam (crédito) porque os pais já estão atolados (endividados)” (Agente de desenvolvimento - representante do MPA).

Em relação às políticas existentes destinadas a jovens e adolescentes no Brasil, percebe-se que alguns ministérios se dedicam à assistência, alguns pretendem a inclusão dos “jovens carentes” e outros dão um caráter profilático às suas ações, implementando medidas saneadoras para evitar a violência. Mais recentemente, emergem projetos e programas que pautam suas ações pela defesa da promoção da cidadania (SPOSITO; CARRANO, 2003). No entanto, não se visualiza ações pontuais destinadas aos jovens rurais, nem relacionadas à produção agropecuárias, tão pouco relacionadas à melhoria da qualidade de vida, que indiretamente incentive a permanência no campo.

Neste sentido, torna-se evidente a lacuna diante dos jovens que vivem no meio rural, se considerarmos a amplitude dos problemas agrários que o Brasil vive e a existência de movimentos e organizações sociais bastante atuantes no campo. Assim, o tema das políticas públicas de juventude no Brasil está sendo delineados sob uma perspectiva estritamente urbana.

No ano de 2005 o governo federal criou a Política Nacional de Juventude, definida como um conjunto de diretrizes, metas e ações para orientar e potencializar as iniciativas públicas voltadas para a população brasileira com idade entre 15 e 29 anos. Tal política tem com o objetivo organizar as ações do governo, criando programas para melhorar a qualidade de vida dos jovens brasileiros nas áreas de educação, cultura, saúde e lazer.

No entanto, no Guia de Políticas Públicas de Juventude, elaborado pela Secretaria Geral da Presidência da República (Brasil, 2006), apesar das alusões à cultura, constatamos que a inclusão da juventude na agenda política do país é explicada, em grande parte, pelo fato de os jovens serem os mais atingidos pelas transformações no mundo do trabalho e também pelas diversas formas de violência física e simbólica. Assim, essa política volta-se principalmente para ações nas esferas do trabalho e da segurança e/ou prevenção da violência.

É interessante observar que, em se tratando do governo federal, as políticas públicas acessadas pelos jovens rurais estão concentradas, sobretudo, no Ministério do

Desenvolvimento Agrário, subsidiando a produção agrícola de base familiar (MAGNO et al., 2011). Além disso, a juventude rural brasileira é constantemente associada ao problema da migração do campo para a cidade.

As políticas lembradas pelos jovens centram-se nas atividades agrícolas e ligadas à produção e à produtividade, nenhum jovem mencionou alguma política ou programas relacionado à saúde, a educação ou mesmo a habitação. Porém, é sabido que não se resolve o “problema” do “ficar” ou do “sair” do campo apenas com ações no mundo do trabalho agrícola, como pretendem as atuais políticas públicas brasileiras destinadas à juventude rural (MAGNO et al., 2011).

Pode-se afirmar que os jovens se encontram desprovidos de políticas públicas. Antes de direcionarmos políticas públicas para os jovens rurais é preciso considerar as demandas dos próprios jovens, a necessidade de observar a diversidade e especificidades da realidade da(s) juventude(s) rural (is) (CASTRO, 2009).

Conforme Novaes (2007), um dos desafios das políticas públicas de juventude é combinar projetos e ações que assegurem igualdade de direitos da cidadania; valorização da diversidade juvenil por meio de ações afirmativas e respostas às demandas que dizem respeito à atual condição juvenil. A junção destes aspectos exige uma nova maneira de olhar, um novo paradigma, as vulnerabilidades e potencialidades dos diferentes segmentos da juventude brasileira (NOVAES, 2007).

São necessárias mais que políticas agrícolas. De qualquer modo, mesmo que não se possa falar na esfera federal de políticas estratégicas orientadas para os jovens brasileiros, algumas propostas foram executadas, sobretudo com base na ideia de prevenção, de controle ou de efeito compensatório de problemas que atingem a juventude, transformada, em algumas situações, num problema para a sociedade.

Por fim, cabe lembrar que a Associação de Jovens Rurais, o Movimento dos Pequenos Agricultores e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais não possuem ações e/ou políticas específicas para os jovens rurais. Nem mesmo a Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre possui ações específicas para os jovens, pois ela promove as olimpíadas rurais, mas para participar das olimpíadas não é necessário ser jovem, uma vez que não se limita a idade dos participantes e sim somente exige-se que eles residam no meio rural.

Segundo o presidente da AJURATI, os grupos são formados por jovens e por aqueles que um dia foram jovens e, por isso, apesar de ter mais idade estas pessoas não querem deixar de ser membro e acompanhar as atividades realizadas. Isso explica



porque as juventudes possuem tantos associados, sendo que a maior parte não é mais “jovem”, não pelas classificações existentes, apesar deles mesmos dizerem que jovem é o estado de espírito e que eles se sentem jovens.

## 5.2 PROJETOS DE VIDA COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES

Partimos da ideia de que todos os jovens possuem projetos, uma orientação, fruto de escolhas racionais, conscientes, fundamentadas em avaliações e definições da realidade. Os projetos podem ser individuais e/ou coletivos; podem ser mais amplos ou mais restritos, com elaborações a curto ou médio prazo, dependendo do campo de possibilidades. O projeto possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios jovens e/ou mudanças no campo de possibilidades (DAYRELL, 2001).

O projeto é um aspecto natural do ser humano, pois para viver precisamos de projetos. A noção de projeto é entendida como uma construção, fruto de escolhas racionais, conscientes, ancoradas em avaliações e definições de realidade, representando uma orientação, um rumo de vida (VELHO, 1987). A ideia de projeto é útil para entendermos essa relação entre indivíduo e mundo globalizado. A noção de projeto como campo de possibilidades se aplica aos limites impostos por uma situação específica à convivência de projetos individuais aparentemente antagônicos. Outro aspecto do projeto é a sua dinamicidade, podendo ser reelaborado a cada momento. O projeto pessoal reflete o momento, a fase, em que se vive.

Conforme o agente, extensionista aposentado na Emater, os jovens que desejam permanecer no meio rural local estão projetando trabalhar muito. Segundo o entrevistado, os jovens têm consciência que sempre desenvolverão o cultivo de tabaco e aqueles que têm áreas maiores de terra estão buscando diversificar as propriedades.

Trabalhar muito, isso eles sabem. Hoje quem sustenta o município são os braços do jovem, do nosso jovem, aqueles que ficaram. Eles sabem que vão plantar fumo a vida toda, que isso nunca vai parar. E eles também, em função porque eles escutam a mídia, essa campanha contra o cigarro. Então, tem muitos que já vem, em seguida muito vem buscar, falar comigo. Esses que tem mais terra, que tem, por exemplo, 20 hectares, 25 hectares e que entra bem o maquinário, já tão plantando mais milho, mais soja. Mas existe uma ideia muito grande de um trabalho de, assim, de fruticultura, com a noqueira pecã. Com a noqueira pecã, e se o leite ai pega fogo, no bom sentido, de

repente podemos volta daqui mais três, quatro, cinco anos com de novo com 400 famílias, ou 500 propriedades, que daí sim já mexe com a economia (Extensionista Emater aposentado).

Porém, a percepção e as projeções dos jovens rurais não necessariamente vão ao encontro do que o agente de desenvolvimento afirma. A partir das entrevistas realizadas, as respostas dos jovens em relação aos seus projetos foram agrupadas, organizadas de acordo com as suas semelhanças. Lembrando que os projetos se dão nas diversas dimensões, tais como: educacional, familiar, econômica, expectativa de mudança, introdução de novas atividades agrícolas, entre outras.

Pode-se dizer que se encontraram oito categorias distintas com relação aos projetos de vida dos 18 jovens entrevistados, a saber:

- a) introdução de novos cultivos e criações.
- b) ampliação de algum cultivo ou criação que vem sendo desenvolvido na propriedade;
- c) aquisição de áreas de terra;
- d) acesso à educação;
- e) pluriatividade
- f) continuação no cultivo do tabaco;
- g) constituição familiar e,
- h) desejo de ter vida boa.

No decorrer da pesquisa, apesar de ter buscado entrevistar jovens filhos de produtores de tabaco, encontraram-se famílias com propriedades diversificadas. Ou seja, famílias de jovens que comercializam outro cultivo ou criação além do tabaco. Neste sentido, foram encontrados jovens que projetam aumentar a produção de soja: “eu quero tentar arrendar mais terras, aí eu arrumo as lavouras e planto soja” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). Outros jovens pretendem seguir diversificando a produção visando reduzir e, se possível eliminar, o cultivo de tabaco da propriedade. “Pretendo ficar aqui e seguir nesse negócio de diversificação para um dia parar de plantar fumo ou plantar bem pouquinho” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Projetos relacionados à diversificação também aparecem entre os jovens que pretendem suceder os pais. “(meu projeto é) ficar morando no interior, trabalhando com o pai e com a mãe em casa. No futuro de repente, plantar alguma coisa de milho mais, ou soja” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

Nem todas as famílias de fumicultores têm condições de diversificar as suas fontes de renda e a área de terra, muitas vezes, esse é o fator que impede a introdução de novos cultivos e criações na propriedade. Isso pode ser evidenciado no discurso do jovem, a seguir, quando ele menciona o seu projeto de vida, ressaltando que cultiva somente tabaco porque trabalha no sistema de parceria e não tem área de terra disponível para desenvolver outros cultivos. O seu projeto é: “adquirir uma área de terra e fazer a diversificação de cultivos” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque). Com relação ao projeto do jovem, Carneiro (2001) lembra que numa sociedade sustentada pelo trabalho agrícola, o principal bem transmitido é a terra.

A diversificação de cultivos está fortemente atrelada às condições socioeconômicas dos produtores, sobretudo da disponibilidade de terra e capital financeiro. Por outro lado, têm-se também jovens projetando adquirir uma propriedade rural, uma vez que não possuem terra e trabalham no sistema de parceria, para dar continuidade ao cultivo de tabaco que já vem sendo realizado pela família. “Queria ter a minha casa em cima do que é nosso e continuar plantando fumo” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Tratando-se de jovens que projetam seguir cultivando o tabaco, encontraram-se ainda proprietários de terra que pretendem dar continuidade na atividade que a família desenvolve há anos. “(Projeto) continuar sendo agricultora [...] continuar no que nós estamos fazendo, cultivando fumo” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Linha Progresso).

No estudo de Cotrim (2013), assim como na presente pesquisa, foi identificada a presença do fortalecimento do projeto hegemônico da produção de tabaco. Mesmo em um cenário em que se discutem as problemáticas do tabaco, tanto sociais e econômicas quanto relacionadas à saúde dos trabalhadores e fumantes, encontrou-se jovens e agricultores projetando a permanência no cultivo de tabaco. O argumento mais citado pelos agricultores para a continuidade e aprofundamento do projeto tabaco, foi à garantia de comercialização.

A pretensão de seguir cultivando tabaco está expressa no discurso do jovem a seguir, porém ele lembra que se caso não seja mais possível desenvolver este cultivo, pensará em realizar outra atividade, mas permanecerá no meio rural. “Quero dar uma vida boa para meus filhos, meus pais, ajudar minha irmã também. Continuar com fumo, se acabar com fumo fazendo outra coisa na agricultura” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). O jovem projeta viver no meio rural cuidando dos pais e da irmã.

Percebe-se que o mesmo sente-se responsável por dar uma vida digna e de qualidade para a família.

Tratando-se da família, encontram-se jovens que tem como projeto de vida a constituição familiar. “Eu [...] esse ano quero casar, ano que vem plantar fumo, ajudar o pai e a mãe, ter um filho (risos), e continuar na lavoura [...] quero aprontar a minha casa e depois entrar para dentro” (Jovem 15, feminino, 20 anos, Sítio Novo). No projeto da jovem percebe-se claramente o desejo de casar, ter filhos e um lar. O mesmo desejo pode ser evidenciado no projeto de outro jovem, por meio do seu discurso.

Eu pretendo melhorar a propriedade, pretendo casar, investir em outras áreas como nós já estávamos tentando, mas acabou dando errado, mas não desistimos, queremos ver se ainda vai dar certo (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

A educação por meio do estudo formal também faz parte dos projetos de vida dos jovens entrevistados. Para alguns o estudo está nos seus projetos enquanto formação pessoal, “primeiro estudar. Daí ver assim, qual vai ser a área que a gente vai querer, qual parte da agricultura, o que é que vai querer cultivar. Daí arrumar um lugar pra morar” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental). Também: “Eu pretendo, se eu conseguir, fazer um (curso de) técnico agrícola” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral).

Os projetos dos jovens evidenciam a importância do estudo para a construção de novos conhecimentos, os quais deverão ser aplicados na agricultura e na propriedade de forma geral. Diferentemente do que a literatura vem discutindo, que a educação tem se tornado um passaporte para a saída do meio rural, nos casos apresentados os jovens projetam estudar, obter maiores conhecimentos para aplicá-los no meio rural, nas propriedades que atualmente são dos pais e estão sob gestão dos mesmos, mas que mais tarde tendem a ser dos jovens.

Em outros casos, o estudo aparece como realização pessoal, como no caso do projeto da jovem apresentado abaixo. Visualiza-se que o seu plano se realizará mediante o estudo dos filhos que ainda estão por vir. A jovem comenta que sempre desejou cursar uma faculdade, mas como isso não foi possível ela se realizará vendo seus filhos estudarem.

Meu objetivo de vida é crescer financeiramente, continuar no meio rural, fazer com que meus filhos continuem no meio rural, mas eu quero também que eles tenham a possibilidade de estudar mais, de fazer um curso superior,

porque hoje em dia mesmo tu sendo colono, agricultor, se tu não saber decifrar o que que está escrito nas bulas, tu não é nada (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Há também jovem que mesmo mencionando desejar permanecer no meio rural, no decorrer da entrevista manifesta que seu projeto de vida é estudar para sair do campo. “Eu... estudar e sair” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). O jovem pretende cursar Biologia, e caso isso não seja possível, a sua segunda alternativa é permanecer no meio rural. No projeto do jovem percebe-se que o estudo é uma condição para sair do meio rural, como pode ser visualizado em Carneiro (2005) e em Furlani e Bomfim (2010), apresentados na revisão bibliográfica.

No decorrer da pesquisa de campo encontraram-se jovens que têm nas atividades não agrícolas os seus projetos de vida. Conforme Schneider (2001), a combinação permanente de atividades agrícolas e não agrícolas, em uma mesma família, caracteriza e define a pluriatividade, que tanto pode ser um recurso ao qual a família faz uso, para garantir a reprodução social do grupo ou do coletivo que lhe corresponde, como também pode representar uma estratégia individual, dos membros que constituem a unidade doméstica.

Para Schneider (2001, p.165),

[...] a pluriatividade é aqui entendida como uma estratégia de reprodução social, da qual se utilizam as unidades agrícolas que operam fundamentalmente com base no trabalho da família, em contextos onde sua integração à divisão social do trabalho não decorre exclusivamente dos resultados da produção agrícola, mas, sobretudo, mediante o recurso às atividades não agrícolas e a articulação com o mercado de trabalho.

Dentre as atividades não agrícolas identificadas está o serviço terceirizado envolvendo transporte de escolares. O jovem é funcionário e dirige uma van terceirizada pela prefeitura que transporta os alunos da comunidade até a escola, em paralelo ao cultivo de tabaco que é desenvolvido pela família. No entanto, seu projeto de vida é adquirir um veículo e realizar o transporte por conta própria.

Também visando conciliar a atividade agrícola desenvolvida na propriedade com uma atividade não agrícola, encontra-se uma jovem que está em dúvida entre a carreira militar e a docência. Seu projeto é:

Me formar em português [...] professor tem um horário bom, se eu desse aula no Sítio Alto eu poderia trabalhar e chegar cedo e seguir na agricultura. Ou se eu passar no concurso, seguir na carreira de policial, seriam coisas que

poderia fazer de casa, não é longe, 22, 23 km é fácil de ir e o horário dá para conciliar com a agricultura (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Os projetos individuais encontram-se subordinados à dinâmica do campo de possibilidades, sempre delimitado por premissas e paradigmas culturais específicos e competitivos. A realização desses projetos dependerá da interação com outros projetos competitivos e até mesmo antagônicos, de ordem individual ou coletiva (VELHO, 1994). Às vezes essa negociação pode resultar em perdas para o indivíduo, no abandono de projetos pessoais, em função do que pesa mais forte em um determinado contexto.

Cabe lembrar que os jovens constroem seus projetos num contexto em que a sociedade não acredita e tão pouco dá referências (condições) para que eles possam atuar e construir suas próprias identidades (assim como se pode observar na pesquisa realizada por CASTRO, 2013). No decorrer das entrevistas realizadas também foi possível identificar jovens que não tem um projeto de vida bem delimitado e concreto, ficando muito mais próximo do sonho ou então do desejo de ter uma vida boa e melhores condições financeiras. Classificaram-se os projetos destes jovens como subjetivos, por não estabelecer uma ação predeterminada. Os jovens projetam, por meio do trabalho, adquirir mais bens. “Pra minha vida eu penso assim, trabalhar mais do que eu trabalho e ter mais coisas, adquirir mais bens” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso).

Também projetando ter melhores condições de vida, encontrou-se um jovem que visa ter casa, carro e as condições básicas para se manter (reprodução social) no meio rural. “Eu pretendo ser agricultor, ter uma casa, um carro, ter tudo que se precisa no interior, pretendo ficar numa atividade rural” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). Ainda, identificaram-se jovens projetando ter uma vida digna e contando com a fé para isso. “Se Deus ajudar, crescer na vida, ser agricultor ou ir para a cidade trabalhar” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo) .

De acordo com Machado (2005), quatro elementos constituem a ideia de projetos. A primeira é ter metas, ter alvos e lançar-se em busca deles, não existe projeto sem alvos a serem atingidos. O segundo elemento é que o projeto sempre é uma referência futura, um projeto é a prefiguração de uma ação a ser realizada, no tempo, sem futuro não tem projetos. Já no terceiro elemento um projeto pressupõe a um futuro aberto, não determinado, que depende de nossas ações, os projetos envolvem riscos. Por fim, o quarto elemento que constitui a ideia de projeto liga-se as ações prefiguradas em um e deve ser realizadas pelo projetante, seja ele uma pessoa, uma equipe, um grupo

social. O autor lembra que se pode ter projetos conjuntamente com outras pessoas, mas não podemos ter projetos por outros.

No quadro 4 é possível verificar a síntese dos projetos dos jovens entrevistados, bem como, as chances que eles acreditam ter para realizar as suas projeções, as ações que vem sendo desenvolvidas, o que pode impedir a realização dos seus projetos e os projetos alternativos.

**Quadro 4 - Síntese dos projetos dos jovens entrevistados**

Jovem	Projeto	Ação desenvolvida	Possibilidades de realização	Fatores que impedirão a realização do projeto	Projeto alternativo
Jovem 1, masculino, 22 anos, solteiro.	Aumentar a produção de soja e introduzir a produção de hortaliças. “Eu quero tentar arrendar mais terras, aí eu arrumo as lavouras e planto (soja)”.	“Trabalhando muito e financiando máquina pra conseguir”.	Médias. “Difícil é pouquinho, mas tem que trabalhar muito. Mesmo sendo ruim o tabaco, por isso nós vamos ter que plantar bastante para ter renda e prosseguir”	“Tudo. Seca, compra de produto (com preço) baixo”.	“De repente, uma possibilidade assim, se não tiver outra opção, ficar no que está, levando com dá, se dá, e se não tiver condições tem que arrumar emprego na cidade”.
Jovem 2, masculino, 23 anos, namorando.	Bovinocultura de leite e produção de hortigranjeiros. “Eu pretendo melhorar a propriedade, pretendo casar, investir em outras áreas como nós já estávamos tentando, mas acabou dando errado, mas não desistimos, queremos ver se ainda vai dar certo”.	“A gente corre atrás, vai tentando buscar, tentar fazer dar certo. Eu já tive um tempo atrás que eu até já fiz um curso de apicultura”.	Grandes. “Grandes, eu acho que são grandes. Porque trabalhando junto do jeito que nós trabalhamos nós já conseguimos um monte de coisa”.	Acesso a novos mercados – “Um lugar pra onde a gente possa levar. Até lá a gente leva, a gente produz, só não tem aonde tu levar”.	“Fazer um curso, uma faculdade, seria um plano b (plano alternativo). Conseguir um emprego talvez, mas daí já não envolve mais na agricultura. Ficaria complicado, mas não deixaria de ser um plano”.
Jovem 3, masculino, 23 anos, solteiro.	Seguir plantando tabaco  “Pra minha vida eu penso assim, trabalhar mais do que eu trabalho no caso, e ter mais coisas, adquirir mais bens”.	“Trabalhando e economizando”.	Grandes.	“Por enquanto assim, nada”.	“Procurar um emprego, tem que sair do meio rural, tem que dar um jeito na vida”.
Jovem 4, 20 anos, solteiro.	“Eu [...] estudar e sair”. Estudar biologia	“Estudando”.	Médias.	“A questão financeira”.	“Voltar para o interior e tentar outras coisas. Mudar coisas da propriedade, tentar sem fumo [...] talvez turismo rural”.
Jovem 5, masculino, 24 anos, solteiro.	Adquirir uma área de terra e fazer a diversificação de cultivos.	“Começando a pensar [...] pensamento é sempre positivo”.	Grandes. “Diria que é grandes chances”.	“Impedir, nada eu acho”.	“Ia procurar um serviço arrumar outro serviço. [...] fazer um algum concurso de prefeitura.”
Jovem 6, feminino, 24 anos,	Permanecer no rural, estudar ter filhos e ver eles bem, estudando.	“Tudo as coisas que eu penso eu escrevo num caderno. [...] As metas	Grandes. “Ao meu modo de vista, são grandes. Que nem lá	“Se tiver alguma coisa que impedir, ou se alguém mesmo assim, ou meu próprio noivo	Não respondeu



Noiva.	“Meu objetivo de vida é crescer financeiramente, continuar no meio rural, fazer com que meus filhos continuem no meio rural, mas eu quero também que eles tenham a possibilidade de estudar mais, de fazer um curso superior, porque hoje em dia mesmo tu sendo colono, agricultor, se tu não saber decifrar o que que está escrito nas bulas, tu não é nada”.	que eu consigo alcançar eu vou lá, eu vou lá essa meta eu consegui, vou lá e risco”.	nas terras do meu sogro, ele tem já a diversificação, eles são produtores de leite”.	dizer nós não vamos fazer isso, mas, ele tem a mente bem aberta e também ele pensa pra frente, então só coisas do destino mesmo pra impedir”.	
Jovem 7, feminino, 25 anos, noiva.	Permanecer no meio rural e seguir cultivando tabaco. “Continuar sendo agricultora [...] continuar no que nós estamos fazendo”.	“Trabalhar sempre”.	Grandes. “São grandes chances eu acho”.	“De repente se fosse ficar doente, que não teria mais como”.	“Nunca pensei, não tinha pensado ainda”.
Jovem 8, masculino, 24 anos, casado.	Reduzir a quantidade de tabaco plantada e adquirir uma vã para o transporte escolar.	“Eu já corri de atrás, falei com todo mundo, fiz carteira D, fiz dois cursos também, escolar e coletivo”.		O prefeito municipal devido à linha escolar ser licitada junto à prefeitura.	“Se não der certo, eu queria mais terra. Terra que dá pra fazer de maquinas e continuar a lida”.
Jovem 9, masculino, 24 anos, noivo.	Aumentar a produção de soja, a produção de hortigranjeiros e investir na bovinocultura de leite. “Eu pretendo ser agricultor, ter uma casa, um carro, ter tudo que se precisa no interior, pretendo ficar numa atividade rural”.	“Eu comecei a me informar, comecei a fazer devagarzinho, e tudo hoje em dia as coisas não são feitas numa hora para a outra, tudo tem que ter um tempo, se informar, tem que estudar e tem que fazer”.	Grandes. “Eu acho que são grandes as chances”.	“Eu acho que não tem nada que possa impedir”.	“Tentar, até conseguir de novo”.
Jovem 10, masculino, 15 anos,	“Ficar morando no interior, trabalhando com o pai e com a mãe em casa. No futuro de	“Enchi o saco do pai para ele comprar o trator. Isso eu já fiz”.	Grandes. “Tem bastantes chances de acontecer isso”.	“Só se der alguma coisa errada, se mudar de ideia, alguma coisa”. “Se der problema agora na	“Nunca pensei. [...] outra possibilidade não pensei ainda, embora da cidade [...]”.

solteiro.	repente, plantar alguma coisa de milho mais, ou soja”.			agricultura, no tabaco, que não conseguir mais adquirir mais nada, nenhum implemento ou mais terra”.	
Jovem 11, masculino, 15 anos, solteiro.	Estudar e aplicar os conhecimentos na propriedade. “Eu pretendo, se eu conseguir, fazer um (curso de) Técnico Agrícola”	Pesquisado sobre o funcionamento dos cursos. “Tenho pesquisado bastante como que funciona”	Médias. “Acho que não vou diz baixa, mas média eu acho”.	Prova de seleção n Escola Técnica. “Cuidar também o que vai falar na hora da entrevista”.	Ficar na propriedade sem ter feito o curso técnico. “Ficar pela propriedade, assim [...]”.
Jovem 12, masculino, 14 anos, solteiro.	Estudar e depois analisar qual cultivo vai plantar. Plantar de alguma forma que reduza a mão de obra e sem muito agrotóxico.  “Primeiro estudar. Dai ver assim, qual vai ser a área que a gente vai querer, qual parte da agricultura, o que é que vai querer cultivar. Dai arrumar um lugar pra morar”.	“O principal eu estou fazendo, estudar, saber se a gente quer isso mesmo.”  “Estudar e caprichar pra tentar conseguir entrar pra uma vaga”.	Médias.	“Eu acho que assim ó, que nem tem fumo, agora tem a renda, e se terminar a renda, daí fica complicado. Como é que vai pagar o estudo?”	Ficar na propriedade sem estudar ou sair procurar algum emprego.  “Dai ficar junto com os pais, trabalhar, fazer o que pode ou ir pra outro lugar”.
Jovem 13, feminino, 14 anos, solteira.	“Eu pretendo ser produtora de leite, casar, ter filhos, morar com a minha família e cuidar dos meus pais”.	“Estou aprendendo mais sobre a vaca leiteira [...] eu acho que me empenho na escola, para que eu passe, para que eu possa fazer outra especialização ainda”.	Grandes. “Porque eu também estou fazendo o projeto na escola, sobre isso (atividade leiteira) e estou procurando conhecer mais”.	Não sabe	“Estudar arquitetura”.
Jovem 14, feminino, 17 anos, solteira.	“Me formar em português [...] professor tem um horário bom, se eu desse aula no Sítio Alto eu poderia trabalhar e chegar cedo e seguir na agricultura”. “Ou se eu passar no concurso, seguir na carreira de policial,	“Eu comecei a estudar para esse concurso já em dezembro”.  “Estudando bastante, me empenhando”.	Grandes.	“Acho que nada”	“Trabalhar no meio rural”.

	seriam coisas que poderia fazer de casa, não é longe, 22, 23 km é fácil de ir e o horário dá para conciliar com a agricultura”.				
Jovem 15, feminino, 20 anos, noiva.	“Eu [...] esse ano quero casar, ano que vem plantar fumo, ajudar o pai e a mãe, ano que vem quero ter um filho (risos), e continuar na lavoura [...] quero aprontar a minha casa e depois entrar para dentro”.	“Sei lá.” [...] Esta reformando a casa e planejando casar e ter filhos.	Grandes	“[...] (pensou) Mas nem sei, acho que nada”.	“Acho que se não desse certo eu ia para a cidade, ia acabar saindo”.
Jovem 16, feminino, 19 anos, casada.	“Se Deus ajudar, crescer na vida, ser agricultor ou ir para a cidade trabalhar”. “Queria ter a minha casa em cima do que é nosso e continuar plantando fumo”.	“Eu não ia na lavoura, mas como quando a gente quer as coisas mesmo [...] comecei a ir e ajudar mais”.	Médias.	“Só se a gente não trabalhar e não comprarem o fumo”.	“Se não conseguir ter minha casa, trabalhar no que é o dos outros. Fazer o que a gente vem fazendo”.
Jovem 17, masculino, 20 anos, namorando.	“Quero dar uma vida boa para meus filhos, meus pais, ajudar minha irmã também. Continuar com fumo, se acabar com fumo fazendo outra coisa na agricultura”.	“Ajudando os vóios (pais) e sempre ouvindo a opinião deles”.	Grandes. “Quem tem vontade vai longe”	“Só se termina com tudo, se sair todos os financiamentos fora, as safras deem fraca”.	“Faria algum estudo, estudaria mais e sairia do meio rural”.
Jovem 18, masculino, 20 anos, solteiro.	“Pretendo ficar aqui e seguir nesse negócio de diversificação para um dia parar de plantar fumo ou plantar bem pouquinho”.	“Ajudando bastante, desde o plantio, a limpeza, sempre lidando nisso ali (nos cultivos alternativos) para dar certo”.	Grandes. “Nós já estamos bem avançados, já iniciamos a diversificar há sete anos”.	“Acho que não tem nada que pode impedir”.	“Nunca pensei em dar errada, daí teria que ver o que fazer”.

Fonte: Elaboração própria, pesquisa de campo, 2012/2013.

### 5.2.1 Ações desenvolvidas para a concretização dos projetos de vida

Na discussão de projetos está implícita que os atores buscam estabelecer metas e desenvolver ações para que os seus projetos se consolidem. Neste sentido, no decorrer das análises buscou-se agrupar as ações realizadas pelos jovens para alcançarem os seus projetos de vida por semelhanças, criando-se assim, a partir dos seus discursos, as categorias: trabalho, estudo, planejamento e aquisição de equipamentos.

A maior parte dos jovens entrevistados está realizando ações relacionadas ao trabalho, à educação e ao planejamento. Apenas um jovem mencionou como uma ação desenvolvida para concretizar o seu projeto foi à insistência para que seu pai adquirisse máquinas e equipamentos novos para a propriedade rural. “Enchi o saco do pai para ele comprar o trator. Isso eu já fiz” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

O trabalho está presente no cotidiano dos jovens filhos de agricultores familiares desde muito cedo; pois uma das características da agricultura familiar é a relação familiar na gestão e na produção agrícola.

Para alguns jovens a realização do projeto pessoal vem através do trabalho e da aquisição de equipamentos agrícolas, “trabalhando muito e financiando máquina pra conseguir” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). Para outros, o trabalho e a economia são os meios encontrados para que o projeto seja realizado. “Trabalhando e economizando” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso).

Teve jovem que mencionou que está mais envolvida nas atividades ligadas à produção de tabaco, pois assim acredita que será mais fácil conseguir realizar o seu projeto de vida. “Eu não ia na lavoura, mas como quando a gente quer as coisas mesmo[...]comecei a ir e ajudar mais” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo). A jovem entrevistada comenta que não trabalhava nas atividades agrícolas, mas como o seu projeto é deixar de ser meeira e adquirir uma propriedade, ela tem trabalhando conjuntamente com o seu esposo para que seu projeto se realize.

Ainda relacionado ao trabalho, “Trabalhar sempre” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso), como ação realizada para concretização do projeto estabelecido encontraram-se jovens que além do trabalho têm ouvido as sugestões e opiniões dos pais. “Ajudando os véios (pais) e sempre ouvindo a opinião deles” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). Outros que vem trabalhando nas atividades relacionadas à diversificação de cultivos, como se pode verificar no discurso a seguir:

“ajudando bastante, desde o plantio, a limpeza, sempre lidando nisso ali (nos cultivos alternativos) para dar certo” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Lembra-se que os fatores institucionais e culturais exercem considerável influência na alocação do tempo dos jovens. Ou seja, as relações sociais e o contexto em que os jovens se encontram inseridos estão totalmente relacionados com os seus projetos e com as ações que eles vêm desenvolvendo a fim de consolidar o projeto de vida.

O estudo, como mencionado anteriormente, faz parte das ações realizadas pelos jovens para a consolidação dos seus projetos de vida. “Estudando” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta). Entre os entrevistados, seis jovens mencionaram que suas ações estão relacionadas ao estudo, dentre eles a educação varia desde a realização de cursos, como no caso do discurso apresentado a seguir de um jovem que está projetando diversificar a propriedade rural, com a educação formal. “A gente corre atrás, vai tentando buscar tenta fazer dar certo. Eu há um tempo atrás até já fiz um curso de apicultura” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Semelhantemente é a ação realizada pela jovem que deseja ser produtora de leite e deixar o cultivo de tabaco. Ela está estudando e pesquisando sobre a bovinocultura leiteira. “Estou aprendendo mais sobre a vaca leiteira [...] eu acho que me empenho na escola, para que eu passe, para que eu possa fazer outra especialização ainda” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

Os jovens que tem como projeto de vida estudar para retornar para o meio rural, sobretudo para a agricultura, estão realizando pesquisas e se informando sobre o funcionamento dos cursos pretendidos como ações para atingir os seus projetos. “Tenho pesquisado bastante como que funciona o curso que quero fazer” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). “O principal eu estou fazendo, estudar, saber se a gente quer isso mesmo. Estudar e caprichar pra tentar conseguir entrar pra uma vaga” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental).

Por fim, ainda com relação ao estudo, encontrou-se uma jovem que projeta a pluriatividade, ou seja, ela pretende passar num concurso público para professora ou então para policial militar, atividade que seria desenvolvida paralelamente às atividades da propriedade rural. Por isso, a ação da jovem tem sido no sentido de preparar-se para a prova. “Eu comecei a estudar para esse concurso já em dezembro [...] Estudando bastante, me empenhando” (Jovem 14, feminino, 17 anos, Sítio Baixo).

Baseada nas entrevistas e informações coletadas no decorrer da pesquisa de campo, bem como nos discursos dos jovens apresentados anteriormente, pode-se dizer que os jovens de menor idade são justamente os que têm na educação formas de realizar os seus projetos de vida, enquanto que os jovens com idade mais avançada os que estão realizando ações voltadas ao trabalho.

Entre as ações encontraram-se ainda jovens planejando o futuro, pensando, buscando maneiras de realizar os projetos estabelecidos para a realização pessoal. O planejamento identifica e define ações que precisam ser executadas para superar problemas, fortalecer potencialidades e alcançar objetivos. Ele surge para redirecionar os caminhos melhorando as ações.

O planejamento é um processo de tomada de decisão que depende de informações. Neste sentido, na presente pesquisa, aliado ao planejamento encontra-se também jovens que estão buscando ter o pensamento positivo, acreditar que as suas projeções podem acontecer. “Começando a pensar [...] o pensamento é sempre positivo” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque).

Teve jovem que comentou que estabelece os objetivos e os anota em um caderno. “Tudo as coisas que eu penso eu escrevo num caderno. [...] As metas que eu consigo alcançar eu vou lá, eu vou lá essa meta eu consegui, vou lá e risco” (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja). A partir das metas estabelecidas as ações da jovem vão ao sentido de realizá-las. Outros jovens paralelamente ao planejamento, estudam e buscam informação, procuram novas maneiras de permanecer no meio rural.

Eu comecei a me informar, comecei a fazer devagarzinho, as coisas não são feitas numa hora para a outra, tudo tem que ter um tempo, se informar, tem que estudar e tem que fazer (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Também se encontrou jovem que além do planejamento estabeleceu contatos com os agentes de desenvolvimento, as autoridades locais, fez habilitação para poder dirigir ônibus e caminhão, além de cursos, pois seu projeto é ser motorista da própria linha de transporte escolar e não mais dirigir para terceiros. “Eu já corri de atrás, falei com todo mundo, fiz carteira D, fiz dois cursos também, escolar e coletivo” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro).

Percebe-se que entre os entrevistados, diversos jovens ainda não estão desenvolvendo uma ação propriamente dita para que seu projeto se realize, por outro lado percebe-se que todos têm pensando ou então planejado o futuro. Acredita-se que os

jovens ainda não têm desenvolvido ações para a viabilização dos seus projetos principalmente devido ao excesso de paternalismo. Ou seja, a relação estabelecida no âmbito familiar, o fato dos jovens serem controlados e guiados (CASTRO, 2013) pelos desejos e interesses dos pais, faz com que eles, mesmo tendo planos e projetos, acabam não desenvolvendo.

### **5.2.2 Chances de realização dos projetos de vida**

Quanto mais o jovem conhece a realidade onde ele se insere, as possibilidades abertas pelo sistema na área onde queira atuar, maior são as suas chances de implementar de fato o seu projeto. Weisheimer (2004) evidenciou que quanto mais os jovens estão socializados no processo produtivo maiores são as chances deles elaborarem projetos de vida vinculados a este meio. Além disso, de acordo com o número de irmãos e de sua distribuição por gênero, os projetos individuais terão maior ou menor possibilidade de serem realizados. Ser o sucessor, por exemplo, vai depender de quantos filhos a família tiver, da questão de gênero, da área de terra disponível, entre outros fatores.

Considerando que projeto é o modo com que o sujeito reproduz ou não em sua perspectiva de futuro a partir das condições de vida atuais, visualizou-se que os jovens encontram-se otimistas em relação às chances que eles possuem de realizar os seus projetos de vida. Entre os entrevistados, nenhum jovem mencionou que o seu projeto de vida tem pequenas chances de se realizar e apenas um jovem não respondeu o questionamento.

Considerando suas oportunidades como médias, encontraram-se cinco jovens “Acho que não vou dizer baixa, mas média eu acho” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). Entre as razões encontra-se a dificuldade na produção de tabaco. “Difícil é pouquinho, mas tem que trabalhar muito. Mesmo sendo ruim o tabaco, por isso nós vamos ter que plantar bastante para ter renda e prosseguir” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). As chances de realização dos projetos vêm associadas ao trabalho e a renda, ou seja, estes fatores, mas não somente, na percepção dos jovens condicionam a realização dos seus projetos.

Avaliando grandes as chances de realização dos projetos de vida encontrou-se 12 jovens. “Eu acho que são grandes as chances” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). Entre os motivos para o otimismo está a relação com o trabalho. “(As chances são) grandes, eu acho que são grandes. Porque trabalhando junto do jeito que nós trabalhamos nós já conseguimos um monte de coisa” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Outros jovens acreditam que realizarão os seus projetos de vida devido ao fato da diversificação de cultivos já ter sido implantada na propriedade. “Ao meu modo de vista, são grandes. Que nem lá nas terras do meu sogro, ele tem já a diversificação, eles são produtores de leite” (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja). O mesmo aparece no discurso deste outro jovem: “nós já estamos bem avançados, já iniciamos a diversificar há sete anos” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). Neste sentido, lembra-se o estudo realizado por Oliveira e Schneider (2009) com agricultores ecologistas de Ipê no Rio Grande do Sul que mostra que a inserção na agricultura ecológica tem gerado mudanças positivas nas famílias em relação ao número de pessoas que residem e trabalham na agricultura, inclusive ao número de jovens.

A inserção na agroecologia e na diversificação das atividades criam novas condições para a manutenção de mais pessoas vivendo e trabalhando nas propriedades, inclusive de jovens, e, por conseguinte, novas oportunidades em termos de reprodução social. Entre os ecologistas, as possibilidades de sucessão das unidades familiares pelos filhos são maiores, já que em todas as famílias os jovens afirmaram que a unidade familiar já tem herdeiro e que eles desejam ficar na agricultura e no meio rural porque gostam da profissão e porque se sentem valorizados como agricultores (OLIVEIRA; SCHNEIDER, 2009).

Outros jovens acreditam que têm condições de realizar os seus projetos porque a vontade pessoal é muito importante, “quem tem vontade vai longe” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha) e também porque já começaram a planejar e se organizar para que o projeto se concretize, como no caso da jovem que menciona que está aprofundando os conhecimentos na área da bovinocultura de leite porque deseja ser uma grande produtora de leite e deixar de cultivar tabaco em sua propriedade. “Grande. Porque eu também estou fazendo o projeto na escola, sobre isso (atividade leiteira) e estou procurando conhecer mais” (Jovem 13, feminino, 14 anos, Linha Taquaral).

Conforme Dias (2009), a noção de projeto não encerra um fim em si mesmo, o projeto é uma abstração e como tal não existe independente do sujeito. No entanto, a



análise do projeto remete ao estudo de um sujeito do presente, que se vê atribuído à obrigação de pensar no futuro. O projeto de vida é entendido como um movimento do próprio sujeito em processo reflexivo sobre o seu amanhã.

### 5.2.3 Fatores que impedem a realização dos projetos

Os jovens entrevistados foram instigados a pensar sobre o que pode impedir a realização dos seus projetos de vida. Tendo em vista as disputas existentes entre os projetos dos atores sociais, considerando as influências tanto em nível família, da comunidade, entre outros, quanto em nível mais macro. A crença dos jovens com relação ao que pode impedir seus projetos de se concretizarem situa-se no âmbito das especificidades da agricultura, tais como a sazonalidade, as intempéries climáticas, a extinção de políticas agrícolas, o acesso a mercados, entre outros. Verificou-se também que a extinção do tabaco, a falta de renda, as doenças e a impossibilidade de estudar também estão no *roll* de empecilhos para a realização dos projetos dos jovens entrevistados.

Porém, salienta-se que seis jovens entrevistados acreditam que nada pode impedir a concretização dos seus projetos. “Eu acho que não tem nada que possa impedir” (Jovem 9, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). “Impedir, nada eu acho” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque) e, “por enquanto assim, nada” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso).

Com relação às especificidades da agricultura, teve jovem que mencionou que a seca ou então a extinção do cultivo que vem sendo desenvolvido na propriedade pode impedir que seu projeto se consolide. “Tudo. Seca, compra de produto (com preço) baixo” (Jovem 1, masculino, 22 anos, Linha Paleta). Assim como: “só se der alguma coisa errada, se mudar de ideia, alguma coisa, se der problema agora na agricultura, no tabaco, que não conseguir mais adquirir mais nada, nenhum implemento ou mais terra” (Jovem 10, masculino, 15 anos, Linha Barrinha).

Também se encontrou jovens que acreditam que só a falta de crédito, ou seja, a eliminação dos financiamentos, a exemplo do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura, pode impedir a realização do seu projeto. “Só se termina com tudo, se sair

todos os financiamentos fora e as safras derem fracas” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

O acesso a novos mercados é visto como um possível empecilho entre os jovens entrevistados, sobretudo para aqueles que estão projetando eliminar e/ou reduzir o cultivo de tabaco e diversificar a propriedade. Estes jovens temem que a falta de canais de comercialização para escoar a produção pode impedir a realização dos seus projetos. “Um lugar pra onde a gente possa levar. Até lá a gente leva, a gente produz, só não tem aonde tu levar” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral). Lembra-se que a preocupação do jovem é pertinente uma vez que a família vem produzindo tabaco há mais de duas gerações e neste sistema de cultivo o produtor tem a garantia de compra da produção devido ao sistema de integração vertical em que o tabaco é desenvolvido.

A importância do cultivo de tabaco na região é evidenciando por meio da fala de uma entrevistada que acredita que o fim do tabaco pode ser um empecilho para a realização do seu projeto de vida. “Só se a gente não trabalhar e não comprarem o fumo” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

“Eu acho que assim ó, que nem tem fumo, agora tem a renda, e se terminar a renda, daí fica complicado. Como é que vai pagar o estudo?”(Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental). O jovem associa a produção de tabaco à única fonte de renda capaz de financiar os estudos que é seu projeto de vida. Percebe-se em sua fala a importância dada ao tabaco, a maneira como o cultivo é visto não tem espaço para novas fontes de renda. A falta de renda (dinheiro) foi lembrada com um empecilho para a consolidação de projeto de vida de outros dois jovens. “A questão financeira” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta).

A educação, na percepção de um jovem aparece por meio da atenção que ele deve ter no momento da realização da entrevista de seleção para entrar na escola pretendida “Cuidar também o que vai falar na hora da entrevista” (Jovem 11, masculino, 15 anos, Linha Taquaral). Já, por motivo de doença encontrou-se uma jovem que acredita que somente ficando doente ela não poderá dar seguimento no seu projeto de seguir cultivando tabaco na propriedade da família. “De repente se fosse ficar doente, que não teria mais como” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso).

Por fim, teve uma jovem que acredita que seu projeto de vida só não se concretizará se seu noivo não projetar as mesmas coisas que ela vem pensando para a sua vida.

Se tiver alguma coisa que impedir, ou se alguém mesmo assim, ou meu próprio noivo dizer nós não vamos fazer isso, mas, ele tem a mente bem aberta e também ele pensa pra frente, então só coisas do destino mesmo pra impedir (Jovem 6, feminino, 24 anos, Linha Cereja).

Na fala da entrevistada fica evidente a disputa dos projetos entre os atores sociais e a negociação que precisa ser feita para que o projeto se perpetue. Segundo Long (2001), cada projeto do ator, construído socialmente, é articulado com projetos, interesses e perspectivas de outros atores individuais e coletivos dentro do complexo de arenas entrelaçadas. Esta disputa de projetos é que caracteriza a heterogeneidade do meio rural. A disputa entre projetos prioriza o conjunto de decisões a serem tomadas. O reconhecimento da existência de diversos projetos contribui para o entendimento da disputa que circunda entre a consolidação das ações.

#### **5.2.4 Projetos alternativos**

Os jovens foram instigados a pensar e falar acerca dos seus projetos alternativos, o que eles pensam fazer caso os seus projetos de vida não se realizem. De maneira geral, pode-se dizer que os jovens entrevistados têm planos alternativos. Entre estes, se visualizou quatro diferentes categorias, a saber: a) sair do rural para trabalhar ou estudar; b) voltaria para o meio rural/para o trabalho agrícola; c) seguiria da mesma maneira e; e) no possui plano e não respondeu.

Oito jovens têm como segunda opção sair do meio rural. Ou seja, se seus projetos futuros não se realizarem eles pretendem sair do meio rural. Entre os jovens que tem como projeto alternativo deixar o meio rural encontrou-se jovens que mencionaram que sairiam para trabalhar (cinco jovens). “Procurar um emprego, tem que sair do meio rural, tem que dar um jeito na vida” (Jovem 3, masculino, 21 anos, Vila Progresso). “Ia procurar um serviço arrumar outro serviço. [...] fazer um algum concurso de prefeitura.” (Jovem 5, masculino, 24 anos, Linha São Roque).

Outros três jovens disseram que tem como projeto alternativo a saída do meio rural para estudar. “Faria algum estudo, estudaria mais e sairia do meio rural” (Jovem 17, masculino, 20 anos, Linha Coloninha). “Fazer um curso, uma faculdade, seria um plano b (plano alternativo). Conseguir um emprego talvez, mas daí já não envolve mais na agricultura” (Jovem 2, masculino, 23 anos, Linha Taquaral).

Entre os entrevistados encontraram-se jovens que têm no retorno para o meio rural e no trabalho agrícola seus projetos alternativos. Entre eles, um jovem que não tinha o meio rural em seus projetos de vida apesar de ser indicado pelos agentes de desenvolvimento como um jovem que desejava viver no meio rural. “Voltar para o interior e tentar outras coisas. Mudar coisas da propriedade, tentar sem fumo [...] talvez turismo rural” (Jovem 4, masculino, 20 anos, Linha Paleta).

Percebe-se que apesar dos agentes rurais considerarem o jovem como alguém que pretendia ficar no meio rural o seu projeto de vida é sair cursar Biologia, porém o meio rural aparece nos seus projetos como segunda opção. É instigante que o cultivo de tabaco apesar de presente na propriedade não faz parte dos projetos do jovem, nem mesmo como segunda alternativa. Segundo o entrevistado, caso não consiga estudar, ele pretende buscar alternativas de renda para a propriedade. O desejo do jovem é desenvolver alguma atividade sustentável, sem o uso de agrotóxicos que pode ser conciliado com o turismo rural.

Ainda tratando dos jovens que tem como segunda opção o meio rural, encontrou-se na presente pesquisa dois jovens que pretendiam sair para estudar e retornar à propriedade para aplicar os conhecimentos técnicos adquiridos durante o curso. “Dai ficar junto com os pais, trabalhar, fazer o que pode ou ir pra outro lugar” (Jovem 12, masculino, 14 anos, Linha Ocidental). Ou seja, o projeto alternativo é ficar na propriedade sem ter feito o curso técnico.

Cabe lembrar que é comum entre os jovens da região sair para estudar em escolas técnicas agrícolas, principalmente no Instituto Federal Rio Grande do Sul. A jovem que tem como projeto ser professora e/ou militar, se caso isso não se concretize, permanecerá desenvolvendo os cultivos que os pais já vêm fazendo.

Seguir como está sem realizar mudanças na propriedade, nem nos sistemas de cultivos realizados é o projeto alternativo de dois jovens entrevistados. Para um deles, se o projeto de ser proprietário de um carro e de uma linha de transporte escolar não for passível de realização, ele tem como plano alternativo o desejo de comprar mais terra e aumentar o plantio. “Se não der certo, eu queria mais terra. Terra que dá pra fazer de máquinas e continuar a lida” (Jovem 8, masculino, 24 anos, Linha São Pedro). Para a outra, “se não conseguir ter minha casa, trabalhar no que é o dos outros. Fazer o que a gente vem fazendo” (Jovem 16, feminino, 19 anos, Sítio Novo).

Um dos jovens entrevistados mencionou, de maneira otimista e persistente, que o seu projeto alternativo é: “tentar, até conseguir de novo” (Jovem 9, masculino, 24

anos, Linha São Pedro). No decorrer da pesquisa, encontrou-se uma jovem que não respondeu o questionamento e outros dois que não têm um projeto alternativo, ambos afirmando nunca terem pensado na possibilidade. “Nunca pensei, não tinha pensado ainda” (Jovem 7, feminino, 25 anos, Vila Progresso). Assim como, “nunca pensei em dar errado, daí teria que ver o que fazer” (Jovem 18, masculino, 20 anos, Linha Coloninha).

Para finalizar a questão dos projetos alternativos salienta-se a dificuldade que se tem em planejar, projetar ações, sobretudo quando se é muito jovem e não se pensa ou pensa-se pouco no futuro, pois nesta fase da vida vive-se muito o momento e de maneira intensa. No caso específico do questionamento, torna-se ainda mais difícil, uma vez que elaborar um plano alternativo para se caso o seu projeto de vida não se consolide, não consiga ser realizado é algo praticamente impensado entre os jovens. Estes que se mostram maduros e mesmo corroborando nunca terem pensado em projetos alternativos ou projetos substitutivos para suas vidas, manifestam-se capazes de fazer novos planos e pensar em outras ações a fim de viver da melhor maneira possível, dentro das suas condições e do contexto em que estão inseridos.

Pode-se inferir que os projetos dos jovens entrevistados são passíveis de realização. Eles situam-se no âmbito de projetos e não no de sonhos. Verifica-se que até mesmo os jovens com pouca idade têm maturidade para projetar ações passíveis de realizações, projetar ações de acordo com suas possibilidades e coerentes com as condições micro e macrossociais em que se encontram.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho buscou-se focar nas percepções e nos projetos de vida dos jovens rurais. O estudo apresenta a diversidade de percepções dos jovens que estão permanecendo no meio rural do município de Arroio do Tigre. Neste sentido, lembra-se que não se teve a pretensão de apresentar a unanimidade de respostas e sim evidenciar a heterogeneidade do meio rural por meio das percepções e projetos dos jovens entrevistados.

Cabe salientar que não se teve a intenção de buscar números representativos e sim demonstrar que os jovens são múltiplos e suas percepções e projetos são heterogêneos gerando a diversidade abordada por Long e Ploeg na Perspectiva Orientada ao Ator. Da mesma forma, não se teve a ambição de esgotar o assunto, apresentou-se as percepções lembrando que elas são as percepções dos atores entrevistados num determinado período e contexto e, por isso, elas não se constituem como verdades únicas e absolutas.

Pode-se inferir que o jovem, no contexto de Arroio do Tigre, é um ator imprescindível no processo de desenvolvimento rural local, apesar de poucas serem as ações específicas para este público. O estudo demonstra que apesar das percepções dos jovens rurais serem negativas em relação ao tabaco, isso nem sempre significa que os projetos de vida estejam desvinculados do cultivo. Embora seja visível entre os atores estudados que a maior parte deles tem interesse em diversificar as propriedades e reduzir ou eliminar o cultivo de tabaco.

Buscando tecer breves considerações acerca de cada objetivo específico, inicia-se com a delimitação da arena de Arroio do Tigre que discute a questão da juventude rural, da produção de tabaco e da diversificação de cultivos. A arena é constituída pelos jovens, agricultores, pela comunidade local, pela Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre, pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, pelo Movimento dos Pequenos Agricultores, pela Organização não Governamental *Winrock*, pelas escolas - municipais e estadual, fumageiras, Associação de Pequenos Produtores de Arroio do Tigre, Conselho de Política Agrícola, Secretaria da Educação e Secretaria da Agricultura, Emater, Ministério do Desenvolvimento Agrário e o acordo internacional da Convenção Quadro para Controle do Tabaco.

Na arena de Arroio do Tigre visualiza-se a hegemonia do tabaco frente alguns projetos e iniciativas de diversificação produtiva e de atividades não agrícolas. No entanto, há disputas e conflitos na busca por projetos alternativos, que visem reduzir a dependência dos jovens e agricultores as empresas fumageiras, visando à autonomia e a sustentabilidade. As evidências demonstram que a arena estabelecida no município embora se encarregue de discutir questões relativas à juventude rural, poucas são as ações em prol deste público.

Com relação ao segundo objetivo, caracterizar o perfil socioeconômico dos jovens, conclui-se que existem dois grupos distintos de jovens que desejam permanecer no meio rural de Arroio do Tigre. O primeiro é formado basicamente por filhos de agricultores descapitalizados, que produzem o monocultivo de tabaco, possuem pequenas áreas de terra ou são meeiros, que não tem condições de sair estudar ou trabalhar fora do meio rural. Eles têm limitações de infraestrutura e equipamentos, o jovem não tem acesso ou disponibilidade a veículos como carros e ou motos e nem utiliza computador e internet, assim como não dispões de formas de lazer e entretenimento. Já o segundo grupo é constituído por jovens filhos de agricultores integrados ao mercado, geralmente com rendas (propriedades) diversificadas, que possuem terra, capital e equipamentos que estimulam a permanência dos jovens no meio rural. Ou seja, os jovens têm condições de vida semelhantes aos jovens urbanos.

Entre as propriedades rurais de Arroio do Tigre, predominam estabelecimentos abaixo do módulo rural, fixado em 20 hectares. As condições dos jovens são distintas, por mais que todos sejam filhos de produtores de tabaco existem diferenças substanciais. Alguns têm no tabaco a principal, muitos casos a única, fonte de renda, não possuindo nem se quer terra própria, tendo que dividir a produção colhida com o proprietário da área de terra. Diferentemente de jovens que tem plenas condições de reduzir ou eliminar o tabaco da propriedade, por possuir outras atividades produtivas e ter condições econômicas que permitam realizar novos investimentos, desde que estes sejam mais vantajosos economicamente.

Na presente pesquisa pode-se verificar que até mesmo entre os jovens de 14, 15 anos de idade os projetos de vida são adultos, as conversas e a forma de lidar com a juventude e a agricultora mostra que eles são maduros, decididos e na maioria dos casos sabem que pretendem ser e fazer quando adultos e gestores da unidade de produção que hoje está sob responsabilidade dos pais.

Quanto ao terceiro objetivo específico, analisar as percepções dos jovens acerca do cultivo de tabaco, conclui-se que a maior parte dos jovens entrevistados justifica a opção pelo plantio do tabaco por ser a alternativa rentável e por possuírem pequenas áreas de terra. Como justificativa também foi recorrente a garantia de comercialização, a estabilidade relativa no preço e a rentabilidade comparada a produtos como feijão e milho. O que não difere dos demais estudos e bibliografias existentes acerca do cultivo do tabaco.

Há consenso entre os agentes de desenvolvimento, técnicos e líderes locais entrevistados de que a produção de tabaco é fundamental tanto para a economia do município como para as famílias de produtores envolvidas nesse cultivo. O senso comum acredita que a renda provinda do cultivo de tabaco auxilia no desejo de permanência dos jovens no campo. No entanto, as percepções dos jovens divergem, encontraram-se jovens que acreditam que o tabaco tem influência na permanência no meio rural, jovens que acreditam que o tabaco é responsável pela saída do meio rural. E outros que creem que a permanência ou a saída do meio rural não está relacionada com o cultivo de tabaco.

No decorrer da pesquisa percebeu-se a importância do tabaco na região estudada. As atividades não agrícolas amplamente discutidas atualmente no contexto do desenvolvimento rural e das “novas” ruralidades não possuem significância entre as atividades desenvolvidas pelos agricultores pesquisados, da mesma forma que elas não aparecem nas projeções dos jovens estudados. Os projetos dos jovens rurais são voltados para a agricultura e a pecuária tendo pouco espaço para a agroindustrialização da produção, para atividades ligadas ao lazer e ao turismo rural, por exemplo.

Os jovens desde muito cedo trabalham nas atividades ligadas ao cultivo de tabaco, sendo que este se tornou parte de suas vidas, o que dificulta a percepção de que outros cultivos e criações são possíveis e podem se tornar fontes de renda. A percepção que os jovens têm em relação ao tabaco está fortemente associada ao preço recebido pelo produto. Em anos, como este, safra 2012/2013, em que o preço pago pela empresa fumageira foi considerado justo pelos agricultores, os jovens percebem positivamente o cultivo, em anos “ruins” a percepção muda e os problemas como o uso intensivo de agrotóxicos e a dependência a fumageira, por exemplo, são mais facilmente observáveis.

Embora esteja presente a discussão da Convenção Quadro para Controle do Tabaco e existam ações a nível federal que visam à redução da produção de tabaco por



meio da diversificação produtiva, pode-se dizer a maioria das famílias dos jovens entrevistados aumentou a quantidade de tabaco cultivado nos últimos cinco anos. O cultivo é reduzido ou substituído nas propriedades quando há restrição de mão de obra e principalmente onde o tabaco não é a principal fonte de renda da família.

Com relação ao quarto objetivo, desvelar os principais projetos dos jovens e verificar a influência das relações sociais locais na sua constituição, pode-se dizer que os projetos dos jovens rurais são construídos a partir do núcleo familiar, das decisões e possibilidades existentes no interior da família, dificilmente ou raramente eles são formados a partir de ações externas, tais como a partir de políticas públicas.

Os projetos construídos pelos jovens rurais sofrem influência da família. Eles são basicamente ligados à agricultura e são passíveis de serem realizados. Os jovens são otimistas e acreditam que podem concretizar os seus projetos de vida. Os fatores que podem impedir que os projetos dos jovens rurais se realizem classificam-se entre fatores internos, como a família e as disputas por projetos e fatores externos, como os preços dos produtos e dos insumos agrícolas, o acesso a mercados e as políticas públicas, bem como a sazonalidade da agricultura. Porém, ressalta-se que um terço dos jovens entrevistados acredita que nada pode impedir a realização dos seus projetos de vida. Lembra-se, no entanto, que nem sempre os projetos dos jovens são os mesmos projetos do núcleo familiar e que isso demanda disputas prevalecendo o projeto mais benéfico para toda a família.

Conclui-se que para que os jovens permaneçam no seu ambiente é necessário haver condições para que eles possam realizar seus projetos. São necessárias possibilidades de diversificação e menor pressão por terra. As demandas dos jovens rurais são: acesso a terra, a renda, visibilidade, autonomia, participação na tomada de decisão, políticas públicas específicas, educação, saúde, transporte e lazer. Os jovens têm a possibilidade de desenvolver atividades tanto agrícolas quanto não agrícolas no meio rural; pois o campo é um espaço de vida e não apenas um local de produção. Além disso, os jovens têm demandas específicas que se configuram em diferentes espaços rurais.

O quinto e último objetivo, identificar as principais políticas públicas dirigidas aos jovens e averiguar a contribuição delas às percepções e projetos, indica que as políticas públicas existentes não têm interferência nas percepções e nos projetos dos jovens rurais. Apesar delas serem fundamentais para o desejo de permanência dos jovens no campo, bem como serem imprescindíveis para a manutenção dos mesmos

auxiliando na reprodução das unidades de produção e melhorando a qualidade de vida no meio rural.

Os jovens acreditam na importância de políticas que incentivem e auxiliem a diversificação de cultivos. Muitos dos entrevistados desconhecem o real significado de políticas públicas e que o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, sobretudo a linha de crédito Mais Alimentos, é percebido como uma política pública que auxilia na diversificação de culturas, embora na maioria das vezes ela seja paga pelo cultivo de tabaco.

Não há políticas ou programas públicos, seja na esfera federal, estadual ou municipal, direcionados a juventude rural. As organizações e instituições presentes no município de Arroio do Tigre não discutem as problemáticas do universo jovem, tão pouco desenvolvem ações específicas para este público visando sua permanência no meio rural. Salienta-se que nem mesmo a Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre, desenvolve ações exclusivas para os jovens.

Apesar de não haver políticas direcionadas para os jovens, nem apoio para que eles permaneçam no meio rural, percebe-se que os jovens, sobretudo do sexo masculino, projetam suas vidas no meio rural e no trabalho na agricultura. Além disso, apesar de não haver programas específicos para os jovens rurais que os incentive a diversificar a propriedade com vistas a aumentar a autonomia reduzindo riscos e incertezas, com exceção de um projeto de bovinocultura de leite, percebe-se a diversificação de cultivos está presente nos projetos de diversos jovens.

Além dos objetivos específicos deparou-se com uma série de elementos, os quais se faz menção nas conclusões do estudo, a começar pela metodologia da dinâmica grupal utilizada. A dinâmica teve o objetivo de realizar uma primeira aproximação com os jovens rurais e conseguir um panorama dos projetos destes em curto, médio e longo prazo. Neste sentido, afirma-se que a representação dos jovens é bem expressa pelo método utilizado, primeiro porque reforça os dados obtidos nas entrevistas, segundo porque ela foi bem indicativa da realidade da região.

Conclui-se que entre os jovens entrevistados a educação não é percebida como um mecanismo para sair do meio rural e sim como uma ferramenta que auxilia os agricultores a se comunicar e a gerir os cultivos e criações desenvolvidos no âmbito das propriedades rurais. O estudo, para os jovens, é considerado como relevante para aqueles que desejam permanecer no meio rural.

As atividades desenvolvidas pelos jovens não são distintas entre homens e mulheres, como vem sendo discutido academicamente. As jovens entrevistadas no decorrer da pesquisa de campo atuam diretamente nas atividades ligadas a produção agrícola.

Com relação às diferenças socioeconômicas entre as microrregiões existentes no município, pode-se dizer que há incidência da pobreza, do uso de drogas e de casos de prostituição apareceu na microrregião III. Neste sentido, acredita-se na necessidade de ampliar os estudos deste cunho e analisar se de fato as informações obtidas procedem e se há correlação entre os fatores elencados.

Ainda com relação às problemáticas do universo jovem, o consumo de drogas entre os jovens rurais foi mencionado por diversos agentes de desenvolvimento e líderes locais, por agricultores entrevistados e até mesmo entre os jovens rurais, constituindo-se como um problema na região que demanda alguma ação.

Percebe-se que existe dificuldade de entendimento acerca do papel do jovem e da jovem para o desenvolvimento rural, sobretudo ao pensar no campo há daqui 30, 40 anos. A juventude rural continua saindo do campo, embora existam mais políticas públicas do que na década de 1980, por exemplo. O que pode sinalizar que os jovens não têm acesso a estas políticas ou então que eles não têm recebido o devido espaço no âmbito familiar.

Conclui-se reafirmando a dificuldade existente em se pensar no desenvolvimento rural, sobretudo em políticas públicas que se liguem as atividades não agrícolas do meio rural. Pensar na dinâmica do desenvolvimento rural de Arroio do Tigre tendo em vista os projetos dos jovens rurais é tênue, pois ao mesmo tempo em que se visualizam atores projetando atividades, agrícolas e não, mais próximos da sustentabilidade, têm-se jovens reforçando o projeto que parece hegemônico, que é a produção de tabaco.

Da maneira como os projetos têm se constituído e tendo em vista o espaço que as fumageiras e o cultivo de tabaco ocupam na região em estudo, a dinâmica do desenvolvimento rural daqui a alguns anos segue fortemente relacionada ao cultivo de tabaco e dependente de ações governamentais. Necessita-se de ações pontuais e que foquem nos grupos mais carentes de políticas públicas, a exemplo dos jovens que produzem o monocultivo de tabaco e projetam desenvolver outros cultivos, porém a falta de terra e/ou de recursos financeiros os impede que isso ocorra.

Como limitações da pesquisa, menciona-se à dificuldade em encontrar jovens que pretendem permanecer no meio rural. Apesar dos discursos dos agentes de

desenvolvimento ser no sentido de que o jovem Arroio Tigrense tem permanecido no meio rural, no momento da realização das entrevistas encontrou-se dificuldade em localizar jovens que de fato estão projetando a permanência no meio rural local, sobretudo jovens do sexo feminino.

A distância entre as comunidades rurais da sede do município também foi uma das limitações da pesquisa. As visitas realizadas nas diferentes microrregiões (I, II e III) do município, para a observação, da mesma forma que a maior parte dos deslocamentos para a realização das entrevistas foram realizadas de carona e de taxi. Neste sentido, o fato de haver regiões distantes mais de 40 km do perímetro urbano dificultou e encareceu o deslocamento.

Por fim, visualiza-se que ainda há muito por se investigar acerca do universo jovem, sobretudo no meio rural. Acredita-se que esta pesquisa, fruto de quatros anos de doutoramento, encerra uma importante etapa da minha vida acadêmica, ao mesmo tempo em que abre diversas perspectivas para pesquisas futuras, tais como: relacionar as problemáticas existentes entre os jovens rurais com as problemáticas dos jovens urbanos, pesquisas comparativas acerca da percepção dos jovens rurais que estão permanecendo no meio rural com a de jovens que saíram ou projetam a saída do campo, aprofundar a análise acerca dos jovens que cultivam tabaco e que demandam de ações específicas, entre outros. Encerra-se o doutorado, no entanto o desejo de conhecer e entender o papel dos jovens enquanto atores imprescindíveis na dinâmica do desenvolvimento rural persiste.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V.; SPOSITO, M. P. (Org.). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e serviço público: novos desafios à extensão rural. Brasília. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 15, n.1, p.132-152, jan./abr. 1998.

ABRAMOVAY, R. Juventude rural: ampliando as oportunidades. **Raízes da Terra**: parcerias para a construção de capital social no campo, Brasília, v.1, n. 1. p.1-2, abr. 2005.

ABRAMOVAY, R. Ruralidade e desenvolvimento territorial. **Gazeta Mercantil**, São Paulo, 15 abr. 2000. Caderno A, p. 3. Disponível em:<  
[www.fea.usp.br/feaecon/media/fck/File/Ruralidade\\_e\\_desenvolvimento.pdf](http://www.fea.usp.br/feaecon/media/fck/File/Ruralidade_e_desenvolvimento.pdf)>. Acesso em: 9 abr. 2011.

ABRAMOVAY, R.; PIKETTY, M. G. Política de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF): resultados e limites da experiência brasileira nos anos 90. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 53-66, jan./abr. 2005.

ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998.

AGOSTINETTO, D. et al. Caracterização da fumicultura no município de Pelotas-RS. **Revista Brasileira de Agrociência**, Pelotas, v.6, n. 2, p.171-175, mai./ago. 2000.

AGUIAR, V. V. P.; STROPASOLAS, V. L. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 157-181.

AHLERT, L. A sucessão das atividades na agricultura familiar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SOBER, 2009. p. 1-17.

ALBERGONI, L.; PELAEZ, V. Da revolução verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas? **Revista de Economia**, Curitiba, v. 33, n. 31, p. 31-53, jan./jun. 2007.

ALMEIDA, F. S.; LASSO, L. A. G.; RIBAS, C. E. D. C. Percepção dos riscos da atividade fumageira e sua contribuição na busca da reconversão produtiva no Assentamento de Reforma Agrária 25 de Maio, Santa Terezinha – SC. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 21, p. 103-114, jan./jun. 2010.

- ALMEIDA, G. E. G. **Fumo**: servidão moderna e violações de direitos humanos. Curitiba: Terra de Direitos, 2005.
- ALMEIDA, J. Da ideologia do progresso a ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. (Org.). **Reconstruindo a agricultura**. Porto Alegre: UFRGS, Porto Alegre, 1997. p. 33-53.
- ALVEZ, A. F. **Do desenho a implementação de projetos de desenvolvimento rural sustentável**: interfaces e negociações no Projeto Vida na Roça (Paraná). 2008. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- AMARAL, M. F. **Culturas juvenis e experiência social**: modos de ser jovem na periferia. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- ASSOCIAÇÃO DE JOVENS RURAIS DE ARROIO DO TIGRE (AJURATI). **Estatuto da Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre**. Arroio do Tigre: Registro de Imóveis, 1996.
- ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL (AFUBRA). **Dados sobre a fumicultura**. 2005. Disponível em: <[www.afubra.org.br](http://www.afubra.org.br)>. Acesso em: 14 mar. 2011.
- ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL (AFUBRA). **História**. 2011. Disponível em: <<http://www.afubra.com.br/principal>>. Acesso em: 04 jan. 2011.
- BAENINGER, R. Juventude e movimento migratório no Brasil. In: BERQUÓ, E. S. (Org.). **Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998. p. 21-69.
- BANCO MUNDIAL. **A epidemia do tabagismo**: os governos e os aspectos econômicos do controle do tabaco. Paris: The World Bank, ago. 1999.
- BARRERO, G. A. B; FREITAS, C. A. A fumicultura no Rio Grande do Sul: uma abordagem sob a ótica da nova economia das instituições. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, XLI, 2003, Juiz de Fora/MG. **Anais...**, Juiz de Fora: SOBER, 2003. Não paginado.
- BIOLCHI, M. A. A cadeia produtiva do fumo. **Contexto Rural**, Curitiba, v. 5, n. 5, p. 1- 68, jul. 2005.
- BIOLCHI, M. A.; SCHNEIDER, S. A previdência e os seus impactos sociais e econômicos para o meio rural do Rio Grande do Sul. **Revista Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 30, n.4, p. 243-268, 2003.
- BIOLCHI, M. A.; BONATO, A. A.; OLIVEIRA, M. A. A cadeia produtiva do fumo. **Contexto Rural**, Curitiba, v. 3, n.4, p. 5-55, 2003.

BOEIRA, S. L. **Atrás da cortina de fumaça**: tabaco, tabagismo e meio ambiente: estratégias da indústria e dilemas da crítica. Itajaí: Univali, 2002.

BOEIRA, S. L.; JOHNS, P. Indústria de tabaco vs. Organização Mundial de Saúde: um confronto histórico entre redes sociais de stakeholders. **Interthesis**, Florianópolis, v.4, n.1, p.1-25, 2007.

BONATO, A. A fumicultura no Brasil e a Convenção-Quadro para Controle do Tabaco. **Contexto Rural**, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www.deser.org.br/>>. Acesso em: 04 jan. 2011.

BRANCO, P. P. M. B. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Ética e Cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade: protagonismo juvenil. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Ações do Ministério do Desenvolvimento Agrário para a diversificação da produção e renda em áreas cultivadas com tabaco no Brasil**. 2010. Disponível em: <[www.mda.gov.br/portal/saf/publicacoes/download](http://www.mda.gov.br/portal/saf/publicacoes/download)>. Acesso em: 9 mar. 2011.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Crédito Fundiário**. 2011. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/portal/sra/programas/credito>>. Acesso em: 10 set. 2011.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Grupo temático de juventude rural**: relatório final. 2011. Disponível em: <[http://www.asbraer.org.br/arquivos/bibl/42-Relat%C3%B3rio%20Final%20GTJR\\_%20resumido\\_versaoCONDRAF.pdf](http://www.asbraer.org.br/arquivos/bibl/42-Relat%C3%B3rio%20Final%20GTJR_%20resumido_versaoCONDRAF.pdf)>. Acesso em: 01 fev. 2012.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Território Centro-Serra**. 2009. Disponível em: <[http://sit.mda.gov.br/biblioteca\\_virtual/ptdrs/ptdrs\\_qua\\_territorio148.pdf](http://sit.mda.gov.br/biblioteca_virtual/ptdrs/ptdrs_qua_territorio148.pdf)>. Acesso em: 30 mai. 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº. 6.481, de 12 de junho de 2008. Regulamenta os artigos 3º, alínea “d”, e 4º da Convenção 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que trata da proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação, aprovada pelo Decreto Legislativo nº 178, de 14 de dezembro de 1999, e promulgada pelo Decreto nº 3.597, de 12 de setembro de 2000, e dá outras providências. In: \_\_\_\_\_. **Legislação**: decretos. [2008]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm)>. Acesso em: 12 mai.2011.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Guia de políticas públicas de juventude**. Brasília, 2006.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 7., 2006, Quito. **Anais...** Quito: ALASRU, 2006. Disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/02%20GT%20Anita%20Brumer.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2009.

BRUMER, A.; ROSAS, E. N. L.; WEISHEIMER, N. Juventude rural e divisão do trabalho na unidade de produção familiar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL RURAL SOCIOLOGY ASSOCIATION (IRSA), 10., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IRSA, 2000. p. 1-27.

BRUMER, A. et al. Produção e trabalho na cultura de tabaco na agricultura familiar em Arroio do Tigre-Rio Grande do Sul - Brasil. Porto Alegre: Winrock, 2011. Relatório de pesquisa.

BRUMER, A.; SPANEVELLO, R. **Jovens agricultores familiares da Região Sul do Brasil**. Porto Alegre: Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Relatório de pesquisa.

BUSSONS, N. L.; BATISTA, I. N.; LIMA, A. M. C. Análise socioeconômica do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF): um estudo de caso no município de Sobral-Ce. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 8., 2010, Porto de Galinhas. **Anais...** Porto de Galinhas: ALASRU, 2010. p. 1-11.

CADEIA PRODUTIVA DO FUMO. **Boletim Especial DESER-ACT**, Curitiba, dez. 2009. Disponível em: <[http://www.deser.org.br/pub\\_read.asp?id=145](http://www.deser.org.br/pub_read.asp?id=145)>. Acesso em: 10 ago. 2010.

CADONÁ, M. A. A infância precarizada: o trabalho de crianças e adolescentes na produção de fumo na região fumicultora de Santa Cruz do Sul. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 9, n. 2, p.45-61, jul./dez. 2001.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. São Paulo: IPEA, 1998. (Texto para discussão, 621). Disponível em: <<http://www.econ.fea.usp.br>>. Acesso em: 1 mar. 2011.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.3, p.70-85, jul./set. 2002.

CARAVALHEIRO, E. M.; GRACEZ, D. Da perspectiva orientada ao ator ao processo de mercantilização: o caso da produção de banana ecológica no litoral norte do Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE



ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45., 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: SOBER, 2007. p. 1-19.

CARMO, M. S. do. A produção familiar como *locus* ideal da agricultura sustentável. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v.45, n. 1, p. 1-15, 1998.

CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, p. 22-55, 2001.

CARNEIRO, M. J. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-262.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurubano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. (Org.). **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p. 95-117.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. C. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Niños e Juventud**, v.1, n.7, p. 179-208, 2009.

CASTRO, E. G. **Entre ficar e sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

CASTRO, M. G. Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAES, R.; VANUCCHI, P. (Org.). **Juventude e sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 275-303.

CHAMPAGNE, P. Elargissement de l'espace social et crise de l'identité paysanne. **Cahiers d'Economie et Sociologie Rurales**, Ivry, n. 3, p.73-89, dez. 1986.

COSTA JÚNIOR, H. P. **Estudo da participação e permanência dos jovens na agricultura familiar na localidade do Ancorado em Rosário da Limeira – MG**. 2007. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade) - Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Sustentabilidade, Centro Universitário de Caratinga, Caratinga, 2007.

COTRIM, D. S. **O estudo da participação na interface dos atores na arena de construção do conhecimento agroecológico**. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66.

- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas (SP), n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.
- DEERE, C.; LEON, M. The gender asset gap: land in Latin America. **World Development**, Montreal, v.31, n. 6, p. 925-947, 2003.
- DIAS, M. S. L. **Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- DURSTON, J. (Org.). **Juventude rural: modernidad y democracia em América Latina**. Santiago de Chile: Cepal, 1996.
- DURSTON, J. Juventude rural, modernidade e democracia. In: TAVARES, D.; LEMOS, N. (Org.). **Juventude e desenvolvimento rural no Cone Sul Latino Americano**. Encantado: PROCEDER- EMATER/RS – IICA, 1994. p.13-16.(PROCEDER. Documentos temáticos).
- ELLIS, F. **Rural livelihoods and diversity in developing countries**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- ETGES, V. E. A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo. In: VOGT, Prénome.; SILVEIRA, R. L (Org.). **Vale do Rio Pardo: (re) conhecendo a Região**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. p.141-146.
- ETGES, V. E.; FERREIRA, M.; CAMARGO, M. E. et al. **O impacto da cultura do tabaco no ecossistema e na saúde humana na região de Santa Cruz do Sul/RS**. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2002. Relatório preliminar.
- FERNANDEZ, S. M. **A trajetória do fumo em Sobradinho/RS: da diversificação à especialização dos sistemas produtivos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- FERRARI, M. B. G. **Impacto do programa de prevenção do tabagismo na escola**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade de Passo Fundo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Passo Fundo, 2003.
- FOSSATTI, D. M.; FREITAS, C. A. O caráter familiar da atividade fumageira em Santa Cruz do Sul – RS. Revista **Economia e Desenvolvimento**, Santa Maria, n. 14, p. 61-86, 2002.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Dados município de Arroio do Tigre**. 2011. Disponível em: [http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/menu\\_consultas.asp?tp\\_Pesquisa=var\\_Anual](http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/menu_consultas.asp?tp_Pesquisa=var_Anual). Acesso em: 9 ago. 2011.

FURLANI, D. D.; BOMFIM, Z. A. C. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção de mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, n. 22, v. 1, p. 50-59, 2010.

GARCIA, L. Moças de família: trajetórias de resistência da prostituição juvenil em áreas rurais e indígenas na Paraíba. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Editora UFSC, 2013. Não paginado. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386612801\\_ARQUIVO\\_LoreleyGarcia.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386612801_ARQUIVO_LoreleyGarcia.pdf)>. 17: ago.2011.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business**. Wallingford: Cab International, 1993.

GAVIRIA, M. R.; MENASCHE, R. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. **Estudo & Debate**, Lajeado, v.13, n. 1, p.69-82, 2006.

GAZOLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: uma análise a partir da produção para o autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS**. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GAZOLA, M.; SCHNEIDER, S. A produção da autonomia: os “papeis” do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Revista Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p. 89-122, 2007.

GEHLEN, I. Agricultura familiar de subsistência e comercial: identidade cabocla e inclusão social. In: FERREIRA, A. D. D.; BRANDENBURG, A. (Org.). **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998. p. 51-70.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, I. Diversidades e comportamentos juvenis: um estudo dos estilos de vida de jovens de origem étnico-culturais diversificadas em Portugal. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 41-64, jan./jun. 2001.

GONÇALVES, C. M. **A família e a construção de projetos vocacionais de adolescentes e jovens**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Porto, Porto, 2006.

GUIGOU, J. Problemas de uma sociologia da juventude rural. In: BRITO, S. de (Org.). **Sociologia da juventude II: para uma sociologia diferencial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 73-88.

GUIVANT, J. Heterogeneidade de conhecimento no desenvolvimento rural sustentável. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 14, n. 3, p. 411-446, 1997.

GRAZIANO DA SILVA, J. O novo rural brasileiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v.7, n. 1, p. 43-81, maio 1997.

IÑIGNEZ, L. (Org.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção agrícola municipal**: área plantada, área colhida, quantidade produzida e valor da produção da lavoura temporária de fumo. 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1612&i=P&nome=on&qtu8=137&notarodape=on&tab=1612&orc81=3&opn8=0&unit=0&pov=1&sec81=2703&OpcTipoNivt=1&opn1=2&nivt=0&opc81=1&orp=4&qtu3=27&opv=1&pop=1&opn2=0&rv=2&poc81=1&qtu2=5&sev=109&opp=1&opn3=0&qtu6=5551&ascendente=on&sep=29826&orn=1&pon=2&qtu9=558&opn6=2&digit6=&OpcCara=44&proc=1&qtu1=1&opn9=0&cabec=on&decim=99>>. Acesso em: 03 jan. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo agropecuário 2006**: Brasil, grandes regiões e unidades da federação. Rio de Janeiro, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Histórico de Arroio do Tigre. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 set. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Agricultura: produção Brasil: 2006. In: \_\_\_\_\_. **Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA)**. 2012. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 27 mar. 2012.

INSTITUTO NACIONAL DO CANCER (INCA). **Pronunciamento do Instituto Nacional de Câncer na Audiência Pública sobre Diversificação Agrícola e Cultivos Alternativos ao Tabaco para a Convenção Quadro da OMS para o Controle do Tabaco (CQCT)**. Brasília, 26 fev. 2007. Disponível em: <<http://www.inca.gov.br/inca/Arquivos/Tabagismo/pronunciamento3.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

INSTITUTO NACIONAL DO CANCER (INCA). **Grupo de Trabalho da Conicq debate diversificação em áreas de tabaco**. Rio de Janeiro, 25 ago. 2011. Disponível em: <[http://www.inca.gov.br/wps/wcm/connect/agencianoticias/site/home/noticias/2011/grupo\\_trabalho\\_conicq\\_debate\\_diversificacao\\_areas\\_tabaco](http://www.inca.gov.br/wps/wcm/connect/agencianoticias/site/home/noticias/2011/grupo_trabalho_conicq_debate_diversificacao_areas_tabaco)>. Acesso em: 20 dez. 2011.

INSTITUTO NACIONAL DO CANCER (INCA). **Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco**. 2013. Disponível em: <[http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio\\_controle\\_tabaco/site/status\\_politica/a\\_politica\\_nacional](http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/status_politica/a_politica_nacional)>. Acesso em: 19 ago. 2013.

KARNOPP, E. Desafios e perspectivas para o desenvolvimento de uma agricultura familiar sustentável: o caso da região do Vale do Rio Pardo (Brasil). **Actas Latinoamericanas de Varsovia**, Varsovia, n. 26, p. 135-148, 2003. Disponível em:

<<http://www.wgsr.uw.edu.pl/pub/uploads/actas03/10-ERICA.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

KLIKSBERG, B. O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 5, p. 909-942, out. 2006.

LAMARCHE, H. (Coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional**. Tradução Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas, SP: Unicamp, 1993.

LECOURS, N. Consolidation of evidence in the field of alternative livelihoods to tobacco farming. In: **LMICs [low and middle income countries]: research report**. Ottawa: International Development Research Centre (IDRC), May 2011a.

LECOURS, N. **Livelihoods to tobacco farming workshop**. 2011b. Trabalho apresentado no Workshop on Alternative Livelihoods to Tobacco Farming, International Development Research Centre (IDRC), Ottawa (Canadá), June 6<sup>th</sup> to 10<sup>th</sup>.

LIMA, M. A. D. S.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p.130-142, 1999.

LIMA, R. G. de; WIZNIEWSKY, J. G.; MARTINS, S. R. Os desafios da sustentabilidade para o desenvolvimento rural da região do Vale do Rio Pardo, RS. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 613-650, set./dez. 2005.

LONG, N. **Development sociology: actor perspectives**. London: Routledge, 2001.

LONG, N. En búsqueda de un espacio para el cambio: una perspectiva sobre la sociología del desarrollo. **Tiempos de Ciência: revista de difusión científica de la Universidad de Guadalajara**, Guadalajara, p. 1-10, abr./jun. 1988.

LONG, N. From paradigm lost to paradigm regained? The case for an actor-oriented sociology of development. In: LONG, N.; LONG, A. **Battlefields of knowledge: the interlocking of theory and practice in social research and development**. London: Routledge, 1992. p.140-161.

LONG, N. **Introdução à sociologia do desenvolvimento rural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LONG, N.; LONG, A. **Battlefields of knowledge: the interlocking of theory and practice in social research and development**. London: Routledge, 1992.

LONG, N.; PLOEG, J. D. van der. Demythologizing planned intervention: an actor perspective. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 29, n. 3/4, p. 226- 249, 1989.

LONG, N.; PLOEG, J. D. van der. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstrução do conceito de estrutura. In: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. **Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 23-48.

LONG, N.; PLOEG, J. D. van der. Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure. In: BOOTH, D. **Rethinking social development theory, research and practice**. Brighton: Longman, 1994. p. 62-87.

LYNN, L. E. **Designing public policy: a casebook on the role of policy analysis**. Santa Monica, Calif.: Goodyear, 1980.

MACHADO, J. N. **A vida, o jogo, o projeto**. São Paulo: Summus, 2005. Disponível em: <<http://www.nilsonjosemachado.net/SEMA20130315.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

MAGNO, L.; DOULA, S. M.; PINTO, N. M. de A. Todo mundo conhece a gente agora: cultura e identidade de jovens rurais em Minas Gerais (Brasil). **Revista Latino Americana de Ciências Sociais**, Manizales, v. 9, n. 1, p. 305-319, 2011.

MARQUES, F. C. **Velhos conhecimentos, novos desenvolvimentos: transições no regime sociotécnico da agricultura. A produção de novidades entre agricultores produtores de plantas medicinais no Sul do Brasil**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MASCARENHAS, A. O. M. **Cultura organizacional e mudança cultural: a contribuição Sahlíniana e o caso Cedejor**. 2006. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2006.

MELLO, M. A. **Sementes que brotam da crise: a produção de novidades organizacionais na agricultura familiar do Oeste de Santa Catarina**. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MELLO, M. A.; SILVESTRO, M. L.; ABRAMOVAY, R.; DORIGON, C.; FERRARI, D. L.; TESTA, V. M. Educação formal e os desafios para a formação de uma nova geração de agricultores. In: CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 41., 2003, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: SOBER, 2003. p.1-15.

MENASCHE, R.; TORRES, J.C.S.; ESCHER, M. S.; BARGUIL, S. R. **Gênero e agricultura familiar: cotidiano da vida e trabalho no leite**. Curitiba: DESER/CEMTR/PR, 1996.

MENGEL, A. A. **Tratados internacionais e disputas locais: a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco e as disputas entre os atores da cadeia produtiva no Brasil**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MONTEIRO, V. F. C. **Os jovens do assentamento Poções em Rialma-Go e o campo de possibilidades para seus projetos de vida**. 2008. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.
- MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Revista Agriculturas em São Paulo**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 37-56, jul./dez. 2004.
- MOURA, L. M. V.; ALMEIDA, J.; MIGUEL, L. A. Avaliação da sustentabilidade em agroecossistemas: um pouco de pragmatismo. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 9, n. 2, p. 133-155, 2004.
- NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 83-100, 2001.
- NEVES, J. A. S. das. **Mobilidade social e agricultura familiar no Brasil do século XXI**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- NEVES, J. A. S. **Entre a permanência e a migração: a opção dos jovens agricultores a partir da qualidade do trabalho na produção integrada de fumo em São Lourenço do Sul-RS**. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- NOGUEIRA, C. A análise do discurso. In: ALMEIDA, L.; FERNANDES, E. (Org.). **Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a prática e investigação**. Braga: CEEP, 2001. p.15-48.
- NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F.; BÓGUS, M. C. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 3, set./dec. 2004.
- NOVAES, R. R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos: sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Sociologia Especial: ciência e vida**, v. 1, n. 2, p. 6-15, 2007.
- OLIVEIRA, D.; SCHNEIDER, S. O futuro das unidades familiares: uma análise das possibilidades de sucessão hereditária entre os agricultores ecologistas de Ipê (RS). **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 12, n. 2, p. 149-174, dez. 2009.
- OLIVEIRA, E. G. **O lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista – MG**. 2006. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade) - Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Sustentabilidade, Centro Universitário de Caratinga, Caratinga (MG), 2006.

OLIVEIRA, N. A. da S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica através de mapas mentais. **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 16, p. 32-46, jan./jun. 2006.

OLIVEIRA, P. C. P. de. **Acidentes de trânsito: uma visão a partir das vítimas em Campinas**. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

OLIVEIRA, R. S. Expectativas quanto ao trabalho: um estudo com jovens que vivem em assentamento rural no município de São Francisco do Pará. **Amazônia: ciência & desenvolvimento**, Belém, v. 2, n. 4, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, S. B.; PINTO, A. M. N.; AMODEU, B. P. A. Projeto de vida e trabalho de jovens nos contextos das “novas ruralidades”: caso da EFA de Tinguá/RJ. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 45., 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: SOBER, 2007. p. 1-21.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **O trabalho infantil no ramo agrícola brasileiro**. Brasília: OIT, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Necessidades de salud de los adolescentes**. Genebra: OMS, 1997. (Série de Informes Técnicos, 609).

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, Lisboa, v.15, p. 139-165, 1990.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAPE, F. D. **O papel da Emater/Ascar-RS com a juventude rural em Arroio do Tigre-RS**. 2012. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, 2012.

PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 27-48, jan./fev. 1987.

PAULILO, M. I. S. **A integração no Sul do estado de Santa Catarina**. 1987. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

PEREIRA, J. L. G. **Juventude rural: para além das fronteiras entre campo e cidade**. 2004. Tese (Doutorado em Sociedade e Agricultura) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Agricultura, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica (RJ), 2004.

PERONDI, A. M.; BONATO, A.; SCHNEIDER, S., GREGOLIN, A. C.; PERACI, A. S. Metodologia de avaliação das políticas de diversificação em áreas cultivadas com tabaco. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO,



ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 46., 2008, Rio Branco. **Anais...** Rio Branco: SOBER, 2008. p. 1-21.

PETERS, B. G. **American public policy**. Chatham, N.J.: Chatham House, 1986.

PICOLOTTO, E. L.; PICCIN, M. B. Movimentos camponeses e questões ambientais: posituação da agricultura camponesa? **Revista Extensão Rural**, Santa Maria, v. 15, n.16, jul./dez. 2008.

PINCELLI, A. C. **Trabalho infantil na fumicultura e responsabilidade social empresarial: o discurso da Souza Cruz**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PINTO, M.; UGÁ, M. L. D. Os custos das doenças tabaco-relacionadas para o Sistema Único de Saúde. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 6, p. 1234-1245, jun. 2010.

PLOEG, J. D. van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

PLOEG, J. D. van der. From structural development to structural involution: the impact of new development in dutch agriculture. In: PLOEG, J. D. van der; DIJK, G. van. (Org.). **Beyond modernization: the impact of endogenous development**. Assen: Van Gorcum, 1995. p. 109-146.

PLOEG, J. D. van der. O modo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, S. **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. p. 15-56.

PLOEG, J. D. van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: PETERSEN, P. (Org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p. 17-33.

PLOEG, J. D. van der. Styles of farming: an introductory note on concepts and methodology. In: PLOEG, J. D. van der.; LONG, A. **Born from within: practices and perspectives of endogenous rural development**. Assen: Van Gorcum, 1994. p.7-30.

PLOEG, J. D. van der et al. Rural development: from practices and policies towards theory. **Sociologia Ruralis**, Oxford, v. 40, n. 4, p. 391-408, Oct. 2000.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988. v. 5, p. 68-80.

RAMUSKI, C. L. Impactos da campanha antitabagista veiculada em carteiras de cigarro junto aos jovens fumantes. **Pensamento & Realidade**, São Paulo, v. 24, n. 1, Ano 12, p. 11-32, 2009.

REDIN, E. et al. O jovem rural, perspectivas e desafios no enfrentamento ao êxodo: o caso da Associação da Juventude Rural de Arroio do Tigre AJURATI. In: ENCONTRO

JUVENTUDE, CONSUMO & EDUCAÇÃO, 2., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS-Núcleo de Editoração e Criação, 2008. v. 2, p. 113-129.

REDIN, E. Dentro e fora da porteira: os elementos condicionantes na estratégia de reprodução dos agricultores familiares fumageiros. **Revista Extensão Rural**, Santa Maria, v.18, n. 22, p. 67-122, jul./ dez. 2011.

REDIN, E. **Entre o produzir e o reproduzir na agricultura familiar fumageira de Arroio do Tigre/RS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

REDIN, E. O jovem rural conquistando o seu espaço: um [re]olhar sobre as questões sociais. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 3768-3771, nov. 2009.

RHEINHEIMER, D. S.; GONÇALVES, C. S.; PELLEGRINI, J. B. R. Impacto das atividades agropecuárias na qualidade da água. **Ciência & Ambiente**, Santa Maria, n. 27, p. 85-96, 2003.

RIBEIRO, E. M. A formação de sucessores no rural brasileiro: trajetória histórica, pesquisa e perspectivas. **Saeculum: revista de história**, João Pessoa, n. 4, v. 5, p. 271-286, jan./dez. 1998/1999.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã. Fumo. In: \_\_\_\_\_. **Atlas socioeconômico Rio Grande do Sul**. 2011. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=266>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

RUA, M. G. As políticas públicas e a juventude dos anos 1990. In: RUA, M. G. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD), 1998. p.731-752.

RUDNICKI, C. P. S. **Agricultura familiar e empreendedorismo: um estudo sobre as trajetórias dos jovens egressos do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR) no Vale do Rio Pardo/RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RUDNICKI, C. P. S. **As relações de confiança no sistema integrado de produção do tabaco (SIPT) no Rio Grande do Sul/Brasil**. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

SACCO DOS ANJOS, F.; GODOY, W. I.; CALDAS, N.V.; GOMES, M. C. Agricultura familiar e políticas públicas: o impacto do Pronaf no Rio Grande do Sul. **RER**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 529-548, jul./set. 2004.

- SARTI, C. A. Família e jovens no horizonte das ações. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas (SP), n.11, p. 99-109, mai./jun./jul./ago. 1999.
- SCHNEIDER, S. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v.16, p. 164-184, abr. 2001.
- SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologia**, Porto Alegre, v. 6, n.11, p. 88-125, jan./jun. 2004a.
- SCHNEIDER, S. **Agricultura Familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004b.
- SCHNEIDER, S. **Diversificação como estratégia de desenvolvimento rural: referências teóricas para a construção de alternativas economicamente sustentáveis de diversificação da produção e renda em áreas de cultivo de tabaco no Brasil: subsídios à implementação dos artigos 17 e 18 da Convenção Quadro para Controle do Tabaco**. Porto Alegre: DATER/MDA, 2010. Relatório de Pesquisa.
- SCHNEIDER, S. **O trabalho infantil no ramo agrícola brasileiro: uma apreciação do estudo da OIT**. Porto Alegre: Instituto de Formação Sindical Irmão Miguel, FETAG-RS, jan. 2005. (Série documentos, n.1).
- SCHNEIDER, S.; MATTEI, L.; CAZELLA, A. A. Histórico, caracterização e dinâmica recente do Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. In: SCHNEIDER, S.; SILVA, M. K.; MARQUES, P. E. M. (Org.). **Políticas públicas e participação social no Brasil rural**. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 21-50.
- SEQUINATTO, L. **A insustentabilidade do uso do solo com fumicultura em terras declivosas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência do Solo) - Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.
- SILVA, L. X. **Análise do complexo agroindustrial fumageiro sul-brasileiro sob o enfoque da economia dos custos de transações**. 2002. Tese (Doutorado em Economia). Programa de Pós-Graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- SILVA, S. S. da.; FERREIRA, P. A. A fumicultura no Brasil: um estudo exploratório sobre os impactos da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco e o posicionamento do Governo Federal. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26., 2006, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: ENEGEP, 2006. Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006\\_TR560372\\_8720.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR560372_8720.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2011.
- SILVA, V. T. C. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida, sustentabilidade social e ambiental**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2007. Disponível em: <[http://osgeydel.cebem.org/docs/19bra\\_431\\_204354.pdf](http://osgeydel.cebem.org/docs/19bra_431_204354.pdf)>. Acesso em: 2 fev. 2012.

SILVESTRO, M.; ABRAMOVAL, R.; MELLO, M. A.; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri, 2001.

SIQUEIRA, L. H. S. **As perspectivas de inserção dos jovens na unidade de produção familiar**. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SOGOCIO, M. P. S. C. **O Brasil adverte**: fumar é prejudicial à saúde: análise do processo de ratificação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. 2008. Dissertação (Mestrado em Relações Exteriores) - Instituto Rio Branco, Brasília, 2008.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão da literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n.16, p. 20-45, jul./dez. 2006.

SPANEVERELLO, R. M.; LAGO, A. arranjos e encaminhamentos da herança na agricultura familiar. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46., 2008. **Anais...** Rio Branco: SOBER, 2008. p. 1-20.

SPANEVERELLO, R. S. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SPINK, M. J. P.; LISBOA, M. S.; RIBEIRO, F. R. G. A construção do tabagismo como problema de saúde pública: uma confluência entre interesses políticos e processos de legitimação científica. **Interface**, Botucatu, v.13, n. 29, p. 353-365, abril./jun. 2009.

SPOSITO, M. P. **O estado da arte da juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

SPOSITO, M. P.; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p.16-39, set./out./nov./dez. 2003.

SPOSITO, M. P. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STROPASOLAS, V. L. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n. 1, p. 253-267, jan./abr. 2004.

TODENTI, M. F. et al. **Educação ambiental na Região Centro-Serra do Rio Grande do Sul**: Arroio do Tigre, Ibarama, Lagoão, Lagoa Bonita do Sul, Passa Seta, Sobradinho, Segredo e Tunas. 2005. Disponível em:

<[http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1159290448Educacao\\_ambiental.pdf](http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1159290448Educacao_ambiental.pdf)>. Acesso em: 27 nov. 2011.

TROIAN, A. **O uso de agrotóxicos**: um estudo sobre percepções de agricultores e agricultoras da comunidade Cândido Brum, no município de Arvorezinha (RS). 2006. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Encantado, 2006.

TROIAN, A. **A percepção de agricultores e de outros agentes rurais acerca das dimensões ambiental, social e econômica no cultivo de tabaco no município de Arvorezinha (RS)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

TROIAN, A.; DALCIN, D.; OLIVEIRA, S. V. Estudo da participação e permanência dos jovens na agricultura familiar nas localidades de Dr. Pedro e Mirim em Santa Rosa-RS. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 47., 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SOBER, 2009. p. 1- 18.

TROIAN, A. et al. Jovens e a tomada de decisão entre sair e permanecer no meio rural: um estudo de caso. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, Viçosa, v.1, n.2, p. 349-374, jul./dez.2011.

TROIAN, A. et al. Percepções sobre os aspectos ambientais, sociais e econômicos no cultivo de tabaco: um estudo com agricultores e agentes rurais no município de Arvorezinha/RS. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 48., 2010, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: SOBER, 2010. p. 1- 20.

TROIAN, A.; EICHLER, M.; OLIVEIRA, S.V.; DAL SOGLIO, F. A política da Convenção Quadro para Controle do Tabaco (CQCT) na percepção de agricultores familiares e agentes rurais: um estudo de caso no município de Arvorezinha (RS). In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 49., 2011, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: SOBER, 2011. p. 1-19.

TROIAN, A.; EICHLER, M. L. Somente os mais fracos ficam doentes: a utilização de agrotóxicos por agricultores de tabaco da Comunidade Cândido Brum, em Arvorezinha (RS). **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 5, n. 3, p. 116-139, set./dez. 2009.

TROIAN, A.; DAL SOGLIO, F. K. Nova extensão, velha percepção: extensão rural e Convenção Quadro para Controle de Tabaco nas percepções de agricultores familiares produtores de tabaco e de agentes rurais de desenvolvimento. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 50., 2012, Vitória. **Anais...** Vitória: SOBER, 2012. p. 1-11.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

UBA, D. **Agricultores familiares e diversificação em áreas de cultivo de tabaco: o caso de Monte Castelo/SC**. 2012. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

VARGAS, M. A.; BONATO, A. **Cultivo do tabaco, agricultura familiar e estratégias de diversificação no Brasil**. 2007. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/1619316242.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2010.

VARGAS, M. A.; OLIVEIRA, B. F. Estratégias de diversificação em áreas de cultivo de tabaco no vale do Rio Pardo: uma análise comparativa. **Revista de Economia e Sociologia Rural- RESR**, Piracicaba, v. 50, p. 175-192, jan./mar. 2012.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIEIRA, R. S. **Juventude e sexualidade no contexto (escolar) de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VILLWOCK, A. P. S.; PERONDI, M. A.; YAMADA, R. S.; GERVA, A. C. Capacidade de diversificação dos sistemas de produção com a variedade de tabaco Burley comparada com os da variedade Virgínia no estado do Paraná. **Synergismus Scientifica**, Pato Branco, v. 6, n. 1, p.1-8, 2011.

WANDERLEY, M, N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 21-34.

WEISHEIMER, N. **A situação juvenil da agricultura familiar**. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais: mapas de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WEISHEIMER, N. **Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no Bairro Escadinha, Feliz (RS)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

WESZ JUNIOR, V. J. W. Agricultura familiar brasileira frente às transformações do sistema agroalimentar contemporâneo: a estratégia de verticalização da produção. **Cadernos de Economia**, Chapecó, v. 12, n. 23, p. 35-54, jul./dez. 2008.

WOORTMANN, E. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. Brasília: EdUnb; São Paulo: Hucitec, 1995.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

## APÊNDICE A - Roteiro de Entrevistas Jovens

### **I - Identificação:**

Nome/ idade/

Estado civil

Comunidade que reside. Distância da residência à sede do município?

Com que frequência vai à cidade?

Estuda?

Sim, qual ano? \_\_\_\_\_

Não. Em que série parou? \_\_\_\_\_. Quais os motivos de ter parado de estudar?

### **II - Família:**

Quem mora na propriedade

Pais – idade e escolaridade

Irmãos – idade e escolaridade

Qual a origem de sua família (alemão, italiano, afro-brasileira)

Religião

Na família, além de você, mais alguém quer ser agricultor?

Você vai assumir a propriedade do pai ou pretende adquirir novas áreas?

Associações (STR, comunidade, outras) que a família participa

Alguém na família recebe algum benefício (Bolsa Família, PETI, entre outros)

### **III - Propriedade e produção:**

Proprietário ou sócio. Qual a área (quantos ha).

Principais cultivos desenvolvidos. O que é comercializado?

Tem alguma renda não agrícola (aposentadoria, arrendamento, aluguel)

Tipo de fumo cultivado na propriedade (Virgínia ou Burley). Quantidade (mil pés)

As motivações que levam a família a plantar fumo

Ajuda nas atividades do cultivo (quais tarefas?).

Com que idade começou a ajudar nas tarefas

Atividade que mais gosta de fazer na propriedade

Nos últimos cinco anos, em relação a produção de fumo, a família: aumentou, manteve ou diminuiu os mil pés plantados?



Como a produção de tabaco é percebida (gosta, não gosta, considera rentável, acha que prejudica a saúde, pretende parar de plantar/aumentar a plantação).

Caso não houvesse mais a possibilidade de plantar fumo o que fariam?

Tem a pretensão em deixar de cultivar tabaco, diversificar a propriedade?

A autonomia e a produção de fumo (relação com a integradora)

#### **IV - Ser jovem:**

Como se sente como jovem

Responsabilidades de um jovem rural

Autonomia em relação aos pais/família (liberdade financeira, passear, liberdade para opinar sobre os cultivos e sobre a gestão da propriedade)

Tem alguma renda/ recebe pelas atividades desenvolvidas na propriedade/ qual a forma de recebimento

Perspectivas (futuro) da juventude no rural (mudanças, melhorias)

Importância do estudo para um jovem rural

#### **V - Percepções sobre o meio/ relações sociais:**

Atividades de lazer e diversão (jogos, bailes, festas, internet, prática de esportes, televisão, saí com amigos, viaja, igreja) /a frequência, como e com quem vai?

Participa da AJURATI (por quê? Vantagens e desvantagens em ser associado)

Percepção em relação à comunidade onde mora e o município de Arroio do Tigre

Como você percebe possibilidade de casar com um agricultor ou agricultora?

Você visualiza sua situação futura como igual, melhor ou pior do que a dos seus pais?

Como percebes estes temas, entre os jovens na comunidade e no município:

Consumo de fumo, álcool e drogas
Brigas
Suicídio
Acidentes de carro ou moto
Gravidez na adolescência
Prostituição
Problemas de saúde

#### **VI - Políticas públicas:**

Os financiamentos utilizados? De que forma soube

Políticas públicas conhecidas (Pronaf, PNCF, PAA, PNAE)

Como percebe as políticas que ajudam a diversificar a propriedade

Tem o conhecimento de algum programa e/ou política pública específica para os jovens, que auxiliam a permanecer no meio rural.

### **VII - Rural *versus* urbano:**

Fatores que motivam os jovens a permanecer no meio rural (relações com o local, comida, segurança, tranquilidade)

Principais razões para um jovem querer ser agricultor

Principais razões para ele não querer ser um agricultor

Relação da permanência do rural com o cultivo de tabaco

O que deve mudar (melhorar) para que os jovens permaneçam no rural e na agricultura

### **VIII – Projetos de vida (campos de possibilidade):**

Quais os objetivos (projeto) de vida? Planos e condutas. O que ser/ ter ou fazer

Quais as chances você acredita que tem para realizar esse projeto (grandes, médias, pequenas ou nenhuma chance). Por quê?

O que é necessário para que os seus projetos se constituam

O que impede que seus desejos e projetos se realizem

Quais as ações que tem realizado a fim de alcançar o projeto de vida

O projeto pessoal é diferente do projeto da família? Há conflitos por isso?

O meio rural e a agricultura nos seus projetos futuros (atividades agrícolas que pretende desenvolver)

Como se vê num futuro próximo de daqui a 10 ou 15 anos?

Se não conseguir realizar este teu projeto, qual seriam as alternativas? Outras opções.

## **APÊNDICE B - Roteiro de Entrevistas Agentes de Desenvolvimento e Líderes Locais**

### **I - Identificação:**

Nome

Idade

Local de trabalho

Principal atividade desenvolvida.

### **II - Cultivo de tabaco:**

Tabaco em Arroio do Tigre

Políticas de incentivo à diversificação produtiva e a CQCT

Quem discute as questões relacionadas à produção de tabaco no município (principais representações e o que tem sido debatido)

### **III - Jovens**

Jovens e o cultivo de tabaco (sair x permanecer)

Que atividades os jovens desenvolvem nas propriedades rurais

Relação com a família e com o cultivo (autonomia, conflitos) As vontades dos jovens são respeitadas pelos pais?

Jovem rural na comunidade (responsabilidade, participa de grupo de jovens, associações, busca se atualizar, estudar)

Jovem e políticas públicas (os jovens utilizam alguma política para permanecer no meio rural? Qual?)

Existência de políticas específicas para os jovens (incentivo a permanecer, para introduzir novos cultivos)

Perfil dos jovens que permanecem no meio rural (idade, escolaridade, situação familiar, área de terra, etc). Onde se localizam

Os jovens estão preocupados com o desenvolvimento rural? Com o que jovem está preocupado?

Eles discutem com alguém, com alguma associação, instituição sobre suas perspectivas no meio rural?

De que maneira os jovens que estão ficando no meio rural de Arroio do Tigre estão projetando suas vidas? Que atividades eles estão desenvolvendo?

## APÊNDICE C - Apresentação da Proposta de Pesquisa e Termo de Livre Consentimento

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário, de uma pesquisa científica. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida pela acadêmica Alessandra Troian, n° de matrícula 196622, a qual se encontra regularmente matriculada no curso de doutorado do programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A aluna possui como proposta de tese “**Percepções e projetos de jovens rurais produtores de tabaco de Arroio do Tigre/RS**” sob a orientação do professor Fabio Kessler Dal Soglio, tendo como objetivo principal: investigar as percepções dos jovens acerca do cultivo de tabaco, buscando analisar a relação desta atividade com os seus projetos de vida no meio rural. Dessa forma, para que o objetivo seja alcançado, serão adotados os seguintes procedimentos metodológicos:

- *Entrevistas semiestruturadas* com jovens, filhos de produtores de tabaco; com produtores de tabaco e com agentes de desenvolvimento e líderes locais.

- *Observação participante* - a ser realizada no decorrer das entrevistas, seja nas propriedades rurais ou em outros espaços- escola, festividades, entre outros, utilizados para a coleta de informações.

Nesse sentido, com a finalidade de garantir maior veracidade e relevância à pesquisa desenvolvida, propõe-se que as entrevistas sejam gravadas e que também se façam alguns registros por meio de imagens fotográficas. Os dados (gravações, fotos e entrevistas) resultados da pesquisa de campo serão apresentados na tese de doutorado, assim como, também serão utilizados para publicações de caráter científico - artigos, revistas, livros, entre outros. Salienta-se que será guardado o anonimato dos entrevistados utilizando-se de nomes fictícios.

Pesquisadora: Alessandra Troian

Contato: Rua Demétrio Ribeiro, 680/304, Porto Alegre.

Telefone: (51) 8194-9524

Orientador: Fabio Kessler Dal Soglio

Contato: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Avenida João Pessoa, 31- Campus Central, Porto Alegre.

Telefone: (51) 3308-3281

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE E PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO (JOVENS)**

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) para colaborar com a pesquisa intitulada \_\_\_\_\_, desenvolvida pela doutoranda Alessandra Troian, orientada por Fábio Kessler Dal Soglio a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº. (51) 3308-3281 ou e-mail fabiods@ufrgs.br.

Afirmo que aceitei participar por vontade própria, com a finalidade exclusiva de colaborar para a realização da pesquisa, após conhecer os objetivos e os procedimentos metodológicos do estudo. Estou ciente que minha colaboração se fará por meio de entrevista – gravada, a partir da assinatura desta autorização. Declaro ainda estar de acordo com o uso de imagens (fotos) obtidas durante a entrevista e observação realizada pela pesquisadora. Fui informado de que, mesmo após a entrevista ter iniciado ou até após a sua realização, caso eu tenha alguma dúvida ou me sinta prejudicado (a), poderei contatar o (a) pesquisador (a) responsável ou seu orientador, sem que isso venha em meu prejuízo, pois se trata de livre participação.

Assinatura do (a) participante entrevistado: \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a): \_\_\_\_\_

Assinatura do orientador (a): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

## **APÊNDICE D - Grupos de Jovens Que Compõe a AJURATI**

### **Juventude Amor e Alegria – Sítio Baixo**

Fundado em: seis de maio de 1973. Atualmente possui 75 sócios.

Atividades que desenvolve e participa na comunidade: festas esportivas, torneios e treinos semanais. Colabora com as demais entidades da comunidade.

### **Juventude Amor e Amizade – Linha Coloninha**

Fundado em: 1986. Possui cerca de 80 sócios.

Auxiliam em ações comunitárias nas comunidades locais, no CTG Herdeiros da Tradição e na Sociedade de Damas.

### **Juventude Calouros do Amor- Sítio Alto**

Fundado em: 1979, ajudou a formar os 4 S (saber, sentir, saúde e servir)

Tem 110 sócios. A participação não se limita somente à juventude, indo até da terceira idade. Atividade que desenvolve gira praticamente em torno do esporte que é praticado o ano todo. Além de organizarem o baile de chopp e a domingueira de carnaval.

### **Juventude Construindo Amor- Morro da Lentilha**

Fundado em: 31 de agosto de 1975. Possui em torno de 80 sócios. Para participar tem que ter mais de 14 anos e morar na comunidade. Organizam o torneio um torneio no mês de abril e participam da organização de festas, na manutenção do pátio e na união das entidades.

### **Juventude Cristo Rei - Linha Taquaral**

Fundado em: 1988. Possui cerca de 130 associados. Para participar da juventude tem que tem que residir ha pelo menos seis meses na comunidade. Realizam torneios após as olimpíadas, geralmente após a realização das olimpíadas, mês de outubro, jantares e reuniões, além de participar das festas da comunidade.

### **Juventude Decolores - Lomba Alta**

Fundado em: 1987. Possui cerca de 120 sócios, porém apenas 50 são atuantes. Realizam um torneio anual que varia o mês, mas o último ocorreu em março.

### **Juventude Em Busca do Amor – Linha Tigre**

Fundado em: 1973. Tem em torno de 150 sócios.

Dentre as atividades que participa na comunidade está o baile da saudade, que está na 14ª edição, realizado no mês de novembro.

### **Juventude Estrela do Amor - Linha São José**

Fundado em: 26 de julho de 1975. Tem 95 sócios, para participar tem que ser jovem rural e morar na linha São José. Tem de três a quatro reuniões anuais. Ajudam na Fest Milho no mês de abril.

### **Juventude Florestal – Linha Floresta**

Fundada em: quatro de outubro de 1995. Atualmente possui 120 sócios. Promove a conservação e a limpeza do patrimônio da comunidade e a realiza a liturgia nos domingos.

### **Juventude Independência – Linha Taboãozinho**

Fundada em: 21 de março de 1979. Tem aproximadamente 70 sócios. Para participar basta morar na localidade. A juventude realiza dois torneios um em março e outro em novembro, além de domingueiras e participar dos demais eventos da comunidade.

O grupo se reúne uma vez por mês. Participam das olimpíadas e dos eventos das demais juventudes.

### **Juventude União Católica – Vila Progresso**

Fundado em: 17 de novembro de 1982. Possui aproximadamente 150 sócios.

O grupo participa de todas as atividades realizadas na comunidade.

### **Juventude União Esportiva - Linha Barrinha**

Fundado em: 11 de maio de 1986. Tem em torno de 65 sócios. Para participar do grupo de jovens é necessário morar na comunidade. Atuam nas diversas atividades da comunidade, como o Fest Frango e o Torneio do Frango, organizam um jantar, normalmente no mês de maio após as olimpíadas.

### **Juventude Servir Sempre Sorrindo – Linha São Pedro**

Fundado em: 25 de maio de 1972. Possui cerca de 95 sócios.

O grupo participa das atividades religiosas da comunidade, destacando-se a festa do Padroeiro São Pedro, além de promover torneios, reuniões e jantares.

### **Juventude Sorrindo para o Amanhã – Linha São Roque**

Fundado em: 25 de fevereiro de 1990. Possui aproximadamente 130 sócios, sendo a maior parte deles atuantes.

Organizam o jantar italiano conjuntamente com a comunidade. Neste ano (2012), o jantar será dia 09 de junho, sempre ocorre no primeiro ou segunda semana de junho.

### **Juventude Unida - Linha Paleta**

Fundado em: 1992. Atualmente conta com 150 associados, mas destes apenas 50 são atuantes. O grupo realiza reuniões e encontros semanalmente, nos encontros eles realizam atividades esportivas e conversas. Organiza torneios de inverno, a Festa do Porco na Estufa, o baile da terceira idade, o dia esportivo, show de bandas e excursões anuais.

### **Juventude Unidos pela Igualdade – Linha Santa Cruz**

Fundado em: 12 de agosto de 2006. Possui cerca de 110 sócios, mas apenas uns 30 a 40 são atuantes. Organizam os jogos de verão em fevereiro e em agosto fazem um jantar.

Os critérios para participar é ter mais de 12 anos, não pode brigar nem criar confusão.

Tem reuniões esporádicas, em media cinco vezes por ano para discutir as ações como as olimpíadas, o jantar e os jogos de verão.

A sede da juventude é dentro do balneário Hermes e o lucro das atividades é dividida com os proprietários do balneário. A juventude é composta por jovens de diversas comunidades, segundo conversas informais com membros do grupo, que foram excluídos das outras juventudes. Ainda de acordo com os jovens eles sofrem diversas criticas no sentido que a juventude não dará certo.



## ANEXO A - Programação XXX Olimpíada Rural de Arroio do Tigre

**PROMOÇÃO:** Associação de Juventude Rural de Arroio do Tigre (AJURATI).

**APOIO:**



Escritório Municipal EMATER/RS-ASCAR



Prefeitura Municipal de Arroio do Tigre

Conselho Municipal de Desportos e Eventos (CMDE)

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arroio do Tigre

**PATROCINADORES**

## XXX OLIMPIADA RURAL DE ARROIO DO TIGRE

AJURATI – Organização, Cultura e Lazer.



Tema: “Jovens rurais buscando seu espaço, e de olho no futuro”.

Dias: 02, 03, 04 e 05 de Maio de 2012.  
Estádio Municipal Carlos Ensslin e  
Ginásio Municipal Tigrão

## CONVITE

A Associação de Juventude Rural de Arroio do Tigre (AJURATI), juntamente com a EMATER/RS-ASCAR, Conselho Municipal de Desportos e Eventos (CMDE), Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Prefeitura Municipal de Arroio do Tigre, convidam Vossa Senhoria para participar da 30ª Olimpíada Rural, a realizar-se nos dias 02, 03, 04 e 05 de Maio de 2012.

**Contamos com sua presença!**

### GRUPOS PARTICIPANTES:

1. Juventude Amor e Amizade – Coloninha
2. Juventude Amor e Flor – Linha Cereja
3. Juventude Amor e Alegria – Sítio baixo
4. Juventude Calouros do Amor – Sítio Alto
5. Juventude Construindo o Amor – Morro da Lentilha
6. Juventude Cristo Rei – Taquaral
7. Juventude Decolores – Lomba Alta
8. Juventude Em Busca do Amor – Linha Tigre
9. Juventude Estrela do Amor – Linha São José
10. Juventude Florestal – Linha Floresta
11. Juventude Independência – Taboãozinho
12. Juventude Servir Sempre Sorrindo – Linha São Pedro
13. Juventude Sorrindo para o Amanhã – Linha São Roque
14. Juventude União Católica – Vila Progresso
15. Juventude União Esportiva – Linha Barrinha
16. Juventude Unida – Linha Paleta
17. Juventude Unidos Pela Igualdade – Linha Santa Cruz
18. Juventude Verdade e Paz – Sítio Novo

### PROGRAMA:

#### Dia 02/05 - Quarta-Feira

- 08h30min** Início do atletismo  
Salto em altura e em distância.  
Pênaltis em dupla masculino e feminino.  
Local: Estádio Municipal Carlos Ensslin.
- 12h00min** Almoço
- 13h30min** Continuação do atletismo.  
Corrida 4x100, 100 metros rasos e 800 m masculino e feminino.  
Comida rústica.  
Local: Estádio Municipal Carlos Ensslin.
- 18h00min** Cabo de guerra e serrote misto.  
Local: Ginásio Tigrão.
- 20h00min** Abertura Oficial da 30ª OLIMPIADA RURAL DE ARROIO DO TIGRE, com apresentação das delegações e juramento do atleta.  
Apresentações artísticas.
- 22h30min** Show Baile com as BANDAS MARCOPOLO, BANDA MILENIO E BANDA ALVO DA PAIXAO.  
Local: Ginásio Tigrão

#### Dia 03/05 – Quinta-Feira

- 8h30min** Início das competições - voleibol masculino e feminino.  
Local: Ginásio Tigrão.
- 9h00min** Bocha casal local - Clube 25 de julho.
- 12h00min** Almoço
- 13h15min** Continuação das competições - voleibol masculino e feminino.  
Bolaõzinho e sinuca.  
Após a final do voleibol início das competições esportivas futsal veterano e futsal feminino.  
Local: Ginásio Tigrão.

#### Dia 04/05 – Sexta-Feira

- 8h30min** Continuação das competições futsal veterano e feminino.  
Início do futebol society masculino livre.
- 10h00min** Início futsal masculino livre.
- 13h15min** Reinício futsal masculino.  
Reinício do futebol society masculino.  
Tiro ao alvo, dominó casal, canastra casal e bodoque.  
Local: Ginásio Tigrão.
- 20h00min** Finais das competições futsal veteranos, feminino e livre.

#### Dia 05/05 - Sábado

- 20h00min** Coquetel com candidatas, jurados e imprensa.  
Local: Câmara Municipal de Vereadores.
- 22h00min** Baile com escolha da Rainha e Princesas da 30ª Olimpíada Rural de Arroio do Tigre com a BANDA INDÚSTRIA.  
MUSICAL Local: Ginásio Tigrão.

## ANEXO B - Folder ARISE



### UM PROGRAMA PARA AJUDAR NA REDUÇÃO DO TRABALHO INFANTIL NAS PLANTAÇÕES DE TABACO NO MALAWI E NO BRASIL

#### Introdução

No Brasil, a idade mínima para admissão ao trabalho ou emprego é 16 anos, exceto aos 14 na condição de aprendiz. Caso exista trabalho de crianças e adolescentes abaixo de 16 anos que não seja na condição de aprendiz a partir dos 14 anos, de acordo aos critérios legais, isto é considerado trabalho infantil, independente se o fim do trabalho for para subsistência ou para fins comerciais, podendo ou não existir exploração. Se o trabalho for em atividades perigosas, a lei o proíbe até os 18 anos. O termo exploração é utilizado quando um terceiro obtém proveito econômico, comercial ou de outra natureza ilícita sobre o trabalho da criança ou do adolescente.

O trabalho infantil é um problema mundial que afeta muitos setores, especialmente a agricultura familiar.

O **ARISE** (Alcançando a Redução do Trabalho Infantil pelo suporte à Educação) é um programa com duração de três anos, criado para contribuir na prevenção e redução do trabalho infantil no Brasil e no Malawi, abordando os fatores sociais, culturais e econômicos, que levam os produtores de tabaco a envolver crianças em atividades de trabalho. O programa foi desenvolvido pela **JTI** em parceria com a **Winrock Internacional** e a **Organização Internacional do Trabalho (OIT)**, com o envolvimento de parceiros governamentais, da sociedade civil e das comunidades produtoras de tabaco. O ARISE promove acesso à educação de qualidade para crianças e adolescentes, a sensibilização e conscientização sobre a legislação referente a trabalho infantil e fornecimento de recursos para as comunidades produtoras de tabaco onde as atividades do programa são desenvolvidas. O programa também tem como objetivo aprimorar os modelos regulatórios existentes e contribuir para a melhoria das práticas laborais trabalhando lado a lado com os governos em níveis municipal, estadual e federal, sindicatos e movimentos sociais.



## Resumo

A JTI trabalha em parceria com a Winrock International e a OIT, juntamente com outros interessados regionais, para oferecer um programa eficiente e sustentável para evitar o trabalho infantil nas comunidades produtoras de tabaco, de forma que a ação se prolongue mesmo após o encerramento do programa. Será realizada a capacitação de instituições locais e estaduais para a implementação de políticas e programas para a eliminação do trabalho infantil em longo prazo. Além disso, espera-se que aproximadamente 8.000 crianças e adultos em Malawi e no Brasil sejam beneficiados pelo programa ARISE, com duração esperada de três anos. Neste número, estão incluídos beneficiários adultos, jovens, adolescentes e crianças que receberam serviços diretos do ARISE.



## Visão geral do programa

O programa envolve a comunidade no esforço comum para a redução e eliminação do trabalho infantil na cadeia produtiva do tabaco.



Crianças ou adolescentes que tenham sido removidos do trabalho acabam enfrentando sérias barreiras para a educação. O ARISE enfrenta essas questões oferecendo assistência técnica para fortalecer a educação. O programa oferece acompanhamento e acesso a treinamento técnico e vocacional para adolescentes através de alternativas educacionais e cursos profissionalizantes, buscando a promoção de novos conhecimentos e habilidades que possibilitem seu pleno desenvolvimento. Esse treinamento garante que os adolescentes obtenham o conhecimento e as habilidades para se desenvolverem junto às suas famílias na sua realidade rural. O apoio à família também oferece treinamento de empreendedorismo e financiamentos condicionais para as mães ou responsáveis, para ajudá-los a proteger as crianças e os adolescentes da situação do trabalho infantil e mantê-los com sucesso na escola.

O monitoramento comunitário do trabalho infantil, com a ajuda dos orientadores agrícolas e conselheiros tutelares e dos direitos da criança e do adolescente, poderá contribuir para a sustentabilidade das

atividades. O programa encoraja as comunidades a identificarem recursos locais para prevenir e remover as crianças do trabalho infantil através de treinamento de representantes comunitários e comitês de trabalho infantil com a organização de campanhas de conscientização pública.

O ARISE usará uma metodologia de trabalho com base na situação sócio econômica e no levantamento de expectativas da comunidade. O programa visa auxiliar a autonomia econômica das famílias rurais através de financiamentos condicionais, ampliação da educação formal, qualificação para o gerenciamento da propriedade rural e administração familiar, além de apoiar o desenvolvimento de organizações de trabalhadores e produtores rurais, que garantam sua saúde e segurança ocupacional.



O programa também apoia os esforços na busca da redução do trabalho infantil através da relação que estabelece com programas educacionais, proteção social e desenvolvimento rural, que garantam mudanças sustentáveis na comunidade que vão além dos três anos de duração do programa. Através do engajamento das organizações de trabalhadores no Brasil e Malawi, o programa busca apoiar a capacidade dessas entidades para contribuir na eliminação do trabalho infantil, tanto nas comunidades atendidas quanto em outras regiões produtoras de tabaco.